

Célia Maria Moraes de Castilho

**O PROCESSO DE REDOBRAMENTO SINTÁTICO NO
PORTUGUÊS MEDIEVAL**

A formação das perífrases com *estar*

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística Histórica

**Orientadora: Professora Doutora
Mary Aizawa Kato**

Banca examinadora: Prof^ª Dr^ª Mary A. Kato (orientadora), Prof^ª Dr^ª Charlotte Galves, Prof^ª Dr^ª Ilza Ribeiro, Prof^ª Dr^ª Marilza de Oliveira, Prof Dr Rodolfo Ilari, Prof^ª Dr^ª Tânia Alkmin (suplente) e Prof^ª Dr^ª Maria Aparecida Torres Morais (suplente).

**Campinas
2005**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C278p	<p>Castilho, Célia Maria Moraes de. O processo de redobramento sintático no português medieval : formação das perífrases com <i>estar</i> / Célia Maria Moraes de Castilho. - - Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p style="text-align: center;">Orientadora : Mary Aizawa Kato. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p style="text-align: center;">1. Língua portuguesa - Gramaticalização. 2. Língua portuguesa - Sintaxe. 3. Língua portuguesa - Verbos. 4. Mudanças lingüísticas. 5. Lingüística histórica. I. Kato, Mary Aizawa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

Título em inglês: Syntactic doubling in Medieval Portuguese : the formation of *estar* periphrases.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Portuguese language – Grammaticalization; Portuguese language - Syntax; Portuguese language – Verbs; Linguistic changes; Historical Linguistics.

Área de concentração: Lingüística Histórica.

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Prof^a Dr^a Marilza de Oliveira, Prof^a Dr^a Ilza Ribeiro, Prof^a Dr^a Charlotte Galves, Prof^o Dr^o Rodolfo Ilari, Prof^a Dr^a Maria Aparecida Torres de Morais (suplente) e Prof^a Dr^a Tânia Alkmim (suplente).

Data da defesa: 30/03/2005

RESUMO

O propósito desta tese é destacar a importância do processo de redobramento sintático no Português Medieval, com particular atenção aos seus efeitos na organização das perífrases de *estar* + gerúndio e *estar* + infinitivo preposicionado.

O termo redobramento sintático pronominal remete a um conjunto de construções em que ocorrem emparelhadamente dois pronomes. Um deles é um pronome fraco, e o outro, um pronome tônico preposicionado, de tal forma que o primeiro duplica o segundo.

Para sustentar essa hipótese, depois de apresentado o problema, trato da duplicação do clítico locativo *hi* no Português Medieval, procedo ao estudo da gramaticalização do verbo *estar* em confronto com o verbo *ser*, estudo a relação entre o clítico duplicado *hi* e o verbo *estar*, explicando assim o surgimento das perífrases de gerúndio e infinitivo preposicionado. Finalmente, traço algumas considerações teóricas sobre os achados da tese.

O trabalho buscou suas evidências empíricas na vasta literatura medieval portuguesa, de que explorei textos literários e não literários.

ABSTRACT

The aim of this PhD Thesis is to show the importance of syntactical doubling in Medieval Portuguese, with particular attention to its consequences in the building of gerundial & infinitival *estar* periphrases.

Syntactical doubling is conceived as a particular set of constructions in which an X category - usually a weak pronoun - corresponds obligatorily to an Y category - usually a prepositional stressed pronoun - in such way that X doubles Y.

In order to demonstrate this thesis I argue that grammaticalization of *estar* is strongly tied to doubled archaic Portuguese locative *hi*. This means that the moving of *estar* from full thematic verb to a functional athematic verb and from here to an auxiliary one, as well as the building of gerundial and infinitival periphrases are connected to the issue of syntactical locative doubling. Finally I draw some theoretical reflections on the subject of this thesis.

The entire research is based on empirical evidences chosen from the vast Medieval Portuguese literature, covering both literary and nonliterary texts.

AGRADECIMENTOS

Sou particularmente grata à minha orientadora, Profa. Dra. Mary Kato, sem cujos estímulos durante as aulas e sobretudo ao longo da elaboração deste trabalho eu não teria chegado a concluí-lo. Considero um privilégio ter trabalhado sob a orientação de uma das mais talentosas e produtivas lingüistas brasileiras, ligando-me às várias dezenas de doutorandos a às muitas dezenas de mestrandos que tiveram a mesma sorte.

Devo também um agradecimento especial aos professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Estadual de Campinas, que souberam transformar a instituição em um excelente lugar de reflexão e de criação de ciência.

Agradeço à CAPES pela concessão de uma bolsa de estudos, que me permitiu dedicar-me com afinco à árdua tarefa de dominar um momento já passado da Língua Portuguesa, seu período medieval.

Finalmente, mas não por último, quero manifestar minha gratidão aos coordenadores e aos funcionários do Programa, sempre atentos às muitas necessidades dos alunos.

TABELAS

Tabela 1: Total das ocorrências dos verbos <i>estar</i> e <i>ser</i> no corpus	29
Tabela 2: Total das ocorrências do clítico locativo <i>hi</i> no corpus	29
Tabela 3: Distribuição do clítico redobrado <i>hi</i> no PM.....	126
Tabela 4: Tipos de verbos que apareceram com o clítico <i>hi</i> redobrado.....	141
Tabela 5: Verbos auxiliares que apareceram com o clítico <i>hi</i> redobrado	142
Tabela 6: Posição do locativo <i>hi</i> em relação a <i>estar</i> , quando em orações dependentes.....	160
Tabela 7: <i>Estar</i> acompanhado de pronomes circunstanciais locativos	167
Tabela 8: <i>Estar</i> com preposições que não indicam posição.....	170
Tabela 9: <i>Estar</i> com preposições que indicam posição.....	171
Tabela 10: Perífrases de gerúndio no PE e no PB	223
Tabela 11: Perífrases de gerúndio e infinitivo preposicionado no PE	224
Tabela 12: Perífrases de gerúndio no PB e de infinitivo preposicionado no PE	225

QUADROS

Quadro 1: Etapas de mudança do clítico locativo <i>hi</i> redobrado	125
Quadro 2: Etapas da gramaticalização de <i>estar</i>	150

SUMÁRIO

Resumo/Abstract, Agradecimentos, Tabelas e Quadros	3-11
Introdução	13-29
0.1 – Objetivos e hipóteses	
0.2 - Os problemas	
0.3 - Metodologia	
0.3.1 - Casando teoria e dados	
0.3.2 – O corpus	
0.4 – Organização da tese	
Cap. I – Definindo o objeto de estudo	31-111
I.1 - Redobramento sintático	
I.1.1 - Conceito de redobramento sintático	
I.1.2 – Tipos de redobramento sintático	
I.1.3 - O redobramento e as gramáticas tradicionais	
I.1.4 – O redobramento sintático pronominal	
I.1.4.1 – Conceito de pronome forte e pronome fraco	
I.1.4.2 – Conceito de redobramento pronominal	
I.2 - Gramaticalização	
I.2.1 - Conceito de gramaticalização	
I.2.2 - A minioração	
I.2.3 - As formas nominais do verbo e a minioração	
I.2.3.1 - O particípio como minioração	
I.2.3.2 - O gerúndio como minioração	
I.3 – A questão da auxiliaridade	
I.3.1 – O verbo pleno <i>have</i> e a construção possessiva	
I.3.2 – O verbo auxiliar <i>have</i> e a cláusula de particípio passado	
I.3.3 – Os auxiliares <i>have / be</i> e as cláusulas de particípio passado ativo	
I.3.3.1 – <i>Have</i> + particípio passado	
I.3.3.2 - <i>Be</i> + particípio passado	
I.3.3.3 – Troca de <i>have</i> por <i>be</i>	
Conclusão	

Cap. II – A saga do locativo *hi* redobrado no Português Medieval 113-143

II.0 – Introdução

- II.0.1- Similaridades entre os clíticos pessoais e os clíticos locativos
- II.0.2 – As variantes locativas no PM
- II.0.3 - O locativo *hi*: origens
- II.0.4 – Proposta de estudo para o redobramento dos clíticos locativos no PM

II.1 – O clítico locativo *hi* com redobro: etapas de mudança

- II.1.1 - Etapa A: a estrutura original
- II.1.2 - Etapa B: mudanças na estrutura original
 - II.1.2.1 – Primeira mudança: estrutura deslocada
 - II.1.2.2 – Segunda mudança: estrutura descontínua
 - II.1.2.3 – Terceira mudança: estrutura elíptica
- II.1.3 - Etapa C: a estrutura simplificada

II.2- O clítico locativo redobrado *hi* e os tipos de verbos

Conclusão

Cap. III – Desvendando a história de *estar*. 145-193

III.0 – Introdução

- III.0.1 – A predicação estativa
- III.0.2 – A gramaticalização de *estar*

III.1 – *Estar* como verbo intransitivo e temático

III.2 - *Estar* como verbo "quase-transitivo" e temático

- III.2.1 – *Estar* locativo
 - III.2.1.1 – *Estar* + *hi* PP
 - III.2.1.2 – *Estar* + outros pronomes locativos
 - III.2.1.3 – *Estar* + PP
 - III.2.1.4 – *Estar* + locuções prepositivas
- III.2.2 – *Estar* atributivo
- III.2.3 – *Estar* modal

III.3 - *Estar* como verbo auxiliar atemático

III.4 – Variação e mudança de *estar* e *ser* no Português Medieval

- III.4.1 – Os verbos latinos *esse* e *sedere*
- III.4.2 – Os verbos portugueses *ser* e *estar*: pontos de contacto
- III.4.3 – *Estar* deslocando *ser* < *sedere* locativo
- III.4.4 – *Ser* deslocando *estar* atributivo

Conclusão

Cap. IV – O verbo *estar* locativo e a formação das perífrases de gerúndio e de infinitivo **195-226**

IV.1 - O locativo *hi* e o verbo *estar*

IV.2 - As formas nominais de gerúndio e de infinitivo preposicionado

IV.2.1 - O gerúndio e o infinitivo no Latim

IV.2.2 - O gerúndio no PM.

IV.2.3 - O infinitivo no PM.

IV.3 - O verbo *estar* e as formas de gerúndio e de infinitivo preposicionado no PM

IV.3.1 – *Estar* e o gerúndio no PM

IV.3.2 – *Estar* e o infinitivo preposicionado no PM

IV.4 – Os verbos auxiliares e as formas de gerúndio e de infinitivo preposicionado no PB e no PE do século XX

Conclusão

Cap. V - Teorizando sobre as mudanças ocorridas **227-258**

V.0 - Introdução

V.1 – Os parâmetros da polissíntese e da configuracionalidade

V.1.1 - O Latim como língua de transição entre os parâmetros da polissíntese e da configuracionalidade

V.1.2 - O Português Medieval e o parâmetro da configuracionalidade

V.2 - O parâmetro da configuracionalidade, o redobramento pronominal, a minioração locativa *hi* e o verbo *estar*

V.2.1 – O redobramento pronominal e a minioração locativa *hi*

V.2.2 – A minioração locativa com *hi* redobrado e o verbo *estar*

V.2.3 – O verbo *estar* e as formas nominais de gerúndio e infinitivo preposicionado

V.3 – O parâmetro da configuracionalidade e os operadores locativo e partitivo

Conclusões **259-263**

Referências bibliográficas **265-272**

PREÂMBULO

Na redação desta tese, enfatizei o lado descritivo do trabalho, concentrando-me em análises qualitativas. Para a ordenação dos fatos de um modo coerente e compreensível, e para tentar dar-lhes um tratamento formal, me utilizei de algumas subteorias da Gramática Gerativa, indicadas no corpo do trabalho. Para obter dos dados um retrato mais próximo da época em questão, quantifiquei-os sem muita sofisticação, para verificar quando um dado (i) já está extinto, se apresentando como um simples resquício ou forma cristalizada, (ii) se está apenas começando seu percurso, (iii) se está em pleno desenvolvimento, ou (iv) se está começando a entrar em variação.

Quero também comentar alguns fatos que ocorreram antes e durante a confecção desta tese. Meu o mestrado durou dez anos, e o doutorado um pouco mais, doze anos, e por aí pode-se ver que elaboro meus trabalhos com lentidão. A comparação com a tartaruga parece inevitável. Paciência. Há animais mais evoluídos e outros, menos. A tartaruga já existia há muito tempo quando os dinossauros fizeram sua estréia no planeta. Eles se foram assim como chegaram, num relâmpago, literalmente. Surgiram outras formas de vida mais elaboradas, mas a tartaruga, carregando muitos milhões de anos nas costas ou na casca, continuou a sua paciente jornada, sem mudança aparente nenhuma. Mais ou menos há 200.000 anos, um primata que viria a ser intitulado "homo sapiens sapiens" fez seu "début" num mundo dominado agora por grandes e gigantescos mamíferos, alguns dos quais predadores, mas a tartaruga continuou no seu andar ou nadar milenar. Eu andei devagar mas cheguei lá também. Meu passo de tartaruga me permitiu fazer aquilo que eu mais queria e gosto de fazer - exercitar de modo intenso a minha intuição.

Esse exercício foi desencadeado pela minha orientadora, uma pessoa muito querida e muito especial. É verdade que ela pediu que retirasse o que se segue, mas não

achei justo. A Mary é um ser humano portador de grande despreendimento como raras vezes se vê alguém assim na vida. É portadora de um imenso saber reconhecido pelos que a rodeiam e lêem seus trabalhos, e de um enorme potencial na atuação e no desenvolvimento daquelas pessoas que, ainda como pedras brutas necessitadas de lapidação, a procuram para fazer um trabalho sério. Essas palavras não devem ser entendidas como um elogio fácil. Nunca fui disso, não sou e nunca serei. Essas palavras, muito toscas por sinal, tentam reproduzir aquilo que eu vi e senti nas suas aulas, nas reuniões e nas conversas particulares, nada mais que isso. Apoiando intuições em desenvolvimento, as aulas de minha orientadora, sempre baseadas num conjunto de leituras muito bem escolhidas, muito bem lidas e muito bem explicadas, eram invariavelmente ricas em pequenas "deixas", as pequenas-grandes revelações feitas a propósito de um fato qualquer, observações essas que eram fruto de trabalhos próprios em andamento ou de observações particulares. Aí se expressa seu despreendimento. Ela me introduziu no árido terreno de uma teoria formal, mas nada parecia muito difícil quando suas explicações vinham, bastava apenas um pouco de aplicação desta orientanda. Li trabalhos sobre a Teoria Gerativa e sobre o assunto que pretendia desenvolver, me debrucei sobre livros que descreviam a língua latina, mergulhei nos textos portugueses medievais, lancei mão das ricas anotações feitas em aula, me lembrei das preciosas observações feitas em classe e na leitura das versões preliminares desta tese. Demorei, foi uma gestação complicada, mas consegui trazê-la à luz. Obrigada, Mary!

Quando iniciei esta tese, ela se apresentava como um assunto simples e previsível, para a qual tinha sido proposto um problema, um objetivo, e uma hipótese central, seguida de algumas hipóteses secundárias. Tudo baseado num bom levantamento de dados e numa tentativa de formalização, nada além do convencional, do esperado. Enfim, parecia fácil.

Conforme fui submergindo na nova língua (pois ler textos antigos é quase como aprender um novo idioma), para começar o levantamento dos dados e para constituir um corpus com o qual pudesse trabalhar, as propostas iniciais foram se tornando cada vez

mais pequeninas, não mais davam conta dos fatos que iam aparecendo. Novas perguntas começaram a surgir. O que estaria acontecendo? A escolha dos textos não foi bem feita? O período selecionado não foi bem proposto? Respostas não vinham. O caos se instalou. A angústia surgiu. Conclusão: eu tinha sido muito ingênua, como qualquer aspirante que se propõe a fazer uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Estava apenas começando a enxergar os fatos e apenas começando a me dar conta da real dimensão do assunto. Fiquei perplexa. Meu espírito aventureiro (só aí notei que tinha um) explodiu e desci fundo no assunto, não me esquecendo de dar algumas paradinhas de vez em quando para respirar. Passei por surpresas e angústias, e batalhei comigo mesma. O resultado foi muito gratificante. De uma coisa eu tenho certeza: estou pondo no papel sentimentos pelos quais qualquer pessoa passa, quando se propõe a fazer uma tese ou um grande trabalho. Só que nem sempre as pessoas ousam mostrar suas fragilidades. Você até pode não saber onde está pondo seu pezinho, mas descobrirá logo logo... Enfim, deixando de lado o caos, as angústias e as batalhas íntimas, de que trata esta tese? Vamos lá para a Introdução.

INTRODUÇÃO

Sumário

0.1 - Objetivos e hipóteses

0.2 - Os problemas

0.3 – Metodologia

0.3.1 - Casando teoria e dados

0.3.2 - O corpus

0.4 - Organização da tese

0.1 - OBJETIVOS E HIPÓTESES

Essa tese se apóia em textos do Português Medieval (doravante PM) dos séculos XII-XIII a XV-XVI (de 1214 até cerca de 1540), sendo portanto, de caráter diacrônico.

Meus objetivos podem ser agrupados em três pontos, que não correspondem na mesma ordem à capitulação da tese:

1. O primeiro objetivo é estudar e descrever sintaticamente o comportamento do verbo *estar* locativo, o comportamento das formas nominais, e a formação e desenvolvimento das perífrases de gerúndio (doravante *-ndo*) e de infinitivo preposicionado (doravante *a-r*) no PM, tendo em vista que essas duas variedades de perífrases distinguem o Português do Brasil (doravante PB), em que predomina a de gerúndio, do Português Europeu (doravante PE), em que predomina a de infinitivo preposicionado. Ao trabalhar a gramaticalização do verbo *estar*, mostro como se deu o quase desaparecimento de *ser* locativo, substituído por *estar* nessa construção.

2. O segundo objetivo é destacar a importância do redobramento sintático pronominal na gramática do PM. Aponto de passagem as categorias lexicais em que o redobramento opera, concentrando-me depois em sua importância na constituição das perífrases mencionadas no item anterior.
3. O terceiro objetivo, fortemente ligado ao segundo, consiste em mostrar o papel do pronome locativo *hi*, em construções com redobramento, na formação das perífrases de *estar* + gerúndio e infinitivo preposicionado.

Quando se fizer necessário, serão mencionados dados do Latim e do PB/PE do século XX. Tentarei reinterpretar fatos contemporâneos e antigos muito bem descritos por autores consagrados no estudo das línguas nas quais esses dados aparecem. Sobre os textos utilizados e as siglas criadas para as remissões há informações detalhadas no item **0.3.2** desta Introdução. Na transcrição dos exemplos, o verbo *estar* virá sempre em negrito e seus acompanhantes serão grifados.

As hipóteses de trabalho em que me baseei foram as seguintes:

- a) como ocorreu com auxiliares em outras línguas¹, também *estar* surgiu de um processo de "gramaticalização" de um verbo temático;
- b) a estrutura que permitiu essa mudança foi a do "redobramento sintático de pronomes";
- c) na formação da perífrase com *estar* também entra outra mudança: o verbo *ser* em contexto locativo é substituído pelo novo verbo *estar* funcional.

0.2 - OS PROBLEMAS

¹ Vide, por exemplo, a origem dos modais no inglês (Lightfoot 1979), e *avoir* auxiliar no francês (Kayne 1993), ainda neste capítulo.

Quando se leva em conta o período medieval da língua portuguesa, um dos problemas suscitados pelos documentos então gerados é a profunda alteração do verbo *estar*, alteração essa iniciada ainda no latim, continuada no romance e no galego-português e ainda não consumada no Português Moderno. Isto sugere que esse período foi, para este verbo, apenas um período de transição entre o começo de sua mudança e a fase quase final de suas grandes alterações, ocorridas no século XX. Ligado ao problema de *estar* está o caso das formas nominais de gerúndio e de infinitivo preposicionado, que passaram igualmente por grandes alterações no PM, chegando ao ponto de afetar outros tipos verbais, como os verbos de movimento *ir*, *vir*, *andar*, entre outros. As grandes alterações sofridas pelas formas nominais parecem ter se iniciado no galego-português, intensificando-se durante todo o período medieval para quase perderem sua força, no século XX, no PB mas não no PE.

Finalmente, olhando-se apenas o século XV-XVI, vê-se praticamente o final da utilização de vários tipos de construções que envolveram o verbo *ser*. Essas construções são resíduos de um longo passado que esse verbo percorreu, desde o Indo-Europeu, passando pelo Latim e reduzindo-se bastante em algumas Línguas Românicas (como o galego-português e o castelhano), mas não em outras (como o francês, o italiano padrão, entre outros). Esse verbo é levado em conta nesta tese, pois durante todo o período medieval ele se entrelaçava com *estar*, dominando, competindo, variando, combinando, sendo finalmente superado pelo seu oponente, causando o seu quase desaparecimento no contexto locativo.

Esses são os problemas de que trata esta tese. Comecei então a especular sobre se os processos de gramaticalização e de redobramento não estariam ligados, com sua atuação sobre constituintes redobrados e pronomes fracos, deslocamentos do constituinte redobrado, elipse do pronome fraco redobrador, inserção de constituintes entre os termos do redobramento, etc.

Meu gosto pela arqueologia me fez ver que as manifestações do redobramento sintático são comparáveis a um conjunto de ilhas que aparecem à flor da água. Os autores

que consultei apresentam preciosas formulações sobre cada uma dessas ilhas. Entretanto, salvo engano, nenhum deles descobriu o continente submerso, de que essas ilhas são apenas elevações da terra, aparentemente desconectadas entre si. Com mais gosto pela empiria do que pela teoria, enumerei no Capítulo I as abordagens teóricas que me foram úteis para o tratamento das ilhas de que me ocupei. Deixarei para outros historiar o restante das ilhas e teorizar sobre o continente submerso. Desde jovem, sempre me fascinaram os contos fantasiosos sobre a Atlântida. Não sabia que na vida adulta viria a encontrar uma outra Atlântida. Pois não é que achei uma? Além disso, também me perguntei sobre até que ponto nós brasileiros não somos continuadores de uma velha deriva ibérica, aqui retratada nos processos de gramaticalização e de redobramento? Apresentei algumas evidências em favor da hipótese que está por trás dessa pergunta em Moraes de Castilho (2000).

0.3 - A METODOLOGIA

0.3.1 - Casando teoria e dados

A partir do final dos anos 80, a Lingüística brasileira testemunhou um fato científico cujas conseqüências últimas ainda não foram devidamente analisadas: o “casamento” do variacionismo laboviano com a gramática gerativa, em seu modelo de Princípios e Parâmetros.

O fato se deveu a duas lideranças científicas, Fernando Tarallo e Mary Kato. A maior parte dos trabalhos preparados sob a orientação desses lingüistas partia de hipóteses dadas pela teoria gerativista, com particular atenção ao modelo de Princípios e Parâmetros, examinando-se então os dados de língua-E e não apenas os dados de introspecção, sendo aqueles, muitas vezes, controlados pelo uso do pacote VARBRUL.

Este trabalho, escrito depois de tantos outros, não oferecerá, contudo, um tratamento quantitativo dos dados, detendo-se mais na análise qualitativa. Contagens não

sofisticadas de dados poderão ocorrer, maiormente para os fatos relativos à gramaticalização de *estar*.

0.3.2 - O corpus

A constituição de um corpus de análise depende do modo como se vai estudar determinado fenômeno lingüístico, sincrônica ou diacronicamente. Se se vai estudar um fenômeno que está ocorrendo na mesma época em que o pesquisador está vivendo, este determinará todas as coordenadas para que esse trabalho possa ser feito: (i) decide pesquisar sobre determinado fenômeno, procedendo a um corte intencional na língua a ser estudada, (ii) determina o período que vai ser levado em conta, (iii) escolhe o lugar de proveniência dos dados, e (iv) identifica os informantes que vão ser entrevistados. Esse tipo de pesquisa poderá ser diversificada ou não, conforme os interesses do estudo.

Mas quando se estuda um fenômeno lingüístico que ocorreu no passado, o corpus para análise já está constituído e vai ser necessariamente diversificado. Neste trabalho, o termo corpus vai ser usado na mesma acepção que Mattos e Silva (1989:16) estabeleceu: *"Adoptamos o termo corpus e o consideramos como bem-vindo, para definir o conjunto diversificado de documentos-informantes que poderão ser analisados para que deles, consideradas explicitamente as suas individualidades, se possa depreender uma gramática do português arcaico."*

Pelo menos dois problemas chamam a atenção do pesquisador de fatos do PM: de um lado a datação dos textos e de outro, os tipos de textos.

A datação dos textos leva à questão da periodização da língua portuguesa. Quanto a isto, ouçamos de novo Mattos e Silva (1994:247): *"Como qualquer taxionomia, a classificação de períodos ou fases de uma língua no seu processo de constituição histórica será sempre, por natureza, arbitrária, já que dependerá dos critérios adotados pelo taxionomista. A tentativa de estabelecer períodos determináveis na história do*

português não poderá fugir a essa preliminar, como também nela estará enredada a delimitação do chamado período arcaico ou antigo da língua portuguesa."

Quando se vai delimitar um período há pelo menos dois pontos que se levam em conta: (i) datação de seu período inicial e final, e (ii) delimitação desse período por fases, se possível. Para o português, a datação do período final da fase arcaica é a mais problemática porque não há um consenso geral a esse respeito, mas há uma unanimidade quanto ao início desse período. Esse período se inicia com o surgimento de documentos escritos em português e não mais em latim, isto é, por volta de 1200, mais ou menos: *"considero que se pode aceitar, como hipótese a ser trabalhada, seguindo Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, que o período arcaico se inicia com os primeiros documentos em português e que, muitas de suas características se estendem até, pelo menos, 1536/1540, datas dos inícios da normatização da língua."* (Mattos e Silva, 1994: 251). E há uma certa unanimidade quanto à divisão desse período em duas fases, embora as dificuldades reapareçam na delimitação delas: (i) a primeira fase iria, para uns, até 1350, e para outros até 1385 ou 1420; e (ii) a segunda fase acabaria entre 1499 e 1540. Nesta tese vou seguir quase a mesma divisão apresentada acima para selecionar os textos com os quais trabalharei: (i) a primeira fase vai até fins do século XIV e inclui textos dos séculos XII-XIII e XIV, e (ii) a segunda fase vai até meados do século XVI, incluindo textos dos séculos XV e XVI.

Depois de ler uma grande parte das obras portuguesas consideradas medievais, observei que havia a possibilidade de estabelecer uma divisão mais precisa da época medieval da língua portuguesa quando se leva em conta fatos sintáticos. A idéia de um outro tipo de divisão só surgiu depois de entrar em contato com os mais variados tipos de fatos sintáticos. Esse novo tipo de divisão não foi aplicado nesta tese porque foi sendo contruído ao longo da confecção deste trabalho, mas deixo um esboço dele nas Conclusões.

Esse novo tipo de divisão, levando-se em conta as estruturas sintáticas, proporcionaria uma classificação mais precisa de muitos textos. Por exemplo, temos A

demanda do Santo Graal, que é uma cópia do século XV baseado num manuscrito do século XIII. Isso constitui um problema, pois não se sabe até que ponto o copista quatrocentista interferiu no texto antigo na tentativa de adaptá-lo a uma língua mais moderna e portanto, mais compreensível para sua época. Mas se esse livro for examinado do ponto de vista sintático, fatos como o do redobrimento pronominal, ali encontrados o datariam como sendo do século XIII. Foi o que eu fiz e por isso os exemplos ali colhidos sempre trarão essa data.

Quanto aos tipos dos textos, é necessário se levar em conta a maior diversidade possível deles, para que os fatos possam ficar bem representados. Mattos e Silva (1989) propõe a seguinte tipologia para os textos: (1) textos não-literários, (2) textos literários, compreendendo: (i) textos em poesia, (ii) textos em prosa: de ficção, históricos, pragmáticos.

Levando-se em conta a tipologia estabelecida acima, menciono a seguir os textos que foram utilizados para a elaboração desta tese e acrescento as siglas que eles receberam. Os exemplos são antecidos dos seguintes dados de identificação: século, em algarismos romanos; abreviação do título da obra de acordo com a tabela abaixo; página em algarismos arábicos; dois pontos; e número da linha. Os dados bibliográficos completos aparecem aqui, no final da Introdução, e são repetidos nas Referências bibliográficas.

Século XIII

1. Textos não-literários

1.1 - Textos Notariais

[XIII HGP] Clarinda de Azevedo Maia. *História do Galego-Português*. Estudo lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: INIC, 1988.

[XIII NT] Luis Filipe Lindley Cintra. Sobre o mais antigo texto não-literário português: a Notícia de torto. Leitura crítica, data, lugar de redação e comentário lingüístico. *Boletim de Filologia*, XXXI, 21-77, 1990. (Texto datado entre 1214 e 1216).

[XIII CHPA] Ana Maria Martins. *Clíticos na História do Português*. Apêndice documental. Documentos notariais dos séculos XIII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: 1994. Tese de Doutoramento. Mimeo.

[XIII IDD] Perminio de Moraes. *Inquirições de D.Dinis*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Tese de Mestrado. Mimeo (Textos do século XIII, mais precisamente de 1254)

[XIII TA] *Testamento de D.Afonso II*.

1.2 - Foros

[XIII FCR] Luis Filipe Lindley Cintra. *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com os dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres, Usagre*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.(Texto datado entre 1280 e 1290).

[XIII FR] Afonso X. *Foro Real*. Edição de José de Azevedo Ferreira. Lisboa: INIC, 1987, 2 volumes. (Texto dos finais do século XIII).

1.3 - Livros Genealógicos

[XIII LVL] *Livro Velho de Linhagens*. Edição crítica por Joseph Piel e José Mattoso. Lisboa: Portugaliae Monumenta Historica, 1980. (Texto escrito por volta de 1282-1290 ou 1286-1290).

2. Textos Literários

2.1 - Textos em Poesia

[XIII CSM1] Afonso X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Edição de W.Mettmann. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959-1964, 4 volumes, dos quais só foi fichado o primeiro. (Texto datado da segunda metade do século XIII).

[XIII CA] *Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaelis de Vasconcelos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990, 2 volumes. (Texto datado entre o último quartel do século XIII e o primeiro do século XIV).

[XIII CEM] *Cantigas de Escarnho e de Mal Dizer*. Edição de M. Rodrigues Lapa. Coimbra: Editorial Galaxia.

[XIII CR] J.J. Nunes. *Crestomatia Arcaica*, 4a. edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.

2.2 -Textos em Prosa

2.2.1 – Ficção

[XIII SG] *A Demanda do Santo Graal*. Edição de Joseph-Maria Piel. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988. (Cópia do século XV de um texto do século XIII; tradução do francês).

Século XIV

1. Textos não-literários

1.1 - Textos Notariais

[XIV HGP] Clarinda de Azevedo Maia. *História do Galego-Português*. Estudo lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: INIC, 1988.

[XIV CHPA] Ana Maria Martins. *Clíticos na História do Português*. Apêndice documental. Documentos notariais dos séculos XIII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994. Tese de Doutoramento. Mimeo.

1.2 - Foros

[XIV PP] Alphonse X. *Primeyra Partida*. Edição de José de Azevedo Ferreira. Braga: INIC, 1980. (Texto datado da segunda metade do século XIV; essa datação é encontrada na página XLIX da própria obra).

1.3 - Livros Genealógicos

[XIV LLCP] *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição crítica de José Mattoso. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências, 1980. (Esta obra sofreu algumas refundições entre os anos de 1360-1365 e 1380-1383; informação encontrada na página 43).

[XIV LLD] *Livro de Linhagens do Deão*. Edição crítica por Joseph Piel e José Mattoso. Lisboa: Portugaliae Monumenta Historica, 1980. (Texto escrito por volta de 1343).

1.2 - Textos literários

1.2.1 - Textos Pragmáticos

[XIV LA] *Livro das Aves*. Edição de Nelson Rossi et Alii. Rio de Janeiro: INL, 1965. (Tradução do latim).

[XIV DSG] *Diálogos de São Gregório*. Edição de Rosa Virgínia Mattos e Silva, 4 volumes. São Paulo: FFLCH / USP, 1971. Tese de Doutorado. Mimeo. (Tradução do latim)

1.2.2 - Crônicas

[XIV CGE] *Crônica Geral de Espanha de 1344*. Edição de Luis Filipe Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1951, 4 volumes, dos quais foi utilizado somente o segundo.

Século XV

1. Textos não-literários

1.1 - Textos Notariais

[XV HGP] Clarinda de Azevedo Maia. *História do Galego-Português*. Estudo lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: INIC, 1988.

[XV CHPA] Ana Maria Martins. *Clíticos na História do Português*. Apêndice documental. Documentos notariais dos séculos XIII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: 1994. Tese de Doutorado. Mimeo.

2. Textos Literários

2.1 - Textos Pragmáticos

[XV LSSA] *Livro de Soliloquio de Sancto Agostinho*. Edição crítica e glossário por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1957. (Texto datado do primeiro quartel do século XV; é uma tradução do latim).

[XV VC] *Virgêu de Consolaçom*. Edição crítica, introdução, gramática, notas e glossário por Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo S.A., 1959. (Cópia de um texto do século XIV ou XV, tradução do latim).

[XV VS] *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*. Edição de Ivo Castro et alii. Separata da *Revista Lusitana, Nova Série*, 4 (1982-1983) e 9 (1984-1985). (Texto datado de meados do século XV, cópia de manuscritos mais antigos, tradução do latim).

[XV VPA] Bernardo de Brihuega. *Vidas e Paixões dos Apóstolos*. Edição crítica e estudo por Isabel Vilares Cepeda. Lisboa: INIC, 1982-1989, 2 volumes, sendo que usado

somente o primeiro. (Texto de 1423-1433; cópia de um manuscrito do século XIV; tradução do latim).

[XV FP] *Fabulário Português ou Livro de Esopo*. Edição de José Leite de Vasconcelos (glossário, comentário linguístico e estudo literário), Separata da *Revista Lusitana*, VIII e IX, 1906. (Manuscrito do século XV, provavelmente da primeira década; provém de algum texto em prosa latino ou românico).

[XV LM] *Livro da Montaria feito por D. João I, Rei de Portugal*. Edição feita por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. (Texto composto entre 1415 e 1433).

2.2 - Crônicas

[XV CDP] Fernão Lopes. *Cronica de D. Pedro*. Edição de Giuliano Macchi. Roma: Edizione dell'Ateneo, 1966. (Texto escrito entre 1418 e 1452).

[XV CDF] Fernão Lopes. *Cronica de D. Fernando*. Edição de Giuliano Macchi. Lisboa: IN-CM, 1975. (Texto escrito entre 1418 e 1452).

[XV CPVC] Jaime Cortesão. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugália, 1967.

Século XVI

1. Textos não-literários

1.1 - Textos Notariais

[XVI HGP] Clarinda de Azevedo Maia. *História do Galego-Português*. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: INIC, 1988.

[XVI CHPA] Ana Maria Martins. *Clíticos na História do Português*. Apêndice documental. Documentos notariais dos séculos XIII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994. Tese de Doutoramento. Mimeo.

2. Textos Literários

2.1 - Teatro

[XVI OC] Gil Vicente. *Obras Completas*. Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga. Lisboa: Editora Sá da Costa, 4a. ed., 1968, 4 vols.

2.2 - Textos em Prosa

2.2.1 - Textos Pragmáticos

[XVI DVV] João de Barros. *Diálogo de Viciosa Vergonha*. In Gramática da Língua Portuguesa. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

[XVI DLNL] João de Barros. *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*. In Gramática da Língua Portuguesa. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

[XVI GLP] João de Barros. *Gramática da Língua Portuguesa*. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

2.2.2 - Crônicas

[XVI A] João de Barros. *Ásia* (primeira e segunda décadas). Edição de Antonio Baião e Luis Filipe Lindley Cintra. Lisboa: IN-CM, 1974 e 1988, 2 volumes. (Obra concluída em 1539).

Século XX

[XX SP EF] Ataliba T. de Castilho e Dino Preti (Orgs.1986). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A.Queiroz, Editor/Fapesp, vol.I, Elocuções formais.

[XX SP DID] Ataliba T. de Castilho e Dino Preti (Orgs. 1987). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A.Queiroz, Editor/Fapesp, vol. II, Diálogos entre o informante e o documentador.

[XX SP D2] Dino Preti e Hudinilson Urbano (Orgs. 1988). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A.Queiroz, Editor/Fapesp, vol. III, Diálogos entre dois informantes.

[XX PF] Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Lúcia Garcia Marques e Maria Luísa Segura da Cruz. *Português fundamental. Métodos e Documentos*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1997.

Como essa Introdução mostrou, a tese se organizou em torno dos verbos *estar* e *ser*, e sua interação com o locativo *hi*. O corpus constituído chegou a um total de 9.347 ocorrências, distribuídas como se vê nas Tabelas 1 e 2:

Tabela 1 – Total das ocorrências dos verbos *estar* e *ser* no corpus

período	verbo <i>estar</i>		verbo <i>ser</i>		total	
	ocorrências	%	ocorrências	%	ocorrências	%
XII-XIII	717	27	1944	73	2661	44
XIV	934	46	1096	54	2030	34
XV-XVI	596	45,5	712	45,5	1308	22
total	2247	37	3752	63	5999	100

Tabela 2 – Total das ocorrências do clítico locativo *hi* no corpus

período	clítico locativo <i>hi</i>	
	ocorrências	%
XII-XIII	1739	52
XIV	1266	38
XV-XVI	343	10
total	3348	100

0.4 - ORGANIZAÇÃO DA TESE

Este trabalho se compõe de cinco capítulos. No Cap. I, defino meu objeto de estudo. No Cap. II, estudo o redobramento do locativo *hi*. No Cap. III, estudo a gramaticalização do verbo *estar*, em sua mudança de verbo temático para verbo auxiliar. No Cap. IV, mostro como o locativo *hi* e o verbo *estar* se relacionaram, dando origem às perífrases de *estar* + gerúndio / infinitivo preposicionado. Finalmente, no Cap. V teorizo sobre os achados no corpus. Seguem-se as Conclusões e as Referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO

Sumário

I.1 - Redobramento sintático

I.1.1 - Conceito de redobramento sintático

I.1.2 - Tipos de redobramento sintático

I.1.3 - O redobramento sintático e as gramáticas tradicionais

I.1.4 - O redobramento sintático pronominal

I.1.4.1 - Conceito de pronome forte e pronome fraco

I.1.4.2 - Conceito de redobramento sintático pronominal

I.2 – Gramaticalização

I.2.1 - Conceito de gramaticalização

I.2.2 - A minioração

I.2.3 - As formas nominais do verbo e a minioração

I.2.3.1 - O particípio passado como minioração

I.2.3.2 - O gerúndio como minioração

I.3 – A questão da auxiliaridade

I.3.1 – O verbo pleno have e a construção possessiva

I.3.2 – O verbo auxiliar have e a cláusula de particípio passado

I.3.3 – Os auxiliares have / be e as cláusulas de particípio passado ativo

1.3.3.1 – Have + particípio passado

1.3.3.2 - Be + particípio passado

1.3.3.3 – Troca de have por be

Conclusão

I.1 – REDOBRAMENTO SINTÁTICO

I.1.1 - Conceito de redobramento sintático

Uma definição inicial e bastante ampla de redobramento sintático¹ é a seguinte: ocorrência de duas categorias ligadas pelo processo de correferencialidade.

Quando duas categorias estão ligadas pelo processo de correferencialidade, elas são pronomes e constituem um caso de duplicação pronominal. Um dos pronomes corresponde a um pronome fraco, que pode ser representado por um clítico acusativo, dativo ou locativo, por um pronome pessoal do tipo *ele* no PB², por um pronome não-realizado foneticamente, etc. O outro pronome corresponde a um constituinte redobrado, ou seja, a um PP, a um NP, ou a um pronome pessoal forte do tipo ELE, também existente no PB.

As primeiras referências ao redobramento sintático explicam-no pela ênfase, pois ele entra em ação quando o efeito semântico causado por uma estrutura se desgasta, perde seu potencial de ênfase. Nessas situações, a língua se auto-regula, procurando em sua gramática algum constituinte que possa voltar a produzir o efeito semântico perdido, surgindo então o redobro. Posteriormente esse redobro pode ou não ser simplificado, e o processo é re-acionado.

A auto-regulagem da língua pode ser assim explicada: numa língua existem constituintes que se posicionam no centro da gramática, sendo portanto essenciais, e outros que ficam à margem e são circunstanciais. Esses constituintes circunstanciais poderão representar mudanças muito iniciais, ou seja, quando um constituinte do núcleo da sentença começa a perder traços essenciais que o qualificam, a língua resgata, automaticamente, um outro constituinte que contenha traços bem próximos do primeiro e que está na periferia da língua. Assim, esse elemento periférico é levado para o núcleo da língua, se aproximando, lenta ou rapidamente, daquele constituinte que está se descaracterizando e juntos, numa espécie de reforço, constituem um redobramento, que posteriormente poderá ser desfeito ou não.

¹ O redobramento pode ocorrer também no nível sub-morfológico, como a repetição de uma vogal ou de uma consoante, no nível morfológico, como a repetição de uma sílaba ou de uma palavra.

O redobramento é, entretanto, muito mais importante que uma questão de ênfase, pois ele pode ocasionar mudanças tipológicas numa língua, ou mudanças em alguns setores da língua, como veremos nesta tese.

I.1.2 - Tipos de redobramento sintático

Vejamos uns poucos exemplos de redobramento sintático em geral, para concretizar o que acabo de mencionar. As expressões redobradas virão em negrito:

(1) Duplicação do clítico e do possessivo

- a) [XIII SG 325:8][...] *e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-**no a el** de muitas chagas.* [clítico acusativo como redobro de um SN/SP]
- b) [XV CDP 276:25][...] *se este he o seu filho Joane de que **me a mim** algũuas vezes fallarom.* [clítico dativo como redobro de um SP]
- c) [XIII DSG 9:35] *E o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade e disse-lhi que aquele mal que el recebera non fora per **sa crueza do abade**, mais fora per **sa culpa del mesmo**.* [o possessivo *seu* como redobro de um SP]
- d) [XIII HGP 77:20] [...] *e que dedes ende ã cada ano áo moesteyro de Chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar e meadade de todo pam que y lauorardes **na eyra**.* [o locativo *hi* como redobro de um SP locativo]
- e) [XIII CSM2 131:11] *E disse: "Ay, Groriosa, / a mia ovella me dá, / ca tu **end'** es poderosa **de o fazer**."* [o locativo/partitivo *ende* como redobro de um SP locativo/partitivo]

(2) Duplicação de pronomes circunstanciais e de advérbios de negação

- a) [XIV LLCP 138:10] *E por esta mortiindade, que i foi tamanha que as pedras e o campo foi todo vermelho, poserom-lhe nome ao campo o campo de Arguriega, que tanto quer dizer por seu linguagem de vasconço, como pedras vermelhas pelo nosso; e **hoje em este dia** assi ha nome.* [duplicação do SP circunstancial de tempo]
- b) [XVI BD 21:2] [...] *que nom há i alguũ que leixar casas e irmaãos ou padre ou madre ou herdades, que nom receba cem-tanto **agora em este tempo**, e depois haverá vida perdurável.* [duplicação do SP circunstancial de tempo]
- c) [XIII CSM1 193:12] *Enton cuidei logo como me partisse / daquesta terra que **neun non** me visse, / [...]* [duplicação da negação]

² Segundo Kato (1999), o pronome *ele* no PB tem hoje características de pronome fraco, podendo referir-se a entidades humanas ou não, vindo a substituir pronominais fracos como o afixo de concordância pronominal e o clítico de terceira pessoa.

(3) Complementizador recursivo

- a) [XIV LLCP 220:37] [...], *temendo-se de cavalgar, com a fraqueza, o que ele encubria mui bem a todos, pedio-lhes **que**, se ele desperecesse naquela lide, **que** ficasse dom Egas Gomez de Sousa em seu logo, que era de boa linhagem e de grande bondades.*
- b) [XV CA200 47:3] *Ora pregunto se depois desto se non cõfesarse se tornam ael aquelles pecados de que ia he perdoado.*

(4) Deslocamento à esquerda do pronome forte

- a) [XIII:1254 IDD 31:27] *Itẽ **a aldeya de Gatón** trage **a** por onrra Ffernam Oanes de Gatón da freeguesia de San Oane.*
- b) [XIII CSM1 43:22] [...] *ca o demo **no seu coração** / metera y tan grand' erigia, / que per ren non podia mayor*

(5) Quantificadores

- a) [XV VS 47:29] *E o angeo rrespondeo aguardemos e veerás a cabo de pouco foy a casa tam escura e **quantos** estavã em ella **todos** (se) tornarom tristes.*
- b) [XV VS 43:18] *E **todas** almas que jaziam em aquelle lago **todas** se faziã prenhes.*
- c) [XIV CGE2 40:6] ***Todallas** cousas que os homẽes podem cobiiçar pera se manteeren, **todas** som achadas em Espanha.*

I.1.3 - Redobramento sintático e gramáticas tradicionais

O termo redobramento não aparece empregado nas gramáticas tradicionais, mas esse fato é bem conhecido e é chamado de pleonismo ou anacoluto.

As gramáticas portuguesas tradicionais, e de um modo geral as românicas, se atêm à ocorrência do processo de redobramento somente aos casos dos pronomes átonos quando vêm acompanhados do pronome tônico preposicionado, sendo rara a menção de outros tipos de constituintes redobrados. O redobramento com pronomes átonos é inserido na parte da gramática que trata das Figuras de Sintaxe ou "vícios de linguagem", juntamente com outros fatos como elipse, zeugma, hipérbato, anástrofe, prolepse, sínquise, assíndeto, polissíndeto, silepse, etc. Outras estruturas redobradas são descritas como hipérbatos. Desnecessário dizer que estou reproduzindo os argumentos desses

gramáticos sem endossá-los. Segundo eles, os pleonasmos eram usados para pôr em evidência alguma parte da oração. Tratamento semelhante é encontrado tanto em gramáticas do português como em gramáticas de diversas línguas românicas. As gramáticas históricas românicas que fazem menção a esse fato também o consideram um caso de pleonismo. Donde se conclui que o redobramento é visto como um fato marginal à gramática, um fato de estilo - ou de discurso, como se diria hoje. A propósito desse assunto, os gramáticos brasileiros podem ser reunidos em três grupos:

(1) Os gramáticos tradicionais destacam somente o lado semântico da questão, e estes constituem a grande maioria:

(i) Se o complemento pessoal - por razões enfáticas - for expresso simultaneamente por um pronome tônico e por um átono, o pronome tônico fica em dativo, o átono em acusativo:

(6)

E os religiosos o olhavam a ele.” (Said Ali, 1964:94).

(ii) “As expressões *a mim, a ti, a ele, a si, a nós*, etc., além de indicarem um objeto indireto, usam-se também para exprimir o objeto direto enfático:

(7)

viu-me a mim e não a ele.

(iii) Segundo Silva Dias (1954:73), “na ênfase, os pronomes pessoais, já empregados nas formas átonas, repetem-se nas formas tônicas e vice-versa:

(8)

- a) *Hũ avarento cuyda que tem dinheyro, e o dinheyro tem-no a elle* (Heitor Pinto),
- b) *isso te entrará a ti por casa* (Jorge Ferreira de Vasconcelos),
- c) *Izabel não buscava coroas, antes as coroas a buscavão a ella* (Vieira),
- d) *E que me importam a mim esse odio impotente, essa linguagem vergonhosa?* (Herculano)”.

Ele ainda acrescenta que “emphaticamente podem concorrer os pronomes átonos com os nomes que funcionam como complemento direto ou indireto”:

(9)

*Não **lhe** fora melhor **a Sichen** não ver a Diana (Vieira).”,*

e por último diz que “a repetição nas formas tônicas é de regra na coordenação no português moderno:

(10)

- a) *deu-me **a mim** e **a meu irmão**;*
- b) *Maldiz-se **a si** e **a providencia** e **o mundo** (Herculano).”,*

(iv) Trata-se de um uso enfático que visa “dar realce ao objeto direto”, “ressaltar o objeto indireto”: (Cunha e Cintra, 1985:609). Esses mesmos autores escrevem na página 290) que “para se ressaltar o objeto (direto ou indireto), usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*”:

(11)

- a) *Ele não via nada, via-se **a si mesmo** (Machado de Assis);*
- b) *O Abrazezes dava-**lhe** razão **a ela**, em princípio...(U.Tavares Rodrigues)”;*

2. Os gramáticos normativos, em número menor, dizem que se trata de sintaxe que foge às regras do bom uso da língua, fora do padrão da língua, portanto um erro. Essa sintaxe seria corrente na variedade popular, repellido pelo padrão, pela norma.

3. Os gramáticos históricos portugueses e brasileiros (que são pouquíssimos) nem registram o fato, embora os romanistas já o tivessem feito.

Vejamos agora o que se entende por pleonasmo nessa literatura.

Cunha e Cintra, (1985:607-609) o definem como a “superabundância de palavras para enunciar uma idéia”, “a reiteração da idéia”, que “só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento”. "Pleonasmo" tem como sinônimos os termos repetição, redundância. Sob essa designação são reunidos diversos fatos como se pode ver em Silva Dias (1954:333, 334):

(i) "o sujeito em orações interrogativas às vezes pode ser repetido depois do verbo como um pronome pessoal, por razões de ênfase":

(12)

*Aquelle espantoso dom Vasco da Gama conde Almirante nam fez **elle** cousas, em cuja comparaçam as grandezas antiguas parecem pouquidades?"*;

(ii) "o objeto direto, que deveria vir regularmente depois do verbo, aparece em princípio de oração e é representado pelo pronome pessoal respectivo junto ao verbo; quando esse objeto direto é uma oração, será representado pelo demonstrativo **o**":

(13)

- a) *Alguns intentos, **que tive**, abortou-m'os a fortuna" (Vieira VII, 518, ap. Blut.),*
 b) *Que a censura previa é inutil, os factos tem-nos sobejamente provado (Herc., Op., I,133)"*;

(iii) “a pessoa ou cousa designada por *aquelle* que, o que, ou por um substantivo pode ser designado de novo por um pron. demonstrativo (de ordinário *esse*)”:

(14)

- a) *o serviço **que sse faz de vontade**, **aquelle** he bem fecto (Fabul., fab. 25),*
 b) *o que era contra a honra de Deos, e em dano das almas, **isto** só o affligia e lhe tirava o gosto da vida (Sousa, V.do Arc., I, 431);*

O gramático espanhol Alonso (1964: 92, 104, 105, 106, 113, 127, 131, 140, 148, 149, 150, 157) cita algumas ocorrências de pleonasmos que podem ser encontrados no castelhano medieval:

(i) o neutro **lo** anuncia uma frase complementar, relativa ou causal:

(15)

- a) *"bien lo sabemos que él algo a ganado" (sec.XII),*
- b) *"que lo sepan ... a quien siruieron tanto" (sec.XII),*
- c) *"uos lo agradezco... por quanto esta cort fiziestes" (sec.XII);*

(ii) o possessivo de 3ª pessoa:

(16)

- a) *"mal majaron sus fijas del Cid Campeador" (sec.XII),*
- b) *"e non dixie la meytad de sus quexas que le avienen" (sec.XIII),*

(iii) o duplo **que**:

(17)

- a) *"que si antes las catassen que fossen perjurados" (sec.XII),*
- b) *"onde non deve (el rey) que lo que gana que lo gana... por sua persona" (sec.XIII-XIV),*

(iv) a dupla negação:

(18)

- a) *"nengún non deve tomar el regno"(sec..XIII-XIV),*
- b) *"nengún non demande" / "nengún non osme" / "nengún non favle" / "nengún non conselle" (sec.XIII-XIV),*
- c) *"nunca omne non vio tan fiero abramante"(sec.XIII-XIV), "nada non pudo adobar" (sec.XIII);*

Depois de ler várias gramáticas concluí que o redobramento é considerado, por seus autores, um fato marginal. Contrapondo-se a eles, muitos lingüistas atuais, sobretudo os de formação gerativista, têm feito pesquisas sintáticas sobre alguns dos fatos mencionados acima: (i) duplicação clítica, (ii) recursividade do complementizador, (iii) sujeito duplo, (iv) deslocamento à esquerda e à direita com retomada ou sem retomada de pronomes, (v) topicalização com ou sem retomada de pronomes, (vi) negação dupla, etc. Esses trabalhos estão sendo feitos em várias línguas românicas em seu período mais moderno, o que não quer dizer que não tenha havido alguns trabalhos sobre o período medieval. Somente agora é que ele tem sido visto como algo interessante e portanto, digno de ser estudado. De todo modo, tanto os gramáticos, como mais recentemente os lingüistas, parecem não ter notado que propriedades sintáticas comuns interligam os fatos mencionados acima. Não perceberam que se trata de fenômenos integrados num processo único que altera a tipologia de uma língua, ficando com os olhos voltados apenas para um dos pequenos efeitos gerados pela simplificação de um longo processo de redobramento, ou seja, se ativeram tão somente ao efeito semântico de ênfase.

I.1.4 - O redobramento sintático pronominal

I.1.4.1 - Conceito de pronome forte e pronome fraco

Cardinaletti e Starke (1994, apud Kato 2002:2) dividem a classe pronominal em pronomes fortes, fracos e clíticos, sendo que os dois últimos não passam de formas "deficientes na representação estrutural e semântica" (Kato: 2002). Cyrino, Duarte e Kato (2000) estipulam que os pronomes nulos fazem parte da subclasse dos pronomes fracos. E mais, acrescentam que nas categorias pronominais, expressas ou nulas: (i) a referencialidade tem papel preponderante, (ii) o estatuto referencial do antecedente também é importante, sobretudo para línguas que possuam variantes pronominais nulas ou não, e (iii) acompanhando a referencialidade está a especificidade³.

³ Com base nessas afirmações é proposta uma linha de hierarquia referencial e específica:
I. Hierarquia Referencial

não-argumento proposição/predicado [-humano] [+humano]

Dando continuidade à discussão sobre as mudanças do sistema pronominal do PB, Kato (1999 e 2002) sustenta que a perda do sujeito nulo e o aparecimento do objeto nulo, apesar de serem fenômenos separados, estão ligadas à questão da referencialidade, e podem ser assim descritas:

1. O sujeito nulo começou a ser preenchido pelos itens mais referenciais contendo o traço [+humano], determinado ou arbitrário, para em seguida serem preenchidos os itens com traço [-animado], ou se referindo a uma proposição. Esses últimos são preenchidos mais raramente, sendo portanto, mais resistentes à mudança; os pronomes expletivos são "ainda categoricamente nulos nos textos escritos examinados". (Kato, 2002:5) O que ocorre hoje em dia no PB é o seguinte: (i) o sujeito referencial é expresso por um pronome (19), (ii) o sujeito é nulo quando tem o sentido de um sujeito genérico, ou quando seu antecedente é quantificado (20) (conforme pesquisa de Negrão e Müller):

(19)

- a) *A Maria_i, **ela**_i usa saia em dia de defesa*
- b) *∅ não usa mais saia em dia de defesa.*

(20)

- a) *Os homens acham que (**eles**) são mais fortes que as mulheres.*
- b) *Nenhum homem acha que (?**ele**) é machista.*

3ª pessoa	3ª pessoa	3ª pessoa	3ª, 2ª, 1ª pessoas
[-espec]			[+espec]
[-ref] ←	-----→		[+ref]

que vem acompanhada de uma generalização denominada Hipótese do Mapeamento Implicacional, que se sustenta em dois pontos:

- a) quanto mais referencial, maior a possibilidade de um pronome lexical, não-nulo;
- b) uma variante nula em um ponto específico da escala implica uma variante nula à sua esquerda, na hierarquia referencial.

2. O objeto nulo começou a ser omitido quando o antecedente era não-referencial (como proposições e predicados), passando depois a variar entre nulo e pronome do caso reto quando os possuidores têm traço [+ referencial]; o objeto com antecedente [+humano] começou a ser expresso pelos pronomes fortes *ele/ela*:

(21)

- a) *Maria é jeitosa e Joana também é.*
 b) *Maria está grávida, mas Pedro não crê.*

(22)

- a) *Eu encontrei o Pedro, mas não \emptyset_i convidei/não convidei **ele**.*
 b) *Eu comprei um casaco sem experimenta(r)- \emptyset_i / sem experimentar **ele***

Kato (1999) propõe uma divisão diferente daquela de Cardinaletti e Starke: os pronominais podem ser fortes ou fracos, e os fracos podem ser pronomes livres, clíticos ou afixos de concordância. Os pronomes fracos nunca podem ser Foco nem "aparecer em posição periférica de reduplicação", e podem ser expletivos.

Os pronomes fortes podem aparecer como foco, como pronome deslocado num caso de duplicação, como duplicado por um pronome fraco, não podem ser expletivos, já que são referenciais, e têm o caso "default nominativo no PB e PE⁴". E mais, tanto os pronomes fortes como os fracos podem ser homófonos a um pronome fraco, como, por exemplo, o inglês: HIM/**him**, e o PB: ELE/**ele**.

O PB possui pronome forte e fraco homófonos e o pronome fraco, na posição de sujeito duplica o forte em posição A', como se pode ver em (23b e 23'b). Com esse tipo de duplicação o PB passou a projetar o Especificador de T, onde se alojam os pronomes fracos livres, como no inglês. No PE o pronome forte é duplicado pelo afixo de concordância Agr., como em (23a e 23'a):

⁴ Sendo acusativo no inglês e oblíquo no francês.

(23)

- a) *ELE_i.....agr_i.....* *PE*
 b) *ELE_i.....ele_i.....* *PB*

(23')

- a) ***ELE**, Maria não acredita que \emptyset vem* *PE*
 b) ***ELE**, Maria não acredita que **ele** vem* *PB*

Na posição de objeto, o PB pode ter o pronome forte duplicado por um nulo ou por um fraco homófono, como em (24b e 24'b). No PE, o pronome forte é duplicado por um clítico ou por um nulo, como em (24a e 24'a)

(24)

- a) *ELE_i..... \emptyset _i/o_i* *PE*
 b) *ELE_i..... \emptyset _i/ele_i* *PB*

(24')⁵

- a) ***ELE**, Maria pensa que (o) viu* *PE*
 b) ***ELE**, Maria pensa que ela viu (**ele**)* *PB*

As conclusões de Kato quanto às mudanças ocorridas no PB são as seguintes:

1. Em relação ao sujeito: (i) com o enfraquecimento da concordância verbal, esta deixou de atuar como um pronominal, criando-se então, um conjunto de pronomes fracos homófonos aos pronomes fortes; (ii) esses pronomes fracos livres ocupam a posição [Espec, T]; (iii) o Especificador de T é sempre projetado com os pronomes referenciais, mas "o afixo-zero ainda é atuante como pronominal quando este não contém o traço [+referencial], entendendo por referencial o que pode ter como referente uma entidade definida no discurso" (Kato 2002:14).

⁵ Esses exemplos aparecem no texto original com os números (10) e (11), respectivamente.

2. Em relação ao objeto: (i) existe um grupo de nomes que são polivalentes, ou seja, podem atuar ou como nome ou como pronome, e são chamados de epítetos (*o idiota, o desgraçado, o troço*), possuindo traços [+pronominal, +referencial].

I.1.4.2 - Conceito de redobramento sintático pronominal

Como nesta tese vou tratar somente do redobramento sintático pronominal, mais precisamente do locativo redobrado *hi*, tomando por base os argumentos de Kato, mencionados mais acima, passo a mostrar como vou considerar esse processo:

1. O redobramento pronominal é composto por dois pronomes que estão sujeitos às seguintes condições: (i) um dos pronomes deve ser fraco, e o outro, deve ser ou forte ou preposicionado, (ii) devem ser correferenciais, (iii) devem estar contidos numa mesma fronteira sintática, sendo que a sentença é vista aqui como estando dentro da abrangência da categoria CP, (iv) o pronome fraco duplica tanto o pronome forte como o pronome preposicionado, (v) o pronome e seu redobro devem funcionar como dêiticos.
2. Os dois pronomes aparecem sempre vinculados a um verbo, sendo que o pronome fraco está cliticizado ao verbo, mas o preposicionado não; o pronome fraco representa uma espécie de flexão dos objetos que o verbo possui: objeto direto, indireto ou oblíquo.
3. O pronome fraco corresponde a clíticos como o acusativo *o*, o dativo *lhe*, os ablativos/locativos *hi/en*, o genitivo/partitivo *en*, pronomes pessoais do tipo *eu>o*, *você>ocê/cê*, *ele>ei* no PB, a pronomes reflexivos do tipo *se*, a pronomes possessivos como *sa/sua,seu*, ao pronome demonstrativo neutro do tipo *o*, ou a um pronome não-realizado foneticamente, entre outros.
4. O pronome tônico corresponde a pronomes ou sintagmas nominais preposicionados, representado por PPs do tipo acusativo *ele / a ele // NP / a NP*, dativo *a ele/a NP*, ablativo/locativo *em NP/de NP*, genitivo/partitivo *de NP*, ou pronome pessoal do tipo ELE, também existente no PB, ou pronome possessivo do tipo *de ele/de NP*, ou pronome integrante *que* introduzindo uma oração subordinada substantiva.

5. Esses dois pronomes correferenciais podem ocorrer em três situações: (i) os dois pronomes podem aparecer ao mesmo tempo, como em [clítico NP/PP] ou [NP/PP clítico], não importando a ordem que eles tomem; (ii) só um dos pronomes aparece, como em [(Ø = clítico) NP/PP] ou [clítico (Ø = NP/PP)], sendo que um deles está nulo, e (iii) os dois pronomes estão nulos, como em [(Ø = clítico) (Ø = NP/PP)], ou seja, foram zerados e esse tipo de caso tem ocorrências no PM.
6. Quando esses dois pronomes aparecem ao mesmo tempo e em volta de um verbo, podem estar em adjacência estrita, ou não. Quando em adjacência estrita aparecem lado a lado, como em [clítico NP/PP]; quando em adjacência não estrita, podem ocorrer constituintes entre eles, ou um deles pode sofrer deslocamento para uma posição periférica da sentença.

O pronome locativo dobrado *hi + SP*, que vai ser estudado no Cap. II desta tese, consta de dois constituintes que são correferenciais: (i) o clítico *hi*, que é o pronome fraco, e (ii) o sintagma preposicionado *em NP*. O *hi* é o dobrador do sintagma preposicionado, e os dois juntos constituem uma minioração que se agrega a muitos tipos de verbos, inclusive ao verbo *estar*. Esse dobramento passa por etapas de gramaticalização, ao longo do PM, que culmina com o desaparecimento do pronome fraco, que contém os traços [-referencial] e [-específico], mantendo-se somente o sintagma preposicionado.

I.2 - GRAMATICALIZAÇÃO

Para entender as alterações do verbo *estar*, aplicarei o conceito de gramaticalização, tal como aparece em Roberts (1993), Lightfoot (1979) e outros.

I.2.1 - Conceito de gramaticalização

Roberts (1993) mostra que o processo de gramaticalização "é a mudança de uma categoria lexical para uma funcional (associada à perda de conteúdo lexical)". No caso dos verbos, essa categoria lexical passa pelos seguintes estágios: (i) verbo pleno, (ii)

construção predicativa, (iii) forma perifrástica, e (iv) aglutinação. Ele faz ainda as seguintes distinções: (i) um verbo pleno estabelece relações temáticas, e o auxiliar, não; (ii) um auxiliar funcional é gerado em I, e auxiliar lexical é gerado em V mas pode se movimentar para I; (iii) um auxiliar funcional (morfema livre) é de natureza X^{-1} , e um afixo de tempo/concordância, é de natureza X^0 .

Formalizando a noção de gramaticalização, Roberts se utiliza de duas noções: a de núcleos funcionais e a de movimento de núcleo-para-núcleo. Em relação aos núcleos funcionais, o autor se atém ao fato de que categorias lexicais possuem núcleo com conteúdo lexical ao passo que as categorias funcionais não têm conteúdo lexical. O trânsito de uma categoria lexical para uma categoria funcional poderia indicar um processo de mudança de categoria.

Em relação à noção de movimento de núcleo-para-núcleo, Roberts mostra que a mudança de uma categoria lexical para uma categoria funcional nada mais é que o movimento de um núcleo lexical para um núcleo funcional. Exemplificando: em francês todos os verbos finitos (plenos ou auxiliares) podem se mover para I, mas os não-finitos não, enquanto que em inglês só os verbos finitos auxiliares aspectuais (*have* e *be*) podem se mover para I, os outros não podem. Essa distinção sintática entre auxiliares e verbos plenos é uma atestação de que os auxiliares têm a capacidade de se mover com mais liberdade que verbos plenos. A liberdade dos auxiliares pode ser explicada em termos da teoria θ : os verbos principais estabelecem relações temáticas com os argumentos (do tipo Agente, Paciente, Beneficiário, etc.) e os auxiliares não. Assim, Roberts chega a uma primeira distinção entre verbos plenos e auxiliares: os primeiros atribuem papel- θ e os auxiliares, não.

Prosseguindo, Roberts faz uma distinção na categoria do auxiliar: auxiliares funcionais, que são membros de I, e auxiliares lexicais, que são membros de V. No inglês, os modais são auxiliares funcionais enquanto que os aspectuais são lexicais. Os modais do inglês só podem aparecer num I com tempo e estão em distribuição complementar com *to*, marcador de infinitivo, e *do*, portador das marcas de

tempo/concordância, ambos membros de I. A diferença entre auxiliares funcionais e lexicais está na possibilidade de movimento que eles podem ter: os lexicais podem se mover para I e os funcionais são gerados em I.

Por último, fazendo distinção entre auxiliar funcional (morfemas livres) e afixo de tempo/concordância, Roberts diz que os morfemas livres são de natureza X^0 enquanto que afixos são de natureza X^{-1} , e conseqüentemente auxiliares funcionais são I^0 enquanto que afixos de tempo/concordância são I^{-1} .

Roberts aplica essas noções para explicar a gramaticalização de *habere* no desenvolvimento do futuro perifrástico românico:

(1) *Habere* como verbo autônomo, no latim clássico, tinha vários sentidos; ele sobreviveu formal e semanticamente como verbo autônomo em várias línguas românicas: fr. *avoir*, it. *avere*, etc.; sofreu gramaticalização como marcador de futuro somente em certos contextos, sendo que o contexto básico foi aquele em que aparece com infinitivo.

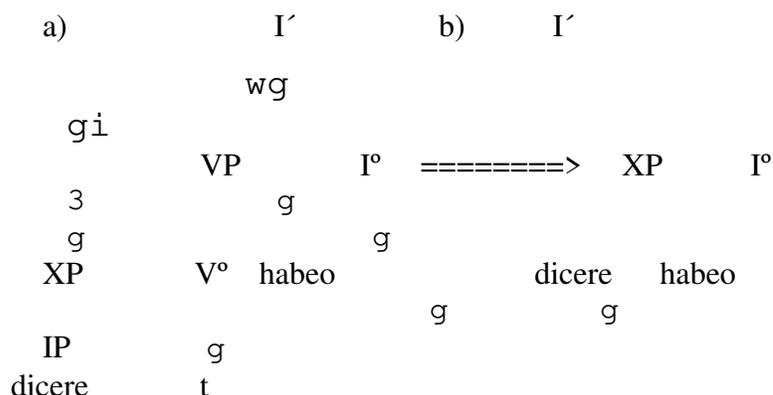
(2) *Habere* + infinitivo apresenta pelo menos três estágios de desenvolvimento da perífrase:

(i) No latim, *habere* tinha um sentido modal (perto do sentido de *be to* do inglês: "*John is to go to London today*") e o infinitivo, de caráter nominal, era passivo, estabelecendo com *habere* uma espécie de complementação; isso sugere que *habere* tinha a capacidade de selecionar a voz do infinitivo, assim, *habere* + infinitivo passivo funcionalmente era equivalente ao particípio futuro passivo, onde *habere* marcava a idéia de futuro e o infinitivo marcava a de passividade; isto, por sua vez, implica em dizer que *habere* tem um conteúdo funcional e o infinitivo, um conteúdo lexical ou temático. Assim, *habere* é semelhante aos auxiliares aspectuais do inglês, francês, etc.; nesse tipo de construção *habere* é um verbo auxiliar no sentido de que não atribui papel- θ ao seu complemento; nessa altura *habere* é um auxiliar lexical.

(ii) Entre os séculos III e VI a perífrase se espalhou para vários tipos de verbos (intransitivos na forma ativa e inacusativos); a forma sintética *cantabo* desapareceu.

(iii) Por volta dos séculos VII e VIII (fim do período imperial) a perífrase tem claramente um sentido de futuro, *habere* estava gramaticalizado como um marcador de futuro, sendo portanto um auxiliar funcional e não tendo chegado ainda a um estágio de afixo; *habere* sofreu uma reanálise do seguinte tipo:

(25)



Habere passou a ser gerado em I, tendo havido a eliminação do movimento de V-para-I. A reanálise diacrônica foi possível devido a três fatores:

- i) sentido temporal de *habere*, já que a noção temporal está associada com núcleos funcionais;
- ii) redução da forma de *habere*,
- iii) mudança no sistema de complementação do latim tardio.

Essa mudança no sistema de complementação provocou também uma reanálise categorial de muitos complementos DP complexos. Roberts sugere que o complemento infinitivo também foi reanalisado categorialmente ao mesmo tempo, e que o antigo DP se tornou VP, ou provavelmente uma categoria funcional TP. Essa mudança geral no sistema de complementação transformou *habere* num auxiliar funcional e fez de infinitivo + *habere* uma construção mono-oracional.

A passagem de *habere* de auxiliar funcional para afixo se deu nas várias línguas românicas mas em diferentes épocas, pois por volta da 842 já aparece como afixo em francês, tornando-se afixo no espanhol por volta do século XVI.

Segundo Lightfoot (1979), no Inglês Antigo e Medieval houve alterações significativas num grupo de verbos que são chamados de pré-modais: *sculan*, *willan*, *magan*, *cunnan*, *motan*. Eles tinham todas as propriedades de verbos autônomos, plenos:

- i) possuíam paradigma completo de número/pessoa,
- ii) se posicionavam como os outros verbos em relação à negação e inversão,
- iii) podiam ocorrer adjacentes uns aos outros;
- iv) podiam aparecer como gerúndio ou infinitivo,
- v) podiam ocorrer em posição final de sentença, como qualquer verbo neste estágio do inglês, quando a ordem básica era SOV,
- vi) podiam ter complementos como objeto direto.

No Inglês Moderno, os modais pertencem à classe dos auxiliares pois não possuem as propriedades sintáticas de verbos autônomos:

- (i) não possuem concordância de número,
- (ii) não podem ocorrer adjacentes uns aos outros,
- (iii) não podem ocorrer como infinitivo ou gerúndio, e
- (iv) não possuem complementos.

Mas, como os verbos autônomos, possuem inversão sujeito-auxiliar e se posicionam como eles em relação à negação.

Esse tipo de mudança ocorreu inicialmente somente no campo sintático, sendo que as mudanças semânticas, segundo este autor, não afetaram as mudanças sintáticas e foram independentes destas, não se podendo então estabelecer correlação entre elas.

Essas mudanças teriam se dado em dois estágios diferentes. O primeiro estágio durou um longo tempo e se caracterizou por mudanças aparentemente independentes umas das outras, que tiveram o efeito de isolar os pré-modais como uma classe distinta. O segundo estágio ocorreu no século XVI e reanalisou *cunnan*, *magan* como uma nova categoria verbal, a dos modais.

As mudanças ocorridas com os pré-modais, no primeiro estágio, foram:

- i) perda da capacidade de ter complementos diretos;
- ii) perda em todos os verbos dos pretéritos-presente com exceção dos pré-modais;
- iii) perda do sentido de passado em formas como *shall / should, will / would e can / could*, sendo que *should / would / could* possuem o sentido de futuro do presente, e existem independentemente de *shall / will / can*;
- iv) a introdução do *to* infinitivo favoreceu o isolamento dos pré-modais, apesar de ser uma alteração não ocorrida propriamente na classe dos pré-modais.

No começo, *to* apareceu como uma verdadeira preposição com o sentido de "direção para". Gradualmente a força preposicional de *to* se atenua e o uso de *to* + infinitivo aumenta rapidamente durante o período medieval. Nos glossários e dicionários do período medieval a alternância de uso entre *to* e infinitivos puros é grande. O que é relevante é que *to* nunca ocorre logo depois de pré-modais: "*It seems that the pre-modals were already beginning to be identified as a unique class*": Lightfoot (1979:109)

As mudanças do segundo estágio se iniciam numa classe já constituída, a dos modais:

- i) Em relação à posição da negação, todos os verbos plenos começam a se posicionar depois dela, menos os modais recém surgidos.

- ii) Em relação à inversão sujeito-auxiliar, todos os verbos plenos não sofrem mais esse tipo de inversão, mas os novos modais sim;
- iii) Um novo conjunto de verbos começam a fazer parte da classe dos modais: *be going to, have to, be able to*; são chamados de "quase-modais", são semanticamente idênticos aos modais *shall / will / can / must* mas diferem sintaticamente, pois possuem propriedades dos verbos plenos.

Roberts (1985) detalha melhor como foi o surgimento dos auxiliares modais no inglês e fornece indícios mais claros sobre a passagem de um verbo pleno a auxiliar.

Os auxiliares modais do Inglês Moderno são diferentes dos verbos plenos quando se aplicam critérios como:

- i) inversão, na qual o modal aparece frontado em cláusulas interrogativas (26a)
- ii) negação, na qual aparecem depois da negação (26b)
- iii) concordância, a qual eles não mais possuem (26c)
- iv) formas não-finitas, nas quais eles não podem mais aparecer (26d)

(26)

- | | |
|-----------------------|--|
| a) inversão | <i>Must they leave?</i>
<i>*Leave they?</i> |
| b) negação | <i>They cannot walk</i>
<i>*They walk not</i> |
| c) concordância | <i>*He mays, musts, wulls, cans, etc.</i> |
| d) formas não-finitas | <i>*He has (?)might (etc.) to do it.</i>
<i>*They are canning to do it.</i>
<i>*They might could do it</i> |

No Inglês Antigo não havia as distinções apontadas acima pois os modais eram verbos plenos e podiam ser construídos com objeto direto ou infinitivo (27), além de ter o mesmo comportamento dos verbos plenos em relação à inversão (28a) e a negação (28b), e possuírem formas não-finitas (29):

(27)

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| a) <i>ic can eow</i> | "I know you" |
| b) <i>ic sculde tyn þusend punda</i> | "I had to pay ten thousand pounds" |
| c) <i>eall þæt he ahte</i> | "all that he possessed" |
| d) <i>he can manigfealdan spræce</i> | "he knows many languages" |
| e) <i>he can spreca</i> | "he can speak" |

(28)

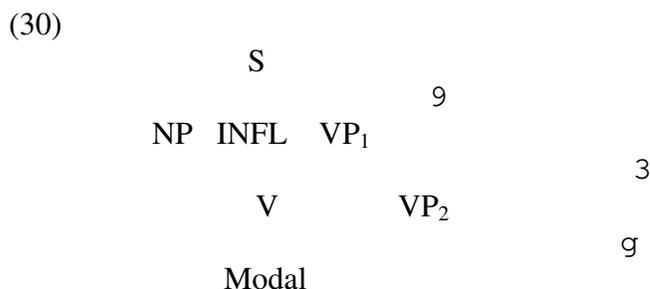
- a) *inversão*
- i. *Al her cariage was stole be the Frenshmen, so mote they nedes go home on fote*
"All their conveyance was stolen by the Frenchmen; so they had to go home on foot"
 - ii. *Wilt thou ony thinge with hym?*
"Do you want him for anything?"
 - iii. *Than longen folk to goon on pilgrimages*
"Then people want to go on pilgrimages"
- b) *negação*
- i. *#if #e wollnot to haue mercy of God*
"If you don't want God's mercy"
 - ii. *Thy godfadirs wyff thou shalt not take*
"Yow shall not take your godfather's wife"
 - iii. *A blynde man kan nat juggen wel in hewis*
"A blind man cannot judge colours well"
 - iv. *He ne held it noght*
"He did not hold it"
 - v. *My wyfe rose nott*
"My wife did not get up"

(29)

- | | |
|---|--|
| a) <i>I shall not konne answeere</i> | "I will not be able to answer" |
| b) <i>Cunnyng no recour in so streit a need</i> | "Knowing no recourse in so desperate a need" |
| c) <i>if we had mought conuenient come together</i> | "If we had been xxx meet conveniently" |
| d) <i>if he had wold</i> | "If he had wanted to" |

Apesar deles serem verbos plenos nessa fase do Inglês, apresentavam alguns fatos que os tornavam verbos diferenciados tanto do ponto de vista sintático como do morfológico.

Do ponto de vista sintático, os modais do Inglês Médio em (28), aparecem precedendo um infinitivo, o que significa que eles subcategorizavam um VP, como mostra (30). O modal devia se mover até INFL para ser regido morfológicamente:



Os modais tinham propriedades diferentes de marcação- θ : (i) eles subcategorizavam um VP e conseqüentemente esse VP levava uma marca θ , o que faz desse VP um argumento, e como argumentos são referenciais, a marcação do VP não parece correta; sabe-se que os modais tinham argumentos não-referenciais, o que é uma propriedade marcada; (ii) o modal também podia ser sujeito do núcleo do VP₂, como se vê em (28b,ii) e (28b,iii), pois *thow* e *a blynde man* são os sujeitos de *take* e *juggen.*; e (iii) alguns modais podiam subcategorizar objeto direto, aos quais era atribuído papel- θ :

- (31)
- | | |
|--|---|
| a) <i>for all the power thai mocht</i> | "for all the power at their command" |
| b) <i>Ich hit wulle heortlicher</i> | "I want it very much" |
| c) <i>God grante I mot wel achieve</i> | "God grant that I'll be able to achieve it" |

Do ponto de vista morfológico, os modais constituíam uma sub-classe de verbos bem definida, pois possuíam conjugação irregular: (i) o tempo presente possuía concordância de 2ª pessoa singular, mas não de 3ª pessoa singular, (ii) o pretérito também era formado irregularmente, embora tivesse concordância de plural regular. Essa irregularidade tanto do presente como do pretérito era conseqüência da classe de modais existente na classe dos verbos pretérito-presentes do Proto-Germânico. Nesses verbos

pretérito-presentes, o pretérito havia tomado as funções do presente, e um novo pretérito havia se formado por analogia. Essa classe tinha cerca de uma dezena de membros no Inglês Antigo.

A concordância de plural foi perdida no início do século XVI, só restando a 2ª pessoa do singular e a distinção morfológica pretérito/presente, que não correspondia a uma oposição semântica, e que permitiu a criação de pares de itens como *shall* e *should*, e não diferentes tempos do mesmo verbo.

No período do Inglês Médio, a distinção entre o indicativo e o subjuntivo foi perdida por causa de mudanças fonológicas e houve, ao mesmo tempo, o aumento do uso de construções perifrásticas envolvendo um modal com um infinitivo. O subjuntivo simples foi sendo substituído pelo modal perifrástico, dando um subjuntivo perifrástico. Esse desenvolvimento foi importante para a mudança paramétrica, pois os modais começaram a aparecer como "substitutos semânticos" da flexão verbal. "This meant that modals were being construed as clausal operators, like subjunctive inflection." (Roberts 1985:42) A aproximação entre os modais e o subjuntivo parece ter se dado porque os modais expressavam noções modais mais gerais.

A flexão verbal de concordância já havia desaparecido quase totalmente em meados do século XVI. Essa perda da flexão se deveu a alterações fonológicas e atingiu também a flexão nominal: perda do caso em nomes e perda da marca de concordância dos adjetivos. A perda da flexão verbal ocorreu ao longo de um grande período e não foi total pois restaram *-s*, como marca da 3ª pessoa singular, e *-st*, como marca da 2ª pessoa singular.

Nesse mesmo período começaram a surgir muitas construções perifrásticas, e uma das mais importante foi a com *do*, que era um portador de tempo semanticamente vazio, não atribuía papel- θ , e aparecia in INFL, como os modais. Então, modais eram substitutos perifrásticos para o subjuntivo, e *do* era um substituto perifrástico para tempo. O aparecimento de perífrases com *do* indica um aumento das construções com concordância verbal sintática e V "in situ" se opondo à regência verbal morfológica e movimento

verbal para INFL. **Do** foi inicialmente usado com infinitivos e com o sentido causativo, que desapareceu por volta do século XVI:

(32)

- a) *that they kepyn and **do kepyn** ... accorde and pes* "that they keep and make (others) keep accord and peace"
 b) *they shall putt or **done putt** in any certaine place* "they shall put or have put"

(33)

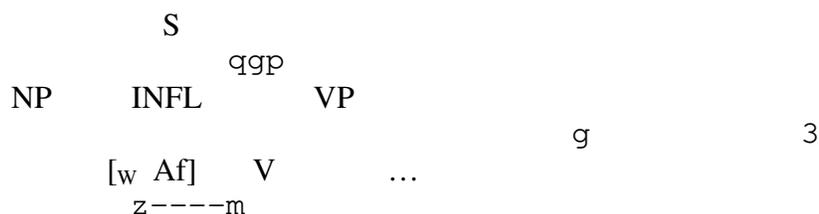
*Every such person ... shall **doe make** a seale* "Every such person shall have a seal made"

Do era usado sobretudo em perguntas e negativas, sendo que no século XVI mais de 90% das perguntas negativas, quase 60% das perguntas afirmativas e quase 40% das sentenças negativas se utilizavam da perífrase com *do*.

Observa-se que no século XVI, o aumento de frequência de uso de construções perifrásticas com modais e *do* e o empobrecimento da flexão de concordância, levou a uma mudança no sistema de concordância. A mudança foi de um sistema morfológico de concordância para um sistema sintático de concordância, ou seja, V não se movia mais para INFL em cláusulas finitas para ser regido por um afixo de concordância, pois V passa agora a ser regido sintaticamente em sua posição de base por algum elemento em INFL, um auxiliar ou traços abstratos de concordância (AGR). A mudança pode ser vista nos diagramas abaixo:

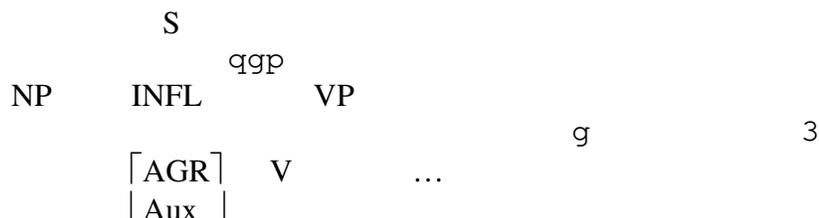
(34)

a) Inglês Médio



Af rege V morfologicamente

b) Inglês Moderno



Muitas foram as conseqüências dessa mudança de um sistema de concordância morfológica para um sistema de concordância sintática:

(i) o principal deles foi a impossibilidade de V se mover para INFL, pois ele possui agora somente um lugar de pouso, que é ocupado por AGR, *to* ou algum auxiliar

(ii) o comportamento diferente, hoje em dia, de modais e verbos plenos em perguntas e negativas, pois modais devem aparecer em INFL, porque não atribuem mais papel- θ e não podem aparecer em V:

(35)

a) inversão: *Must they leave?*

**Leave they?*

b) negação: *They cannot walk*

**They walk not*

(iii) o desenvolvimento obrigatório do *do* como suporte de tempo, pois V não se move mais para INFL;

(iv) a ausência de concordância nos modais e a impossibilidade de aparecerem em formas não-finitas, faz esses verbos serem regidos por **to** em INFL;

(v) o desaparecimento de objeto direto dos modais

(36)

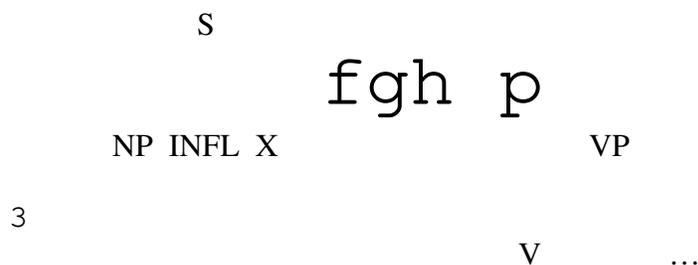
- a) *the leeste ferthyng þat y men shal*
 b) *Yet can I Musick too* "Yet I know music too"
 c) *for all the power thai mocht* " for all the power at their command"

(vi) flutuação de quantificadores com a ausência do movimento de V-para-INFL no Inglês Moderno; esses quantificadores quando associados ao sujeito podem flutuar do lado direito de auxiliares mas não depois de verbos plenos (37); assumindo que quantificadores sempre apareceram em posição X, mostrado no diagrama (38), quando há a perda de movimento de V-para-INFL, eles passam a se localizar antes do verbo pleno e não mais depois;

(37)

- a) *They must have all left*
 b) **They must have left all*

(38)



(vii) a mesma explicação dada acima serve também para os advérbios que apareciam entre um verbo com tempo e seu objeto (39), pois V não se move para INFL:

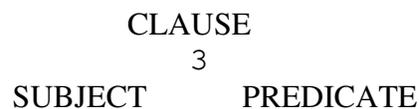
(39)

- a) **he wrote well the poem*
 b) **he touched lightly her shoulder*

I.2.2 - A minioração

A teoria da minioração aqui utilizada foi formulada por Stowell (1995: 272), nos seguintes termos: *"Small clause theory is based on the conviction that this semantic relation is reflected uniformly in constituent structure, in the sense that the subject/predicate relation is always encoded syntactically in terms of a pair of sister constituents, as in"*

(40)



O predicado de uma minioração não é um verbo flexionado, como na "full clause", mas pode ser um verbo não-flexionado (infinitivo, gerúndio, particípio passado), um adjetivo, uma preposição ou um nome.

Podem ser encontrados diferentes tipos de miniorações, na dependência da categoria lexical do predicado: verbal, nominal, adjetiva e prepositiva. Esses tipos podem ser agrupados em dois subtipos: [+V], miniorações verbal e adjetiva, e [-V], miniorações nominal e prepositiva.

Quanto à sua estrutura interna, ela não é a projeção de uma categoria funcional, mas a projeção lexical do predicado, sendo que o sujeito ocupa o lugar de especificador dessa projeção ou é adjungido a ele.

A minioração pode ter a função gramatical de complemento (como em se vê em 41/1), de adjunto (42/2) ou predicativa (43a-c), estando relacionada com o sujeito ou com o objeto⁶. Os seguintes exemplos mostram esses tipos de miniorações (exemplos de Kato, 1998):

(41/1) Miniorações em função de complemento

- a) *Considero [os meninos inocentes]*
- b) *Maria acha [o João um gênio]*
- c) *Eu vi [as visitas saindo]*

(42/2) Miniorações em função de adjunto

- a) *Eu como as cenouras [PRO cruas]*
- b) *Encontrei o dinheiro [PRO escondido]*

(43) Miniorações com verbos de alçamento

- a) *Os meninos_i parecem [t_j inocentes]*
- b) *Essa conversa_i soa [t_j falsa]*
- c) *Os soldados_i continuam [t_j feridos]*

Kato, em seu trabalho “Tópicos como alçamento de predicados secundários” (2000), trata do NP com função de tópico que aparece na periferia da sentença. Ele tem um pronome correferente dentro da mesma sentença, é considerado um constituinte que sofreu um deslocamento à esquerda (DE), e se distingue do sujeito sentencial em três pontos:

(i) semanticamente, é referencial, não podendo ser quantificado

(44/1)

- a) **Os meninos_i**, eles_i preferem assistir o jogo.
- b) ***Poucos meninos_i**, eles_i preferem assistir o jogo
- c) Poucos meninos preferem assistir o jogo.

⁶ Kato (1998), no seu artigo sobre a existência de miniorações livres no português, distingue a minioração livre da dependente. São exemplos de minioração livre: “*Bonita a sua casa*”, “*Um artista o seu filho*”.

(ii) sintaticamente, está vinculado a um constituinte que possui papel argumental e que pode se realizar como pronome, clítico, epíteto, DP repetido ou categoria vazia:

(45/2)

- a) **O Collor_i**, ninguém mais quer ver ele_i de novo.
- b) **O Collor_i**, ninguém mais quer vê-lo_i de novo.
- c) **O Collor_i**, ninguém mais quer ver o safado_i de novo.
- d) **O Collor_i**, ninguém mais quer ver o Collor_i de novo
- e) **O Collor_i**, ninguém mais quer ver cv_i de novo.

(iii) pragmaticamente, não pode ser focalizado:

(46/3)

A: - Quem comeu o bolo_i ?

B: - **O bolo_i**, a Xuxu comeu cv_i.

(47/4)

A: - O que aconteceu?

B: - ***O bolo_i**, a Xuxu comeu cv_i .

A autora propõe que esse tópico “resulta do movimento de um DP com função de predicado secundário no interior da sentença cujo sujeito é o resumptivo forte ou clítico”. Esse DP pode executar um movimento de deslocamento à pequena distância, como em (48/8b), (49/9b) e (50/10b), ou a longa distância, como em (48/8c), (49/9c) e (50/10c):

(48/8)

- a) Eu acho que [ele_i **o menorzinho_i**] é tímido.
- b) Eu acho que **o menorzinho_i** [ele_i t_i] é tímido.
- c) **O menorzinho_i**, eu acho que [t_i [ele_i t_i] é tímido.

(49/9)

- a) I think I saw [him_i *the little one*_i] yesterday..
- b) I think, *the little one*_i, I saw [him_i t_i] yesterday.
- c) **The little one**_i I think t_i I saw [him_i. t_i] yesterday.

O mesmo se dá quando esse DE está ligado a um clítico acusativo:

(50/10)

- a) Eu acho que a Maria vai trazer [lo_i **o menorzinho**_i] hoje.
- b) Eu acho que [**o menorzinho**_i a Maria vai trazê-lo_i hoje].
- c) **O menorzinho**_i eu acho que a Maria vai trazê-lo_i hoje.

No caso do PB, o clítico acusativo, segundo Kato (1993), de terceira pessoa é um clítico nulo, e o paradigma dos clíticos acusativos fica me-, te-, Ø- . Os exemplos de (50/10), no PB ficam assim:

(51/11)

- a) Eu acho que a Maria vai trazer [Ø_i **o menorzinho**_i] hoje.
- b) Eu acho que **o menorzinho**_i a Maria vai trazer-Ø_i hoje.
- c) **O menorzinho**_i eu acho que a Maria vai trazer-Ø_i hoje.

O sujeito, um pronome resumptivo forte ou um clítico, e o DP deslocado constituem uma predicação secundária ou minioração que é de um tipo diferente daquele da minioração atributiva. Suas características são:

(i) é uma minioração equativa, o que permite a inversão dos seus constituintes, como em (52/12), o que não acontece com a atributiva (53/13), como observou Stowell (1989, apud Kato (2000)), :

(52/12)

- a) The picture on the wall was the cause of the accident.
- b) The cause of the accident was the picture on the wall,

(53/13)

a) Sam is a teacher.

b) *A teacher is Sam. (Stowell, 1989: p.255, apud Kato 2000)

(ii) é uma minioração sem cópula, como em (55/15), e como mostram as restrições em (54/14)

(54/14)

a) I think [**he_i a teacher_i**] is shy.

b) *I think **a teacher_i** [**he_i t_i**] is shy.

c) ***A teacher_i** I think t_i [**he_i t_i**] is shy.

(55/15)

a) **He_i is Sam_i**.

a) I think [**he_i Sam_i**] is shy.

b) I think **Sam_i** [**he_i t_i**] is shy.

c) **Sam_i** I think t_i [**he_i t_i**] is shy.

(iii) os dois DPs, que constituem a minioração, têm que ser definidos, mas o SPEC do DP predicado não pode estar preenchido por um pronome, como mostra (56/16c):

(56/16)

a) Esse cantor é o genro do Chico.

b) [**Ele_i esse cantor_i**] é o genro do Chico.

c) [**Esse cantor**]_i [[**ele_i t_i**] é o genro do Chico.]]

b') Esse cantor é [**ele_i o genro do Chico**]

c') *[[**O genro do Chico**]_i [esse cantor é [**ele t_i**]]]

como mostram as figuras 1 e 2

- b) La femme que **Jean_i, il_i** aime est partie.
 c) A mulher que o **João_i, ele_i** ama foi embora.

(60/23)

- a) The woman that **me_i, I_i** love is gone.
 b) La femme que **moi_i, j_i**'aime est parti.
 c) *A mulher que **eu_i, eu_i** amo foi embora .

Para Kato (2000) o lugar de pouso do DP predicativo é a categoria funcional ΣP , ficando assim a representação desse DP em posição de tópico:

(48/8)

- c') [ΣP **O menorzinho_i**, [IP eu acho que [ΣP t_i [IP [ele_i t_i] é tímido.]]]]

Essa posição de tópico não possui papel- θ , mas seu correferente, um pronome resumptivo, tem papel temático. Além disso, esse DE tem um caso “default”, que é o mesmo caso do pronome forte que aparece como predicativo.

(61/17)

- a) It's **me**.
 b) Cést **moi**.
 c) Soy **yo** .
 d) Sou **eu**.

(62/18)

- a) Carlinhos Brown é **o genro do Chico**.

“Assim, o predicativo, que apresenta caso “default” mostra um caso de variação translingüística: é dativo no francês, acusativo/dativo no inglês e nominativo no português e no espanhol. Esse mesmo caso é o que aparece quando se duplica o sujeito pronominal”:

(63/19)

- a) **Me**, he thinks I should rest a little.
- b) **Moi**, il pense que je devrais rester un peu.
- c) **Eu**, ele pensa que (eu) devia descansar um pouco.

Kato (2000) representa o caso “default” do DP em posição de tópico desse modo:

(48/8)

c”) $[_{\Sigma P} \mathbf{O\ menorzinho}_i, [_{IP} \text{ eu acho que } [_{\Sigma P} t_i [_{IP} [\mathbf{ele}_i \quad t_i \quad \quad] \text{ é tímido.}]]$

↑ _____ (+c. “default”)

cadeia nominativa

Finalizando, Kato demonstra como é possível explicar tanto os DEs como os CLLDs postulados por Cinque (1990), de uma forma unificada quando se considera todos com o mesmo ponto de origem – um predicado secundário ou uma minioração. Tomando um exemplo de Cinque:

(64/27)

Al mare, ci siamo già stati. (ao mar, lá já estivemos) .

Propõe (65/28a) como uma minioração com a estrutura inicial de (64/27), tal como em (50/10), e (65/28b) como a estrutura no momento do “spell-out”.

(65/28)

- a) [**Ci**_i **al mare**_i] siamo già stati.
- b) **Al mare**_i (**ci**_i [_{pp}t_i]) siamo già stati .

“Contudo, o predicado não terá o traço [+R] , exclusivo dos DPs, o que inabilita [al mare] a pousar em Especificador de Σ , este sim, responsável pelo movimento longo. Os predicados diferentes de DP se adjungem localmente a seu IP. Sendo adjuntos podem ser recursivos. Se assumirmos que a categoria ΣP só é projetada em raízes e complementos de

verbos “bridge” explica-se sua distribuição estrita nesses contextos, possivelmente se supusermos que Σ é o contexto onde se codifica o juízo categórico (cf Britto, 1995)”(Kato, 2000:11).

I.2.3 - As formas nominais do verbo e a minioração

Com respeito ao verbo não-flexionado que opera como minioração, vejamos o que a seu respeito dizem alguns autores como Kayne (1987), Salvi (1987) e Ribeiro (1993).

I.2.3.1 - O particípio passado como uma minioração

Tratando da concordância do particípio passado em construções com o auxiliar *avoir* no francês, Kayne (1987) cita três tipos de construções com particípio:

- i)* uma sem concordância, pois o particípio não concorda com o NP que o segue (66b)
- ii)* duas com concordância, podendo ser, essa concordância, ou com um clítico acusativo (67a), ou com uma construção-Wh (67b):

(66)

- a) Paul a repeint les chaises*
- b) *Paul a repeintes les chaises*

(67)

- a) Paul les a repeintes*
- b) Les chaises que Paul a repeintes.*

O autor propõe que tanto um verbo finito (68a) como um particípio (68b) possuem um nóculo AGR, que concorda com um nóculo NP através de uma coindexação. Enquanto o verbo finito concorda com seu sujeito, pois os dois estão sujeitos às condições de localidade, o particípio não pode concordar diretamente com o clítico que o antecede, e assim Kayne postula a existência de uma categoria vazia precedendo esse particípio, com a qual ele concorda. Então fica estabelecida uma relação

de concordância local muito maior do aquela que haveria entre AGR e o clítico. Essa concordância pode ser vista em (69), que possui uma "Wh-phrase":

(68)

- a) NP_i AGR_i [VP V....]
 b) *Paul les_i a [e]_i AGR_i repeintes [e]_i*

(69)

- a) *Je me demande combien de tables Paul a repeintes.*
 b) *combien de tables_i Paul a [e]_i AGR_i repeintes [e]_i*

A postulação da existência de uma categoria AGR, tanto para o verbo finito como para o particípio passado, permite aproximar línguas como o italiano e o francês, mas separa o espanhol, que possui uma estrutura como (70):

(70) "*NP CL_i Vaux Vpp [e]_i*"

A categoria vazia extra postulada não pode ser preenchida por um SN lexicalizado (71) porque viola a teoria de Caso. *Avoir* não é atribuidor de caso, e isso fica evidente quando se usa o clítico *le*, pois ele é incompatível com o auxiliar como em (72a); mas quando o auxiliar é *être*, tanto em (72b) como em (72c), as sentenças são gramaticais, pois o verbo é atribuidor de caso. Em (72d), como *avoir* não é atribuidor de caso, o Caso deve ser atribuído pelo particípio ao SN que ele rege, que fica representado em (72e,f):

(71)

**Paul a ces tables repeint(es)*

(72)

- a) *Paul a téléphoné (à Marie)*
 b) **Paul l'a téléphoné (à Marie)*
 c) *Paul sera photographié par Marie*
 d) *Paul le sera par Marie*
 e) *Paul les a repeintes*

f) *Paul les a [e] AGR repeintes [e] Caso*

Os exemplos (73a, b) são agramaticais pois *ces tables* ocupa uma posição- \bar{A} , violando o seguinte princípio: *se uma cadeia de caso-marcado está contida num núcleo dominado por uma posição-A, então àquela posição-A deve haver Caso atribuído.*

(73)

- a) **Paul a ces tables repaint(es)*
- b) **Paul a ces tables AGR repeintes [e] Caso*

No caso da "Wh-phrase" '*combien de tables*' (77a), sendo ela um operador, não é parte relevante da cadeia pois a primeira categoria vazia [e] não está numa posição-A, mas adjungida a IP (AGRP), e contida no núcleo de AGR_i, como em (74b). Uma teoria que restringe a concordância impõe a presença de um [e] extra, e, devido ao fato do auxiliar *avoir* não ser atribuidor de caso, esse [e] está numa posição- \bar{A} .

(74)

- a) *combien de tables*_i Paul a [e]_i AGR_i *repeintes* [e]_i Caso
- b) ... *combien de tables*_i Paul a [_{IP} [e]_i [_{IP} AGR_i *repeintes* [e]_i Caso]]

Em construções como (75a-b)

(75)

- a) *une femme qu' on a dit belle*
- b) *une femme qu' on a dit ne pas être belle*

a primeira tem o sujeito de uma minioração dependente sofrendo movimento Wh, e a segunda tem a minioração trocada por um infinitivo. A sentença (75a) pode ter concordância do particípio passado, como em (76a), mas (75b) não, como em (76b):

(76)

- a) *une femme qu' on a dite belle*
- b) *? *Une femme qu' on a dite ne pas être belle.*

A estrutura de (76a) é

(77) $WH_i NP a [IP [e]_i [IP AGR_i dite [[e]_i belle]]]$

na qual o segundo $[e]_i$ é regido pelo particípio sobre a fronteira da minioração.

A sentença (76b) é agramatical porque o francês não permite que o sujeito de uma sentença dependente infinitiva possa ser regido através da fronteira de um verbo como *dire*. Para adequar (76b), tem que ser atribuído um papel essencial ao traço deixado em Comp pelo movimento Wh, assim representada:

(78) $...Wh_i NP a dit [CP [e]_i [IP [e]_i ne pas être belle]]$

e para adequar (76b), há a necessidade de se postular uma categoria vazia extra adjungida ao IP que tem por núcleo um AGR particípio:

(79) $... Wh_i NP a [IP [e]_i [IP AGR_i dite [CP [e]_i [[e]_i....]]]]]$

mostrando que a posição de sujeito de uma minioração é acessível à regência do verbo matriz.

Em conclusão, o particípio passado nunca concorda diretamente com um NP em posição de objeto. Quando há concordância, ela é feita com um NP que foi movido para uma posição regida por um elemento abstrato AGR, gerado como irmã ao VP que é núcleo do particípio.

Para Salvi (1987), a criação de perífrases verbais para expressar a anterioridade foi uma inovação das línguas românicas, pois o latim clássico somente possuía a forma sintética. O tipo que mais se espalhou foi o do verbo HABERE + particípio passado.

Nas línguas românicas atuais não são visíveis as relações que existem entre a forma verbal plena de *habere*, como indicador de posse, e a forma de auxiliar *avere*. Parecem ser dois verbos totalmente diferentes um do outro, mas quando se tem uma visão diacrônica do problema, pode-se perceber a conexão entre as duas formas, e é o latim que fornece essas evidências.

O latim tinha construções como (80), considerada precursora da perífrase românica, na qual *habeo* ainda tem o sentido de posse. Nesse exemplo a sentença tem o sentido de "tenho uma carta escrita" e não "tenho escrito uma carta". De um ponto de vista sintático, *habeo* vem seguido de dois complementos: o objeto direto *epistolam* e a minioração nominal *scriptam*:

(80)

<i>habeo</i>	<i>epistolam</i>	<i>scriptam</i>
<i>haver, 1ª pes. sg.</i>	<i>carta-acusativo</i>	<i>escrita - acusativo</i>

O particípio *scriptam*, do ponto de vista sintático, apresenta sentido ambíguo se visto como verbo ou como adjetivo. Como um verbo, tem o sentido de uma passiva e pode ser usado com advérbios, e esse comportamento pode ser visto em exemplos do italiano, como em (81a), com o sentido de (81b), que representa sua forma passiva, e com (81c), seguido de advérbio:

(81)

- a) *La porta è chiusa*
- b) *Chiudono* *la porta*
 fechar-3ª p. pl. *a porta*
- c) *La porta è chiusa violentamente*

Como adjetivo, expressa um estado "A porta está em um estado de fechamento" (82a), não é compatível com advérbios como *violentamente* (82b), e pode, como em (83), estar numa forma comparativa. Enquanto o primeiro sentido de (81) indica que o

fechamento da porta tem lugar agora, o segundo sentido expressa o estado resultante da consequência do fato da porta ter sido fechada previamente.

(82)

- a) *Tenevo la porta chiusa*
ter-1ª p. sg. a porta fechada
 b) **Tenevo la porta chiusa violentamente*

(83)

comitiorum dilationes occupatiorem me habebant
ocupado-comp-acus. me ter-3ª p. pl.

No exemplo latino, fica claro que somente participios com valor de adjetivo é que podem aparecer nesse tipo de construção: participios de verbos imperfectivos e de verbos perfectivos que possuem o sentido resultativo.

A estrutura de (80) pode ser representada assim:

(84) NP [_{VP} *habeo* [_{A"} NP A"]]⁷,

na qual o verbo *habeo* rege a minioração com um núcleo adjetival. A estrutura formada por NP e A", que contém o participio, estabelece uma relação de predicação semelhante àquela que existe entre o sujeito e o seu VP numa estrutura sentencial. O fato do sujeito do participio aparecer superficialmente como objeto direto do verbo *habeo* pode ser aceito se se assumir que a barreira representada pela fronteira da minioração não impede o verbo matriz de atribuir caso acusativo ao sujeito da minioração. Como *habeo* tem um sentido verbal pleno, seu comportamento sintático reflete isso: atribui um papel temático ao seu sujeito (DATIVO) e um outro à minioração que rege (OBJETO); então ele atribui caso acusativo ao sujeito da minioração. Essas relações podem ser representadas assim:

⁷ A representação feita por Salvi foi utilizando barras em cima de algumas categorias funcionais. Essas barras foram substituídas por aspas simples: A', A", A"', V', V'', V'''.

(85)

DATIVO OBJETO
 a-----la----l
 NP [VP habeo [A^m NP Aⁿ]]
 z-----m
 acusativo

O sentido de (80) é 'Eu próprio (o resultado do fato que) tenho uma carta escrita'. Nessa estrutura não há conexão entre *habeo* e *scriptam*, e o sujeito de *habeo* pode ser diferente do sujeito lógico de *scriptam*, isto é, aquele que escreveu a carta pode ser diferente daquele que tem a carta.

Para Salvi, a mudança ocorrida ainda no latim e continuada nas línguas românicas, começou primeiramente no nível semântico para depois atingir o nível sintático. Podem ser deduzidos dois fatores principais que iniciaram esse mudança semântica:

- i) o esvaziamento semântico de *habeo*
- ii) a coincidência entre o sujeito de *habeo* e o do particípio em verbos que expressam atividade intelectual.

O esvaziamento semântico de *habeo* se deu assim:

- i) Inicialmente ele era sinônimo de *teneo* "pegar", que expressava uma ação com valor durativo.
- ii) Depois passou a comportar a idéia de posse, não tendo mais uma idéia de ação.
- iii) Finalmente, adquire um sentido de relação genérica, como o que pode ser encontrado em sentenças como a latina '*quattuor et triginta tum habebat annos*', ou as italianas '*Piero ha fame*' ou '*Piero ha trent' anni*'. Esse esvaziamento de sentido vai até o ponto de *habeo* se tornar semelhante a *sum*, quanto a expressar simplesmente uma relação. *Habeo* e *sum* passam a expressar relações semânticas opostas: se *sum* é a ligação para

uma determinada relação semântica entre X e Y, a mesma relação pode ser estabelecida com *habeo*:

(86)

- a) *Domus est Petro*
casa-NOM é Pedro-DAT
"A casa é de Pedro"
- b) *Petrus habet domum*
Pedro-NOM tem casa-ACUS
"Pedro tem uma casa"

As duas sentenças descrevem o mesmo estado de coisas, mas com uma diferença: na primeira, (86a), o sujeito é a coisa possuída, e na segunda, (86b), o sujeito é o possuidor. Assim, se estabelece uma relação semelhante àquela que existe entre formas ativas e passivas: *'Piero mangia la mela'* e *'La mela è mangiata da Piero'*. Fatos assim podem ser encontrados no latim, como mostra (87a) e seu correspondente (87b), com o verbo *sum*:

(87)

- a) *Necdum omnia... edita facinora habent*
não ainda todos-ACUS revelados-pl-ACUS crimes-ACUS haver-3ª p. pl.
- b) *Necdum omnia eorum facinora edita sunt*
não ainda todos-NOM seus crimes-NOM revelados-pl.-NOM ser-3ª p. pl.

O segundo fator da mudança semântica foi a freqüente coincidência entre o sujeito de *habeo* e o sujeito do particípio. O sujeito lógico do particípio deve ser necessariamente o mesmo de *habeo*, o que estabelece uma conexão direta entre o particípio e o sujeito da sentença, como pode se ver em (88):

(88)

- haberem a Furnio ... tua ... consilia cognita*
haver-1ª p. sg. sobre Furnio tuas intenções-ACUS sabidas-pl-ACUS

Na construção original, o principal foco semântico estava entre *habeo*, com seus complementos, e o seu sujeito. Com o esvaziamento semântico desse verbo, o foco é transferido para seus complementos e seu sujeito. O particípio é o mais importante desses complementos por causa da correferência existente entre o sujeito da sentença e o sujeito subjacente do particípio. Assim, *habeo* não entra mais na interpretação semântica da construção, e a predicação é transferida para o particípio, que perde seu caráter de adjetivo e assume um papel verbal. A construção original, que expressava o resultado de uma ação de posse, passa a significar a ação passada em si mesma. O particípio passa a ser o verbo e *habeo* expressa somente o tempo.

A mudança sintática, não simultânea à mudança semântica, começou na própria categoria do particípio, pois aqueles oriundos de verbos perfectivos com sentido não-resultativo desapareceram porque não eram adjetivos e portanto, não estavam habilitados a entrarem nesse tipo novo de construção. Essa nova estrutura é representada como

(89) NP [_{VP} *habeo* [_{V^m} NP V^m]]

Voltando à representação em (89), tem-se *habeo* regendo uma minioração com um núcleo de adjetivo. Agora, olhando-se somente para essa minioração há várias observações que podem ser feitas:

- i) Seu NP sujeito é, no mais abstrato nível de análise, o objeto direto do particípio.
- ii) Com isso, essa minioração tem a estrutura de uma sentença passiva, o que pode ser constatado quando se compara (90a) e (90b), e tendo (90c) como a sentença na forma ativa de (76b):

(90)

- a) *habeo epistulam scriptam*
- b) *epistula scripta (est)*
carta-NOM escrita-NOM é
- c) *(aliquis) scripsit epistulam*
alguém-NOM ter escrito carta-ACUS

"Alguém escreveu uma carta"

pode-se ter a representação da estrutura da minioração, como em (91)

(91) NP [VP *habeo* [V^{'''} [NP e] [V^{''} Vpart NP ...]]]

a qual tem uma mesma estrutura de sentenças passivas na estrutura profunda

(92) [NP e] [VP *est* [V^{'''} [NP e] [V^{''} Vpart NP...]]]

na qual a posição de sujeito da sentença está vazia (mas sintaticamente presente) e pode ser ocupada pelo objeto direto, que se torna o sujeito da construção.

iii) O particípio passado, diferentemente de outras formas verbais, não atribui papel temático a um argumento externo ao VP, enquanto que a forma *scrive*, em (93)

(93) [NP Piero] [VP *scrive* [NP una lettera]]

atribui o papel OBJETO ao NP que vem depois desse verbo, e o papel AGENTE ao NP externo ao VP. Isso não é possível com os particípios, pois pode se ver que em construções com particípio absoluto nunca se tem argumento externo ao VP, como mostram (94a, b):

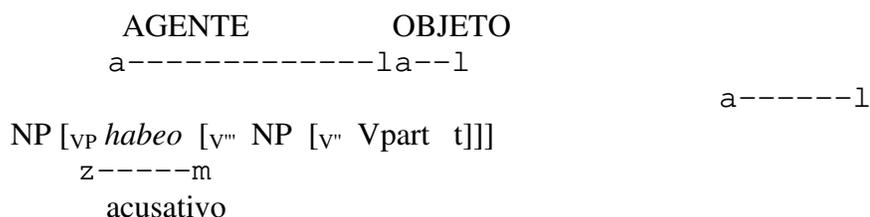
(94)

- a) *Letto il libro, Piero si coricò*
lido o livro foi dormir
 b) *Partita Maria, Piero si coricò*
partida Maria, Pedro foi dormir

temos em (94a) o particípio seguido pelo objeto direto, e em (94b), o particípio de um verbo 'inacusativo' é seguido pelo seu sujeito, que na estrutura profunda é um objeto direto.

iv) O verbo *habeo*, apesar de ser semanticamente vazio, é um auxiliar semântico, e como o particípio não pode atribuir papel temático a um NP externo, o auxiliar pode atribuir esse papel temático; então o objeto direto do particípio, que está na minioração, se move para a posição de sujeito de *habeo* e recebe papel temático AGENTE, como se pode ver em (95)

(95)

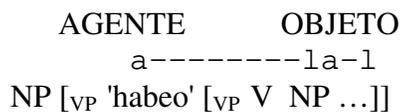


v) O último passo da evolução sintática pode ser representado em (96), para o italiano moderno, ou em (97), para alguns casos propostos por Kayne:

(96) NP [VP "habeo" [VP V NP....]]

(97) NP [VP "habeo" [V^m [NP_i e] [Vⁿ Vpart NP_i]]]

(98)



Os passos essenciais para a evolução sintática desse tipo de perífrase foram:

- i) substituição de AP por VP como categoria regida por *habeo*;
- ii) auxiliarização de *habeo* com a perda de sua capacidade de atribuir papel temático;
- iii) como consequência de b), *habeo* perde sua capacidade de atribuir caso ao sujeito da minioração, e somente através do particípio é que essa atribuição pode ser feita.

Ribeiro (1993) estuda a formação dos tempos compostos com *ter / haver / ser +* particípio passado no português antigo (PA), mostrando como foi a gramaticalização dessas construções, ou seja, como foi a transformação de um verbo pleno em um elemento gramatical.

As línguas românicas substituíram várias formas flexionadas latinas por formas perifrásticas, e as mais comuns eram (i) as que se desenvolveram de *habere +* particípio passado (substituindo a forma flexionada do presente perfectivo dos verbos transitivos), (ii) as que expandiram o uso de *esse +* particípio passado como marcação de passiva (no latim essa perífrase não tinha a expansão que teve nas línguas românicas), e (iii) o uso de *esse +* particípio passado para marcar o perfeito de uma classe de verbos intransitivos, os ergativos ou inacusativos, também conhecidos como verbos depoentes (= verbos de movimento, de mudança de estado).

No PA, *haver* e seu substituto *ter* aparecem com particípio passado sempre de base transitiva e concordando com o NP complemento direto. E *ser +* particípio passado perfectivo só ocorre com verbos ergativos como *morrer, nascer, chegar*, etc. No português brasileiro (PB) moderno, *haver/ter* aparecem com particípio passado de base transitiva, intransitiva e ergativa, e o particípio passado transitivo não apresenta concordância com o NP complemento. As formas com *haver* ocorrem muito pouco, havendo grande utilização das formas com *ter*. No português europeu (PE) moderno, *haver/ter* são usados nas formas de tempos compostos. Outras línguas românicas como o italiano e o francês mantiveram as antigas distribuições, mas o espanhol generalizou o uso de *habere* para todos os verbos na formação dos tempos compostos.

No PA, os verbos *aver* e *teer* possuíam o traço semântico de posse (99)

(99)

a) *teer* = posse (hoje = possuir)

*Livros que **tinha***

b) *teer* = obter (equivale a "passar a ter")

*E assi parece que no outro mundo ha fogo de purgatorio per que se purgan os pecados veniaes e en que homen **ten** as peendenças que en este mundo non **teve** polos pecados que fez*

c) *teer* = deter, reter, manter (equivale a "continuar a ter")

*Vinho que **tiinha** no vaso*

d) *aver* = posse

***An** vertudes*

***Avian** hua eigreja*

O verbo *aver* perdeu vários sentidos que o *habere* latino tinha: "possuir, obter, manter, reter, segurar, conter, deter", e outros. No PA conserva o sentido de "possuir" e adquire a significação existencial, que só o verbo *esse* possuía no latim, entretanto os outros sentidos foram assumidos por *teer*:

(100)

aver = existencial

Ali hu á vida

À hi fogo

os usos de *teer* e *aver* nas construções possessivas "estavam condicionados à natureza semântica dos seus complementos" (Ribeiro 1993:354):

(101)⁸

a) bens adquiridos materiais (AM)

TEER: 82% (arca, vinho, medio,...)

AVER: 20% (pan, casa, moeda,...)

b) bens ou qualidade imateriais adquiridos (AI)

AVER: 80% (fé, graça, poder, ira, medo,...)

TEER: 18% (só ocorre com fé)

c) qualidade inerentes ao possuidor (QI)

AVER: 80% (barvas, ceguidade, enfermidade, idade,...)

TEER: 0%

Aver havia se especializado como verbo de posse inalienável, havia se tornado resíduo no ambiente de posse material (20%), restos de um tempo no qual esse verbo possuía um campo semântico bem mais amplo. *Teer*, por sua vez, se afirma como verbo

⁸ Todas as porcentagens aqui encontradas são devidas a Mattos e Silva.

de posse material, e começa sua expansão, indicada pelos 18% de uso com posse inerente.

Os verbos *seer* (102a,b) e *estar* (102c,d) ocorriam também em construções locativas e variavam nessas construções no PA:

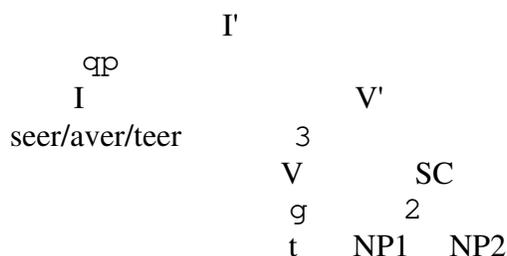
(102)

- a) *Seendo o honrado padre en sa cela*
- b) *Alma que é no inferno*
- c) *O servo de Deus estando em sa cela*
- d) *Está en hua torre muito alta*

Seer predomina nas construções locativas, mas com pequena diferença para *estar*, 52,8% e 47,2%, respectivamente. Com o tempo, *estar* substitui *seer* nessas construções.

Falando sobre as propriedades formais das "construções locativas", a autora diz que "as generalizações propostas por Clark (1978), apud Ribeiro (1993), mostram que, de modo geral, são os verbos das "construções locativas" que atuam como auxiliares nas construções perifrásticas.": Ribeiro (1993:356) Os verbos pertencentes às construções locativas são inacusativos e selecionam uma minioração, à qual não é atribuído papel temático. A estrutura dessas construções pode ser representada como em (103):

(103)



Nas estruturas existenciais, *seer* e *aver* exibem as seguintes características:

- i) selecionam uma minioração com valor aspectual,
- ii) essa minioração pode ser interpretada como denotando um estado,

O particípio passado latino era uma forma puramente adjetival e já no latim clássico ocorria com *habere* em construções que expressavam propriedades ou atributos dos objetos ou nomes, impondo assim uma interpretação passiva ao complemento do verbo⁹, isto é, essa forma nominal, quando usada com *habere*, impõe o traço [+passivo] ao complemento desse mesmo verbo. Isso explica por que o particípio passado era sempre proveniente de verbo transitivo nessas construções. Isso indica que *habere* tinha o poder de selecionar a voz do particípio passado, assim como havia feito com o infinitivo, mas não tinha o poder de selecionar uma relação temporal com seu complemento. Essa perífrase indica apenas uma relação aspectual conclusiva ou durativa.

O verbo *habere*, em construções com particípio passado no latim, parecia ser um verbo pleno, pois nessas construções o sujeito desse verbo e o agente da passiva podiam ser diferentes, o que indica que *habere* era atribuidor de papel temático ao NP sujeito, um POSSUIDOR, e o NP complemento recebia o papel temático TEMA. Assim, *habere* selecionava um complemento IP contendo um particípio passado passivo. Esse verbo era ainda um verbo pleno nas construções com particípio passado, mas já era um verbo auxiliar funcional temporal nas estruturas com infinitivo.

No PA *habere* sofreu outras mudanças:

- I. *aver* já é um auxiliar funcional nos tempos do futuro e do condicional, uma forma livre do nível X^o;
- II. *aver*, nas estruturas de posse, restringe-se unicamente à posse inerente / inalienável; talvez seja um auxiliar funcional;
- III. *aver* compete com *seer* nas construções existenciais

Como pode ser visto nos exemplos abaixo, *aver* possui um valor de auxiliar verbal:

(106)

⁹ O mesmo ocorreu com **habere** mais infinitivo, quando da formação dos tempos do futuro e do condicional nas línguas românicas

- a) e dizia que **avia** perdudo todo aquilo per que se **avia** de manteer todo o ano.
- b) *Abride-me as portas da justiça e entrarei en elas e confessarei e reconhecerei a Nosso Senhor todolos bees que mh' a feitos.*
- c) e perdoar-lh' ia quanto **avia** feito
- d) *cuidou-se ca se queria ir do moesteiro polo torto que lhi **avia** feito*

O participio passado que ocorre nessas construções é sempre de natureza transitiva e a concordância entre o participio e o NP complemento ocorre sempre. Entretanto, como essas construções permitem uma leitura temporal, pode-se propor que *aver* é um auxiliar verbal temporal que seleciona um TP e não um IP com propriedade passiva. No século XV continuam a ocorrer participios de base transitiva, mas também começam a aparecer os de base intransitiva e ergativa, como mostram exemplos tirados da Crônica de D.João I, em (107), e a perda da restrição de só tomar participios transitivos pode indicar que *aver* teria sofrido uma reanálise como verbo auxiliar:

(107)

- a) *juntarsse em magotes a fallar na morte do Comde e cousas que **aviam** aconteçido.*
- b) *omde o Prior com seus irmãos **aviam** estomçe chegado.*
- c) *os trautos que antrelle e os de Portugal **avia** firmados*
- d) *dizendo que vira a carta do Comçelho da obra muito de louvor que todos **aviam** feita por serviço de Deos e homrra do rreino e de sua pessoa*
- e) *Acabado esto que **avees** ouvido*
- f) *pollas menagees que lhe **aviam** feitas segumdo nos trautos era comtheudo*
- g) *Oo treedor! Vendido nos **as**!*

O verbo *teer* aparece em perífrases correlacionadas às com *habere*. O participio que o acompanha é transitivo, havendo também concordância entre o participio e o NP complemento. Exemplos:

(108)

- a) *a hoste dos godos **teve** cercada aquela meesma cidade de Parusio per sete anos continuadamente*
- b) *E parando el mentes ao manto que **tiinha** tendudo antr' os braços*
- c) *E a mha cabeça ja a el **ten** metuda na sa boca*
- d) *e que lhi mostrasse quen era aquel San Beento que aqueles seus bees **tiinha** guardados*
- e) *huu gram penedo que nascia hi naturalmente e **tiinha** todo o logar coberto*

Em todos os exemplos de (108), *teer*

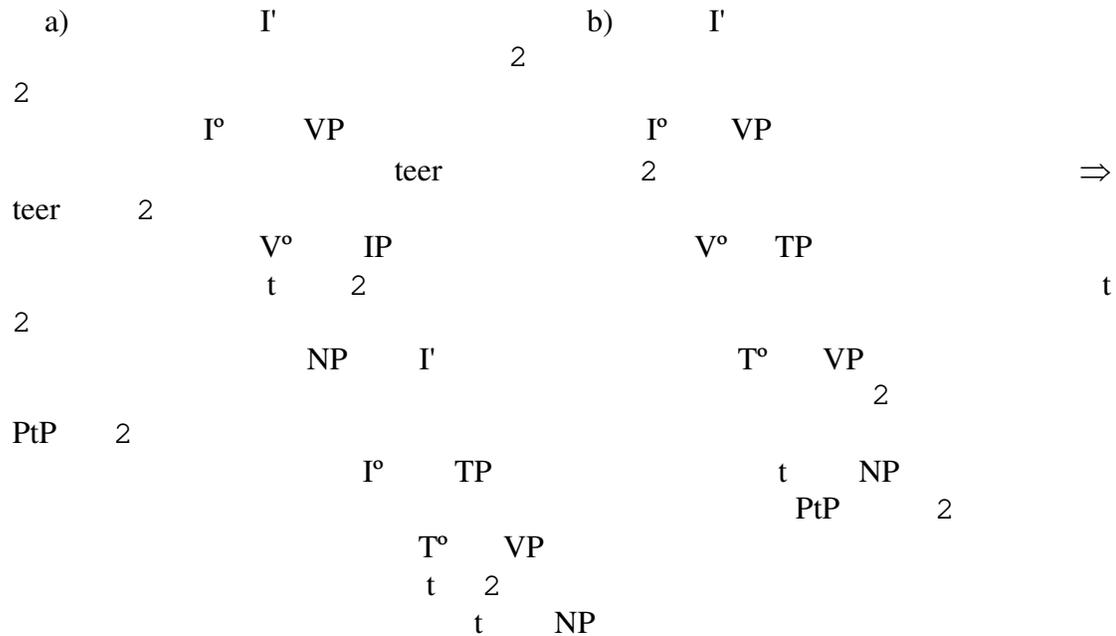
- i) tem um significado de "manter/reter",
- ii) seleciona um complemento nominal NP,
- iii) como o particípio é sempre passivo, esse verbo tem a capacidade de selecionar a voz desse particípio,
- iv) essa estrutura de *teer* mais particípio "poderia talvez ser a de que *teer* seleciona um NP dominando um IP, onde I° contém os traços de voz" (Ribeiro 1993:370), como mostra (108). *Teer*, nesses exemplos, é um verbo pleno que seleciona seu NP sujeito e atribui papel-teta TEMA a seu complemento.

No século XV *teer* já aparece como um auxiliar temporal (109), tendo havido, portanto uma reanálise, como mostra (110b), e podia ocorrer com *aver* em estruturas semelhantes, como em (111):

(109)

- a) *em quallquer cousa que lhe avehesse sobresta demanda que começada **tiinha***
- b) *ataa que camssaço e desesperaçõ de nom poder comprir o que começado **tiinham***
- c) *queria sojugar e aver injustamente, contra os traustos que prometidos **tiinham***
- d) *era com gram medo e periigo, por a frota de Castella, que **tiinha** o rrio tomado*
- e) *Diego Lopes foi tragido a ElRei de Castella, e **tiinha**-o preso no arreal*
- f) *Sometida Bizancio **tem** a seu serviço indino*
- g) *ElRey per dezoito ou vinte dias continuos **teve** os nossos cercados.*

(110)



(111)

- a) *acabado esto que **avees** ouvido*
 b) *segundo em cima ja **téedes** ouvido*

As construções latinas com *esse* + particípio, tanto as passivas como as que apareciam com particípios de verbos depoentes, sobreviveram no PA, como em (112), na qual (a) é uma construção passiva, e (b) uma construção com verbo depoente:

(112)

- a) *Este livro **foi** feito pelo nobre San Gregorio*
 b) *Pera saberem os que nados **eran** e os que avian ainda de nacer.*

A construção de *seer* com particípio de verbos ergativos era muito restrita no PA, ocorrendo com poucos verbos como *partir*, *passar*, *morrer*, *nascer*, *chegar* e *criar* (113). Esse tipo de perífrase sobreviveu em algumas línguas românicas, mas não no espanhol e português. No português ela coocorria com as perífrases formadas por *aver* e *teer*, como (114), mas depois desapareceram:

(113)

- a) *dizendolhe que soamente por elle **forom** alli **viimdos***
- b) ***Era ido** o capitão*
- c) *Quasi dous annos que **eram corridos** depois de aberto o Concílio*
- d) *Melhor lhe fora a tal homem nunca **ser nascido***

(114)

- a) *onde o Prior com seus irmãos **aviam** estomçe chegado*
- b) *Respondeo elle que já **tinha** morto hum urso e hum leão*
- c) *que ja **era** partido caminho de Samtarem*

Os estágios de gramaticalização desses três verbos podem ser assim resumidos:

- I. *Haver*, um verbo lexical pleno no latim, aparece no PA como (i) um auxiliar funcional nas construções de posse inalienável, e (ii) um auxiliar nas construções perifrásticas e existenciais; no PB atual desapareceu de todos os contextos, só restando como um afixo gramatical de futuro.
- II. *Ter* é um verbo pleno no PA, compete com *haver* nas construções perfectivas e existenciais, tendo dominado todos os contextos de *haver*.
- III. *Ser* é um auxiliar verbal nas construções passivas, ativas, existenciais e locativas. No PB atual aparece somente nas construções passivas.

I.2.3.2 - O gerúndio como uma minioração

Sobre este tópico, de interesse para a tese, um trabalho que nos interessou particularmente foi o de Guéron e Hoekstra (1988), que tratam uma sentença no progressivo da mesma forma que uma sentença com *be* simples. Sua teoria usa o conceito de Cadeia-T, segundo a qual

"A T-chain is a complex object, with two features. It has lexical content construed as an e-role, denoting the eventuality which is predicated of a

temporal object located within some discourse domain via an operator. And it contains a predicate connected to its object via agreement. The tense features and the e-role may be found in a single element, or be distributed over a verb and its complement if the verb lacks descriptive content necessary to supply an e-role" (1988: 5)

Assim, teríamos para (115a e b) as seguintes representações:

(115)

- a) *John is ill*
 $TO_i \quad TNS_i \quad BE_i \quad [John \quad ill_i]$
- b) *John is reading a book*
 $TO_i \quad TNS_i \quad BE_i \quad [ing_i \quad John \quad read_i \quad a \quad book]$

Os autores dizem que essas formas só ocorrem com predicados dinâmicos, ou seja, predicados que se referem a propriedades de evento, possuindo uma estrutura interna, e tendo no mínimo dois pontos no tempo. Não é o caso do PB, que pode ter *-ndo* com predicados estativos. Em suma, um evento denota uma mudança no mundo do discurso: predicar um evento num momento T implica em certas alterações num momento T serem diferentes em relação a um momento T anterior. Esse *ing* é um operador partitivo que seleciona um instante arbitrário num intervalo evidenciado por um predicado dinâmico (ou estativo, no PB); ele é como um determinante indefinido, que igualmente toma arbitrariamente um membro de conjunto denotado por seu complemento. Essa idéia pode ser representada assim:

(116) $ing_i \quad [\quad read \quad a \quad novel]$
 $t \dots t_i$

onde t representa um momento no intervalo compreendido entre "read a novel", e *ing* é coindexado com um membro arbitrário dentro desse intervalo. Ao se juntar *ing* com verbos dinâmicos, cria-se um predicado estativo, semelhante ao complemento não-verbal de *to be*, ou seja, criam-se complementos de tipo "stage level": Kratzer (1989). Seu sujeito é localizado pela predicação determinada por AGR num ponto arbitrário dentro de um evento. Essa visão faz com que construções progressivas adquiram formas de uma construção locativa em muitas línguas, como o alemão antigo:

(117)

a) *ik zit te lezen*

I sit to read-INF "estou lendo"

b) *ik loop al de hele morgen op te ruimen*

I walk already the entire morning up to clear "eu tenho limpado toda a manhã"

(118)

a) *ik ben aan het lezen*

I am at the read-IN "estou lendo"

b) *ik ben aan het opruimen*

I am at the up clearing "estou limpando"

I.3 – A QUESTÃO DA AUXILIARIDADE

O termo "seleção do auxiliar" remete a dois tipos de fatos encontrados em várias línguas românicas e germânicas:

- i) algumas línguas, como o francês e o italiano, usam tanto *be* (= *ser*) como *have* (= *haver*) como auxiliares de particípio passado ativo
- ii) outras línguas, como o inglês e o espanhol, só usam *have*

Kayne (1993) propôs uma teoria modular de seleção do auxiliar na tentativa de integrar esses dois tipos de fatos. Ela se assenta em dois pontos:

- a) o verbo pleno *have* e o auxiliar *have* são um mesmo verbo, possuindo portanto estruturas semelhantes, idéia essa calcada em Benveniste;
- b) *have* é idêntico a *be*, isto é, *have* é uma instanciação de *be*, havendo apenas a incorporação de uma preposição abstrata ao primeiro.

Sua teoria está baseada nos seguintes argumentos:

1. A construção possessiva, expressa por uma cópula (*van*) no húngaro e por um verbo pleno (*have*) no inglês, poderia também ser expressa no inglês, na estrutura profunda, por uma cópula representada por “BE” contendo uma preposição abstrata, sendo que essa construção seria realizada como HAVE;
2. No inglês, a análise do verbo possessivo *have* pode ser generalizada para o auxiliar *have* nas construções com particípio passado ativo;
3. O particípio passado ativo de verbos inacusativos, transitivos e inergativos, em algumas línguas românicas como o espanhol, francês, italiano e alguns dialetos italianos do norte, centro e sul, usam como auxiliar ou HAVE, ou BE, ou os dois, e essa escolha vai variar em função de alguns fatos inerentes à própria cláusula de particípio: (i) se o particípio é uma "full clause" ou uma "reduced clause", (ii) se o particípio concorda ou não, com o sujeito, (iii) se ocorrem ou não clíticos ou pronomes reflexivos com o particípio, (iv) se o particípio é sensível à noção de tempo, (v) se é sensível à noção de pessoa, entre outros.

Vejamos sua argumentação passo a passo.

I.3.1 - O verbo pleno *have* e a construção possessiva

O húngaro possui uma construção possessiva que na EP se constitui da cópula *van* e de um argumento DP, que pode ser definido ou indefinido. Esse DP, por sua vez, contém um DP possessivo que se localiza à direita e abaixo de D°:

(119)van [DP Spec D° [DP_{posse}...]],

O DP mais alto pode ser definido ou indefinido, o que afeta o DP_{posse} do seguinte modo: quando definido, o DP_{posse} pode (i) permanecer 'in situ' e aparecer no caso nominativo, ou (ii) se mover para a posição de Esp tanto do DP mais alto como da cópula

van, aparecendo no caso dativo; quando indefinido, o $DP_{\text{poss.}}$ deve se mover primeiramente para a posição de *Esp*, e em seguida para fora desse DP mais alto, aparecendo no caso dativo. Quando o DP_{poss} se move para fora do DP indefinido aparece o morfema AGR:

(120) ... $DP_{\text{poss}/\text{dat}/i}$ *van* [DP [e]_{*i*} D° [[e]_{*i*}

Segundo o autor, “*Evidence that the dative possessor in Spec originates in the lower $DP_{\text{poss.}}$ position comes from the fact that the dative possessor necessarily cooccurs with a post-nominal AGR morpheme identical to the one that arguably licenses, or contributes to licensing, the nominative possessor.*” (Kayne 1993:3).

A construção possessiva húngara mostra um alto grau de indefinidade pois existe o movimento longo do $DP_{\text{poss.}}$. Ela equivale à construção possessiva inglesa *John has a sister*, mas é mais aceitável por um falante de inglês quando traduzida como *There is (exists) a sister of John's*. Assim, Kayne propõe que no inglês as sentenças possessivas como “*John has a sister*”, podem ser analisadas da mesma maneira que no húngaro: na EP, elas se constituem de uma cópula, “*BE*”, com um único DP complemento, dentro do qual está o possuidor:

(121) ... *BE* [DP *Spec* D° [DP_{poss} ]],

A forma inglesa *'s* é semelhante a AGR° e é seguida por NP ou QP (em casos como “*John's three/many books*”). A sentença possessiva no inglês tem a seguinte estrutura na DE:

(122/1)¹⁰ ...*BE* [DP *Spec* D° [DP_{poss} [AGR° QP/NP]]]

¹⁰ O número que vem antes da barra corresponde ao número que o exemplo tomou neste capítulo, e o número que vem depois corresponde ao número do exemplo que aparece no trabalho do autor.

A permanência / não permanência do DP_{poss.} “in situ” se deve ao fato de que, tanto no inglês como no húngaro, o AGR° possessivo não é suficiente para licenciar um DP em seu Esp., havendo necessidade da presença de um D° definido. Esse D° definido não é foneticamente realizado no inglês: *John's sister* vs. *the John's sister*, e é realizado, às vezes, no húngaro. Quando o D° é indefinido, as duas línguas usam estratégias diferentes para licenciar o DP_{poss.}: no húngaro ele deve se mover para Esp e daí para fora do DP mais alto, e assim adquire o caso dativo, mas no inglês o QP/NP é movido para Esp e insere-se uma preposição em D°, para haver licenciamento de caso:

(123/2)

three sisters of John's / a sister of John's

O artigo indefinido *a* deve ser da categoria Q e não da D, mas *the* é da categoria D, daí a não-gramaticalidade de

(124/3)

**the sister of John's*

Conclui-se que tanto *the* como *of* poderiam estar competindo pela mesma posição.

Essa análise sugere que *John's* em *a sister of John's* não é um constituinte, como mostra o contraste entre

(125/4)

??What woman were you talking to a friend of 's?

(126/5)

***What woman's were you talking to a friend of ?*

O 's é uma instância de AGR e também o morfema –s, encontrado em verbos, e como tal requer um antecedente no singular, o que o torna incompatível com /possuidor/ no plural:

(127/6)

**those kids's mother; *my sister's common trait*

A preposição *of*, tal como *for*, tem o poder de licenciar caso passando por cima de projeções máximas, o que as torna semelhantes a verbos, e assim elas licenciam caso objetivo. Esse tipo de preposição parece existir somente no inglês, dentre as línguas estudadas neste texto. Assim, a preposição *of* licencia caso oblíquo passando por cima da projeção máxima AGRP.

Kayne, baseando-se em (i) na noção de concordância núcleo-especificador de Chomsky, (ii) na idéia de Szabolcsi sobre que o DP 's possessivo é semelhante ao CP 's, e (iii) numa proposta sua própria, propõe que o inglês possui um complementizador preposicionado vazio, ou seja, o inglês tem um D° preposicionado (oblíquo) vazio em construções possessivas, e o DP_{poss.} se move para seu Esp, como no húngaro. Esse D° será representado como D/P_e. Em inglês não é atribuído caso ao conteúdo desse especificador, como é no húngaro. Licenciamento de caso do DP_{poss.} é adquirido pelo movimento desse DP à mais alta posição de licenciamento de caso.

Dada a estrutura

(128/7)BE [_{DP} Spec D/P_e^o [DP_{poss} [AGR^o QP/NP]]],

temos movimento de DP_{poss.} ao Esp:

(129/8) ...BE [_{DP} DP_{poss/i} D/P_e^o [[e_i] [AGR^o QP/NP]]],

movimento do DP_{poss.} ao Esp da cópula:

(130/9) DP_{poss/i} BE [_{DP} [e_i] D/P_e^o [[e_i] [AGR^o QP/NP]]]

Segundo o autor, a sentença (130/9) não é bem-formada porque poderia derivar uma sentença incorreta como "John is a sister", e não a esperada "John has a sister". Essa má-formação se deve ao fato de Esp de D/P_e ser uma posição A-barra, seguindo a idéia de Szabolcsi de que esse DP é semelhante ao CP, se Esp de D/P_e é uma posição A-barra, segue-se que o movimento deste para Esp de BE, também uma posição A-barra, é impróprio, constitui uma violação. Para desfazer essa incorreção, o autor sugere que haja a incorporação de D/P_e a BE, assim temos um Especificador derivado, pois pertence a $D/P_e + BE$, e conta com só uma posição-A:

(131/10) $DP_{poss/i} D/P_{e/j} + BE [DP [e_i] [D/P e]_j [[e_i] \dots]]$

Assim, $D/P_e + BE$ resulta no HAVE, como em

(132/11) $John_i has [DP [e_i] D/P^o [[e_i] [AGR^o 3 sisters]]]$

I.3.2 - O verbo auxiliar *have* e a cláusula de particípio passado

A análise proposta para o verbo *have* pode ser generalizada para o auxiliar *have* da seguinte forma: toma-se a parte inicial da estrutura possessiva (128/7), que aparece em

(133/12) $\dots BE [DP Spec D/P^o \dots]$

e acrescenta-se a ela a subestrutura dos particípios

(134/13) $\dots [VP DP_{subj} [V DP_{obj}]]$

que incorpora a hipótese do "sujeito dentro do VP", dando

(135/14) $\dots BE [DP Spec D/P^o \dots [VP DP_{subj} [V DP_{obj}]]]$

Essa nova estrutura representa uma espécie particular de nominalização, isto é, uma estrutura verbal de particípio contida num DP que se assemelha a um CP.

Devolvendo a palavra a Kayne (1993:7), *"the basic idea will then be to claim that DP_{subj} raises to Spec of the larger DP which as before in an A-bar position. Thus, further movement to Spec BE would be barred by 'improper movement' unless Spec. DP can be assimilated to an A-position as a result of the incorporation of D/P° to BE. The result of moving DP_{subj} to Spec will be"*:

(136/15) ...BE [_{DP} DP_{subj*i*} D/P° ... [_{VP} [e]_i ...

E, com o resultado da incorporação mais o movimento do DP_{subj}, fica

(137/16) DP_{subj*i*} D/P_e + BE [_{DP} [e]_i D/P° ... [_{VP} [e]_i V DP]

Então, D/P_e + BE "is spelled out" como HAVE, com o V = "break" e DP_{obj} = "the window", como em:

(138/17)

John has broken the window

Desse modo o auxiliar *have* é visto como essencialmente igual ao possessivo *have*, pois os dois correspondem a D/P_e + BE, embora difiram quanto ao tipo de complemento que cada um tem, pois como auxiliar *have* tem um complemento DP contendo uma subestrutura de particípio, e como possessivo, tem um DP contendo uma subestrutura QP/NP.

Três perguntas podem ser feitas para o auxiliar *have*:

- i)* que tipo de estrutura verbal pode aparecer no DP irmão de BE,
- ii)* que DP pode se mover para a posição de Esp. do DP mais alto,
- iii)* quando isso acontece.

I.3.3 – Os auxiliares have/be e as cláusulas de particípio passado ativo

I.3.3.1 – *Have* + particípio passado

A) *Have* e o particípio passado de verbos inacusativos

No inglês, *have* + particípio passado aparece tanto com verbos inacusativos (140/20) como com verbos transitivos, e a estrutura dessas sentenças é essencialmente a mesma, sendo que a com verbos inacusativos o VP tem um argumento a menos, como mostra (141/21)

(139/20)

The window has broken.

(140/21) $DP_{subj} D/P_e + BE [DP [e]_i D/P^o \dots [VP V [e]_i]$

No espanhol, como no inglês, é *have* (= *haber*) que aparece com verbos inacusativos e transitivos, não *be* (= *ser*). A morfologia do particípio passado em espanhol difere da do particípio em inglês por possuir concordância de gênero e número. Essa concordância morfológica do particípio corresponde a um nóculo AGR_O , relativo à concordância de objeto. Então, a morfologia de concordância do particípio românico corresponde ao AGR_O de Chomsky. As sentenças espanholas com *have* + particípio passado de verbos inacusativos não apresentam concordância, como em

(141/22)

*Maria ha llegado/*s*

indicando que o DP *Maria*, movido de dentro do VP para o Esp do DP mais alto, não passou através de um Esp de AGR_O :

(142/23) $\dots [DP [e]_i D/P^o AGR_O^o [VP V [e]_i]$

Esse mesmo tipo de não-concordância é encontrada no francês com verbos inacusativos:

(143/24)

*La viande a cuit/*e*

A não-concordância de participípios apresenta exceções, pois há dialetos românicos que fazem a concordância do participípio passado de verbos inacusativos com *have*: (i) numa área dialetal do centro da França é encontrada a concordância até com o participípio do verbo *be*, (ii) num dialeto que fica perto de Roma, *have* é usado na 3ª p.pl. do presente perfeito com concordância do participípio (144/25), (iii) no dialeto Aquila, em Abruzzo, o participípio passado concorda com o sujeito de um inacusativo (145/26):

(144/25)

Jésse èo ite a vedé "elas_{f.pl.} tem ido_{f.pl.} para ver"

(145/26)

Au venuti "(eles) têm chegado_{pl.}"

B) *Have* e o participípio passado de verbos transitivos

Em italiano (deixando de lado, por ora, os verbos reflexivos), o participípio passado de verbos transitivos pode ter *have* como auxiliar:

(146/27)

Maria ha comprato i libri

(147/28)

**Maria è comprato/a i libri*

De acordo com o que vem sendo desenvolvido, o sujeito *Maria* deve se mover através de Esp. DP e a incorporação de D/P° a BE deve acontecer. Assim, concordância do participípio com o sujeito é impossível:

(148/29)

**Maria ha comprata i libri*

Em (146/27) *Maria* não deve passar através de AGR_0 para chegar ao Esp, DP . Em (147/28), concordância do particípio com o sujeito é agramatical: *"This fact recalls Chomsky's (1992) discussion of minimality and more particularly his argument that the subject of a transitive VP cannot move through $Spec.AGR_0$ the reason being that if it did, the object would have no means of getting Case. Since the participial agreement at issue corresponds to AGR_0 , the fact that the subject in (148/29) cannot agree with it apparently reduces to the general case discussed by Chomsky."* (Kayne, 1993:11)

C) *Have* e o particípio passado de verbos inergativos

Considerando agora *have* + particípio passado de verbos inergativos, observa-se que em italiano o particípio de verbo inergativo possui *have* como auxiliar, como os transitivos:

(149/31)

Maria ha dormito

(150/32)

**Maria è dormito/a*

Nesse caso, é então impossível a concordância do particípio com o sujeito, pois o sujeito de um inergativo não pode se mover para Esp, AGR_0 (151/33). Essa impossibilidade precisa ser entendida, e uma explanação plausível pode ser assim: (151/31) deve conter um objeto foneticamente não-realizado que precisa ser licenciado para caso pelo Esp, AGR_0 : *"In other words, the similarity between transitives and unergatives with respect to past participle agreement leads, from this perspective, to the conclusion that unergatives are covert transitives."* (Kayne, 1993:12)

(151/33)

**Maria ha dormita*

I.3.3.2 – *Be* + particípio passado

A) *Be* e o particípio passado de verbos transitivos e inergativos

Os particípios de verbos transitivos e inergativos, com auxiliar *BE*, apresentam algumas particularidades como (i) sensibilidade à noção de pessoa do sujeito, (ii) alteração na colocação do clítico, (iii) comportamento dos clíticos reflexivos, (iv) sensibilidade à noção de tempo. Essas particularidades influem na seleção do auxiliar.

A agramaticalidade de (147/28) e (150/32) no italiano não é representativa do romance. No dialeto do centro da Itália, descrito por Chiominto, tanto os verbos transitivos como os inergativos trazem *be* como auxiliar:

(152/34)

Maria è magnato "Maria é comido" = ativo ("comeu")

(153/35)

Nù simo magnato "Nós somos comido" = ativo ("comemos")

(154/36)

Ntonio è rôtta la bbrócca "Antonio é quebrada a jarra" = ativo ("quebrou")

Esse fato é muito comum no centro e sul da Itália. Embora a escolha do auxiliar seja diferente da do resto da Itália, o fato da concordância do particípio é a mesma do italiano, pois o particípio passado ativo de verbos transitivos ou inergativos não pode concordar com o argumento sujeito, como se vê em

(155/37)

**Nù simo magnati.*

1. Sensibilidade à noção de pessoa do sujeito

Em (154/36) o particípio concorda obrigatoriamente com o sujeito, diferentemente do italiano. A principal razão continua sendo a mesma de quando o verbo auxiliar é *have*, o argumento sujeito não pode se mover através de *Spec, AGR_O*. Qual seria o motivo para a escolha de auxiliar diferente, nessas regiões? Nos dialetos dessas regiões é comum a seleção do auxiliar ser feita levando-se em conta a pessoa do sujeito. No dialeto relatado por Chiominto, no presente perfeito, *be* é usado sempre com exceção da 3^a p.pl., a qual ocorre com *have*. É comum *be* aparecer com a 1^a e 2^a pessoas e *have*, com a 3^a. Esse fato sugere o envolvimento de *AGR_S*: *"This suggests in turn that the skeletal structures I have been assuming for auxiliary + past participle constructions should be expanded to include an AGR_S projection above that of AGR_O:"* (Kayne, 1993:13)

(156/38) ... BE [_{DP} Spec D/P° AGR_S AGR_O VP]

Com isto, a proposta para a seleção do auxiliar fica assim formulada: *"In Italian, this participial AGR_S is inert. Subjects of Italian transitives and unergatives, in moving up to Spec, DP, pass through Spec, AGR_S with no effect. After landing in the A-bar Spec, DP, those subjects will be able to move to Spec, BE if D/P° incorporates to BE, as before, yielding have."* (Kayne 1993:13)

Nos dialetos em que *be* aparece com transitivos e inergativos, o *AGR_S* do particípio não é inerte. Ele pode ser ativado por um DP que, passando através de seu *Esp*, tem um conjunto de traços de pessoa/número. Quando ativado, isto é, dotado de certos traços, esse tipo de *AGR_S* pode se ajuntar ao D/P° e converter esse núcleo num compatível com um *Esp* posição-A. Isso permite que o DP sujeito se mover através do *Espec, DP* para o *Espec, BE* sem causar uma violação de movimento impróprio e sem a necessidade da incorporação de D/P° a BE. Conseqüentemente, *"BE is spelled out as be."* (Kayne 1993:14)

2. Alteração na colocação do clítico

Em alguns dialetos que usam *be* e *have* com transitivos e inergativos, os clíticos apresentam diferença de comportamento em relação a esses verbos quando estão presentes. No dialeto de Novara (perto de Milão), descrito por Turri, *be* parece ser o auxiliar mais frequente com transitivos e inergativos na 1ª e 2ª pessoas, enquanto que na 3ª, *have* é o preferido. Se o clítico sobe do VP participípio para o auxiliar, esse auxiliar deve ser sempre *have*:

(157/39)

Mi i non mia parlà "me eu não tenho falado"¹¹

(158/40)

Mi i t' ò mái parlà "me eu _{dat} tenho falado jamais"

Nesse dialeto, a subida de um clítico em relação a esses dois verbos só se dá se um clítico alcança um auxiliar fora da cláusula participial via posição D/P°. Se o próprio D/P° se incorporar ao auxiliar, então tem-se *have* como em (158/40), com o clítico se movendo até ele. Sem incorporação de D/P° ao auxiliar não há a subida do clítico e então tem-se (157/39). Nesse dialeto um clítico não poderá alçar-se até o auxiliar *be*.

No dialeto de Martinsicuro (Itália central, costa do Adriático), estudado por Mastrangelo Latini, o presente perfeito tem *be* nas 1ª e 2ª pessoas e *have* na 3ª. Também ocorre a subida do clítico, levando-se em conta a escolha do auxiliar em cláusula de participípio. Se o auxiliar é *have* o clítico o precede, mas se o auxiliar é *be*, o clítico deve segui-lo:

(159/41)

Sillu ditte "(tu_{sg.}) há isto dito"

¹¹ No texto de Kayne esse exemplo se encontra sem o auxiliar. Em comunicação particular Rodolfo Ilari comentou que faltava o auxiliar, ficando assim: *Mi i non mia ho parlà*

(160/42)

(A) *l' à ditt* "(subj.cl.) (ele) há dito"

Em (160/42), o clítico se adjunge a D/P° e move-se com ele precedendo o auxiliar. Em (159/41) o clítico alcança a posição D/P°, à qual AGR_S está adjungida, mas não ocorre o alçamento, e licencia-se o clítico nessa posição adjungida.

3. Sensibilidade ao comportamento do clítico reflexivo

Sentenças italianas com clíticos reflexivos têm o auxiliar *be*, mesmo quando o verbo é transitivo:

(161/43)

Maria si è comprata un libro

(162/44)

Maria se lo è comprato

A pergunta é: porque *be* é permitido aqui, quando com verbos transitivos é normalmente excluído?

Essa propriedade dos reflexivos pode ser relacionada com a propriedade de sensibilidade à noção de sujeito, encontrada em verbos transitivos e inergativos não-reflexivos em certos dialetos. O que surpreende é que essa sensibilidade aos traços de sujeito é encontrada não só nas áreas onde ela é comum com verbos transitivos e inergativos, mas também em muitos dialetos do norte da Itália, especialmente na região do vêneto, onde o auxiliar é invariavelmente *have* com transitivos e inergativos.

A preferência por *be* com 1ª e 2ª pessoas e *have* com a 3ª pessoa sujeito nos dialetos que usam *be* com transitivos e inergativos é também encontrada com clíticos

reflexivos na área de Veneza. No dialeto de Conegliano, na região de Veneza, o clítico reflexivo para o sujeito na 2ª p.pl pode ser *ve*, que é específico para a 2ª do plural (como no italiano), ou *se*, que é também o clítico reflexivo para a 3ª pessoa. Quando o sujeito na 2ª pessoa coocorre com o clítico reflexivo *ve*, o auxiliar é *be*, o mesmo acontecendo quando o sujeito está na 1ª ou na 2ª. Quando o sujeito na 2ª pessoa do plural coocorre com o clítico reflexivo *se* o auxiliar é *have*, como acontece com os clíticos reflexivos de 3ª pessoa. O que fica claro é que a escolha do auxiliar está centrada no clítico reflexivo e não diretamente nos traços da pessoa do sujeito ou na morfologia verbal da concordância. No dialeto de Pádua, há preferência de *be* com clíticos reflexivos com o sujeito na 1ª p.sg e 2ª p.sg/pl, mas *have* com sujeito na 1ª p.pl e 3ª p.

É a adjunção do clítico reflexivo ao AGR_S do particípio que ativa esse AGR_S de um modo que permite AGR_S se mover ao D/P^o e torna Esp,DP em uma posição-A. Em línguas que possuem *be* com transitivos e inergativos, AGR_S pode ser ativado por traços apropriados estando presentes em seu Esp.; nos dialetos do Vêneto isso não é suficiente, apesar da adjunção ao núcleo ter de ocorrer. Fica claro que o importante é o traço contido no clítico reflexivo e não simplesmente o fato que está coindexado com o DP que passará através de Esp, AGR_S. Isso pode ser visto pelo contraste com o francês¹²:

(163/45)

?*Jean_i se les lui_i a fait rendre*

(164/46)

**Jean se les lui est fait rendre*

Em causativas complexas é possível ter um clítico dativo adjungido ao auxiliar e que é correferencial com o sujeito do causativo. O auxiliar é *have* e não *be*. Isso sugere que o AGR_S do particípio pode ser ativado por um clítico coindexado com o DP em seu Esp somente se esse clítico contém traços apropriados de pessoa.

¹² Rodolfo Ilari, ao ler a tese, sugeriu que os exemplos (163/45) e (164/46) podem ser encontrados no italiano, dando o exemplo: *Le lettere, iovanni se le é fatte mandare*.

Uma condição necessária é que o clítico deve conter traços de pessoa. Os clíticos do Romance não possuem traços de pessoa. *Se* contém o traço 0-pessoa, *me* o traço 1-pessoa, etc. 0-pessoa é menos forte que uma pessoa numerada positivamente.. No dialeto de Pádua, o traço 0-pessoa de *se* reflexivo é suficiente para licenciar o auxiliar *be*, mas *se* impessoal não licencia *be* nesse dialeto:

(165/47)

El se ze vardà "ele refl. é olhado para"

(166/48)

*Se ga balà tuta la note*¹³ "refl. Tem dançado toda a noite"

(167/49)

**Se ze balà tuta la note*

O *se* impessoal do paduano não faz parte do núcleo de uma cadeia. Os outros *se* fazem parte de uma cadeia. Então, (165/47) x (166/48) pode ser explicada se uma língua como o paduano, que permita ativar o AGR_S do participio, requer que o potencial ativador de AGR_S seja núcleo da sua cadeia.

Em italiano, todo *si* licencia *be* sem exceção.

4. Sensibilidade à noção de tempo

Adicionando um *se* reflexivo (que é núcleo de sua cadeia) ao *se* impessoal de (167/49), temos

(168/50)

??*Se se ze visti* "refl. é visto"

¹³ Em comunicação particular, Rodolfo Ilari mencionou que o *se* do exemplo (166/48) não é reflexivo.

O reflexivo *se* ativa o AGR_S do particípio, o que possibilita *be*, removendo a necessidade da incorporação de D/P° , e quando se muda o tempo do auxiliar de presente para imperfeito, condicional ou futuro, como em

(169/51)

Se se gera visti

a situação fica ainda melhor. O auxiliar *be* no tempo presente não é bom, mas bom em outros tempos. Esse fato não se limita só ao paduano ou às construções com clítico reflexivo. Em Cori, o auxiliar é geralmente *be* com transitivos, inergativos, inacusativos ou reflexivos, mas na 3ª p.pl. *be* é impossível precisamente no presente perfeito, isto é, quando o auxiliar está no tempo presente, em todas as classes de verbos. Em outra área dialetal, no dialeto Vermes, *be* é excluído das sentenças com clítico reflexivo somente no presente perfeito.

A sensibilidade da seleção do auxiliar ao tempo pode ser explicada assim: cláusulas com particípio, além de ter um D/P° (comparável a C°), um AGR_S e um AGR_O , tem também um T° entre os dois $AGRs$. Esse T° é defectivo, como AGR_S , e em algumas línguas deve alçar-se até a cláusula matriz (a do auxiliar). Isso deve acontecer primariamente quando o auxiliar está no tempo presente, talvez relacionado ao fato de que o tempo presente tem um valor zero. O alçamento de T° é potencialmente inibido por D/P° , particularmente quando D/P° , ele próprio, não é incorporado a BE, isto é, quando BE é realizado como *be*.

B) *Be* + particípio passado de verbos inacusativos

O espanhol, como o inglês, usa *have* com inacusativos e com transitivos. Os dialetos descritos por Mastrangelo Latini e Chiominto tratam todas as classes de verbos de modo igual, embora nesses dialetos predomine o uso de *be*. Por outro lado, italiano e francês distinguem inacusativos de transitivos e inergativos. O italiano usa *be* com

inacusativos de um modo consistente, e *have* com transitivos (com exceção dos reflexivos). O francês usa *be* com alguns inacusativos, mas não com outros.

Considerando a estrutura de um auxiliar ativo + construções com particípio passado como havia sido proposta:

(170/52) ... BE D/P° AGR_S T AGR_O V ...,

o sujeito de transitivos se move através de Esp, AGR_S em todos os casos (e não através de Esp,AGR_O).

Em línguas como o espanhol, que trata todas as classes de verbos da mesma forma, o único argumento de inacusativos também se move através do Esp, AGR_S do particípio até o ponto no qual o movimento do Esp,DP se torna inteiramente paralelo ao do sujeito do transitivo (com a escolha entre *have* e *be* dependendo uniformemente se vai ou não haver incorporação de D/P° a BE).

Em línguas que não mostram concordância do particípio com inacusativos – que é também o caso do espanhol - o argumento inacusativo não passará através de Esp, AGR_O, embora passe em línguas com concordância. Quando o auxiliar é *have*, os dois tipos de línguas são encontradas. Essa diferença é guiada pelo seguinte:

(171/53)

- a. "Movement from Spec,AGR_O to participial Spec,AGR_S is prohibited"
- b. "Movement from Spec, AGR_O to Spec,DP is prohibited unless AGR_S raises to D/P°"

Se (a) e (b) estão corretos, então uma língua pode ter concordância no particípio passado com verbos inacusativos com *have* somente se seu AGR_S pode se alçar desse modo. Dessa perspectiva, a ausência de concordância em espanhol e francês pode vir do fato de que a escolha do auxiliar não é sensível aos traços de pessoa.

Em italiano, a concordância do particípio passado em verbos inacusativos (com *be*) é obrigatória:

(172/54)

*Maria è arrivata/*o*

Esse fato faz parte de uma generalização mais ampla: todas línguas românicas que fazem a distinção *have/be* segundo a classe de verbo e independentemente de pessoa/tempo, mostram concordância obrigatória do particípio com inacusativos. Em (172/52) isso não é esperado, "*since it is hard to see how to exclude the skipping of Spec, AGR_O, given that such skipping is possible (e.g. in Spanish and French) when the auxiliary ends up as have. Let me attempt to relate this to the basic question of how to ensure the proper have/be distinction for Italian, in particular how to prevent be from appearing with Italian transitives.*" (Kayne 1993:20)

Supondo (i) que uma projeção nucleada por AGR_S (de particípio ou não) não pode funcionar como um argumento para um predicado mais alto, e que (ii) um VP transitivo deve ser associado tanto com um AGR_O como com um AGR_S, então um particípio de VP transitivo sempre aparecerá numa estrutura como (170/52) (no italiano, isso implicará no auxiliar *have* pois o AGR_S italiano não pode transformar Esp,DP numa A-posição). Por outro lado, um particípio de VP inacusativo com um único argumento não-obliquo, não precisará estar associado com um AGR_S, e nem conseqüentemente com um DP, e então em algumas línguas estará apto para ser encaixado debaixo de *Be* somente associado com AGR_O:

(173/55) BE AGR_O V

BE é "spelled out" como *be* e a obrigatoriedade de concordância do particípio se reduzirá àquela da concordância de adjetivos.

A contrastante não-obrigatoriedade de concordância de inacusativos com *have* pode ser explicada dizendo-se que movimento de dentro do VP pode saltar Esp, AGR_O para aterrissar em Esp, AGR_S (o qual seguido pela incorporação a D/P^o, não concordará com *have*), mas não pode aterrizar em Esp, BE.

A obrigatoriedade de concordância mencionada em (172/54) não é sempre encontrada com inacusativos e *be*, como mostra uma variedade do catalão falado:

(174/56)

Soc stet vista "Eu-sou tido visto"

Essa variedade do catalão usa *be* em todos os verbos mas só que nas 1^a e 2^a pessoas do singular. O sujeito conhecido em (174/56) é feminino singular, como se pode deduzir da concordância do particípio : *vista*. O particípio passado de *be* está numa forma default e o auxiliar mais alto é também *be*. Acontece o seguinte: o particípio passado *vista* corresponde a um AGR_O complemento de *stet*, e mostra concordância; o particípio passado *stet* reflete o encaixamento debaixo de *soc* de uma projeção cheia de D/P^o que inclui AGR_O e AGR_S:

(175/57) *soc* D/P^o AGR_S AGR_O *stet* AGR_O *vista*

O argumento DP de *vista* se move para o Esp, AGR_O mais baixo e pula para o Esp, AGR_O mais alto aterrissando em Esp, AGR_S. Daí se desloca para Esp, DP. AGR_S é capaz de licenciar Esp, DP como uma posição A-barra (como mostrado pela geral sensibilidade a traços de pessoa nessa variedade do catalão), e depois se alça até D/P^o, mas não se incorpora a ele pois é desnecessário. O que se vê aqui é que o padrão de concordância dessa variedade do catalão e o do espanhol é o mesmo, apesar do verbo auxiliar ser *be* no primeiro caso, e *have* no segundo. O padrão de movimento com respeito ao saltar de AGR_O é idêntico nos dois falares, mas o espanhol, não tendo a espécie própria de AGR_S do particípio, é forçado a usar a incorporação a D/P^o e então tem o auxiliar *have*.

A variação de concordância vista com *have* e inacusativos é encontrada também com clíticos reflexivos. No paduano os clíticos reflexivos todos são compatíveis tanto com *be* como com *have*. Com *be*, a concordância do particípio passado é extremamente possível, mas com *have* é impossível:

(176/58)

La Maria se ze vestia "a M refl. se é vestida_{f.sg.} = M. Vestiu-se a si mesmo"

(177/59)

*La Maria se ga vestio/*a* ".... se tem..."

Por outro lado, (177/59) é gramatical e obrigatória na variedade do Trentino:

(178/60)

La Maria la s' ha vestia "a M. ela refl. tem ..."

Seguindo a análise dada aos inacusativos, em (180/60) *la Maria* se moveu para Esp, AGR_O e daí diretamente para Esp, DP (permitido como um resultado de AGR_S ter se alçado ao D/P°). Consequentemente, *la Maria* alça-se ao Esp, BE e D/P° se incorpora a Be, resultando *have*.

No paduano, o alçamento de AGR_S ao D/P° é incompatível com a incorporação posterior a BE, então (177/59) com concordância do particípio é impossível. Essa observação pode ser sustentada por um fato que ocorre numa variedade do vêneto falado; essa variedade difere do paduano em não permitir (176/58), mas é similar ao paduano no fato de não permitir concordância do particípio (177/59), que é gramatical sem a concordância. O interessante aqui é o fato de permitir concordância se o sujeito é um clítico e não um DP cheio:

(179/61)

**La Maria se ga vista* "a M. refl. se tem visto_{f.sg.}"

(180/62)

??*La se ga vista* "ela"

Uma possível explicação é que o clítico *la*, ao invés de se mover para Esp, DP, se adjunge a D/P° e facilita a incorporação de D/P° a BE, isto é, transporta longe na presença de um AGR_S alçado.

I.3.3.3 - Troca de *have* por *be*

Considerando ainda a estrutura de construções de auxiliar + particípio passado:

(181/63) ... BE D/P° AGR_S T AGR_O V...

Se D/P° se incorpora a BE, o resultado é HAVE. Até agora não houve interação entre D/P° e o V mais baixo. Consideremos agora o seguinte: D/P° não se alça até BE, mas o próprio V mais baixo se alça até D/P°, e o V particípio mais baixo é ele próprio BE. Isso poderia resultar no seguinte: haveria um constituinte [D/P° + V] comparável ao constituinte produzido pela incorporação de D/P° ao BE mais alto. Em outras palavras, se uma língua permite o V mais baixo se alçar até D/P°, então se o V mais baixo é BE, poderia se esperar que "BE D/P° ... BE" aparecesse como "BE HAVE ...[e]", ao invés do familiar "HAVE [e] BE", como em "John has been ill". Esse tipo de língua parece existir:

(182/64)

I só èvu mèléd "Eu sou tido doente"

CONCLUSÃO

Neste capítulo, defini meu objeto de estudo a partir de três pontos: (1) o processo de redobramento sintático e a questão da minioração, (2) a gramaticalização, e (3) a auxiliarização, como resultado da gramaticalização de verbos plenos.

As gramáticas tradicionais sempre consideraram o **redobramento sintático pronominal** como um fato marginal, não passando de uma mera questão de ênfase. Ao ser estudado mais detalhadamente, e levando-se em conta uma perspectiva teórica, o redobramento sintático revelou-se como um processo muito importante, pois pode ocasionar a mudança tipológica de uma língua, além de mudanças em alguns setores da língua.

O redobramento sintático pronominal é composto por um pronome fraco e por um pronome tônico, que pode ser preposicionado ou não. Os dois pronomes se correspondem e estão contidos numa mesma fronteira sintática, sendo que a sentença é vista aqui como estando dentro da abrangência da categoria CP. E mais, o pronome fraco duplica o pronome tônico, preposicionado ou não.

Kato (1999) divide a classe dos pronominais em fortes ou fracos, e os fracos podem ser pronomes livres, clíticos ou afixos de concordância. Os pronomes fracos nunca podem ser Foco nem "aparecer em posição periférica de reduplicação", e podem ser expletivos.

O pronome fraco corresponde a clíticos como o acusativo *o*, o dativo *lhe*, os ablativos/locativos *hi/en*, o genitivo/partitivo *en*, pronomes pessoais do tipo *eu>o*, *você>ocê/cê*, *ele>ei* no PB, a pronomes reflexivos do tipo *se*, a pronomes possessivos como *sa/sua, seu*, ao pronome demonstrativo neutro do tipo *o*, ou a um pronome não-realizado foneticamente, entre outros.

Os pronomes fortes podem aparecer como foco, como pronome deslocado num caso de duplicação, como duplicado por um pronome fraco, não podem ser expletivos, já que são referenciais, e têm o caso "default nominativo no PB e PE¹⁴". E mais, tanto os pronomes fortes como os fracos podem ser homófonos a um pronome fraco, como, por exemplo, o inglês: HIM/**him**, e o PB: ELE/**ele**.

O pronome tônico corresponde a pronomes ou sintagmas nominais preposicionados, representado por PPs do tipo acusativo *a ele // a NP*, dativo *a ele/a NP*, ablativo/locativo *em NP/de NP*, genitivo/partitivo *de NP*, ou pronome pessoal do tipo ELE, também existente no PB, ou pronome possessivo do tipo *de ele/de NP*.

A **minioração**, cuja teoria foi formulada por Stowell (1995), é a projeção lexical de um predicado. O predicado pode ser um verbo não-flexionado (gerúndio, infinitivo ou particípio), um adjetivo, uma preposição ou um nome. O seu sujeito ocupa o lugar de especificador dessa projeção lexical.

As miniorações podem ser de dois tipos: (i) as que contém o traço [+V], miniorações verbal e adjetiva, e (ii) as que possuem o traço [-V], miniorações nominal e prepositiva. Podem ter a função gramatical de complemento, de adjunto ou ser atributiva.

Existe um tipo de minioração que é diferente da atributiva e se chama equativa. Ela é constituída de dois DPs definidos, sendo que um é seu predicado, e o outro, seu sujeito, que pode ser um pronome resumptivo forte ou um clítico; o SPEC do DP predicado não pode estar preenchido por um pronome. Seus constituintes podem ser invertidos, o que não acontece na minioração atributiva. Não possui cópula.

Nesta tese vou trabalhar com o locativo dobrado *hi*, que é um clítico e que dobra um PP iniciado pela preposição *em*. Esse locativo dobrado constitui um tipo especial de minioração - a minioração equativa - , na qual o predicado é uma preposição e o sujeito , o clítico *hi*.

¹⁴ Sendo acusativo no inglês e oblíquo no francês.

Em muitas línguas é comum encontrar-se verbos plenos e temáticos que passaram a verbos atemáticos. Essa alteração que ocorre em verbos é chamada de **gramaticalização**.

Roberts (1993) propõe que um verbo, quando está se gramaticalizando, passa por alguns estágios: (i) inicialmente é um verbo pleno e tem conteúdo lexical, (ii) quando perde o conteúdo lexical passa a ser um verbo predicativo, (iii) em seguida passa a fazer parte de uma construção perifrástica, na qual é somente suporte de tempo e pessoa, e (iv) por fim se aglutina a um outro verbo, como um morfema. Os verbos plenos atribuem papel- θ aos seus argumentos e não se movem com tanta liberdade como os verbos auxiliares, que não estabelecem relações temáticas com os argumentos.

O verbo latino *habere* teria passado, segundo Roberts, pelos estágios citados acima até chegar ao ponto de constituir o futuro perifrástico românico: (i) *habere* como verbo autônomo, no latim clássico, tinha vários sentidos e sobreviveu como verbo autônomo em várias línguas românicas: fr. *avoir*, it. *avere*, etc.; (ii) seguido de um infinitivo, *habere* se torna um auxiliar funcional, pois não atribui mais papel- θ aos seus argumentos, e o infinitivo, possuindo um conteúdo lexical, passa a ser o verbo principal; (iii) *habere*, entre os séculos VII e VIII já é um marcador de futuro; e (iv) *habere*, por volta de 842, aparece como afixo no francês.

Lightfoot (1979), estuda um grupo de verbos que se gramaticalizaram no inglês. No Inglês Antigo e Medieval havia um grupo de verbos, os pré-modais *sculan*, *willan*, *magan*, *cunnan*, *motan*, que tinham todas as propriedades de verbos autônomos, plenos: (i) possuíam paradigma completo de número/pessoa, (ii) se posicionavam como os outros verbos em relação à negação e inversão, (iii) podiam ocorrer adjacentes uns aos outros, (iv) podiam aparecer como gerúndio ou infinitivo, (v) podiam ocorrer em posição final de sentença, como qualquer verbo neste estágio do inglês, quando a ordem básica era SOV, e (vi) podiam ter complementos como objeto direto. Esses verbos sofreram modificações significativas, e no Inglês Moderno eles pertencem à classe dos auxiliares, com as

seguintes propriedades: (i) não possuem concordância de número, (ii) não podem ocorrer adjacentes uns aos outros, (iii) não podem ocorrer como infinitivo ou gerúndio, e (iv) não possuem complementos.

O verbo *estar* começou a se modificar quando passou a interagir com a minioração equativa que continha o clítico locativo *hi* e seu redobro. A gramaticalização desse verbo foi muito lenta e se iniciou ainda no latim. Ela pode ser resumida em três etapas: (i) no latim, *estar* era um verbo pleno e temático, (ii) ainda no latim e em contato com o locativo *hi*, *estar* começa a adquirir traços de um verbo predicativo com um predicado do tipo locativo; na fase romance e na primeira fase do português medieval, *estar* também passa a admitir outros tipos de predicados: adjetivos/particípios/PPs adjetivais, e advérbios/adverbiais modais, (iii) no PM, *estar* se aproxima de formas nominais como o gerúndio e o infinitivo preposicionado, passando então a ser um auxiliar e constitui com elas as perífrases de *estar* + *-ndo* e *a -r*, que expressam o aspecto progressivo em português.

Concentrando-me na questão da auxiliarização, repassei os argumentos de Kayne (1993), para quem a alternância entre o auxiliar *have* e o auxiliar *be* é a cláusula de particípio que é o complemento deles. *Have* e *be* devem diferir um do outro em pelo menos um ponto, pois *have* incorporou uma preposição abstrata. A par disso, problemas com a cláusula de particípio são centrais: (i) se é uma "full clause", com um T°, um AGRS° e o equivalente a um C°, ou se é uma "reduced clause" com apenas AGRO°, (ii) se AGRO° pode se alçar ou não, e a que traços de pessoa ele é sensível, (iii) se T° precisa ser alçado ou não, (iv) se Esp, AGRO° pode se mover ou não, (v) quantos argumentos o V tem que precisam ser licenciados por Caso, etc.

No Cap. II estudo o redobramento do locativo *hi*, dando por encerrada uma das linhas da tese.

CAPITULO II

A SAGA DO LOCATIVO *HI* REDOBRADO NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Sumário

II.0 – Introdução

II.0.1- Similaridades entre os clíticos pessoais e os clíticos locativos

II.0.2 – As variantes locativas no PM

II.0.3 - O locativo **hi**: origens

II.0.4 – Proposta de estudo para o redobramento dos clíticos locativos no PM

II.1 – O clítico locativo **hi** com redobro: etapas de mudança

II.1.1 - Etapa A: a estrutura original

II.1.2 - Etapa B: mudanças na estrutura original

II.1.2.1 – Primeira mudança: estrutura deslocada

II.1.2.2 – Segunda mudança: estrutura descontínua

II.1.2.3 – Terceira mudança: estrutura elíptica

II.1.3 - Etapa C: a estrutura simplificada

II.2- O clítico locativo redobrado **hi** e os tipos de verbos

Conclusão

II.0 – INTRODUÇÃO

A inclusão de um capítulo sobre o clítico locativo **hi** redobrado nesta tese se deve à centralidade dessa estrutura para o que se quer demonstrar aqui, além de ser um fenômeno bem reconhecido nas mais diversas línguas românicas.

Pretendo mostrar neste capítulo:

(1) Que os clíticos pessoais e os clíticos locativos podem ser considerados como pertencentes a uma mesma classe. Tanto assim que a descrição dos clíticos pessoais redobrados no PM auxiliou na descrição do clítico locativo **hi** redobrado,

pois este apresentava poucas ocorrências, difíceis de articulação, tendo provavelmente ocorrido a perda das estruturas mais antigas. Já os clíticos pessoais contam com uma riqueza documental maior.

(2) Que o redobramento dos clíticos pessoais e locativos tem uma dimensão românica e uma enorme importância na constituição da estrutura do português – fato que aponta para uma inserção latino-vulgar do fenômeno. É bem verdade que as descrições do Latim Vulgar não tratam dessa estrutura. Entretanto, o fato de ocorrer ela no Romeno aponta claramente para essa filiação, adotada a postura metodológica de Maurer Jr. (1963).

(3) Que a descrição do clítico locativo redobrado *hi* deve se assentar na seguinte proposta: (i) como pronome redobrado, o locativo era uma minioração, funcionava como adjunto do verbo, e se posicionava à direita deste, (ii) *hi* se tornava complemento do verbo quando essa estrutura redobrada se desintegrava, se posicionando tanto à direita como à esquerda desse mesmo verbo, (iii) o PP, parte redobrada do clítico *hi*, se torna complemento do verbo quando esse clítico desaparece, (iv) enquanto minioração, o clítico locativo afeta o verbo que expressa a predicação primária, transpondo-o de verbo temático a verbo auxiliar.

Foi uma tarefa complexa redigir este capítulo. Tive de recolher ocorrências dispersas e aparentemente não estruturadas dessa classe, ordenando os dados a partir das propostas acima mencionadas.

Deixarei claro no Cap. IV que a auxiliarização de *estar*, vale dizer, um passo a mais em sua gramaticalização, está relacionada com o redobramento sintático, particularmente do clítico locativo *hi*, que acabaria por desaparecer enquanto tal. De todo modo, a perda de clíticos provocou uma reorganização na gramática, ponto que também focalizo nesta tese.

II.0.1 – Similaridades entre os clíticos pessoais e o clítico locativo

Os clíticos pessoais e os clíticos locativos integram uma mesma classe, pois apresentam muitos traços em comum, adiante explicitados, tendo uma representação

muito distinta no corpus: enquanto os locativos são raros, por se tratar de fenômeno mais antigo, os clíticos pessoais são abundantemente documentados.

Por isso, procedi primeiramente a uma descrição de clíticos pessoais redobrados no PM (sem entrar na discussão dos clíticos pessoais não redobrados) para fazer depois a reconstituição das fases mais antigas do clítico locativo *hi*.

A partir da Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959), as gramáticas do português, descritivas ou históricas, passaram a tratar separadamente os pronomes pessoais e os "advérbios" locativos do tipo *hi*, *en*, *aqui*, *aí*, *ali*, etc. Isso não acontecia nas gramáticas do português anteriores a essa data, nem nas gramáticas românicas, como na italiana e na francesa.

Acompanhando Ilari et alii (1990), vou considerá-los todos como pertencentes da mesma classe dos pronomes, porque os locativos e os pronomes pessoais compartilham os seguinte traços:

(i) Ambos têm a forma átona / clítica ou tônica / não clítica:

(1)

- a) *Cá está a Maria / A Maria está aqui.*
- b) *Eu lhe telefonei ontem / Eu telefonei para ele ontem.*

(ii) Ambos podem ser retidos ou elididos na sentença:

(2)

- a) *Pedro veio (aqui) ontem.*
- b) *Pedro comprou (isso) ontem.*

(iii) Ambos podem ser duplicados, fazendo-se seguir de um NP ou de um PP:

(3)

- a) *Pedro veio aqui na minha casa ontem.*
- b) *Pedro a viu ontem, a Maria.*

(iv) Ambos ocupam a mesma colocação em relação ao verbo (próclise ou ênclise):

(4)

- a) *Ele cá esteve ontem / Ele esteve cá ontem.*
 b) *Ele só a viu ontem / Ele viu-a só ontem.*

(v) Ambos podem ser dêiticos:

(5)

- a) *Olhe para cá.*
 b) *Pegue-o!*

(vi) Ambos podem funcionar como argumentos do verbo:

(6)

- a) *João veio aqui.*
 b) *João deu-o a uma ONG.*

Os pronomes pessoais da 3ª pessoa possuem marcas de pessoa, gênero, número e caso, e os de 1ª e 2ª, as de pessoa, número e caso. Já os pronomes locativos **hi** e **en** (que não existem mais no português atual) somente possuíam marca de caso, respectivamente locativo e genitivo.

De acordo com Kato (2004), cujos argumentos foram apresentados mais extensamente no Cap. I, deve-se distinguir o nominativo por “default” do pronome forte, que não tem caso atribuído ou checado, do nominativo estrutural do pronome fraco (*he* do inglês, *je* do francês), que é regido por Tempo / Concordância, ou INFL. No PE, língua de sujeito nulo, o nominativo é por “default” porque ele ocupa a posição de Tópico, sendo redobrado (ou redobrando) a Concordância, que é pronominal, como em toda língua de sujeito nulo. Já no PB temos o pronome forte e o fraco, por termos perdido a característica de sujeito nulo:

(7)

PB [*ELE*_I[_{IP} *ele*_I *fala bem*]] Ing. [*HIM* [*he...*]] Francês [*LUI* [*il...*]]PE [*ELE*_I[_{IP} *fala* ∅ *bem*]] Ital. [*LUI* [*parla* ∅]]

Os pronomes nos casos dativo e acusativo, também chamados de formas do caso oblíquo, podem ser tônicos ou átonos. As formas tônicas estão sempre no caso dativo e são usadas somente com preposição. As formas átonas podem estar tanto no caso dativo como no acusativo e são sempre regidas pelo verbo.

As formas acusativas e dativas de 1^a e 2^a pessoas no plural são homônimas. No acusativo e dativo singular essas mesmas pessoas podem ser usadas tanto num como noutra caso; as formas *me*, *te*, *se* são usadas predominantemente em função de acusativo; *mi*, *ti*, *si* são usadas preferentemente como dativo, mas *me*, *te*, *se* também podem ser usadas como dativas. Na 3^a pessoa, as acusativas e as dativas apresentam neutralização das marcas de gênero e número.

Do ponto de vista de sua colocação, as formas tônicas, tanto independentes como dependentes, podem ocupar o lugar umas das outras. Assim, uma forma nominativa pode ocupar o lugar de uma acusativa (semelhante ao PB *eu vi ele* por *eu o vi*), como em (8 a-c):

(8) *Ele* acusativo

- a) [XIII: 1287 HGP 137:19] *a nossa herdade de Pineiros a qual ffoy de Pedro Coçado e a qual leixou a sa neta Maria Fernãdez en sua voz, [...] per tal preito damos **ella** a uos que lauredes ella commo nõ desfalesca per m~jgua de lauor [...]*
- b) [XIII: 1269 HGP 182:12] *damos a uos Joanino Dogresso e a uossa moller Marina de Deus e a toda uossa uoz aquella vina dos muymêtos qual foy de Pelayo Fernandez en tal maneyra que lauredes **ella** e proueytedes bem e fiel mête en tal maneyra que nõ falesca per lauor*
- c) [XIII: 1271 HGP 185:9] *eu [...] dou e doo e outorgo ao moesteyro de Sancta Maria d'Oya quantas vinas ey e quantas gaanar ena villa de Fornelos assy de ma madre como doutros; doulas en tal condizõ a Sancta Maria que eu tena **ellas** en mina vida e nõ nas possa vêder nẽ emponorar per nulla maneyra en toda ma vida [...]*

Formas dativas como *mim* e *ti* podiam aparecer na função de sujeito, ocorrendo (9a-b)¹ ou substituindo formas nominativas em certas orações comparativas (9c-f)²:

(9) *Mim, ti* nominativos

- a) *mas casemo-nos eu e ti*
- b) *ora vamos eu e ti*
- c) *Mais o coração pode mais ca mi*
- d) *Porque mataste aquelle mouro que era melhor que ti*
- e) *Ca tu vees que milhor cavalleiro ca ti a guanhou*
- f) *Sodes milhor cavalleiro e mais ardido ca mim*

Também os pronomes dependentes tônicos e átonos podiam se substituir uns aos outros. As formas oblíquas³ podiam assumir no PM a função de acusativo quando se tratava de pessoas, o mesmo acontecendo no português atual. Pode-se encontrar também as formas oblíquas sem preposição, ou como acusativo ou como dativo. Os pronomes tônicos dependentes podiam ter um emprego enfático, segundo as gramáticas, como em (10a), na qual o pronome vem acompanhado de preposição, ou como em (10b-e), sem preposição:

(10) *Mim, ti, ell* preposicionados

- a) *Ora todalas animalias vençem a mym*
- b) *Eu nom temo ty*
- c) *E o senhor disse ... que enforcariam ell*
- d) *Ca todo mi aven assi, d'esto seede sabedor*
- e) *Nen me val Deus nen min poss' eu valer*

O objeto direto enfático podia ser expresso pelo dativo, preposicionado ou não. No PM podia se dispensar o uso da preposição, como em (11a-g), mas já no português quinhentista isso não mais acontecia (11h-i):

(11) Clíticos pessoais como objeto direto enfático⁴

- a) *Contando como cativarom elle e os outros oito*
- b) *Sojugam sy meesmos*
- c) *Segure mim e meus portos*

¹ Exemplos tirados de Nunes (1945:250)

² Exemplos tirados de Said Ali (1964:95)

³ Exemplos tirados de Huber (1933:174)

⁴ Exemplos tirados de Said Ali (1964:94-95)

- d) *Desomrramdo ssi desomrra nos e todo seu linhagem*
- e) *Leixarei **elle***
- f) ***El**, amiga, achei eu*
- g) *Nom poss' eu... nem **mi** nem **el** forçar*
- h) *viu-me **a mim** e não **a ele***
- i) *A quem cuidas que venceram os godos? **a mim**? não por certo, se não **a ti***

Os locativos também podiam ser substituídos uns pelos outros: **hi** por **en/ende**, **hi** por **aqui/ali/aí**:

(12) Alternância de uso dos locativos **hi** e **ende**

- a) [XIII SG 289:21] *Mas por esta cinta e por esto al que tem em lugar de correas me fiz t[os]quiar, e nom me acho delo mal pois **por i** dei cima a tam fermosa aventura come esta".*
- b) [XIII CSM1 187:29] *Que lle disse, se livre seer queria, / que lle déss' algo, e se non, no[n] seria. / El dar non llo pode. Ca o non tragia, / e **poren** foy-sse mui trist' e mui coitado. [Vê-se nestes exemplos que **por i** de (12a) pode também aparecer como **por en**, como em (12b), guardando o mesmo sentido].*
- c) [XIII SG 430:31, 431:1] *"Caledo-vos, ca nom a mester. Ca se o al rei dissermos, tal guerra poderá **i** nacer por que mais de IX mil homês poderiam **i** morrer, e con todo esto nom poderia seer vossa desonra vingada, ca sobeja mente é gram [o] oider e a linhagem de rei Bam, e Deus os [tem] en tal onrra e em tal poder que nom cuido que podessen seer dirribados por homem. E por esto leixemos nos en, ca mui gram mala ventura sobejo poderia **en** nacer.[o verbo nacer vem ou com **hi** ou com **en**, guardando o mesmo sentido]*
- d) [XIII SG 149:22] *Calou-se, que nom quiria descobrir tal cousa, ca pella ventura poderia **de i** vir grande mal, ca dultava que Persival matasse Galvam se o pero verdade soubesse.*
- e) [XIII SG 165:24] *"Donzella", disse Gallaaz, "ora nom ajades pavor, mas ide seguramente com Persival, e eu vos digo que, se vos cometerem, ca Deos vos dará **i** tal ajuda que vos partiredes **de i** leda e honrada".*
- f) [XIII CSM1 129:13] *Pois esto disse, missa foi oyr / mui cantada; mas ante que partir- / s'**en** quisesse, fez-ll' o açor viir / Santa Maria, ond'ouv'el sabor. [o verbo partir pode ser usado ou com **hi** (12e) ou com **en** (12f), e o sentido permanece o mesmo]*
- g) [XIII SG 13:15] *Elles em esto fallando virom vir pela rebeira ua donzella sobre uu palafrem branco, e quando chegou a elles, preguntou, se era **i** Lançarot.*
- h) [XIII SG 1:10] *"Eu demando", disse ella, "por dom Lançarot do Lago. É **aqui**?" [**hi** (12g) e **aqui** (12h) têm o mesmo sentido]*
- i) [XIV:1399 HGP 63:9] *Eu Afonso Eanes, notario ppublico del rey nos coutos de Mõfero a esto presente fuj e escripuj e pono y meu nome e synal.*
- j) [XV:1410 HGP 99:16] *Et eu Iohan Fernandes Sfarido, notario publico de nosso Señor el Rey en Viueiro, a esto que dito he cõ as ditas testemoyas presente foy e esta carta fiz escripujr para o dito cõuento e puge **aqui** este meu sig(+)**no** en testimoyo de verdat.*
- k) [XV:1442 HGP 110:13] *Et eu Gonçaluo Fernandes, notario ppublico jurado dado por don Pedro abbade do moesteiro de Vjla Noua de Lourçëaa enna vjla de Vjlla Noua [...] esta carta de concãbea e permutaçon en mjna presença fige*

escriuir por outorgamento dos sobre ditos et ay puge meu nomme e sinal [...] [hi (12i), *aqui* (12j) e *aí* (12k) foram se permutando ao longo do período medieval]

II.0.2 – As variantes locativas no PM

Como ficou claro mais acima, nesta tese só vai me interessar o locativo *hi*. Apesar disso, enumero alguns exemplos do conjunto dos locativos existentes no PM:

(13) Locativo *hi*

- a) [XIII:1278 HGP 75:18] [...] e escriuj esta carta per mādado das partes e puge y meu sinal en testimúio de uerdade
- b) [XIII-XIV CA 209:10] E mia senhor e meu lum'e meu ben, / pero que m' eu muitas terras andei, / nunca **i** tan fremosa don(a) achei / come vos
- c) [XIII CSM1 16:38] [...] mai-la santa dona, quando ll' oyu dizer tal trayçon, / en hũa torre o meteu en muy gran prijon, / jurando muyto que o faria y morrer
- d) [XIV DSG 46:18] [...] e pousando entanto en hũa eigreja de San Pedro que **hi** avia
- e) [XIV PP 296:8] E a molher que desta maneyra viuer cono clerigo deue sseer enssarrada en hũũ moesteyro que faça hy peendença en toda ssua uida
- f) [XV CDP 162:26] E quando el-rrei ouve de fazer suas vodas em Valhadolide com dona Branca, segundo contámos, chegou hi ho conde dom Henrrique e dom Tello seu irmão

(14) O locativo *en/ende*

- a) [XIII SG 9:9] “Ora podedes ir com nosco de consuum, ca assi começamos nos ir apos ella, e nom nos partiremos ende ataa que saibamos onde estas vozes veem que della saem”
- b) [XIII CSM1 96:31] Poi-lo Bispo soube | per el a verdade,/ mandou-lle tan toste | mui sen piedade/ que a vezindade/ leixas|s|' da cidade/ toste sen desden,/ e que ssa via/ logo sse foss' en
- c) [XIII CSM1 129:37] Pois esto disse, missa foi oyr/ mui cantada; mas ante que partir-/s' en quisesse, fez-ll' o açor vñir/ Santa Maria, ond' ouv' el sabor
- d) [XIII CSM1 173:12] Eva nos foi deitar/ do dem' en sa prijon,/ e Ave **en** sacar

(15) O locativo *u*

- a) [XIII FR 154:11] Nenhua cousa que for metuda en contenda en juyzo ñõ possa seer uenduda nen alleada nen trasposta do logar **u** é, ata que seya liurada per juyzo ou per aueença
- b) [XIII CSM1 122:28] Este donzel, [...] foy buscar **u** o põer / podesse
- c) [XIII CSM1 244:29] **U** ides assi, marido, | de noite come ladron ?
- d) [XIII CSM1 5:30] e foy-o deytar, / [...] **u** deytan a cevada
- e) [XIII CSM1 72:66] mas vos ide põer / a paga **u** mia eu porria

- f) [XIII CSM1 73:129] *poi-los foi contar e volver, / a arca pos u el dormia*
 g) [XIII CSM1 106:126] *Quand' este miragre viron, | tornaron mui volonter / u leixaran as relicas*
 h) [XIII CSM1 15:12] *e queimou quant' avia / na iegreja, mas non foi u siia / a omagen da que foi Virgen pura*

II.0.3 – O locativo *hi*: origens

O locativo *hi*⁵, segundo alguns autores hispânicos, representa a fusão de dois advérbios latinos: lat. *ibi* "ali" > port.*i* e lat. *hic* "aqui"> port.*i*, que tem o sentido de "aqui / aí / ali", marcando o lugar onde se está ou o lugar para onde se vai. O primeiro passou por uma alteração: lat. *ibi* perde a consoante **b**, que em contextos de vogais desaparece, passando a forma ser **ii**, e com a crase das duas vogais surge o nosso *hi*. A primeira forma latina era átona, e a segunda, tônica. Dentre as línguas ibéricas somente o catalão conservou as duas formas separadas.

Quando comecei a fazer o levantamento do locativo *hi* em textos portugueses medievais, notei que uma pequena quantidade deles não confirmavam as descrições tradicionais sobre os clíticos pronominais, pois ele aparecia como primeiro elemento da sentença. Concluí então que o PM ainda mantinha restos da forma latina *hic*, tendo havido confluência tanto de forma como de sentido, mas não de posição em relação ao verbo. Assim, propus que as duas formas latinas, *hic* e *ibi*, tinham sobrevivido na fase romance do português e que integravam estruturas diferentes. Vou chamar de *hi(c)* a forma tônica, e de *hi*, a átona. Vejamos um pouco sobre esse desconhecido pronome tônico.

Hi(c) era um pronome tônico, fazia parte do núcleo funcional DP e não aparecia em construções de redobro. Foi encontrado em poucos exemplos, que se concentram quase que exclusivamente no século XIII e seu comportamento, em linhas bem gerais, parecia ser o seguinte:

(i) ocupava tanto o primeiro lugar da sentença como o último, vinha antes de clíticos pessoais/reflexivos, e aparecia maiormente em orações independentes:

⁵ Como o locativo *i* é uma palavra tão pequena, vou grafar sempre assim *hi*, quando usá-lo no texto que estou escrevendo, mas quando forem mencionados exemplos, ele virá com a grafia que ocorrer no texto.

(16)

- a) [XIV DSG 146:38] *muito tempo foi comigo naquesta cidade de Roma e morou en este meu moesteiro e **hi** o soterraron*
- b) [XIV DSG 159:40] *mandou fazer sa cama cabo do muimento do martir e **hi** se deitou a folgar*
- c) [XIII FCR 35:6] *E, si o da uila achare al aldeano ena uila, demostrele plazo con .I. fiel pora outro dia, exida de misa matinal, ala collacion hu aya alcalde; e, sele y demandare casa con pennos, e y lela dé*
- d) [XIII SG 86:17] *Ide a ãu castelo que é aqui ãa legoa pequena e **i** o acharedes.*

(ii) parecia ter o papel de anunciador de uma sentença

(17)

- a) [XIII CEM 342:6] *Loavan un dia, en Lugo, Elvira / Pérez [...] / e Don Lopo [Lias] diss' **i** enton, / per bõa fé, que já x' el melhor vira*
- b) [XIII CA 413:3] *Negueo mia coita des ãa sazõ; / mas con gran coita que ouv(e) e que ei, / òuvi-a falar **i** como vus direi: / enos cantares que fiz des enton / en guisa soube mia coita dizer / que nunca mi-a poderon entender!*

(iii) podia ser empregado com o sentido de 'então'⁶

(18)

- a) [XIII FCR 82:9] *[..] si aquesto non conplire aquel que dá el octor, per hi caya, e, **hy** hu dere el octor, **hy** dé fiador que faça quanto mandaren alkaldes.*
- b) [XV VPA1 187:1] *adusserom-nos pera Cesarea, a de Estracio. E **i**, [...] mudarom-nos os nomes e venderom-nos a ãa judia mui boa*
- c) [XIV LLCP 244:4] *Os fidalgos portugueses lhi responderom: "Senhor, os que aqui estam hoje, este dia, vos faram vencer, ou **i** todos prenderemos morte".*

(iv) podia se combinar com preposições como **des**, **per** e **por**

(19)

- a) [XIII CEM 64:7] *E dos poldrancos de Campos levarei grandes companhas / e dar-vos-ei en ajuda tôdolos de Val de Canhas; / e des **i** pera meu corpo levarei tal guisamento, / que nunca en nen un tempo trouxe tal Pero Sarmiento*
- b) [XIII CA 341:19] *E por esto rogo Nostro Senhor / que lhe meta eno seu coração / que me faça ben, poi'-lo a ela non / ousou rogar [...] Se per **i** seu ben ouuess' a perder; / ca sen ela non poss' eu ben aver / eno mundo, nen de Nostro Senhor*
- c) [XIII SG 58:13] *E quando vio o escudo de Galvam, conheceo-o por **i**, e ouve gram pesar, ca sempre lhe fezera amor*

⁶ Talvez fosse o começo da classe dos articuladores discursivos, que existem no português atual.

(v) sobreviveu em pronomes circunstanciais de lugar como *aquí*, *ali* e *aí*

(20)

- a) [XIII SG 199:25] “Perto daqui”, disse Galvam, “ha ãa irmida u o quisera eu levar quando este cavalleiro me cometeo; **ahi** irá el bem e a gram onra
- b) [XIII SG 444:5] “Que faremos? Ca se leixarmos **aquí** muito Galvam eu cuido que morrerá com pesar”. “Senhor, disserom eles, nos teeriamos por bem de o alongarmos daqui e de o guardarmos em hũa camara ata que estes sejam soterrados. Ca, sem falha, se aqui muito está, morrerá.”
- c) [XV VS1 43:40] E a besta engoly-a logo e sofreo **aly** muitas pe / nas. E desi a cabo de pouco aquella besta deitou-a de ssy ã / fundo do lago

Vejamos agora o comportamento de **hi**: ele era um clítico, fazia parte de uma minioração e podia se tornar complemento de verbos. Podia ocorrer sozinho ou acompanhado de um PP, nos casos de redobramento. Alguns exemplos:

(21) Clítico locativo **hi** simples

- a) [XIII:1274 HGP 73:32] [...] que é gaancia do casal de Casela e no Vilar de Dõ Senã quanto y **auia** Martin Eanes e Azãda Moniz asy d' auóo como de conpras e de gaancias
- b) [XV:1426 HGP 169:37] [...] et nõ agoardando, que o moesteiro posa tomar suas casas e cortinas cõ quantas boas paraças nos y **fezeremos** et **teueremos feitas**.
- c) [XIII FR 247:4] E se a casa ouuer mester de se refazer e de se adubar e o senhor a nõ quiser adubar, frõt[e]o aaquel que a ten e possaa leyxar. E dé o aluger do tempo que y **morou** e nõ mays.
- d) [LLCP 278:6] E entom passou o rio aalem, e parou-se nos caminhos dos vaos todos, porque nom sabia por qual vao queria passar, nem per qual caminho viinha. E **atendeo i** dous dias.

(22) Clítico locativo **hi** redobrado

- a) [XIII:1298 HGP 208:5] e a quinta parte de .xvj. peças d'erdade que **son y enno couto de Bueu**
- b) [XIII SG 422:30] E os filhos del-rei que **i jaziam no paaço** chegarom i primeiro e acharom sa madre cabo del-rei dormindo e o coitelo sobre ela

Com respeito à grafia, tanto o pronome locativo **hi(c)**, como o clítico **hi**, apresentavam grafias semelhantes e variáveis: *i*, *hi*, *y*, *hy* *hj*, como se vê em:

(23) Grafias de **hi**

- a) [XIV LLD 75:9] E Mília Fernandes seve casada com Fernam Rodrigues de Vasconcelos, e **ha i** filhos

- b) [XIII CR 302:17] *hu m' el fez muytas uezes coutad' estar, na ermida do soueral. Se el non uen **hi**, madre, ey que farey*
- c) [XIII CSMI 214:12] *De monjes gran convento eran y [...] un tesoureir' y era aquela sazón*
- d) [XIII FCR 115:19] *E quise alçare, meta suas bestias a foro sobrelas outras que hy iazen*
- e) [XIV:1386 HGP 286:5] [...] *que os ditos sstromentos sscreuj e a cada huu deles meu signal hj fiz que tal (+) é en testemonho de uerdade*

Como não há estudos sobre o clítico **hi** redobrado, foi difícil organizar seus dados e por isso resolvi fazer uma proposta de estudo dele, a qual apresento agora.

II.0.4 – Proposta de estudo para o redobramento do clítico locativo *hi* no PM

Uma hipótese central preside a itemização deste capítulo: o locativo se manifestou primordialmente em estrutura redobrada, sendo que um conjunto de alterações reduziram esta estrutura ao locativo simples.

Como já foi dito mais acima, para fazer um estudo do clítico **hi** redobrado foi necessário estudar os clíticos pessoais redobrados de acusativo e dativo. Juntando todos os dados, articulei uma proposta baseada em etapas de modificação do clítico redobrado, proposta essa que apresento resumida no Quadro 1, antes de estudá-las uma a uma:

Quadro 1 – Etapas de mudança do clítico locativo *hi* redobrado

Etapa A	Etapa B			Etapa C
<p>redobramento original</p> <p>(i) estrutura contendo dois pronomes correferenciais e em adjacência estrita;</p> <p>(ii) se adjunge à direita do verbo;</p> <p>(iii) o constituinte preposicionado é iniciado pela preposição em.</p>	<p>redobramento modificado, dada</p> <p>(i) a perda da adjacência estrita entre os dois pronomes, provocada pela cliticização do pronome fraco ao verbo, tornando-se seu complemento;</p> <p>(ii) permanência da correferencialidade entre os dois pronomes</p> <p>(iii) o constituinte redobrado, ainda adjunto ao verbo, se movimenta para a esquerda ou direita da sentença;</p> <p>(iv) elipse do pronome fraco e conseqüente transformação do constituinte redobrado em complemento do verbo</p> <p>(v) surgimento de três tipos de estruturas: deslocada , descontínua e elíptica</p>			<p>simplificação do redobramento, dada</p> <p>(i) a perda da correferencialidade entre os dois pronomes</p> <p>(ii) variação entre o pronome fraco e o constituinte redobrado</p> <p>(iii) pronome fraco aparece sozinho com o verbo</p> <p>(iv) desaparecimento do pronome fraco</p>
<p>estrutura original (EO)</p> <p>a) primariamente, independentemente do tipo de sentença, se posicionava sempre à direita do verbo,</p> <p>b) posteriormente passou também a se posicionar depois de um complementizador, em sentenças dependentes, e depois de nomes quantificados ou advérbios, em sentenças independentes.</p>	<p>estrutura deslocada (EDesl.)</p> <p>a) estrutura deslocada do tipo 1</p> <p>(i) colocação do clítico à direita do verbo</p> <p>(ii) deslocamento do PP para a esquerda da sentença</p> <p>b) estrutura deslocada do tipo 2</p> <p>(i) colocação do clítico à esquerda do verbo</p> <p>(ii) deslocamento do PP para a esquerda da sentença</p>	<p>estrutura descontínua (EDesc.)</p> <p>a) estrutura descontínua do tipo 1</p> <p>(i) colocação do clítico à direita do verbo</p> <p>(ii) aparecimento de itens lexicais entre os dois pronomes</p> <p>(iii) movimentação do constituinte redobrado para o fim da sentença</p> <p>b) estrutura descontínua do tipo 2</p> <p>(i) colocação do clítico à esquerda do verbo</p> <p>(ii) o verbo aparece entre os dois pronomes, na maior parte dos casos</p> <p>(iii) possibilidade do constituinte redobrado se movimentar para o fim da sentença quando relativizado</p>	<p>estrutura elíptica (EElip.)</p> <p>a) o pronome fraco, como complemento do verbo, é elidido</p> <p>b) o constituinte redobrado se torna complemento do verbo</p>	<p>estrutura simplificada (ES)</p> <p>a) o pronome fraco pode aparecer enclítico ou proclítico ao verbo, dependendo do tipo sentencial e dependendo do item lexical que está no início da sentença</p>

II.1 – O CLÍTICO LOCATIVO *HI* REDOBRADO

Foram encontradas somente 150 ocorrências de *hi* redobrado, que estão distribuídas como mostra a Tabela 4:

Tabela 3 – Distribuição do clítico locativo redobrado *hi* no PM

	Clítico locativo <i>hi</i> redobrado			Total
	<i>hiPP</i> V(V)	<i>VhiPP</i>	<i>hiVPP</i>	
1ª fase	3/77 4%	39/77 51%	35/77 45%	77
2ª fase	-	21/38 55%	17/38 45%	38
Total	3	60	52	115

Enfatizei nessa tabela a colocação do clítico redobrado em relação verbo (V): (i) *hiPP*V(V) significa que o clítico redobrado pode se colocar antes de um verbo, simples ou não, e foram juntados porque o número de ocorrências, com dois verbos, era extremamente baixo, (ii) *VhiPP* indica que o clítico redobrado ocorreu depois do verbo, e (iii) em *hiVPP*, o verbo aparece entre o clítico e seu redobro. O clítico redobrado antes do verbo, praticamente não existia mais. O clítico redobrado depois do verbo e o verbo entre os dois pronomes têm ocorrências quase iguais nas duas fases do PM.

Vejamos agora como foi a constituição das etapas de gramaticalização da minioração com *hi* redobrado, das quais resultou a colocação do clítico e seu redobro em posições diversas, como aparecem na tabela 3.

II.1.1 – Etapas de mudança do clítico locativo redobrado *hi*

Segundo a hipótese que anima o arranjo deste capítulo, insistindo uma vez mais neste ponto, o locativo redobrado passou por três etapas de modificação: (1) Etapa A, onde domina a estrutura original (EO) e na qual a minioração está em adjunção a um verbo; (2) Etapa B, na qual predomina uma estrutura dissociada (ED), em que o pronome fraco funciona como complemento do verbo e o constituinte redobrado está em adjunção ao verbo, movimentando-se pela oração, ou desaparece o

pronome fraco e o PP se torna complemento do verbo; finalmente, (3) Etapa C, na qual aparece uma estrutura simplificada (ES), na qual o pronome fraco aparece sozinho e depois desaparece. Cada estrutura vai ser vista como uma etapa independente, uma faceta no tratamento gramatical dos locativos.

Gostaria de salientar que “etapa” não significa nesta tese necessariamente um “momento” da gramática dos locativos, a ser substituída por outra etapa / momento, situado posteriormente na linha do tempo. Entenda-se por “etapa” uma determinada gramática da classe em exame, que convive com outras gramáticas numa mesma sincronia, mudando apenas a frequência de seu uso.

Dois fatos são relevantes e vão ser considerados quando da descrição dessas estruturas: (i) o tipo de oração, independente ou dependente e (ii) a colocação do clítico redobrado na sentença, levando em consideração o tipo sentencial.

O tipo oracional envolvendo mudanças sintáticas é bem documentado, pois as mudanças começam pelas orações independentes e chegam depois às orações dependentes. É nas orações dependentes que são conservados os últimos vestígios da mudança.

Com respeito à colocação do clítico locativo pertencendo a um redobro, ele segue as mesmas regras de cliticização que um clítico locativo simples segue.

Salvi (1990) destaca que o noroeste da Península Ibérica sempre foi uma região muito conservadora do ponto de vista lingüístico, em relação a outras regiões românicas e por isso guardou um tipo de cliticização que vigorou em toda a região românica na época romance. Esse tipo primitivo de cliticização levava em conta o tipo oracional: todo constituinte átono se liga ao primeiro elemento da sentença, ou seja, a uma conjunção, quando a oração é dependente, ou a um nome quantificado, quando a oração é independente. As outras regiões da România passaram por outro estágio de cliticização de pronomes átonos e deixaram para trás o antigo modo de cliticização. Agora eles se cliticizam à volta do verbo, numa posição de próclise ou ênclise.

Levando-se em conta a observação de Salvi e o posicionamento do clítico redobrado, pode-se propor que em matéria de cliticização as línguas dessa região bem conservadora, ou seja, o galego, o português e o leonês, apresentaram, no romance, dois tipos de cliticização: (i) um tipo mais antigo, com exemplos do séc. XIII, que leva em conta a qualidade do primeiro elemento da sentença, isto é, um pronome átono se cliticiza a esse primeiro elemento e em decorrência disso pode aparecer o fenômeno da interpolação, isto é, entre o clítico e o verbo se interpõem itens lexicais, ou (ii) um tipo mais recente, no qual o clítico vem adjacente ao verbo, numa posição de próclise ou de ênclise, conforme o tipo de sentença. O tipo mais antigo de cliticização atingia sobretudo a classe dos clíticos redobrados.

No primeiro caso temos a ocorrência de alguns fatos ligados a ele: (i) o clítico locativo se colocando perto do primeiro elemento da sentença, surgindo assim, os casos de interpolação de constituintes entre o locativo e o verbo, (ii) o verbo se deslocando para uma outra posição, pois o clítico não pode aparecer como primeiro elemento da sentença, assim, o verbo se movimenta para a posição [C, de CP], ficando como primeiro elemento da sentença, ao qual o clítico, átono, se apoia, (iii) alguns advérbios e conjunções, situados no início da sentença, atraem o clítico locativo para uma posição adjacente a eles.

No segundo caso temos o clítico gravitando em volta do verbo e se posicionando antes ou depois dele⁷.

Assim, o locativo *hi* vai apresentar diferentes posições de colocação, como (i) adjacente ao primeiro elemento da sentença, (ii) imediatamente antes do verbo, (iii) imediatamente depois do verbo. Encontramos essas posições quando se trata de um verbo simples, pois com locuções verbais e verbos complexos as colocações podem ser diferentes.

⁷ Deve ter existido uma fase intermediária, na qual o clítico locativo podia estar adjacente ao primeiro elemento da sentença ou adjacente ao verbo, quando se tratava do posicionamento do clítico depois do primeiro elemento da sentença.

II.1.1.1 - Etapa A: a estrutura original

A **Etapa A** contém a estrutura redobrada em sua versão primária e por isso essa estrutura foi designada de **estrutura original** (doravante **EO**). É a etapa mais antiga e a menos documentada de todas, mas, reunindo dados dos clíticos pessoais e do clítico locativo **hi**, tentei reconstituí-la, em linhas gerais. Vejamos como teria sido.

A **EO** era uma minioração que tinha a seguinte estrutura

(24) [SC/PP hi [PP]]

e que apresentava as seguintes características:

- i) era uma estrutura contínua, como em (26) e (27),
- ii) continha dois pronomes, um fraco e um preposicionado, que estavam em adjacência estrita, como em (26) e (27),
- iii) se comportava como um pronome único, como em (26) e (27),
- iv) se colocava em adjunção ao verbo, como em (26) e (27),
- v) a preposição que acompanhava o PP era **em**, como em (26) e (27),
- vi) se posicionava à direita do verbo, independente do tipo de sentença, como em (26), exemplos de sentenças independentes, e (27), exemplos de sentenças dependentes
- vii) tinha a seguinte representação em relação ao verbo:

(25) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [V] [SC cl [PP]]]]]

Vejamos todos os exemplos encontrados:

(26) EO em orações independentes

- a) [XIV CGE2 195:20] *Teodemyro, rey dos Suevos, morreo logo **hy em Sevyilha**.*
- b) [XIV CGE2 410:5] *e meteronse ã hũa villa que chamavã Tavera [...] pera se defenderẽ hi, pois que aas naves nõ se podyã colher. [...] E morreron hy, dos das naves, mais de quatroçetos homẽes e, dos outros muytos. E perderõ hy essas gentes quatro naves das suas. Pero, cõ todo esso, morrerõ hi assaz dos das naves. E moraron **hy ãna terra** essas gentes hũs poucos dias*

- c) [XIV CGE2 446:21] *mãdou Mafomede [...] fazer naves **hy em essa cidade e em Sevilha e ennos outros logares que soube que avya avondo de madeira***

(27) EO em orações dependentes

- a) [XIII CA 794:9] *E pera qual terra lh' eu fugirei, / logu' el saberá mandado de mi, / ali u for'; e pois me **tever i / en sa prison**, sempr' eu esto direi*
- b) [XIII:1298 HGP 208:5] *e a quinta parte de .xvj. peças d'erdade que **son y enno couto de Bueu***
- c) [XIII FR 217:5] *Se aa ora que morrer o padre ou a madre ou qual quer delles, se alguu non ouuer fillos ena terra e outro fillo que **for y na terra** filharsse e apoderarse da boa que lhys perteeçe por erança [...]*
- d) [XIII CEM 247:9] *Dé-mi o que por el perdi / e un bon penhor aqui / por mia soldada; / e irei eu, se el **for i / na cavalgada***
- e) [XIII CEM 570:25] *E non daria ren por **viver i / en este mundo** mais do que vivi*
- f) [XIII LVL 49:28] *E então o filho que **andava i na nave** ouvio aquela palavra que sa madre dissera*
- g) [XIV:1345 HGP 258:21] *para receber ende o preçõ e para **põer hj en seu logo e en nosso nome** algũa pessçoa que procure e menistre as ditas herdades*
- h) [XIV PP 318:14] *Mvdarsse querêdo algũu clerigo da ssa jgreia pera fazer uida enoutra que fosse de rreligiõ, bem o pode fazer, pero primeyramête o pode demãdar a seu bispo que lho outorque ou a outro prelado meor se o **ouuer hy ã aquel logar**.*
- i) [XIV PP 523:15] *E ssenõ que a<s> **ffirmẽ con testemũho dos melhores que acharẽ hy nas cabanas**.*
- j) [XIV CGE2 443:22] *e que **estava hy na corte** hũũ filho dessa dona Timbor*

Outros tipos de exemplos mostram que nessa mesma etapa a minioração com *hi* redobrado passou por alterações em (v) e (vi), duas das características apresentadas mais acima. Essas alterações foram:

(v') a EO passou a se adjungir também a complementizadores ou a nomes quantificados ou a advérbios. Quando a sentença era independente, a EO se colocava à direita do verbo, como sempre fez, mas quando ela começava por nome quantificado ou advérbio, a EO se posicionava à direita deles. E quando a sentença era dependente, a EO se colocava à direita do complementizador. Com o locativo *hi* só foi localizado um exemplo, e na oração dependente, mas há muitos exemplos com o clítico pessoal dativo⁸:

⁸ (28a) EO com clítico dativo, em sentenças independentes começadas por nome quantificado (a), ou com advérbio de negação antes do verbo

- a) [XIII CA 754:1] *Toda'-las gentes **mi-a mi** estranhas son, / e as terras, senhor, per u eu ando / sen vos*
- b) [XIII CEM 253:15] *Deus **nunca mi a min** nada deu / e tolhe-me bõa senhor*

(28)

- a) [XIII:1299 HGP 214:3] e a todolos outros que y **en esse moesteyro** a Deus seruẽ e seruirã

(vi') ampliou a gama de preposições que podiam coocorrer com **hi**, como nos exemplos abaixo:

(29)

- a) [XIII CEM 123:5] Don Estêvão achei outro dia / mui sanhudo depos un seu om' ir ; / e sol non lhi pôd' un passo fogir / aquel seu ome depos que el ia; / e filhõ-o **i pelo cabeçon** / e ferio-o mui mal dun gran baston / que na outra mão destra tragia
- b) [XIII CEM 543:21] en Toledo sempr' ouço dizer / que mui maa [vila]de pescad' é; / [...] // E se de min quiserdes aprender / qual pescado ven en esta sazõ, / non[o] á i, sol lhis ven i salmon; / mais pescad' outro, pero despender, / mui rafeç' é, por vos eu non mentir: / ca vi eu a Peixota remanir / **i sô un leit'** ,
- c) [XIII SG 136:24] ãu dia che aveo que a ventura o levou na entrada da furesta. E achou **i sob ãu carvalho** ãu cavalleiro dormindo sobre seu scudo
- d) [XIII SG 298:28] Entom se forom de pos o cervo e entraram em ãu vale e virom **i entre ãas moutas** ãa ermida pequena u morava ãu homem bõo mui velho de santa vida e que avia muito que ja i fezera serviço a nosso Senhor.
- e) [XIV CGE2 443:25] E Bernaldo, quando o ouvyo, pesoulhe muyto de coraçõ e desafiouho porende logo **hi ante el rey**
- f) [XIII:1281 HGP 132:2] Mando y a **esse moestero de Monte de Ramo** o meu casar de Uila Ester cõ o meu quiñõ do Couto e cõ todas las outras cousas que y aio e deuo a auer

Em suma, nessa etapa vamos encontrar uma minioração na sua estrutura primitiva com dois tipos de comportamento envolvendo, primitivamente, uma adjunção à direita do verbo: (i) num primeiro momento nenhum elemento da sentença parece afetar a posição da minioração e assim aparece à direita do verbo, podendo

(28b) EO com clítico dativo, em sentenças dependentes

- a) [XIII CA 426:16] E me dissesse pois, se lhe pesasse, / pero m'a min pesaria muit'én
- b) [XIII CA 313:1] Nostro Senhor, que mi-a min faz amar / a melhor dona de quantas ela fez
- c) [XIII CA 105:14] Ca se el vir'o meu bom semelhar / d'esta senhor, porque mi-a min mal ven
- d) [XIII CA 615: 23] Que-quer que mi-a min gracido / fosse de quant'ei servido, / que mi-a min nada non val, / mia coita viço seria
- e) [XIII CEM 101:20] e se mi a mi a abadessa der/ madeira nova, esto lhi faria
- f) [XIII CA 516:3] pois mi-a min Deus non quis, nen mia senhor, / a que roguei de me d'el amparar

estar distante dele ou não, (ii) num segundo momento a minioração passa a ser sensível a alguns itens lexicais e em decorrência disso o tipo sentencial passa a ser levado em conta, o que faz surgir diferentes lugares de adjunção dessa minioração, pois agora ela aparece se posicionando ou à direita de um complementizador quando a sentença é dependente, ou à direita de um nome quantificado ou advérbio quando a sentença é independente, e ainda continua a se posicionar à direita do verbo, quando a sentença é independente e não apresenta nomes quantificados ou advérbios.

Esse tipo de estrutura é encontrado tanto em orações dependentes como independentes, como aparece nos exemplos dados acima.

II.1.1.2 - **Etapa B**: mudanças na estrutura original

A característica da **Etapa B** é a perda da adjacência estrita entre o pronome fraco e seu constituinte redobrado, quando da agregação do clítico ao verbo na qualidade de seu complemento. Com isso o PP, continuando como adjunto, tem a liberdade de se movimentar pela sentença, indo para a direita ou esquerda da sentença. Essa etapa apresenta três tipos de mudanças da EO, sendo que cada uma é independente da outra: (i) na 1ª mudança, o clítico se vincula ao verbo se posicionando enclítica ou procliticamente a ele, e o PP se desloca para a periferia esquerda ou direita da sentença, (ii) na 2ª mudança, a vinculação do clítico ao verbo causa uma descontinuação entre o pronome fraco e seu PP, e provoca o aparecimento de itens lexicais entre os dois, e (iii) na 3ª mudança, o clítico se elide, restando somente PP, que se torna complemento do verbo. Estudemos cada uma dessas mudanças.

II.1.1.2.1 – Primeira mudança: **estrutura deslocada**

A primeira mudança ocorrida na EO originou a estrutura aqui chamada de **deslocada** (EDesl.) e recebeu esse nome porque (i) o PP se antepõe ao clítico e (ii) o clítico se torna complemento do verbo, se posicionando como enclítico ou proclítico ao verbo, o que origina dois tipos de deslocamento. Quando o clítico está enclítico ao verbo temos uma estrutura deslocada do tipo 1, e quando o clítico está proclítico ao verbo, surge a estrutura deslocada do tipo 2. Vejamos cada um desses deslocamentos.

1. Estrutura deslocada do tipo 1.

Quando o pronome fraco se encliticizou ao verbo, a EO ficou assim

(30) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [SC [e]_j PP]]]]]

e o PP, redobro do clítico, adjunto a esse mesmo verbo se deslocou para a esquerda da sentença, ocupando uma posição mais alta que CP, talvez a de TopP:

(31) [PP PP]_k [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [SC [e]_j [e]_k]]]]]]

O deslocamento do PP locativo para a esquerda da sentença está bem pouco documentado no PM, mas ainda pode ser encontrado tanto em orações dependentes como em independentes, no PM.

(32) PP locativo deslocado à esquerda, na oração independente

- a) [XIII CSM1 183:28] [...] mais **ena ygreja** mannãa seremos y
- b) [XIII CSM1 43:20] [...] ca o demo **no seu coração** / metera y tan grand' erigia, / que per ren non podia mayor
- c) [XIII CSM1 90:24] E porend' un aldeão de Segovia, que morava / na aldea, hũa vaca perdera que muit' amava; / e **en aquela ssazon** / foran y outras perdudas
- d) [XIII CSM1 149:22] **Ant' a eigreja qu' en un vale jaz**, / e ant' a porta paravan-ss' en az / e estavan y todas mui quedas en pas
- e) [XIII CSM1 122:22] En aquela praç' avia un prado mui verd' assaz [...] **Sobr' aquest'** hũa vegada | chegou y un gran tropel / de mancebos por jogaren | à pelota
- f) [XIV DSG 81:10] **En aquel logar hu estava en oraçon con os frades avia hi** hũũ tonel en que soiam meter azeite

(33) PP locativo deslocado à esquerda, na oração dependente

- a) [XIII SG 349:26] Mas quando tu fores livre, destrue este castelo e quantos i son fora as donzelas que **en presom jazem i**
- b) [XV:1448 HGP 260:3] **no moosteiro de sam Saluador de Uairam** [...] estando hy ha senhora Janebra de Ssaa, dona abaesa do dito moosteiro, e a honrada Lí'janor Dí'jaz, prioressa [...] emprazou e fez prazo a Lourenço Afonsso
- c) [XV:1454 HGP 262:27] **na clasta de Sam Salluador de Uayram da hordem de Sam Bento** [...] estando hij em cabijdo a honrada e rrellegiosa senhora Jenebra de Saa, dona abadesa do dicto moesteiro

- d) [XV:1484 HGP 267:4] *no paaço do mosteyro de Sam Saluador de Bayram [...] estando hy a senhor donna Líjanor do Rego*

2. Estrutura deslocada do tipo 2

Quando o pronome fraco se posicionou em próclise ao verbo, também como complemento do verbo, surgiu a estrutura

- (34) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [cl_j V] [SC [e]_j PP]]]]]

e seu PP, que continuava adjunto ao verbo, se deslocou para a esquerda da sentença, dando origem ao que chamei de deslocamento 2 (Edesl.2):

- (35) [PP PP]_k [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [cl_j V] [SC [e]_j [e]_k]]]]]

Exemplos:

- (36) PP locativo deslocado à esquerda, em orações independentes

- a) [XIII CSM1 208:4] *Eno nome de Maria / çinque letras, no-mais, y á*
 b) [XIV:1385 HGP 61:27] *Eu Pedro Fernandez, [...] polo dito Vasco Gomez en esta carta que o dito Hohā Peres escripuyo en meu lugar e per meu mādado este meu signal y figy en testemuyo de uerdade*
 c) [XIII:1296 HGP 206:14] *Eu Vidal Domĩguiz [...] vy una carta feyta per Martĩ Peris [...] que m~j mostrou Esteuāi Nunez [...] e a rogo del ééste treslado meu sinal y pugj*
 d) [XIV:1301 HGP 219:29] *en esta carta que Johā Tome fez de meu mādado meu sinal y pono que tal est*
 e) [XIV:1385 HGP 61:27] *Eu Pedro Fernandez, [...] polo dito Vasco Gomez en esta carta que o dito Hohā Peres escripuyo en meu lugar e per meu mādado este meu signal y figy en testemuyo de uerdade*

- (37) PP locativo deslocado à esquerda, em orações dependentes

- a) [XIV PP 552:4] *E ainda en poer este sêsso ha departimêto ca en logares hy ha en que o pō o [papa] e (os) outros en que o poē os bispos en seys bispados.*
 b) [XIII CEM 115:17] *E en Cistel, u verdade soía / sempre morar, disserom-me que non / morava i avia gran sazon*
 c) [XIII FCR 118:22] *En Castel Rodrigo, ningun requero que pan e uino hy aduxer, non dé portadgo*

O PP, tanto no deslocamento 1 como no deslocamento 2, tem sua posição primária à direita do verbo, mas o que torna os dois deslocamentos diferentes é a posição do clítico em relação ao verbo e a posição ocupada pelo PP depois do seu deslocamento. Quando o clítico está enclítico ao verbo, seu PP ocupa uma posição acima de CP, talvez a de tópico na sentença, e quando o clítico está proclítico ao verbo, o PP ocupa uma outra posição na sentença, talvez abaixo de CP. Essa é uma questão a ser melhor estudada com mais exemplos.

II.1.1.2.2 – Segunda mudança: **estrutura descontínua**

A segunda mudança ocorrida na EO deu origem à estrutura **descontínua** (Edesc.) e foi assim chamada porque (i) o clítico, já complemento do verbo, pode aparecer na posição enclítica ou proclítica a esse mesmo verbo, e (ii) o PP aparece separado de seu redobrador, surgindo itens lexicais entre ambos. Essa estrutura está muito bem documentada em todo o PM e é bem frequente. Vejamos como ela surgiu.

1. Estrutura descontínua do tipo 1

O pronome fraco se encliticizou ao verbo, se separou de seu PP

(38) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [SC [e]_j PP]]]]] ...

e entre ambos apareceram itens lexicais

(39) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [SC [e]_j PP]]]]] ...

Os itens lexicais, indicado com reticências na estrutura acima, podem ser de vários tipos: nome (complemento ou sujeito posposto), advérbio, PP, pronome em adjunção.

(40) PP locativo se posicionando afastado do clítico e se posicionando à sua direita, em orações independentes

- a) [XIII SG 423:18] *E cavalgarom muitas jornadas ata que chegarom aa riba do mar e acharom **i** a mui fremosa nave **na riba** que Salamom e sa molher fezeram*
- b) [XIV PP 445:19] *Uagando algũa eygreia per algũa rrazõ en que ouesse algũõ deryto de padroado nõ deue o bisp<o> nõ outro prelado **poer hy** clerigo **enela** ameos de o apresentarẽ os padres.*
- c) [XIV CGE2 40:14] *Ca Espanha se rega cõ nove ryos cabedaes [...] os quaees nove ryos som estes [...] E affora estes **ha hy** outros muytos ryos **nas Esturas e en Galliza e em Portugal e en Andaluzia***
- d) [XIII:1299 HGP 209:19] *e **mãdo y** para hũa pitaça **a esse moesteyro** enno dia en que me soterrarẽ .L.^a mor.*
- e) [XIV DSG 243:23] *Se ofereceres tua oferta ao altar e hi te nembras que o teu proximo ha algũa querela de ti, **leixa hi** tua oferta **ante o altar** e vai primeiramente sair da querela de teu proximo*

(41) PP locativo se posicionando afastado do clítico e à sua direita, em oração dependente

- a) [XIV DSG 222:24] *Rogo-te, padre, que me digas se devemos creer que o fogo do inferno he hũũ ou se **ha hi** tantos fogos **no inferno** quamtos som os pecados dos homẽs que em ele atormentan*
- b) [XIII SG 463:12] *Quando Giflet estava no outeiro viu que el-rei entrara na barca com as donas, deceu-se ende e fo-se contra ala quanto o cavalo o pode levar ca esmou, se chegasse com tempo, que se **meteria i** com seu senhor **na barca***
- c) [XIV CGE2 108:17] *que sempre tragyam a Roma das cousas stranhas que allo achavam e das que elles nõ avyã. E contam as estorias que forom hy tragydos desta vez leõões e elifantes [...] E ainda, segundo diz Plimio, hy avya hũa ave a que chamavam Fenis; e dizem que nõ **ha hy** mais de hũa **no mundo**.*
- d) [XIV CGE2 436:9] ***estando hy** Bernaldo **em Saldonha**, correo terra de Leon e guerreava muy de ryjo quanto mais podya a el rey dom Afonso*
- e) [XIII CR 302:23] *na ermida do soueral. Rogu' eu [...] que **ach' oi' eu hy**, madr', o meu traedor **na ermida do soueral***
- f) [XIII SG 446:26] *E fez logo aduzer os santos evangelhos e recebeu logo menagem e juramento. Disi enviou per toda sa terra preto e longe aos que del terra tĩiam que veessem a ele e pos-lhi dia en que **fossem i** com ele com todo seu poder **na Joiosa Guarda**.*
- g) [XIII CR 303:9] *ca sey que **uen hi** de grado, a **sancta Maria de Reca***

2. Estrutura descontínua do tipo 2

O pronome fraco, já complemento do verbo, se posiciona procliticamente a ele e o PP continua adjunto ao verbo, ou seja, à sua direita. Com esse movimento do clítico para antes do verbo a EO se torna descontínua, com o verbo entre o clítico e o PP, conforme a estrutura

- (42) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [cl_j V] [sc [e_j PP]]]]]

A estrutura descontínua com o verbo entre os dois pronomes é a forma mais comum e já apresenta o comportamento de um redobrimento clítico moderno, isto é, o clítico aparece cliticizado ao verbo, e o PP aparece como um complemento oblíquo independente. Vejamos exemplos:

(43) Clítico em próclise ao verbo e PP à direita do verbo, em orações independentes

- a) [XIII CSM1 278:21] *Demais un rico pano y deu / **na igreja***
- b) [XIV PP 265:25] *E os aciprestes ssom en tres maneyras: as duas ssom enas jgreias cathadraaes, a outra nas jgreias dos bispados, ca(da) hũũ<s> **hy ha en algũas jgreias** que tẽẽ logares de dayaes*
- c) [XIV PP 328:12] *Abades **hy ha enalgũũs logares e en moesteyros** ou priores que nõ obedeçẽ senõ ao apostoligo.*
- d) [XIII FCR 74:1] *si mays metiren, hos alcaldes uazien el corral. E qui **hy estouer sobre seu coto**, peyte*
- e) [XIII SG 444:5] *"Que faremos? Ca se leixarmos aqui muito Galvam eu cuido que morrerá com pesar". "Senhor", disserom eles, nos teeriamos por bem de o alongarmos daqui e de o guardarmos em hũa camara ata que estes sejam soterrados. Ca, sem falha, se aqui muito está, morrerá". E el-rei **i se acordou em este conselho***
- f) [XIII:1283 HGP 77:27] *damos e outorgamos a uos Johã Dominguez e a uossa moler Sancha Rodriguez [...] a meadade de foro e da erdade de Camseyda [...] e dou uos y demais a uos sobreditos e a uosos fillos e a uosos netos totalas pesqueyras que som feitas e quamtas mays y poderdes fazer **in este foro e in este termio de suso dito** que as fazades e que dedes deças sempre áo moesteyro iam dito per seu máórdomo méo e dizemo do pescado que y filarẽ*

(44) Clítico em próclise ao verbo e PP à direita do verbo, em orações dependentes

- a) [XIII FCR 114:23] *Alcaldes e iurados anden perlas cales e rayguen os omnes e ueian cada unos que uida uiuen; e, si esto non fezeren, cayales en periurio. E de cada aldea den iurado; e iure en mano del alkalde que faça deryto e rayge hos malos omnes que y ouere **en aldea**; si non, peyte o dano que for feyto per ladrones o per maos omnes.*
- b) [XIII SG 403:12] *Mas a besta, quando se sentiu ferida, meteu-se so a agua e começou logo a fazer ãa tam gram tempestade polo lago que semelhava que todo-los diaboos do inferno **i era[m] no lago***
- c) [XIII SG 422:30] *E os filhos del-rei que **i jaziam no paaço** chegarom i primeiro e acharom sa madre cabo del-rei dormindo e o coitelo sobre ela*
- d) [XIV:1373 HGP 92:27] *[...] segũdo lo fezerẽ cada hũ dos outros sseus omẽes que y morarẽ **en essa terra** nas herdades do dito mosteyro*
- e) [XIV:1321 HGP 77:20] *e que dedes ende ã cada un ano áo moesteyro de chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar e meadade de todo pam que y lauorardes **na eyra***

- f) [XIV:1335 HGP 282:10] e mādou aos homens e molheres que **hj morã na dita quintáá e casaes e herdades sobre ditas** que daquj adeante obedeçessem e rrespondesem ao dito senhor arçabispo
- g) [XIV PP 87:20] Pero se a eygreia ã tal estado esteuer que a nõ possam hy fazer por algũu enbargo que hy aia, deue ser feyta en hũa(s) das outras eygreias da villa a mays onrrada que **hy ouuer ã aquel bispado**
- h) [XIV CGE2 371:8] e veeo a Cordova. E sayo el rey a lidar cõ elle. E venceo el rey e fez prender todos aquelles que hy forom e fez tomar todallas cousas que **hy acharom na hoste de Çoleyma**
- i) [XIV CGE2 434:6] E dous altos homeens que **hy avya enna corte** enton [...] ouveron seu conselho de o dizer aa raynha, que, por rogo della, fosse Bernaldo lançar a tavoloado
- j) [XIII:1283 HGP 77:27] damos e outorgamos a uos Johã Dominguez e a uossa moler Sancha Rodriguez [...] a meadade de foro e da erdade de Camseyda [...] e dou uos y demais a uos sobreditos e a uosos fillos e a uosos netos todalas pesqueyras que som feitas e quamtas mays y **poderdes fazer in este foro e in este termio de suso dito** que as fazades e que dedes deças sempre áo moesteyro iam dito per seu máórdomo méo e dizemo do pescado que y filarẽ
- k) [XIV DSG 209:35] preito que **hi avia de desembargar em a corte do emperador**

Com poucos dados encontrados sobre o afastamento do PP em relação a seu redobrador, é difícil de se determinar se esse afastamento caracterizaria uma deslocação à direita do PP.

3. Exemplos da estrutura descontínua com outros itens lexicais, além do verbo, se interpondo entre os dois pronomes são muito poucos:

(45)

- a) [XIII FCR 25:22] Toda uinna aya .XX. stadales en coto. E quen y **achare porcos eno couto**, tome ende dos
- b) [XIII FCR 71:13] Tod omne que heredat outorgare, y **dé fiador sobrela heredat que aia ualia dela heredat dublada**
- c) [XIII:1262 HGP 43:14] mays fiquem as vozes de estes lugares ditos que estas partes ia ditas **hy deuẽ a auer** por sempre **a esse ia dito moesteyro**
- d) [XIII:1296 HGP 205:30] [...] enna flí'jgisia de Santa Maria de Tebra e enna flí'jgisia de San Saluador dj de Tebra a monte e a ffonte u quer que y via uos for e quanto eu e esse meu marido y **auemos** assy de compra commo de gáánadio **en essas flí'jgias e en Ffafiães**
- e) [XIV CGE2 113:18] Entom andavã por caudees nas Spanhas [...] seus sobrynhos, que elle **hy posera** por guarda da terra **em seu logar**.
- f) [XIV PP 405:11] Ca seera contra rrazõ e que cousa de julgar os homẽs de morte ou de lisiom eno logar que he estabeleçudo pera serujr hy Deus e pera ffazerlhy hy obras de piedade. E outrossy nõ deuẽ hy a ffazer, merchandia nõ deuẽ a ssoerrar mortos dêtro en ella segundo dissemos eno titulo dos sacramẽtos. E nõ

deuẽ hy a estar cõ os clerigos homẽs leigos eno coro quando dizem as oras moormẽte aa missa

II.1.1.2.3 – Terceira mudança: estrutura elíptica

A terceira mudança é a mais bem documentada de todas as três. Nela ocorre a elipse do pronome fraco e o PP é reanalisado como argumento do verbo:

(46) [TP T+Agr_i [VP t_i [V PP]]]

Esse novo complemento do verbo pode se posicionar à direita ou à esquerda do verbo, e os exemplos dessa estrutura são muitos, então selecionei alguns:

(47) PP locativo como complemento do verbo, em sentenças independentes

- a) [XIII SG 1:7] *foi grande gente asunada em Camaalot [...] aveeo que ùa donzella chegou i [...] e entrou **no paaço** a pee como mandadeira*
- b) [XIII SG 16:12] *E quantos **no paaço** siam, [...] e maravilharom-se ende muito desto que aveo, e nom ouve i tal que podesse fallar por ùa gram peça, ante siam calados e catavam-se ùus aos outros*
- c) [XIII SG 39:25] *E elles vierom e virom o corpo jazer **no muimento** e disserom: "Senhor, assaz avedes i feito e nom convem que mais i façades, ca este corpo nom será daqui movido [...]. "Si será" disse ùu homem velho que i stava*
- d) [XIII SG 82:23] *E era tarde tanto que nos anouteceo na furesta, e ouvemos i a ficar. E pousamos **em ùa choça** que i achamos*
- e) [XIII SG 95:27] *E aquella egreja stava **em meio de ùu gram chaão mui ermo**. E forom para alla para pousarem i aquela noite*
- f) [XIV DSG 4:25] *E dementre todos escarnecian do santo homen foi hũu mancebo aa fonte por da agua en hũa gram canada e tomando a agua da fonte entrou hũu mui gram peixe **na canada** e quando se tornou o mancebo, deitando a agua da canada ante aqueles que hi siiam comendo, caeu o peixe en terra e era tan grande que abastou aquel santo homen Onrado quanto pôde comer naquel dia.*
- g) [XIV CGE2 25:26] *por que lhe semelhou aquella terra boa pera lavrar e cryar gaados e pera caçar con aver e com cãães, morou **em ella** hũũ grande sazõ. E fez hi sacrificio a Dyana*
- h) [XIV CGE2 36:2] *E escreveo **ẽ hũũ marmor** quatro leteras que diziam "Roma" e estas achou hy despois Romulo quãdo a pobohou*
- i) [XV CDP 268:1.] *E esteve el-rrei **em Sevilha** quatro meses, e ante que d' alli partisse escreveo a el-rrei dom Pedro de Purtugall como queria aver paz e amizade com elle, e que ell enviaria taaes ao extremo de que fiava por seus procuradores, pera trautarem aveença antr' elles, e que el-rrei dom Pedro mandasse hi outros com que seus feitos fossem concordados.*

(48) PP locativo como complemento do verbo, em orações dependentes

- a) [XIII SG 6:5] e muitos outros cavalleiros catavam contra ãas freestas que stavam sobre a ag(u)oa, e virom i seer ãu cavalleiro que era natural d' Irias
- b) [XIII SG 19:31] Rogo-vos que nom vades em esta demanda [...] mas sei verdadeiramente que, se i vai, que fará tam gram dapno nos cavalleiros que aqui som, que todo seu linhagem nom nos poderá cobrar
- c) [XIII SG 22:4] E depois que foram no paaço, cada ãu dos cavalleiros foi seer com sua molher ou com sua enten[de]dor ou com sua amiga. E taes ouve i que poserom com suas amigas de as levarem
- d) [XIII SG 39:3] e disse-lhe que soo aquella arvor sta o muimento onde sae a voz [...]. E se vos i queredes ir
- e) [XIII SG 42:12] as cavallarias e as perfeitanças que os cavalleiros da Mesa Redonda fezerom em aquella demanda e as maravilhas que i acharom
- f) [XIII SG 66:11] "Agora leixaredes minha demanda, ca a fazer vos convem, e mais vos valera i veer vosso conpanheiro que jaz em na montanha"
- g) [XIII SG 71:33] quando o soubesse que o cavalleiro com ella era, elle era tam bravo que mataria a donzella e quantos a i ajudassem
- h) [XIV DSG 23:7] E porque aquel moesteiro estava en cima dũũ monte muito alto, non parecia nen hũu campo chãõ en que podessen fazer horta de verças pera os frades que comessem, tirado huum mui pequenõho logar que aparecia na costa do monte, pero era embargado per hũu gran penedo que nascia hi naturalmente e tiinha todo o logar coberto.
- i) [XIV DSG 46:18] e pousando entanto en hũa eigreja de San Pedro que hi avia
- j) [XIV DSG 70:19] mais nen hũũ dos homẽs que no moesteiro eran non poderon tomar, nem frade nen segral, ca assi o prometera Nosso Senhor a San Beento que guardaria aqueles que hi vivessen
- k) [XIV DSG 85:18] Adur o santo homen compriu a sa oraçon e a alma tornou ao corpo e a todos aqueles que hi estavam apareceu que todo o corpo do menõho tremeu quando a alma en el entrou
- l) [XIV CGE2 15:9] E outras gentes veheron en Espanha [...] Ainda hi ha outra terra a que chamam Luçena
- m) [XV CDP 104:12] E como aquella ementa era desembargada com el-rrei, diziam os desembargadores a cada hũua pessoa a mercee que lhe el-rrei fazia, e mandavam a sseus escriptaões que lhe fizessem logo as cartas; e em esse dia aviam de ser feitas ou no outro a mais tardar, so a penna que dissemos. E sse hi avia taaes perfiosos que andavam mais apos el-rrei, afficando-o com outras petiçoões depois que aviam desembargo de ssi ou de nom, ou moravam mais tempo na corte, se era honrrado pagava certa pena de dinheiro, e se pessoa rrefece davom-lhe vinte açoutes na praça e mandavom-no pera casa;
- n) [XV CDP 107:9] E porque achou que os procuradores perlongavam os feitos como nom deviam e davam aazo d'aver hi maliciosas demandas, e o peor, e muito d' estranhar, que levavom d' amballas partes, ajudando hũu contra o outro, mandou que em sua casa e todo seu rregno nom ouvesse vogados nẽhũus;

Enfim, a estrutura reduplicada foi se tornando uma estrutura aparentemente simplificada, ou seja, um dos elementos da estrutura se transformou numa categoria vazia.

II.1.1.3 - Etapa C: a estrutura simplificada

A **Etapa C**, da simplificação do redobramento, caracteriza-se pela existência do clítico *hi* sozinho e seu posterior desaparecimento. Sua prolongada existência se deve ao fato dele ter se tornado uma flexão locativa do verbo.

II.1.2 O clítico locativo redobrado *hi* e os tipos de verbos

Depois de colocar os exemplos debaixo de vários rótulos, apresento uma tabela das ocorrências dos verbos simples com o *hi* redobrado. Essa tabela contém (i) as duas fases do PM, (ii) a posição do clítico redobrado em relação ao verbo, e (iii) a ordenação dos verbos por tipos. Quando se comparam as duas fases nota-se que são quase os mesmos verbos que permanecem, havendo uma concentração dos verbos estativos/existenciais (*estar, haver, ser, jazer*).

O clítico locativo redobrado *hi* apareceu com 42 verbos, que foram reunidos em quatro categorias: (i) verbos “auxiliares” (*ser, estar, haver, jazer e ter*), representados aqui com aspas porque no PM ainda não tinham todas as características de um auxiliar atual, com um total de 5 verbos, (ii) verbos de movimento (*ir, vir, andar*) e alguns inacusativos (*chegar, morrer*), com um total de 8 verbos, (iii) verbos locativos (*mandar, fazer, meter, enterrar, leixar, pôr*, etc.), com um total de 9 verbos, e (iv) outros verbos (*dar, falar, aduzir, beber, desafiar, dizer*, etc.), com um total de 20 verbos.

Tabela 4 - Tipos de verbos que apareceram com o clítico *hi* redobrado

Tipos de verbos	hiPPV		VhiPP		hiVPP		Total geral
	1 ^a fase	2 ^a Fase	1 ^a fase	2 ^a fase	1 ^a fase	2 ^a fase	
“auxiliares” (5)	1	-	9	13	7	16	46
movimento/inacusativos (8)	-	-	7	2	6	1	16
Locativos (9)	-	-	12	10	6	3	31
Outros (20)	2	6	9	-	2	3	22
Total	3	6	37	25	21	23	115

Vou me deter somente nos chamados “auxiliares”, detalhando sua ocorrência na Tabela 5:

Tabela 5 - Verbos “auxiliares” que apareceram com o clítico *hi* redobrado

Verbos “auxiliares”	hiPPV		VhiPP		hiVPP		Total geral
	1 ^a fase	2 ^a fase	1 ^a fase	2 ^a fase	1 ^a fase	2 ^a fase	
Estar	1	-	3	8	3	5	20
Haver	-	-	1	2	3	7	13
Ser	-	-	4	2	1	3	10
Jazer	-	-	-	1	-	1	2
Ter	-	-	1	-	-	-	1
Total	1	-	9	13	7	16	46

A Tabela 6 mostra que o clítico locativo redobrado ocorre predominantemente com o verbo *estar*, comprovando o que vem sendo afirmado nesta tese.

Vejam alguns exemplos desses verbos:

(49) verbo *estar* + *hi PP*

- a) [XIII FCR 74:1] *Tod omne que iuyzio ouere de corral, metan dos (dos) uozeros e non mays. E, si mays metiren, hos alcaldes uazien el corral. E qui hy estouer sobre seu coto, peyte quarta de mor.. E, si elos lo leyxaren, sean periuros.*
- b) [XV:1448 HGP 260:3] *Saibham quantos este estormento de prazo virem que no ano do nascimento de nosso Senhor de mill e quatroçentos e quorenta e oyto, terça feira, víjnte e tres dias de Janeiro no moosteiro de Sam Saluador de Uairam da hordem de Ssam Beento, situado no julgado da Maya, termo e bispado da mujto nobre e ssenpre leall dicade do Porto, estando hy ha senhora Janebra de Ssaa, dona abaesa do dito moosteiro, e a honrada Lí'janor Dí'jaz, prioressa [...] emprazou e fez prazo a Lourenço Afonso*
- c) [XIV PP 158:22] *Outrossy mostrando que am gram vōõtade de ffazer todo o que lhys mãdarẽ por pẽdẽça. E deuẽ hy estar cõ elles sseus clerigos aa porta da jgreia*
- d) [XIV CGE2 436:9] *estando hy Bernaldo em Saldonha, correo terra de Leon e guerreava muy de ryjo quanto mais podya a el rey dom Afonso*
- e) [XIV CGE2 443:22] *e que estava hy na corte hũũ filho dessa dona Timbor*

(50) Verbo *ser* + *hi PP*

- a) [XIII:1298 HGP 208:5] *e a quinta parte de .xvj. peças d'erdade que son y enno couto de Bueu*
- b) [XIII CSM1 183:28] *mais ena ygreja manñã seremos y*
- c) [XIV PP 219:21] *Ca este foy cõsagrado de San Pedro [...] e foy hy cõ elle ena consagração Santiago*

- d) [XIII SG 403:12] *Mas a besta, quando se sentiu ferida, meteu-se so a agua e começou logo a fazer ãa tam gram tempestade polo lago que semelhava que todos diaboos do inferno i era[m] no lago*
- e) [XIII SG 440:8] *E disse-lhis Estor: “Eu vi en III que matou Gaeriet”. “Como, disse Lançarot, i foi Gaeriet em esta lide?”*

(51) verbo haver + **hi PP**

- a) [XIII FCR 114:23] *Alkaldes e iurados anden perlas cales e rayguen os omnes e ueian cada unos que uida uiuen; e, si esto non fezeren, cayales en periurio. E de cada aldea den iurado; e iure en mano del alkalde que faça dereyto e rayge hos malos omnes que y ouere en aldea; si non, peyte o dano que for feyto per ladrones o per maos omnes.*
- b) [XIII CSM1 208:4] **Eno nome de Maria** / çinque letras, no-mais, y á
- c) [XIV DSG 81:10] **En aquel logar** hu estava en oraçon com os frades avia hi hũũ tonel en que soiam meter azeite
- d) [XIV PP 87:20] *Pero se a eygreia ã tal estado esteuer que a nõ possam hy fazer por algũu enbargo que hy aia, deue ser feyta en hũa(s) das outras eygreias da villa a mays onrrada que hy ouuer ã aquel bispado*
- e) [XIV PP 318:14] *Mvdarsse querêdo algũũ clerigo da ssa jgreia pera fazer uida enoutra que fosse de rreligiõ, bem o pode fazer, pero primeyramête o pode demãdar a seu bispo que lho outorque ou a outro prelado meor se o ouuer hy ã aquel logar.*
- f) [XIV CGE2 40:14] *Ca Espanha se rega cõ nove ryos cabedaes [...] os quaees nove ryos som estes [...] E affora estes ha hy outros muytos ryos **nas Esturas e en Galliza e em Portugal e en Andaluzia***
- g) [XIV CGE2 434:6] *E dous altos homeens que hy avya enna corte enton [...] ouveron seu conselho de o dizer aa raynha, que, por rogo della, fosse Bernaldo lançar a tavolado*

(52) Verbo jazer + **hi PP**

- a) [XIII SG 422:30] *E os filhos del-rei que i jaziam no paaço chegarom i primeiro e acharom sa madre cabo del-rei dormindo e o coitelo sobre ela*

CONCLUSÕES

Os dados aqui mostrados retrataram o comportamento do redobramento de **hi**. Mostrei o percurso dessa estrutura, que viria a desembocar num locativo simples. Analisado como uma minioração, esse locativo abriu caminho à formação da perífrase de gerúndio, pegando uma carona no processo de gramaticalização de *estar*.

No próximo capítulo, será estudada a sintaxe de **estar**.

CAPÍTULO III

DESVENDANDO A HISTÓRIA DE *ESTAR*

Sumário

III.0 – Introdução

III.0.1 – A predicação estativa

III.0.2 – A gramaticalização de **estar**

III.1 – **Estar** como verbo intransitivo e temático

III.2 - **Estar** como verbo "quase-transitivo" e temático

III.2.1 – **Estar** locativo

III.2.1.1 – **Estar** + hi PP

III.2.1.2 – **Estar** + outros pronomes locativos

III.2.1.3 – **Estar** + PP

III.2.1.4 – **Estar** + locuções prepositivas

III.2.2 – **Estar** atributivo

III.2.3 – **Estar** modal

III.3 - **Estar** como verbo auxiliar atemático

III.4 – Variação e mudança de *estar* e *ser* no Português Medieval

III.4.1 – Os verbos latinos **esse** e **sedere**

III.4.2 – Os verbos portugueses **ser** e **estar**: pontos de contacto

III.4.3 – **Estar** deslocando **ser** < **sedere** locativo

III.4.4 – **Ser** deslocando **estar** atributivo

Conclusão

INTRODUÇÃO

Pretendo demonstrar neste capítulo que o redobramento de **hi** e seu funcionamento como minioração foram fundamentais na transformação de *estar*.

Três processos lingüísticos convergiram aqui:

- a) Uma alteração no esquema acentual latino teve grandes repercussões na estrutura fonológica da língua, estendendo-se para os outros níveis gramaticais. Na Morfologia, houve grandes alterações na flexão nominal, ocasionando a perda do caso. Na Sintaxe, a língua lançou mão do redobramento sintático como um meio de reforçar as flexões e não perder a expressão da noção de caso. Esse reforço veio na forma de preposições, que eram colocadas antes das palavras alteradas. Paralelamente, uma série de pronomes circunstanciais, como os locativos, entraram no esquema do redobramento sintático, dando surgimento aos locativos redobrados *hi + PP* e *en + PP*. O mesmo aconteceu com algumas expressões modais, dando surgimento ao modal redobrado *assi + PP*. As preposições tiveram, portanto, um papel crucial nessas estruturas, que sofreram alterações no seu redobramento. Também os processos de adjunção / complementação tiveram seu peso na gramaticalização de *estar*, como se verá.
- b) O envolvimento de *estar* com o locativo redobrado *hi + PP* tornou longo o processo de gramaticalização desse verbo. Ele começou sua carreira no Latim como um verbo pleno intransitivo, transformou-se num verbo funcional "quase-transitivo" com um "complemento" locativo. Mas o grande avanço de sua gramaticalização ocorreu no PM, quando *estar* passa a constituir estruturas locativas, atributivas e modais, culminando com sua transformação num verbo auxiliar, acompanhado de gerúndio, infinitivo preposicionado e particípio¹. No século que acaba de findar, já distante de suas andanças medievais, o verbo *estar* dá novo passo em seu longo percurso, e começa a transformar-se num afixo prefixal, como em *tafalanu*, *tafaladu*.
- c) A longa co-existência entre os verbos *ser* e *estar*, quase imperceptível no início e depois já competitiva, levará esses verbos a intercambiar propriedades. Interessa-me aqui o deslocamento de *ser* locativo por *estar*, passo que afetou igualmente as construções atributivas, ainda que de modo mais ameno.

¹ *Estar* + particípio não se inclui no escopo desta tese.

III.0.1 – A predicação estativa

Começo por tratar da predicação estativa, de interesse óbvio para quem estuda verbos como *estar*.

Há uma estrutura conceptual dentro da qual o ser humano organiza e descreve suas percepções do mundo físico. Na expressão linguística dessa percepção pode-se identificar (i) estados-de-coisas de pequena ou longa duração, (ii) eventos, (iii) processos e (iv) ações. Lyons (1977:483) reúne estado, evento, processo e ação sob a expressão "situação".

Segundo ele, a situação pode ser estática ou dinâmica. “*A static situation (or state-of-affairs, or state) is one that is conceived of as existing, rather than happening, and as being homogeneous, continuous and unchanging throughout its duration. A dynamic situation, on the other hand, is something that happens (or occurs, or takes place): it may be momentary or enduring*”.

O mundo físico possui entidades que se movem (seres humanos e animais), que são movidas e aquelas que são estáticas de forma permanente. Aqui temos portanto a dinamicidade e a estaticidade.

Lyons assim define a agentividade: um agente é qualquer entidade animada, X, que intencionalmente e responsabilmente usa sua própria força, ou energia, “*to bring about an event or to initiate a process; and the paradigm instance of an event or a process in which agency is most obviously involved will be one that results in a change in the physical condition or location of X or of some other entity, Y*”.

A citação acima pode ser considerada como uma miniteoria da predicação. Aparentemente, Lyons considera a predicação como a resultante (i) de papéis temáticos, (ii) do caso, que ele não menciona nesta passagem, e (iii) do operador aspectual.

Um contraste com o papel temático Agente é dado pelo Locativo, relevante para um trabalho que vai investigar o verbo *estar*. O entendimento desse papel implica em considerar as seguintes dimensões:

a) primeira dimensão → verticalidade (é a mais saliente das dimensões espaciais): “em cima x embaixo”.

b) segunda dimensão → profundidade: frente x atrás (oposição assimétrica), essa dimensão é menos saliente que a verticalidade mas é mais saliente que a oposição esquerda / direita.

c) terceira dimensão → horizontalidade: esquerda x direita (oposição simétrica).

Lyons relaciona uma entidade (X) a um lugar (Y), estabelecendo relações estáticas ou posicionais e relações dinâmicas ou direcionais.

Nas relações estáticas ou posicionais (Y) pode ou não ter dimensionalidade:

sem dimensionalidade → representada pela preposição **at** (X,Y) e exemplificada com os advérbios **here**, **there**, sendo que tamanho e dimensão são irrelevantes;

com dimensionalidade → representada pelas preposições **on** (X,Y), Y é representado como uma linha ou uma superfície, e **in** (X,Y), Y é representado como uma área fechada ou volume.

Nas relações dinâmicas ou direcionais (Y) é tratado ou (i) como 'alvo' → **to** (X,Y), **onto** (X,Y), **into** (X,Y), que em muitas línguas é gramaticalizado no caso dativo, ou (ii) como 'fonte' da locomoção → **from** (X,Y), **off** (X,Y), **out of** (X,Y), que é gramaticalizado no caso ablativo.

Estas observações terão importância mais adiante, quando forem estudadas as preposições que passaram a se construir com *estar*.

III.0.2 – A gramaticalização de *estar*

A gramaticalização de *estar* pode ser resumida em três etapas:

1. *Estar* é um verbo intransitivo, temático, exercendo na plenitude as propriedades de um verbo pleno.
2. *Estar* passa a operar como um verbo quase-transitivo atemático, fase em que ele toma três direções: (i) locativo, (ii) atributivo, (iii) modal. A estrutura locativa foi decisiva para a auxiliarização de *estar*, e acabaria por deslocar o verbo *ser* locativo.
3. *Estar* avança mais em seu processo de gramaticalização, auxiliando-se como verbo atemático, aproximando-se das formas nominais em *-ndo* e em *a -r*, até constituir com elas as perífrases de *estar* + *-ndo* e *a -r*. As perífrases assim formadas expressam o aspecto progressivo em português.

O seguinte quadro permite uma visualização dessas fases de gramaticalização, preservado o sentido de “etapa” definido no capítulo anterior.

Quadro 2: Etapas da gramaticalização de *estar*

	Etapa A Verbo pleno (ainda no latim)	Etapa B Verbo funcional (na fase romance e medieval)			Etapa C Verbo auxiliar (na fase medieval)
Tipo sintático	Intransitivo	“Quase-transitivo”			Inacusativo
Tipo semântico	Locativo	Locativo	Atributivo	Modal	∅
Sentidos	a) “estar de pé” b) “parar”	a) “encontrar-se em um lugar” b) “encontrar-se em um estado” c) “encontrar-se em uma situação” d) “permanecer”			Suporte de Pessoa, Número, Tempo-Modo atribuídos ao verbo principal
Traços do verbo / da minioração	[+locativo] [+posicional] [-desloc.] [+pontual]	[+locativo] [-posicional] [-desloc.] [+pontual]	[-locativo] [-posicional] [-desloc.] [+pontual] [+ quantificação partitiva]	[-locativo] [-posicional] [-desloc.] [+pontual] [+ modalização]	a) <i>estar</i> + -do: perfectivo b) <i>estar</i> + -ndo: imperfectivo c) <i>estar</i> + prep. -r: imperfectivo / iminencial
Traços e estrutura do sujeito do verbo e da minioração	[+animado] NP/pro	[±animado] NP/pro			∅
Estrutura sintática da minioração	∅	<i>Hi</i> + PP <i>Hi</i> PP locativo Adv locat. Loc. Prep. Adv + Adv	Adjetivo PP adjetival	Advérbio AdverbialP PP adverbial <i>Assi</i> + Adj <i>Assi</i> + PP <i>Assi</i> + Adv	∅
Exemplos	(<i>Galaaz</i>) <i>estede</i>	<i>O homem está hi em casa/com a moça.</i> <i>O homem está hi.</i> <i>O homem está em casa / com a moça.</i>	<i>O homem está alegre.</i>	<i>O homem está bem</i> <i>O homem está às turras com a mulher.</i> <i>O homem está assi contente / de mal / assi mal</i>	<i>O homem está falado.</i> <i>O homem está Falando.</i> <i>O homem está para falar/ por falar.</i> <i>O homem está a falar.</i>

O quadro acima mostra o grande desdobramento que o verbo *estar* teve no português quando se tem em conta sua origem, a forma latina infinitiva *stare*, do verbo *sto*, *steti*, *status*, que tinha o sentido principal de “estar de pé” (1a), além de outros, derivados, como “manter-se num lugar” (1b) e “permanecer imóvel” (1c):

(1) O verbo latino *stare*

- | | |
|--|---|
| a) <i>stare ad januam</i> | “estar de pé à porta” |
| b) <i>ex eo, quo stabant, loco recesserunt</i> | “eles deixaram o lugar onde se encontravam” |
| c) <i>moveri videntur ea quae stant</i> | “os objetos imóveis parecem se mover” |

Em (1), *stare* organiza as sentenças, pondo em marcha a plenitude das propriedades de um verbo.

Passemos agora a ver com detalhes cada uma das etapas mencionadas acima, começando por algumas afirmações relativas à predicação estativa, exercida por *estar*.

III.1 – ESTAR COMO VERBO INTRANSITIVO E TEMÁTICO

Observa-se nos textos mais antigos, escritos em "linguagem" (como era denominado o PM), o aparecimento, em raros exemplos, de um *estar* (< infinitivo latino *stare*) intransitivo, cuja semântica é difícil de ser descrita atualmente. Seu sujeito podia ser anteposto ou posposto e o verbo significava "em pé".

Acompanhando *estar*, havia dois outros verbos que compartilhavam propriedades semelhantes, eram também intransitivos, tendo desaparecido no Português atual: *seer*² (< infinitivo latino *sedere*) e *jazer* (< infinitivo latino *iacere*).

Tomados em seu conjunto, esses verbos apresentavam as seguintes propriedades:

- (i) eram verbos plenos e estativos, possuindo o traço de [- deslocamento];
- (ii) eram locativos e posicionais, pois indicavam os modos como uma pessoa podia se apresentar: "em pé", "sentada" e "deitada", respectivamente;

² O vocábulo grafado *seer* será utilizado para a forma que se originou de *sedere*, infinitivo latino; *ser* será usado para a forma que se originou do infinitivo latino *esse*. Essas observações só valem para o período medieval do português. Depois dessa época só se utilizará o termo *ser*, que é uma fusão de *seer* com *ser*.

- (iii) eram verbos temáticos, possuíam um sujeito próprio, que exibia o traço [+animado], o sujeito podia vir expresso ou não, já que ele estava representado na flexão verbal;
- (iv) esses verbos organizavam uma estrutura assim:

[DP Vagr./ Vagr DP]³

Os verbos *seer* e *jazer* não serão estudados aqui, pois cada um deles merece uma tese própria, tal a riqueza que encerram. Eles somente serão mencionados na medida em que for necessário algum esclarecimento sobre o uso do verbo *estar*.

Do *estar* que guardou o mesmo sentido do verbo latino “ficar de pé” foram encontrados apenas alguns exemplos na Demanda do Santo Graal, texto escrito no século XIII, mas que chegou até nós através de uma cópia do séc. XV:

(2) *Estar* intransitivo e locativo posicional [= "de pé"]

- a) [XIII SG 28:12] *Ao serão, quando siiam comendo, aqui vos vem a donzella laida [...] E vio Galuam **star** e foi-se para ante elle e disse-lhe assi* [= "ficar de pé"]
- b) [XIII SG 100:2] *Os touros se partirom dali [...] os que tornarom eram tam magros e tam cansados que nom **podiam estar** se adur nom* [= "não podiam ficar de pé"]
- c) [XIII SG 123:9][...] *e tanto perdera ja do sangue que nom **podia ja estar*** [= "não podia conservar-se de pé"]
- d) [XIII SG 443:19] [...] *e filhou-lhi tam tam gram doo ao coração que nom **pode estar** e caeu em terra com Gaeriet* [= "não pode ficar em pé e caiu"]
- e) [XIII SG 396:25] *foi mal treito, que das chagas que do sangui [que] adur **podia ja estar***
- f) [XIII SG 105:7] *E os touros que tornavam eram tam magros e tam cansados que adur **podiam estar***
- g) [XIII SG 219:12] *Quando Erec entendeo que a vistar lhe convinha, disse que lhi nom era mester, ca seu cavalo era ja tam magro e tan lasso que nom **podia ja estar***
- h) [XIII SG 443:11] *Quando esto viu Galvam nom ouve tanto de poder que **podesse falar** ren nem que **podesse estar**, ca lhi faleceu o coração e o corpo e caeu em meo do paaço como morto e jouve mui gram peça esmorido.*

³ DP= Determiner Phrase, é o símbolo atual da gramática gerativa para sintagma nominal referencial; Agr. = flexão verbal. de concordância.

É possível que essa construção estivesse em desaparecimento, pois no mesmo séc. XIII recorria-se à expressão *em pé*, aparentemente para assegurar o sentido original:

(3)

a) [XIII CR 15:11] *senhor, quando os auogados razoaren ante uós, fazede-os **star en pee** e nõ consintades a elles que digan parauras torpes, nen uillãas, senon aquellas que perteeceen aos preytos*

Estar intransitivo podia aparecer também com o sentido de “parar”, “estacar”, “aguentar-se”, como em (4), em que transcrevo todos os exemplos encontrados:

(4) *Estar* intransitivo ["parar", "estacar", "aguentar"]

- a) [XIII CSM1 131:44][...] *e os demões a alma | fillaron del en sa sorte,/ mais los angeos chegaron | dizendo: "**Estad', estade!**" [= "parai", "parai"]*
- b) [XIII SG 110:10] *Quando Boorz a ele chegou, saluou-o; e el leixou o que dizia [e] er saluo[u]-o e **steverom** ambos entam [= “detiveram-se”]*
- c) [XIII SG 136:26] *E achou i sob ùu carvalho ùu cavalleiro dormindo sobre seu scudo, e tinha seu elmo e sua espada e sua lança cabo de si e seu cavallo andava pacendo. E Persival **esteve** e catou-o e nom no pode conhecer pello rostro que era tinto das armas [= "parou"]*
- d) [XIII SG 86:10] *Tanto que o vio, **steve**, ca bem vio que era cavalleiro andante; pero nom o conheceu que era Galvam*
- e) [XIII SG 107:9] [...] *ca assi como o cavelleiro leva e manda seu cavallo a qual parte quer pello freo e o faz **star** quando quer, assi faz a esteença, quando é bem firme.[= "faz parar"]*
- f) [XIII SG 321:6] *Artur o Pequeno **esteve** tanto que os vio e disse aos outros*
- g) [XIII SG 156:33] *mas foe-se pella riba do rio. E quando vio que nom poderia passar, **esteve** e tomou sua lança e seu escudo e seu elmo e sua espada e pos todo acabo de ùa pena*
- h) [XIII SG 177:32] *e cavalgaram e andaram tanto que chegaram aa ora de meo dia a ùa cruz unde se partiam duas carrerias. E Persival **esteve** e disse a Galvam*
- i) [XIII SG 198:12] *Quando el viu a batalha, **esteve** por cata-los, mais nom [conhe]ceu nenhũu*
- j) [XIII SG 198:17] *"Senhor cavalleiro, eu vos rogo por cortizia que leixedes esta batalha [t]a que sabia quem sodes anbos". E o cavalleiro **esteve** tanto que viu que o rogava de coraçom e fastou-se ùu pouco a fora de Galvam e disse a Erec*
- k) [XIII SG 219:30] *"Ai senhor cavaleiro, se vos praz atendede ùu pouco ataa que fale com vosco". E el **esteve** logo*
- l) [XIII SG 257:22] *E Ebes começou a dar vozes: **Estade** dom Tristam, **estade**. Mais el nom **steve** por en e ferio-o*
- m) [XIII SG 259:3] *E o cavaleiro teve olho pos si quando ouviu Tristam ir depois si e **esteve**, ca bem entendeo que nom ia se nom por peleja.*

- n) [XIII SG 236:27] *E quando virom Erec que jazia de bruços, [...] nom no conhecerom, [...]. E pero, porque cuidarom que era cavaleiro andante, **esteverom** e disserom*
- o) [XIII SG 277:31] *E onde os conhecerom, **steverom**, e Senella seu irmão de Caulac falou primeiro*
- p) [XIII SG 295:16] *Entom ouvirom ùu homem que fazia seu gram doo [...]. E Galaaz **esteve** e disse aos outros*
- q) [XIII SG 307:5] *E quando chegarom aa entrada da foresta, **esteverom** e disse Persival*
- r) [XIII SG 337:30] *Entom **esteverom** e atenderom ata que chegou Galaaz a eles*
- s) [XIII SG 340:27] *E nom andarom muito por ella que o caminho por que iam elles partiu em quatro careiros. E Galaaz **esteve** logo e disse aos tres irmãos*
- t) [XIII SG 359:13] *Quando Boorz e Persival virom o escudo de Galaaz pendurado ante a choça, **esteverom** e disse Boorz a Persival*
- u) [XIII SG 369:28] [Um] dia, indo asi, aveo-lhe que achou Gaariet e Giflet, e **esteverom** tanto que lhi virom trazer duas espadas.
- v) [XIII SG 377:17] *Asi se foi Estor fazendo seu doo [...] achou Galvam e Gaariet, e saluarom-no [...] E ele **esteve** e saluou-os*
- w) [XIII SG 412:28] *Entom disse [a] Agravaim: Estade ata que vos diga ùu pouco, e el **esteve**.*
- x) [XIII SG 458:23] *E pero bem esmarom ambos di si que eram cavaleiros andantes e, tanto que chegarom, **esteverom**.*
- y) [XV VPA1 97:5] *E **mandou estar** o carro e decerom ambos em na agua*
- z) [XV VPA1184:8] *Mais eles **esteverom** ùu pouco e, esfregando seus rostros, disserom*

Em (4), o contexto de verbos de movimento permite a interpretação semântica de “parar”, “deter-se”. Entretanto, em contexto de verbos estativos, o sentido será de “ficar parado”, “permanecer”:

(5) **Estar** intransitivo ["ficar parado", "permanecer"]

- a) [XIII SG 151:2] *Pois Lançarot e Persival chegarom aa cruz que estava ante a cella, **esteveram** atees que disse Persival a Lançarot [= "permaneceram"]*
- b) [XIII SG 373:4] *E tanto que deceu viu a barca ir [...] E pois **esteve** tanto que a nom pode veer. [= "ficou parado"]*
- c) [XIII SG 408:34] *ficarom os geolhos ante a tavao e **esteverom** en prezes e en orações ata mea noite tam ledos*
- d) [XIII SG 432:4] *Entom começou a pensar e **esteve** asi gram peça que nom falou ren*
- e) [XIII CSM1 157:20] *Ambos assi **esteveron** | ta que ela foi prennada*

O sujeito de **estar** nos exemplos acima apresentava os seguintes traços: (i) [+ animado], (ii) [+ estativo sem deslocamento], (iii) [+ locativo posicional, indicando a posição vertical].

Os exemplos (3) a (5) mostram que no estágio de verbo pleno *estar* já não se apresentava conjugado em todos os tempos e modos, parecendo que a cada sentido

correspondia um ou outro tempo ou modo verbal: (i) com o sentido de “de pé” aparece maiormente no infinitivo, como verbo auxiliado, tendo *poder* como auxiliar (que vem só no presente ou imperfeito do indicativo), e (ii) com o sentido de “parar”, “estacar”, *estar* ocorre no perfeito do indicativo ou no modo imperativo. Como se sabe, restrições morfológicas desse tipo assinalam a especialização de uma forma, que é um dos sinais de seu desaparecimento.

Alguns adjuntos acompanhavam o verbo *estar* pleno: (i) com o sentido de “de pé”, geralmente vem acompanhado dos advérbios de tempo *adur* (= apenas) ou *já*, sendo que também os dois podem estar associados, e (ii) com o sentido de “parar”, “estacar”, pode vir acompanhado de advérbio ou PP locativo.

Os tipos oracionais em que *estar* ocorre são na grande maioria independentes, mas há algumas ocorrências em orações dependentes.

III.2 – *ESTAR* COMO VERBO “QUASE-TRANSITIVO”

A primeira alteração de *estar*, mudando de verbo pleno intransitivo para verbo funcional “quase-transitivo”, ocorreu ainda no Latim, e se deveu à influência de *esse*, um verbo inacusativo e existencial que possuía miniorações locativas como **hi + PP** e **en + PP** adjungidas a ele.

O verbo latino *esse* tinha a seguinte estrutura

$$[DP Vagr./Vagr DP]^4$$

O verbo *estar*, como já foi dito mais acima, tinha a estrutura

$$..... [DP Vagr./Vagr DP]$$

com o DP como seu sujeito e podendo aparecer antes ou depois do verbo.

As estruturas de *esse* e *estar* eram parecidas, foram confundidas e *estar* sofreu uma reanálise mudando de tipo, pois passou de intransitivo para inacusativo. Então, a minioração locativa *hi + PP* passou a se adjungir a ele

..... [VP [VP Vagr] [SC/PP hi [PP]]].....

se gramaticalizou, percorrendo todos os passos que foram propostos no capítulo II.

No PM ainda são encontrados vestígios dessa longa interação entre *estar* e a minioração locativa. É o que pretendo mostrar aqui, na parte que trata do verbo *estar* locativo.

As construções com *estar* se encontram disseminadas por todo o período medieval da língua, em que esse verbo tinha as seguintes propriedades:

- (1) Seleccionava diversos tipos de sujeito não agentivo, que ocupava um lugar no espaço, sem movimento, construído adjacente ao verbo ou dele separado por diferentes expressões, significando "encontrar-se num dado lugar concreto", "encontrar-se com ou perante alguém", "encontrar-se num dado lugar abstrato". Podia também apresentar em alguns exemplos o sentido de "permanecer em algum lugar por um dado tempo".
- (2) Podia vir seguido de um grupo variado de construções locativas, atributivas e modais, as quais funcionavam como miniorações. (2.1) As construções locativas eram constituídas de: (i) locativo redobrado [*hi V PP*], em que o PP era encabeçado pela preposição *em*; (ii) locativo *hi* simples, tanto pós-verbal [*V hi*] quanto pré-verbal [*hi V*]; (iii) PPs em que se notava um aumento significativo das preposições, construídos adjacentes ou separados do verbo. (2.2) As construções atributivas eram constituídas de vários tipos de adjetivos,

⁴ DP= Determiner Phrase, é o símbolo atual da gramática gerativa para sintagma nominal referencial; Agr. =

de certos advérbios, e de participípios, que podiam aparecer adjacentes ou distanciados do verbo. (2.3) As construções modais eram constituídas de (i) advérbios / adverbais temporais, (ii) advérbios / adverbais aspectuais, formando uma lexia complexa com *estar*.

- (3) Nesta etapa, ele podia aparecer em todos os tempos e modos verbais, e também em todas as pessoas verbais, ocorrendo em vários tipos oracionais: oração independente, oração correlata, e oração dependente.

Nos próximos itens estudarei *estar* como verbo locativo, atributivo e modal, acompanhado de construções que funcionavam como miniorações.

A transição de sujeito [+ animado] para [- animado] não elidiu o subtraço [+ verticalidade]. Essa alteração levou a uma seleção mais rica do sujeito, que começa a mudar lentamente: (i) num número muito grande de exemplos recolhidos no século XIII, e reproduzidos nos Anexos a esta tese, começam a aparecer sujeitos com o traço [- animado], mantido o traço [+verticalidade]. A novidade agora é que os novos sujeitos podiam ser *árvores, castelos, montes íngremes*, etc., isto é, [-animados], porém [+ verticais]. (ii) Depois, foram admitidos outros tipos de sujeito, até mesmo o sujeito nulo. O sentido do verbo começa a se alterar, visto que seu sujeito não integra mais uma só tipologia. Nessa fase ele já perdeu seu traço de [+ posicional], mas mantendo ainda o de [+ locativo], começando a trilhar o caminho que o levará a tornar-se um verbo atributivo. Nesse momento, *estar* ainda manifesta traços de um verbo pleno, mas já anuncia a mudança para funcional atributivo.

III.2.1 – *Estar* locativo

O verbo *estar*, enquanto locativo, aparece acompanhado de vários tipos de locativos: (i) **hi**, oriundo da minioração com **hi** redobrado, (ii) pronomes circunstanciais **u** e **onde**, vindos diretamente do latim, (iii) pronomes formados na fase romance, **acá, alá, acó, aló**, (iv) pronomes formados com **hic**, como **aqui, ali**, e posteriormente **aí**, (v) PPs iniciados com vários tipos de preposições, (vi) locuções prepositivas.

É importante salientar que o verbo *estar* é intrinsecamente locativo posicional. Este item trata, portanto, não da aquisição de uma propriedade semântica, e sim de uma alteração sintática. Quero demonstrar que a minioração locativa com a qual ele passou a se construir o transpôs de intransitivo a “quase-transitivo”, visto que os componentes da dita expressão num dado momento foram reanalisados como complementos de *estar*. Vejamos em detalhe como foi o casamento de *estar* com essa minioração, pois o surgimento das construções locativas com esse verbo está associado a esse relacionamento.

III.2.1.1 - *Estar* e a minioração **hi + PP**

A construção desse verbo com a minioração locativa permitiu (i) que vários tipos de pronomes circunstanciais se aproximassem de *estar*, e (ii) que PPs com outros tipos de preposições passassem a aparecer com esse verbo.

Vou examinar primeiramente as modificações pelas quais essa minioração passou, como o que foi proposto no capítulo II.

A) *Estar* + *hi* PP

Os exemplos de *estar* com o locativo redobrado aparecendo junto são poucos, mas pode-se observar todos os passos percorridos na gramaticalização da estrutura redobrada: (i) estrutura original (6), (ii) estrutura deslocada (7), estrutura descontínua (8), estrutura elíptica (15) e estrutura simplificada (9-14).

(6) *Estar* + *hi* PP na estrutura original

- a) [XIV LLCP 241:18] *E o ifante dom Pedro esteve i acerca da vila XVI dias, com gram poder de fidalgos portugueses e de Galiza; [...]*
- b) [XV VPA1 198:15] *Mais os sergentes, que estavam i a derredor, disserom*
- c) [XIV LLCP 157:38] *E enviou-o el rei dom Afonso pera Nagera e pera Riba d'Evro, que estevesse i e guardasse aquela frontaria, de que se temia dos Mouros. E estando i em Nagera, per mui grandes quenturas que fazia, como faz em Agosto, dava ja o rio vao,*
- d) [XIV CGE2 443:22] *e que estava hy na corte hũũ filho dessa dona Timbor*

(7) **Estar** + hi PP na estrutura deslocada

- a) [XV:1448, HGP 260:3] Saibham quantos este estormento de prazo virem que no ano [...] no moosteiro de Sam Saluador de Uairam da ordem de Ssam Beento, setuado no julgado da Maya, termo e bispado da mujto nobre e ssenpre leall cidade do Porto, estando hy ha senhora Janebra de Ssaa, dona abadessa do dito mosteiro, e a honrada Lí'janor Díiaz, proessa, e as outras donas do dito moosteiro, chamadas ao diante declaradas em pressença do m~j, tabaliam, e das testemunhas adiante excriptas, a dita senhora dona abadessa, por acordo e outorga da dita prioressa e donnas, emprazou e fez prazo a Lourenço Afonso [...]
- b) [XV:1454 HGP 262:27] Saibham quantos este estormento virem que [...] na clasta de Sam Salluador de Uayram da hordem de Sam Beento, ssetuado no jullgado da Maia, termo da ssemprre leall cidade do Porto, estando hij em cabijdo a honrada e rrellegiosa senhora Jenebra de Saa, dona abadesa do dicto moesteiro e as outras honradas freiras donas Lianor Domingujz, prioressa, Lianor do Rego e Viollante Rodriguiz e Margarida de Saa e Isabell Ferreira, freiras do dicto moesteiro, chamadas para o que sse ao adiante segue per soom de canpaa tangida segundo seu custume, emprazou e per prazo deu a Joham Domingujz [...]
- c) [XV:1484 HGP 267:4] [...] no paaço do mosteyro de Sam Saluador de Bayram da hordem de Sam Bento que he no julgado de Maya, termo da çidade do Porto, estando hy a senhor donna Lí'janor do Rego, abadesa do dito mosteyro, e Bí'jolante do Rego, prioressa, e Lí'janor Cardosa e Isabell Aranha e Brijatijz do Rego e Lyanor Çaquota e Isabell d'Azevedo, a dita senhor donna abadesa e priosera e donnas e conbento do dito mosteyro per sã de canpãa tangijda como he de seu custume, ãprazarã e per prazo derã a Afonso Alvarez [...]

(8) **Estar** + hi PP na estrutura descontínua

- a) [XIII FCR 74:1] E qui hy estouer sobre seu coto, peyte
- b) [XIV PP 405:11] E nõ deuẽ hy a estar cõ os clerigos homẽs leigos eno coro quando dizem as oras moormẽte aa missa
- c) [XIV LLCP 209:36] E el rei Ramiro lhe pedio que fizesse i estar a rainha e as donas e donzelas e todos seus filhos e sus parentes e cidadãos naquel curral.
- d) [XIV CGE2 436:9] estando hy Bernaldo em Saldonha, correo terra de Leon e guerreava muy de ryjo quanto mais podya a el rey dom Afonso
- e) [XIV PP 158:22] E deuẽ hy estar cõ elles sseus archiprestes e sseus clerigos
- f) [XV VPA1 141:28] e das maravilhas que el contava dava muitas testiuinhas daqueles do poboo que i estavam a redor

Alterações da minioração **hi** + PP levaram **estar** a apresentar dois tipos de locativos, agora reanalisados como seus complementos: o clítico **hi** (a estrutura simplificada), de um lado, e o sintagma preposicionado **em NP** (a estrutura elíptica), de outro. Vejamos cada um deles.

B) *Estar + hi*

Um levantamento de *estar* + clítico *hi* simples deu os seguintes resultados: (i) foram encontrados somente 161 exemplos, (ii) 134 deles aparecem em orações dependentes, mais precisamente em orações relativas, e 27 em orações independentes, (iii) quando em oração independente, o *hi* aparece sempre enclítico ao verbo, e quando em oração dependente, está, quase sempre, proclítico ao verbo.

Na tabela 6 pode-se ver que a posição do *hi* em orações dependentes é predominantemente proclítica, com 80% das ocorrências, mas há 20% que aparece em ênclise.

Tabela 6 - Posição do clítico locativo *hi* em relação a *estar*, quando em orações dependentes

séculos XII-XIII		século XIV		séculos XV-XVI	
hiV	Vhi	hiV	Vhi	hiV	Vhi
21/134	5/134	54/134	17/134	32/134	5/134
16%	4%	40%	12%	24%	4%

Vejamos exemplos desses fatos:

(9) *Estar* com o locativo *hi* enclítico, em orações independentes

- a) [XIII CR 294:3] *e a pastor estaua [i] senlheyra*
- b) [XIII SG 48:13] *E Gallaaz perguntou aos monges, se avia i algũu que soubesse guarecer chagas. [...] E Gallaaz foi mui alegre e steve i tres dias depois*
- c) [XIII SG 106:17] *quand[o] el vinha aa fonte e decia, esto mostra que elle viera perto do Santo Graal. E stará i e mudar-se-a tanto*
- d) [XIV LLCP 60:3] *E quando houve Noe seiscentos annos, foi o deluvio, e fez a arca e esteve i onze meses.*
- e) [XIV LLCP 168:3] *E dom Pero Fernandez soube-o u era com os Mouros, e enviou dizer a el rei que iria a fazer algũus banhos em sa terra, e que estaria em eles e se banharia em eles; e que enviasse i quantos enviar quisesse, que nom leixaria de fazer banhos e de se banhar em eles, por ele nem por quantos el i enviar quisesse, a tanto que i seu corpo nom veesse [...]; e esto lhe enviou dizer ante ãus dous meses, e o dia que i seria. E esteve i bem seis domaas com mui gram poder que trouxe dos Mouros, e feze-os e banhou-se em eles assi como o disse, e nom veo i nem ãu que o leixasse de fazer.*

- f) [XIV LLCP 174:21] Este foi o que tirou as armelas da ponte de Cordova a pesar dos Mouros, e trouxe-as pera Valedolide, onde era senhor, e pose-as em Santa Maria a Antigua, e hoje em dia **estam** *i*.
- g) [XIV CGE2 112:5] E Julyo Cesar **steve** *hy* algũus dyas e conbateuhos muy ryjamente
- h) [XIV CGE2 144:1] E **esteve** *hy* depois algũus dyas ataa que mandou descobryr toda essa terra
- i) [XIV CGE2 257:29] foisse elle pera Elna e **esteve** *hi* algũs dias
- j) [XV VS1 46:27] e virõ / hũu canpo muy fremosso e muy frofido e de / muy boo odóór. E **estavã** *hy* muitas almas. e hy a / vya hũa fonte de agua viva.
- k) [XV VPA1 167:5] veerom a Ortosiada [...] E em outro dia **esteverom** *i* porque todos quantos criiam em Nostro Senhor foram todos até ali com el

(10) **Estar** com o locativo **hi** enclítico, em orações dependentes

- a) [XIII CSM1 281:6] Desto direy un miragre | que contar oý/ a omees e molleres | que **estavan** *y*
- b) [XIII SG 47:26] E Galaaz disse: "Veede-lo aqui!" e mostrou-lhes Mellias que **stava** *i*
- c) [XIV PP 409:10] E taes logares come estes de qual natura quer que seiã chamãlhys moesteyros ou casas de rreligiõ por que **estã** *hy* os homẽs de gram deuoçõ
- d) [XIV PP 502:9] Defendemẽto e segurança deuẽ a auer ena eigreia os homẽs que fogirẽ ou ueerẽ a ela e totalas outras cousas que **esteuerẽ** *hy*.
- e) [XIV LLCP 157:36] E enviou-o el rei dom Afonso pera Nagera e pera Riba d'Evro, que **estevesse** *i* e guardasse aquela frontaria, de que se temia dos Mouros.
- f) [XIV LLCP 213:7] El foi em romaria a Roma e ouvio dizer que **estava** *i* um cavaleiro que lidava por estes feus com aqueles daquela terra, que os queria livrar.
- g) [XIV LLCP 296:12] E dom Martim Sanchez, quando entrou em Portugal, soube que el rei estava da outra parte, e enviou-lhi dizer que se tirasse e que lidaria com o seu poder, ou se nom que se tirasse afora mais d'ũa legoa, que nom parecesse o seu pendom, e que lidaria com todos aqueles que el i tũa. E al rei conselharom-no os seus que nom **estevesse** *i*, mais que se fosse a Gaia, e [...]
- h) [XIV CGE2 241:22] con outra grande companha de treedores, os quaes **estavã** *hy* por defender o castello
- i) [XV VPA1 194:19] E entom Sam Clemente entendeo que pela ventura que aquel era seu padre e encherom-se-lhe os olhos de lagrimas. E seus irmãos, Niceta e Aquila, que **estavam** *i*, queriam descobrir a cousa

Das orações dependentes exemplificadas acima, muitas são relativas, o que contrasta com os exemplos em (12), nas quais as relativas têm o clítico proclítico ao verbo.

(11) **Estar** com o locativo **hi** proclítico, em orações dependentes de vários tipos

- a) [XIII SG 89:1] Er meterom anbos mãos aas spadas e feriom-se de tam grandes golpes, assi que, se *i* **stevesse**des, veriades os fogos sair dos elmos

- b) [XIII SG 96:12] *E depos esto acabo de ãu pouco entrou ãu lume tan grande na ousia, como se cem candeas acesas **i stevessem***
- c) [XIV:1399 HGP 63:1] [...] *et promete o dito abbade a dita Ines Peres em todo o tempo da sua vida que ella vier topar ao dito moesteyro de Mõfero que uos dem y hua raçõ en quanto **y esteuerdes** e que uos façã ajuda e defendemento quando uos conplir e eu a dita Ines Peres todas y outorgo.*
- d) [XIV:1313 HGP 150:18] *Et nos diades [...] terça de todas las coussas que Deus y der saluo figos et as figeyras se as **y ouuer estarẽ** hu nõ façã dano nos outros nouos ou nõ estarẽ y e esso mesmo das outras aruores que y esteuerẽ*
- e) [XIV PP 122:20] *ca enquanto os pecados **hy estã** nõ he logar cõuenhauel a Deus*
- f) [XIV PP 313:19] *E esto he por que algũis quando entrã en ordẽ fazeno cõ mouimẽto de sanha dalgũas cousas [...] E depoyos que **hy stam** canbhãxelhis as voontades e rrependẽsse*
- g) [XIV PP 371:21] *E estes taes nõ podẽ assoluer os outros senõ os daquelles logares hu os enuiã tã solamẽte e enquanto **hy steuerẽ***

(12) **Estar** com o locativo **hi** proclítico, em orações dependentes relativas

- a) [XIII SG 27:26] *E abraçou-os el rei e beijou-os mui de coração chorando. E os outros homẽes que **i stavam** outrossi*
- b) [XIII SG 39:25] *"Si serã", disse ãu homem velho que **i stava***
- c) [XIII SG 471:15] *E tanto que foi des armado foi a hũu altar de Santa Maria que **i stava** e ficou os geolhos ant' el*
- d) [XIV DSG 35:18] *E aqueles que **hi estavan** levaron o corpo da menõha*
- e) [XIV DSG 39:27] *Enton levaron-no aa pousada homens que **hi estavan**, en sas mãõs*
- f) [XIV: 1306 HGP, 82:7] [...] *e façades y duas casas pallaças segũdo os formaes que **y estam**, e o nosso móórdomo que uos dé yda nossa madeyra [...]*
- g) [XIV:1313 HGP 150:20] *Et nos diades [...] terça de todas las coussas que Deus y der saluo figos et as figeyras se as y ouuer estarẽ hu nõ façã dano nos outros nouos ou nõ estarẽ y e esso mesmo das outras aruores que **y esteuerẽ** e daedes cada anno hua bõa galina e dous pães trijgos de senos dineyros leonesses [...]*
- h) [XIV PP 238:1] *E pela uentura os outros cristãos que **hy esteuessẽ** doudariã por ende nõ entendendo a rrazõ por que o fazẽ*
- i) [XIV LLCP 209:34] *Mandou-o tirar da camara e levou-o ao curral, e poe-lo sobre ãu gram padrom que **i estava**, e mandou que tangesse seu corno a tanto ataa que lhe sahisse o folego.*
- j) [XIV LLCP 227:18] *E el rei e todos los fidalgos foram em este conselho, e postarom suas azes naquel campo em que estam ora as vinhas. E dom Rodrigo Froiaz acaudelou aqueles que **i stavam**, e oolhou u estava el rei dom Sancho e rompeo per totalas azes.*
- k) [XV VPAI 332:21] *chamou o homem boo os clericos e os leigos que **i stavam***
- l) [XV CDP 113:19.] *depois tornava asperamente contra elles reprimendo-os muito d' o que feito aviam, e assi andou per hũu grande espaço. Os que **hi estavan** que aquesto viam, sospeitando mall de suas rrazões, aficavam-se muito a pedir mercee por elles,*
- m) [XV CDP 186:20.] *e dos rremos e outros aparelhos nom sse salvou senam mui pouco, que poserom em hũua naao de Laredo que **hi estava**.*

- n) [XV:1450 HGP 114:4] *para o conplir el e nos por el obligamos as ditas vjña e casa cõ todo o benfeyto que y **esteuer** et de as laurar e rreparar.*

Fazendo parte da estrutura simplificada, o locativo **hi** com **estar** é empregado com dois sentidos: “permanecer em algum lugar por um dado tempo” (13) e “encontrar-se em algum lugar” (14).

(13) **Estar** + clítico **hi** simples, com o sentido de “permanecer em algum lugar por um dado tempo”

- a) [XIII SG 48:13] *E Gallaaz perguntou aos monges, se avia i algũu que soubesse guarecer chagas. [...] E Gallaaz foi mui alegre e **steve** i tres dias depois*
- b) [XIV LLCP 60:3] *E quando houve Noe seiscentos annos, foi o deluvio, e fez a arca e **esteve** i onze meses.*
- c) [XIV LLCP 61:19] *Depois, tornou-se Jacob aa terra de Canaam, Ebrom, e **esteve** i sete annos, ataa que foi vendudo Joseph em no Egipto.*
- d) [XIV LLCP 101:34] *E veerom estes Godos em Espanha e **esteverom** i trezentos e oitenta annos, e muitos deles se tornarom aa fe de Christus.*
- e) [XIV LLCP 168:3] *E dom Pero Fernandez soube-o u era com os Mouros, e enviou dizer a el rei que iria a fazer algũus banhos em sa terra, e que estaria em eles e se banharia em eles; e que enviasse i quantos enviar quisesse, que nom leixaria de fazer banhos e de se banhar em eles, por ele nem por quantos el i enviar quisesse, a tanto que i seu corpo nom veesse [...]; e esto lhe enviou dizer ante ãus dous meses, e o dia que i seria. E **esteve** i bem seis domaas com mui gram poder que trouxe dos Mouros, e feze-os e banhou-se em eles assi como o disse, e nom veo i nem ãu que o leixasse de fazer.*
- f) [XIII SG 293:27] *Entom começaram a demandar pousada pelo castello, ca **estar** queriam tanto i taa que ouvessem cavalos*
- g) [XIII SG 258:22] *e ficou com el com gram pesar de sa morte [...] E **steve** i tanto taa que foi morto e filhou-o e levou-o a ãa abadia*
- h) [XIII SG 294:15] *E quando os outros doos irmãos virom este golpe, nom ousarom i mais **estar** por que estavam desarmados*
- i) [XIII SG 428:2] *Entom se tornou ante a tavao e ficou seus geolhos. E nom **esteve** i se pouco nom, quando caeu en terra e a alma se lhi s[a]iu do corpo*
- j) [XIII SG 457:4] *E Lucan [...] outrosi en geolhos, nom **esteve** i muito que viu o estrado en derredor del-rei cheo de sangui*
- k) [XIV CGE2 112:5] *E Julyo Cesar **steve** hy algũus dyas e conbateuhos muy ryjamente*
- l) [XIV LLCP 61:28] *Tornou-se Joseph com seus irmãos ao Egipto, e morreo. E poserom-nos em ãu ataude de ferro e **esteve** i ataa que saïrom os filhos de Israel do Egipto.*
- m) [XIV LLCP 174:21] *Este foi o que tirou as armelas da ponte de Cordova a pesar dos Mouros, e trouxe-as pera Valedolide, onde era senhor, e pose-as em Santa Maria a Antigua, e hoje em dia **estam** i.*
- n) [XIV LLCP 297:34] *E en’outro dia foi a eles a Guimarães e lidou com eles e vence-os outra vez e encerrô-os trás os muros de Guimarães. E **esteve** i outro dia, e vio que nom queriam tornar mais.*

- o) [XV VS2 (61):12] *teu / padre hirá agora comigo pera o mosteyro pera / esta festa e estará hy tres ou quatro dias*
- p) [XV VPA1 167:5] *veerom a Ortosiada [...] E em outro dia esteuerom i porque todos quantos criiam em Nostro Senhor foram todos até ali com el*

Não discutirei aqui a eventual precedência da construção locativa sobre a temporal, por fugir essa indagação aos limites desta tese. A bibliografia corrente sobre gramaticalização menciona a precedência da primeira sobre a segunda, mas meus dados apontam antes para uma convivência desses valores.

(14) **Estar** + locativo **hi** simples com o sentido de “encontrar-se em algum lugar”

- a) [XIII CSM1 281:6] *Desto direy un miragre | que contar oý/ a omees e molleres | que estavan y*
- b) [XIII SG 27:26] *E abraçou-os el rei e beijou-os mui de coração chorando. E os outros homens que i stavam outrossi*
- c) [XIII SG 51:11] *Outro dia manhã foi Gallaaz ouvir missa com sua companha em ãa capella que i stava, e depois que ouvirom missa*
- d) [XIV:1399 HGP 63:1] [...] *et promete o dito abbade a dita Ines Peres em todo o tempo da sua vida que ella vier topar ao dito moesteyro de Mõfero que uos dem y hua raçõ en quanto y esteuerdes e que uos façã ajuda e defendemento quando uos conplir e eu a dita Ines Peres todas y outorgo*
- e) [XIV:1306 HGP 82:7] [...] *e façades y duas casas pallaças segũdo os formaes que y estam, e o nosso móórdomo que uos dé yda nossa madeyra [...]*
- f) [XIV:1313 HGP 150:18-20] *Et nos diades [...] terça de todas las coussas que Deus y der saluo figos et as figeyras se as y ouuer estarẽ hu nõ façã dano nos outros nouos ou nõ estarẽ y e esso mesmo das outras aruores que y esteuerẽ e daedes cada anno hua bõa galina e dous pães trijgos de senos dineyros leonesses [...]*
- g) [XIV PP 122:20] *ca enquanto os pecados hy estã nõ he logar cõenhauel a Deus*
- h) [XIV PP 161:17] *en moesteyro ou en logar apartado en que esté **hy** en toda sa uida por pecado grande que fez*
- i) [XIV LLCP 233:33] *E eles cada vez se encendiam mais e mais na peleja por cobrar a cabeça, assi que, pela força grande dos boos fidalgos que i estavam, houverom-na de gaanhar, e tirou-se afora.*
- j) [XIV LLCP 297:28] *E ali, sô aquel portal que i está, se derom moitas e bõas feridas, e foi assi que os houve dom Martim Sanchez a levar, e passar pela Portela do Espinho, contra Guimarães, mal a seu grado.*
- k) [XIV DSG2 61:11] *E os que hi estavam ouvian os seus braados*
- l) [XV CDP 231:18.] *e Gomez Carrilho [...] hindo mui ledto em hũa galee em que el-rrei fingeo que o mandava pera lhe entregarem a villa d' Aljazira pera estar **hi** por fronteiro*
- m) [XV CDP 83:16] *E el-rrei mandou-o deitar na rrua per hũa janella da casa honde pousava, e disse aos bizcainhos que estavom **hi** muitos: "Vedes hi o vosso senhor de Bizcaia que vos demandava por seus*

C) *Estar* + PP

Com a elipse do locativo **hi**, outros PPs acompanham **estar**, com forte predominância do PP introduzido por **em**, o que já ocorrera na estrutura de **hi** redobrado:

(15) **Estar** + PP introduzido por *em*

- a) [XIII CEM 529:1] *En Almoeda vi **estar** oj' un ricom' e diss' assi*
- b) [XIII CEM 1:12] *de perdoar quẽ-no mal deostasse, com' el fez a mim, **estando** en sa pousada*
- c) [XIII CEM 99:50] *e achou Belpelho **estando** en ùa eira*
- d) [...] *foi Palomades cristão [...] E u **estava** na santa agua lhi aveo ùa gram maravilha [SG 392:16]*
- e) [XIII SG 48:3] *e levou-o a ùa casa de ordem que **stava** em ùa valle*
- f) [XIII:1280 HGP 186:33] *como leua en boca essa casa e cona vina que **está** en essa chousa*
- g) [XIII:1287 HGP 137:28] *Et quando quisserdes vendemar ou segar, chamardes o ffreyre que **esteuer** en Santa Maria de Biade.*
- h) [XIII SG140:39] *Aqui u nos somos nom has tu rem d'adubar, ca teu lugar e tua seeda **sta** na casa do inferno com a rainha Genevra*
- i) [XIII SG 184:17] *O lûuar fazia mûi bõo, assi que bem poderia veer longe quem **estava** em ùu mûi gram chão*
- j) [XIII SG 299:14] *e sairom-se com elle por ùa vidreira que **estava** na ousia da capella*
- k) [XIV:1307 HGP 83:5] *que auemos en aquella casa que **está** na rrua de Batitalas*
- l) [XIV LLCP 225:34] *E el rei, **estando** em Agua de Maias, a par de Coimbra, chegou dom Rodrigo Froiaz e el rei foi com el mui ledó, e [...]*
- m) [XIV:1309 TPM 417:7] *Dom Denis [...] faço saber que eu recebo em mjna guarda e ã mjna encomêda e so meu defendimêto todollos scollares que **steuerem** no Studo de Cojmbra*

Admitirei que a estrutura **estar** + **hi** + **PP** exemplificada em (6-15) é um estágio anterior na gramaticalização desse verbo, a que se seguiram as construções exemplificadas em (16-17,19-29). Daí a importância de investigar os outros pronomes locativos e preposições que passaram a construir-se com **estar**, visto que elas fizeram esse verbo transitar de intransitivo para quase-transitivo, como já se disse. Passo a tratar ligeiramente dessas construções.

III.2.1.2 - *Estar* + outros locativos

A) locativos derivados de **hic**: *aqui, ali e aí*

(16)

- a) [XIII CA 673:17] *quando j(a) agor(a) aqui **estou**, u vus non poderei guarir, nen ei poder de vus fogir!*
- b) [XIII CR 334:21] *e ir-m' ey, quando mandardes, mais aqui non [**e**]starey*
- c) [XIII SG 7:17] *Dom Lançarot, filhade esta spada, ca ella é vossa e por testemunha de quantos aqui **stam**.*
- d) [XIII SG 324:24] *E rei Mars que **estava** ali disse*
- e) [XIII CSM1 266:22] *E el ali **estando**, fillou-ss' a dizer/ ben mil Ave Marias por fazer prazer/ aa Madre de Deus*
- f) [XIV LLCP 15823] *E dom Joham lhe disse que ele **estava** ali per mandado d' el rei dom Afonso, seu senhor, e que se nom partiria dali ataa que se nom tornassem os outros pera onde viinham, com seus pendões, ataa que os ele nom podesse veer.*
- g) [XIV DSG 156:34] *e disse que alli **estaria** ataa que nosso Senhor lhe enviasse algũu conselho*

B) locativos formados na fase romance *acá, alá, acó, aló, além*

(17)

- a) [XIV DSG 213:22] *Ca a ponte per que o cavaleiro vio passar os justos e os bõos aos logares deleitosos que **estavan** aalen da ponte he a carreira estreita per que homen ven aa vida perduravil*
- b) [XV VPA1 61:12] *e alá **estam** muitos deles em testemunho da ressurreiçom de Jesu Cristo*

C) locativo de herança latina *hu*

(18)

- a) [XIII CA 378:15] *de parecer mui ben, u **estever'**, Deus, que lhe fez tan muito ben aver, me dê seu ben*
- b) [XIII CA 459:3] *leixar-m' aqui, u m' ora '**stou**, viver*
- c) [XIII CR 339:21] *ca meu conracon non é, nen será, per bõa fé, se non do [que] quero ben [...] o meu, diss' ela será hu foy sempre e hu **está**, e de uós non curo ren*
- d) [XIII CSM1 27:34] *Pois a candea fillada ! ouv' aquel monge des i/ ao jogar da viola, ! foy-a põer ben ali/ u x' ant' **estav'**, e*
- e) [XIII CSM1 29:49] *"Movamos",/a sa conpan[n]ia,/ "que gran demorança/ aqui u **estamos**/ bõa non seria/ sen aver pitaça"*
- f) [XIII SG 13:2] *e levou-o a [a] ribeira do rio u o padram **stava***
- g) [XIII SG 50:11] *ira commigo alli u **stam** dous cavalleiros d[a] Mesa Redonda*
- h) *douro*

- i) [XIV:1316 HGP 90:21] e damos a foro o nosso terrão que é das vniuersarias que jaz hu esteuo a Rua dos Ferreyros
- j) [XIV:1322 HGP 154:8] Et dar nos edes tres almudes de castanas secas e limpias pela cesta de Ribadauia dos castineiros que chantarom hu estaua a vina cada anno
- k) [XIV:1345 HGP 283:33] metemos en posse vos, dito senhor arçebispo, da dita quintãa de Baulhj hu ora uos estade
- l) [XIII SG 166:23] e por esto se desenpararam e começaram a fugir contra onde estava o mato mais espesso por guarecerem i
- m) [XIII SG 472:15] Entom rogou ao irmitam, por Deus, que o levasse onde esta seu irmão e que queira i servir a Deus como el

Reuni na Tabela 7 indicações sobre a frequência de uso dos pronomes circunstanciais locativos.

Tabela 7 - *Estar* acompanhado de pronomes circunstanciais locativos

	Século XII-XIII			Século XIV			Século XV-XVI			Total geral
	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	
<i>Hi, aí</i>	19	28	47	34	64	98	18	34	52	197
<i>Aquí, acá, cá</i>	8	15	23	2	6	8	5	8	13	44
<i>Ali, alá, lá</i>	4	4	8	9	7	16	15	6	21	45
<i>U</i>	-	26	26	-	29	29	-	13	13	68
<i>Onde</i>	-	5	5	-	25	25	-	33	33	63
Sub-total	31	78	109	45	131	176	38	94	132	417

Quanto à posição do locativo em relação ao verbo, ele pode se localizar antes ou depois, e esse posicionamento parece estar condicionado ao tipo de oração na qual *estar* está inserido. Já nos dados do século XX a posição do locativo é quase que sempre depois do verbo, tanto no PE como no PB.

A Tabela 7 mostra uma clara predominância do locativo *hi* sobre todos os demais, numa proporção respectivamente de 47% por 53%. Essa predominância deve estar correlacionada com as alterações que ele provocou em *estar*. Será importante investigar a frequências das preposições, para ver se predomina igualmente aquela que introduz o PP que *hi* duplica. É o que veremos a seguir.

III.2.1.3 - *Estar* + PP

No estudo das PPs, separei as preposições em dois grupos: as que não indicam nenhuma posição e as que indicam posições.

A) *Estar* com preposições que não indicam posição: **a, de, com e por**

(19) Preposição **a**

- a) [XIII SG 15:32]Entam ficou os giolhos ante elle e disse-lhe [...] Gallaaz nom lhe quis sofrer que **stevesse** assi a seus pees, e dessi ergeo[-o]
- b) [XIII SG 217:14]"Senhor cavaleiro, vos **estades** a pee e eu a cavalo, e ainda com tal andança queredes a batalha?"
- c) [XIII LVL 47:26]el foi-se **estar** a uma fonte que estava perto do castelo
- d) [XIV CGE2 323:3]tanto que entraron enna villa, mandou Tarife cavalleiros que **estevessem** aas portas
- e) [XV VPA1 31:6]"Envia o Senhor ante mim sempre, porque **está** aa minha destra, que nom me mova

(20) – Preposição **de**

- a) [XIV DSG 222:2]Per que dá a entender que huum inferno **stá** de cima em algũa parte desta terra em que nós vivemos
- b) [XIII SG 463:15]E a barca **esta[va]** da riba tanto como deitadura de besta.

(21) – Preposição **por**

- a) [XV VS1 40:30]E de huum cabo do môte ao / outro **estava** por ponte hua tavao que avya cinquo mil / passadas em longo e huum pee em ancho.

(22) – Preposição **com/sem**

- a) [XIII:1276 HGP 130:29] dou a foro una casa cõ sua cortiña que cõ ela **está** que eu ey en Çerrações
- b) [XIII FCR 84:24] non dé mortuorum por si nin por omne de sua casa que **esté** con el a seu ben fazer
- c) [XIII CEM 190:2] En tal perfia qual eu nunca vi, vi eu Don Foan con sa madr' **estar**
- d) [XIII CEM 472:3] fi'de clerigon, que non 'a en sa terra nulha ren, por quant' **está** con seu senhor mui bon,
- e) [XIII CEM 558:10] se queredes con as gentes **estar**, Don Fernando, melhor ca non estades,
- f) [XIII SG 361:33] e **estavam** com elle dois cavalleiros todos armados

- g) [XV:1500 HGP 179:29] ao qual daredes de comer e de beber entramẽte **estuber** con bos a recadarlo
- h) [XIII CA 746:1] Quand' eu **estou** sem mia senhor, sempre cuido que lhe direi

B) **Estar** com preposições que indicam uma posição: **ante, contra, entre, sob, sobre, trás / detrás**

(23) – Preposições **sobre, sob / so**

- a) [XIII SG 219:14] Galvam estava **sobre** ũu cavalo grande e fremoso
- b) [XIII SG170:4] Assi fallando steveram gram peça **sobre a fonte**
- c) [XIII SG 6:5] dom Lançarot e muitos outros cavalleiros catavam contra ãas freestas que stavam **sobre a ag(u)oa**
- d) [XIII SG 83:28] ãu castello [...] que stava **sobre ãa ribeira**
- e) [XIII SG 39:1] e disse-lhe que **soo aquella arvor** sta o muimento
- f) [XIII SG 46:40] [...] e foi-se pelo deserto pera hũũ logar muit' ascondudo que avia nome Sublacos, porque está **sô hũa lagoa**.
- g) [XIII SG463:1] Quando Giflet chegou ao outeiro esteve **so hũa arvor** ata que se fosse a chuva
- h) [XIV:1310 HGP 89:19] e ho quarto do souto de Tortores e ho quarto das castiñeyras que están **sobello pááço de Pedro Rodrigues**

(24) – Preposição **ante / diante / perante**

- a) [XIV PP 142:10]ca entõ bem pode mãefestar sseus pecados primeyro estando **de deante aquel** que sse maenfestar quer
- b) [XV VPA1 181:1] [...] estando **i perante todos**, encomendou-a a ãu homem boo
- c) [XV VPA1 190:17] Estavam **i deante** Niceta e Aquila e Sam Clemente, seus filhos

(25) – Preposição **entre**

- a) [XIV CGE2 114:26] mandou a suas companhas que sayssem a gram pressa acima dhũũ outeyro que hy stava **entre a vylla e a hoste**
- b) [XIV:1312 HGP 149:8] damos a uos [...] a nossa vina da Nugeyrina que está **entre a de Maria Perez do Barreo e a do espital**
- c) [XIV:1314 HGP 151:26] a teer de nos o nosso lugar da Lama que está **ontre o casar do Uaado dua parte e daa outra do camyno que uay de Maceedo para o porto Aoleyros**
- d) [XV:1426 HGP 169:15][...]; cõuem a saber que vos aforamos duas casas que estan enna aldea de Çea, et hũa delas foy de Johan Mjgeez que chamã Asara onde seem as bofoas en dia de feyra; et a outra está **ontre ela e a d' Afonso de Longos** que foy de Esteuo Yanes.

(26) – Preposição *atrás / detrás*

- a) [XIV CGE2 141:14] *coydando que se tornaryam de noyte ao outeyro [...] foy feryr os inmiigos que **estavã** ja detras as carretas*
- b) [XIV CGE2 142:7] *E el rey Atilla, como quer que **stava** detras as carretas vençudo e ençarrado,*

(27) – Preposição *pós, após, depois*

- a) [XIII CSM1 146:2] *é como a omage de Santa Maria alçou o gẽollo e recebeu o colbe da saeta por guardar o que **estava** pos ela*

(28) – Preposição *contra*

- a) [XIV LLCP 249:6] *Ali começarom de fugir, e gram parte deles pera a az do corral que **estava** contra a ribeira do mar, que ainda estava folgada.*
- b) [XIV DSG 130:4] *homen continuamente contra ele come na lide hu a aaz **está** contra outra*
- c) [XV VS2 (76):11] *Assy que o santo tenpllo / rreçebya todos os outrosssem enbargo nehuum / mais a mim ssoo cativa. nom queria rreçeber nenhua / guisa. mais assy como aaz de cavaleyros **estava** / contra mim que me nom leixava entrar*

As Tabelas 8 e 9, a seguir, resumem os achados.

Tabela 8 – *Estar* com preposições que não indicam posição

	Século XII-XIII			Século XIV			Século XV-XVI			Total geral
	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	
<i>Em</i>	71	14	85	147	15	162	96	7	103	350
<i>Com/sem</i>	21	9	30	39	13	52	29	2	31	113
<i>A</i>	11	1	12	7	1	8	13	1	14	34
<i>Por/pelo/per</i>	1	-	1	3	-	3	2	1	3	7
<i>De</i>	-	-	-	2	1	3	2	-	2	5
Sub-total	104	24	128	198	30	228	142	11	153	509

Tabela 9 – *Estar* com preposições que indicam posição

	Século XII-XIII			Século XIV			Século XV-XVI			Total geral
	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	V-	-V	Sub-total	
<i>Ante</i>	22	4	26	24	6	30	11	3	14	70
<i>Diante</i>	3	1	4	4	-	4	-	-	-	8
<i>Pos, depois</i>	1	-	1	1	-	1	-	-	-	2
<i>So/sob</i>	4	2	6	12	1	13	1	1	2	21
<i>Sobre</i>	16	1	17	4	5	9	5	3	8	34
<i>Entre</i>	-	-	-	7	-	7	3	-	3	10
<i>Contra</i>	-	-	-	3	-	3	2	-	2	5
<i>Ajuso</i>	1	-	1	-	-	-	-	-	-	1
<i>Suso</i>	1	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Sub-total	48	8	56	55	12	67	32	7	29	242

As Tabelas 8 e 9 mostram a ocorrência de um total de 751 preposições em nossa amostra. As que não indicam posição compreenderam apenas 8 itens, contra 11 itens das que indicam posição. Mesmo assim, conforme esperado, as primeiras ocupam 67% das ocorrências, contra apenas 33% das segundas.

O séc. XIV é aquele em que se acentuam certas tendências de aumento ou diminuição da frequência de uso. Isto traz uma evidência adicional à convicção de que esse século teve uma importância especial no PM.

Em todos os casos, a posição pós-verbal do PP se mostrou o lugar privilegiado, bastando para isso consultar os sub-totais anotados na última linha dessas tabelas.

A Tabela 7 tinha mostrado que *estar* seleciona preferencialmente o locativo *hi*. É significativo que a preposição *em*, que introduz o PP reduplicado desse locativo, tenha igualmente tomado uma grande distância entre as demais preposições, ocorrendo em 69% dos casos. A preposição *com*, que também é duplicado por esse locativo, tem da mesma forma um índice expressivo de ocorrência.

III.2.1.4 - *Estar* + locuções prepositivas

(29)

- a) [XV:1414 HGP 100:18][...]; *mãdey et mando as mjñas duas casas que son enna vila de Ponferrada que están **en par de** Santa Maria da dita bila de Ponferrada junto cabo ao (...)*
- b) [XVI:1506 HGP 243:23][...] *e damos enno dito aforamjento, segun que dito he, a nosa vjña, dizjmo a Deus do dito moosteyro que se chama a vjña de Reuoreda, syta enna feligresia de Santa Maria de Rreuoreda, que está **çerca da** dita villa de Rredondela, segundo que sobre sy está valada e murada e vay ao longo da congostra que vay da dita villa de Rredondela para donde bjue Juã Rricõ [...]*
- c) [XIV DSG 174:1] *e chamou hi todolos frades e, estando **en meiogoo deles**, tomou o sagramento do corpo*
- d) [XV VS1 41:6] *E avya na sua boca duas serpentes. e hua tínha a cabeça cõtra / juso. e a outra contra suso. E estava **em meo de duas** / traves muy grandes que estavã atravessadas cõ muy / grandes portas.*
- e) [XV VPA1 142:17] *ca eu conhosço muitos que estam **em meo de vós** outros*
- f) [XIV DSG 58:6] *todolos aqueles logares que estavan **derredor dele** crecian no amor de Deus*
- g) [XIV DSG 127:12] *e arderon totalas cousas que **derredor da** cela estavan*
- h) [XIV DSG 7:8] *ũa bainha que stava della **no meo do ar***
- i) [XIV DSG 95:26] *E aquella igreja stava **em meio de ãu gram chãõ mui ermo***
- j) [XIV DSG 125:16] *E andou tanto por suas jornadas que chegou a ãa abadia que stava **em riba do mar***
- k) [XIV DSG 149:4] *A castra sem falha estava **em meo da subida** por u subiam aa montanha*
- l) [XIV DSG 149:6] *e **em todo o meo** estava a cadeira tam fremosa e tam rica*
- m) [XV:1414 HGP 100:18] *mãdey et mando as mjñas duas casas que son enna vila de Ponferrada que están **en par de** Santa Maria da dita bila de Ponferrada*
- n) [XIII:1283 HGP 191:31] *Petro Periz de Bayona, fillo de don Petro de Vilaça, estando na villa de Bayona na curtiña que fuy de Maria de Deus dissu que el entreguava a dita curtiña e as casas que están **a par dessa** curtina*
- o) [XIII:1298 HGP 80:9] *dou en doaçõ por uoso herdamêto liure e quito o casarello da carneçaria [...] e está **cabo d'** outras uosas casas en que uos agora morades*
- p) [XIII:1299 HGP 216:27] *e deuedes a chãtar de vina o meyo do agro que está **a par do** dito logar*
- q) [XIV:1310 HGP 89:16] *qual quarto do casal eu e meus hermosos téemos en concambia ho quarto que chamã de Pumarino que está **cabo da** vina que uos Clemente Yanes deu*
- r) [XIV:1316 HGP 90:30] *Jos nossos casarelllos que forõ lagares que estã **áa** peña yndo para os moyños de mão destra **cabo** hũa viña do mosteyro dito*
- s) [XIII SG 162:16] *cheguei a ua quintãa desta donzella que esta[v] **a entrada** desta furesta*
- t) [XIII SG 63:14] *hum dia aveo que stavamos **acabo de** a agoa*

Vou me ater brevemente no *estar* **atributivo** e no *estar* **modal** apenas para dar uma idéia mais completa do que foi a modificação desse verbo. O foco principal para esta tese, entretanto, é o *estar* **locativo**.

III.2.2 – *Estar* atributivo

Estar atributivo tinha a propriedade de atribuir uma qualidade transitória ao sujeito, entendendo-se por isto um sujeito que se "encontra num dado estado que pode ser interno a ele". Esse estado podia ter um caráter concreto ou abstrato.

Estar atributivo podia vir acompanhado de miniorações estruturadas por (i) adjetivos e adjetivais (= expressões adjetivas), (ii) participios em *-udo* e em *-do*,

(30) *Estar* atributivo, com adjetivos (a-l) e participios (m-o)

- a) [XIII SG 118:27] *E aquelles, que stavam mui sanhudos*
- b) [XIII CEM 342:11] *mais Lopo Lias estede constante*
- c) [XIV PP 116:17] *E estabeleceu que nõ ffosse feyto en homẽs que nõ ouuessẽ ydade saluo ende meniõs que esteuessẽ fracos ou enfermos de guissa que sse temessem de chegar aginha a morte.*
- d) [XIII CA 137:] *Pero estou led' en meu coraçõ*
- e) [XIV PP 302:3] *Seguros deũ star os clerigos hu morarẽ.*
- f) [XIII CA 710:5] *U vus eu vi fremosa (e)star, / e m' õuvi de vos a quitar, / ali tenh' eu o coraçõ: / En vos, senhor, e [en] al non!*
- g) [XV VS 44:27] *E a alma estava fraca que nõ pode rresponder.*
- h) [XIII CA 158:11] *Que prol vus á de eu estar / sempre por vos en grand' affan?*
- i) [XIV:1385 HGP 61:9] *Eu, o dito Esteuo Peres, que estou presente, asy reço de uos, a dita abadesa e conuõto, o dito foro [...]*
- j) [XIII:1283 HGP 191:35] [...]; *e o dito abbade don Henrique estando presente na dita cortina, o dito Pedro Periz filou vun nabo con suas uerssas na mao da dita cortina e meteuo ao dito abade na mao [...]*
- k) [XIV:1399 HGP 62:38] *Esta carta e doaçõ fiquy firme e dom frey Joham Lourenço, abbade do dito mõeysteyrode Mõfero que presente está, asy reço a dita doaçõ [...]*
- l) [XIII SG 264:16] *Estade quedos e leixade o cavaleiro ir em paz*
- m) [XIII CEM 141:1] *Don Martin Galo est' acostumado de lhi daren algo todos de grado*
- n) [XIII SG 149:10] *E sabede que estava ainda armado de espada e de bafoneiras*
- o) [XV LLCP 217:29] *Este rei dom Pedro, chamarom-no assi, porque no seu tempo esteve sempre o reino manteudo e guardado em justiça*

Quando o particípio apresenta traços locativos, parece duplicar a expressão *ende*, como se pode ver nestes exemplos:

(31)

- a) [XIV DSG1 13: 6] *E pois se tornou o monge que estas novas trouxera, achou que naquela hora foi a monja sãã da féver, en que o abade que **estava ende muito alomjado** dissera que seeria sãã*
- b) [XIV DSG1 16:22] ***estando ende muito alonjado** del, tan grande foi o temor e o tremer e a lassidoen que veo sobr' el*

Sustento aqui que a construção de *estar* atributivo licenciou *estar* auxiliar + particípio, o que mostra uma vez mais a importância da minioração no processo de gramaticalização desse e de outros verbos.

São bem conhecidos os estudos da auxiliarização de *ter*, em que a minioração exerceu um papel igualmente importante, inicialmente predicando o objeto direto desse verbo, em suas construções como verbo temático, e depois tornando-se adjacente a *ter*, já agora como verbo auxiliar, dando origem à série dos tempos compostos do passado. Assim, construções como *tenho o livro escrito*, que denotavam uma posse referida ao presente e um aspecto perfectivo, migraram para *tenho escrito o livro*, perdida a noção de posse e mudado o aspecto para imperfectivo: Ribeiro (1993).

A história de *estar* atributivo é paralela a essa. De intransitivo e temático ele passa a verbo funcional, quando seguido de miniorações exemplificadas acima, e também por formas nominais do verbo, constituindo-se as perífrases estudadas no Cap. IV.

III.2.3 – *Estar* modal

Estar modal tinha o sentido de atribuir um processo transitório pelo qual um sujeito estava passando, diferindo de *estar* atributivo porque agora o sujeito se "encontra numa dada situação que é externa a ele". Essa situação pode ser concreta ou abstrata.

As miniorações que acompanham o verbo eram assim estruturadas:

- (i) advérbio *assi* numa construção de redobramento [*assi V PP*], cujo PP é "en nesto";
- (ii) advérbio *assi* sozinho [(*assi*) V (*assi*)] em posição pré ou pós-verbal;
- (iii) PP, algumas vezes introduzidas pela falsa preposição *en*;
- (iv) advérbios e adverbiais como *bem*, *mal*, etc.

O advérbio *assi* teve uma origem bem curiosa: (i) se originou da construção latina *ad + sic*; (ii) a etimologia de *sic* mostra que essa palavra contém o sufixo *-i*, característico do antigo caso locativo indo-europeu, que no latim foi assimilado ao caso ablativo; isto quer dizer que *estar* modal guarda relações de difícil rastreamento com *estar* locativo; (iii) a partícula final *-ce/-c* é um antigo demonstrativo que tinha o papel de reforçar essa forma latina: Ernout-Meillet (1967).

Assi passou pelas mesmas fases que seu aparentado *hi*, estudadas no Cap. II: (i) começou a vir antes ou depois do verbo com seu PP num caso de redobramento, (ii) se separou desse PP e passou a aparecer sozinho, (iii) elidiu-se. *Assi* passou igualmente a licenciar o aparecimento de miniorações expressas por adjetivos e advérbios modais. A seguinte escala tenta captar esse passo na gramaticalização de *estar*:

estar pleno > *estar* "quase-transitivo" locativo > *estar* "quase transitivo" modal

O verbo continua a mudar semanticamente: de "estar ou encontrar-se num dado estado transitoriamente" (ou seja, estar passando por um processo interno ao sujeito) > "estar ou encontrar-se numa dada situação transitoriamente" (predicado "stage level", ou seja, estar passando por uma situação que é externa ao sujeito mas que o afeta diretamente):

"estar num dado estado" > "estar numa dada situação"

Vejamos alguns exemplos:

(32) **Estar** modal, com *assi* + PP (a-c), *assi* (d-f), *assi* = Ø (g), PP (h-n), *en* (o-p), advérbios (q-u)

- a) [XIV LLCP 90:32] *E enviou a el rei que saisse a departe e falaria com el, e el rei assi o fez. Eles que **estavam** assi em esta fala, saio ùa gram serpente do freo a el rei Artur, e quando a vio, meteo mão a espada e começou a encalça-la, e Modrech outrossi.*
- b) [XIII CSM1 238:16] *El assi estando en mui gran pavor, / viu entrar un ome negro de coor*
- c) [XIII SG 60:31] *e elles **stando** assi a pee disserom a dom Queia*
- d) [XIII CEM 210:14] *Esto non digu' eu por ben que lhi queira, / mais por que **est'** assi, a meu cuidar.*
- e) [XIII CA 60:10] *Mentr' eu viver', mais guardar-m' ei / que mi-o non sábia mia senhor; / c' assi (e) **starei** d' ela melhor, / e d' ela tant' end' averei*
- f) [XV FP 19:15] *hũa aguya leuaua hũu cáguado, com os pees, no haar, e nom ssabia como o comesse. E assy **estando**, ssaltou peramte ella hũa gralha e disse [...]*
- g) [XV VS 41:23] *E ella jazendo chorando os malles que / avya fectos. Rrecontãdo suas mĩguas por que aquellas penas padecia. E a pouca d' óóra achou-se for a. e nõ soube / per que guisa sayra. E ella **estando** [Ø]. Abryo os olhos e vyo / o angeo.*
- h) [XIII CSM1 131:41] *En este coidad' **estando** | muit' aficad' e mui forte, / ante que o começasse, | door lo chegou a morte.*
- i) [XIII SG 260:6] *Em este cuidado **stava** o cavaleiro pagão quando se fez afora dessa batalha*
- j) [XIV LLCP 232:30] *E o ifante falou com seu padre, e seu padre houve sobr' esto conselho. E ùus deziam que era bem, e que fosse alá o ifante, e per ali se cobraria a vila; e outros deziam que poderia esto seer engano. **Estando em esto**, disse dom Rodrigo Froiaz, por conselho dos Portugueses que i estavam, que eram muitos e bõos [...]*
- k) [XIV PP 92:22] *[...] segũdo conuẽ assynaadamẽte aos coraçõens daquelles que **estam** en teeuras de pecado.*
- l) [XIII SG 408:34] *ficarom os geolhos ante a tavao e **esteverom** en prezes e en orações ata mea noite tam ledos*
- m) [XIII SG 397:18] *e leixou-se ir a Palomades que **estava** a cavalo*
- n) [XIII SG 125:30] *ca mais **stava** em orações e em rogos que em al*
- o) [XV CGE2 476:3] *foisse pera Çamora. E, em **estando** hy, morreo de sua doença.*
- p) [XIV DSG 179:38] *e todo seu estudo e todo seu trabalho era en **estar** continuadamente en sa oraçon.*
- q) [XIII CEM 90:31] *Pero da Ponte, se Deus vos perdón, non faledes mais en armas, ca non / vos **está** bem, esto sabe quen quer*
- r) [XIII CA 58:3] *Desejand' eu vos, mia senhor, / seguramente morrerei; / e do que end' **estou** peor, / é d' ùa ren que vos direi [...]*
- s) [XIII CEM 90:31] *Pero da Ponte [...] non faledes mais en armas, ca non vos **está** ben*
- t) [XIII CEM 523:3] *Ca, pois d' amigos mal **está**, non pode bõa estança aver*
- u) [XIII CR 294:] *e a pastor **estaua** [i] senlheyra*

Estou afirmando que a palavra *en* de (32 o-p) é uma falsa preposição porque se trata, na verdade, do locativo *ende*, proveniente de latim *inde*. Assim, a expressão *en falando disto* equivale mais ou menos a “falando desse lugar físico ou argumentativo a respeito disto”: observe-se o PP redobrado por *en*. Com o tempo, desaparecendo da Língua E o redobramento dos locativos, a palavra *en* foi reanalisada como a preposição *em*, do latim *in*.

Além da etimologia de *assi*, os dados sobre *estar* modal mostram alguns paralelismos com *estar* locativo:

(1) O advérbio modal *assi* ocorre bastante em todo o PM, mesmo tendo assumido um percurso declinante. Ele não desaparece, na verdade modifica-se, afastando-se de *estar* modal e ocorrendo em outros ambientes sintáticos.

(2) Os exemplos com *assi* redobrado vão rareando, provavelmente já estavam se tornando vestígios após um uso muito intenso.

(3) Acentua-se o uso do PP que redobra *assi*, ocorrendo também advérbios do tipo *bem, mal*, etc.

Apresento alguns exemplos deste último tipo:

(33) *Estar* modal seguido de *bem, mal*

- a) [XIII CEM 90:31] *Pero da Ponte, se Deus vos perdon, non faledes mais en armas, ca non / vos **está ben**, esto sabe quen quer*
- b) [XIII CEM 111:5] *quero saber de vós que mi o digades; / e dizede-mi-o, ca **ben** vos **estará**: / pois vos esta, por que trobastes, já / morreu, par Deus, por quen [ora] trobades?*
- c) [XIII CEM 190:15] *E dix' eu: - Senhor, non vos está ben / de perfiardes, mais **está-vos mal**, / con vossa madre*
- d) [XIII CEM 403:23] *Ca nunca el de seu / aver ren deu, / esto ben sei eu, / que lh' **estevesse ben**; / Demos lho deu, / pois que lhi prol non ten; / muito lh' é greu, / quando lho ped' alguen*
- e) [XIII CEM 443:6] *hua donzela jaz [preto d]aqui / que foi ogano un clérigo servir / e non lhi soube da terra sair: / e a dona cavalgou e colheu [i] / Don Caralhote nas mãos; e ten, / poi-lo á preso, ca **está** mui **ben**, / e non quer d' el as mãos abrir*

- f) [XIII CEM 523:13] *De mais, quen á mui gran poder / de fazer algu' e o non faz, / mais de viver parco lhi praz, / pois que non val nen quer valer, / a grand' estança que prol lh' á? : / ca, pois d' amigos mal **está**, / non pode bõa estança aver*

Esses três tipos de **estar** são encontrados com grande frequência em todos os tipos de textos examinados e em toda a época estudada. As construções podiam vir combinadas, co-ocorrendo locativas e locativas, locativas e atributivas, locativas e modais, atributivas e atributivas, atributivas e modais, e ainda modais e modais. Mostrei alguns exemplos:

(34) Co-ocorrência de possibilidades de **estar** locativo / atributivo / modal

- a) [XV LLCP 125:14] [...] e disse: "Como viundes assi, senhor?". Respondeo entom Afonso Anriquez: "Venho mui mal, ca me arrancou meu padraсто e minha madre, que **estava** com ele na az." [locativo + locativo]
- b) [XIII FR 234:2] *Outrosy mandamos que se omen sen memoria ou sen syso ou que nõ aya ydade ou que aya feyta trayçon a al rey ou contra senhor ou contra qualquer senhorio ou monge ou freyre (ou) que aya feyta promissõ ou que **esteue** per huu ano em ordẽ en prouo, der algũa cousa de seu, nõ ualha.* [locativo + modal]
- c) [XIII CEM 441:1] *Joan Fernándiz, un mour' **est'** aqui / fugid', e dizen que vó-lo avedes* [locativo + atributivo]
- d) [XIV:1333 HGP 155:8] [...] *en presença de m~j, Durã Fernandes, notario publico del Rey en Monte Rey, Johan de Naue, alfayate desta méésma villa, **estãdo** en geonlos preso cõ hũa cadẽa na gargãta, ante Johan Beya, alcaide de Monte Rey por Roy Paez de Bema que o queria yr justiçar e matar.* [construção modal + atributiva]
- e) [XIII CSM1 127:60] *Toda a noit' a mesquinna | **estev'** assi braadando / ant' o altar en gẽollos.* [construção modal de *assi* redobrado + locativo]

Evidentemente o tratamento tripartite de **estar** “quase-transitivo” não esgota as possibilidades sintáticas desse verbo, pois podemos encontrá-lo acompanhado de outros pronomes circunstanciais, advérbios e adverbiais.

Essas classes podiam ser do tipo temporal, como *logo, já, agora/ora, hoje, por um ano, hoje em dia, outro dia, uma gran peça* (= "um bom tempo"), etc., ou do tipo aspectual, como *nunca, sempre, continuadamente, toda a vida, muitas vezes, cada dia, até amanhã*, etc. Alguns exemplos:

(35) **Estar** com pronomes circunstanciais, advérbios e adverbiais temporais (a-d) e com advérbios e adverbiais aspectuais (e-f)

- a) [XIII CEM 292:1] **Estavan** oje duas soldadeiras / dizendo ben, a gran pressa, de si
- b) [XIII CA 459:3] Se m' ora Deus gran ben fazer quisesse, / non m' avia mais de tant' a fazer: / leixar-m' aqui, u m' ora 'stou, viver.
- c) [XIV LLCP 158:17] [...], e lançou as chaves per cima do muro, e veo-os atender a um vao mui boo e mui chão que i estava, per que poderiam caber mui bem LXX ou LXXX cavaleiros de suum. E nom estavam d' i mais de ùa legoa, e atende-os i bem ataa meo dia, que chegou o ifante dom Sancho de Castela, filho d' el rei dom Afonso a parti-los, u **estavam** ja os pendões mui chegados ùus aos outros.
- d) [XIV LLCP 61:19] Depois, tornou-se Jacob aa terra de Canaam, Ebrom, e **esteve** i sete anos, ataa que foi vendudo Joseph em no Egipto.
- e) [XIII:1283 HGP 78:6] [...] e non guardar o prazo peite áá outra parte pela auctoridade del rey .c.mor. De pea da moeda que corer e o preito e a carta **estando** sempre ã seu reuor permaecente.
- f) [XIV DSG 179:38] [...] e todo seu estudo e todo seu trabalho era en **estar** continuadamente en sa oraçon

III.3 – ESTAR COMO VERBO AUXILIAR

Vai ser analisado no capítulo IV.

III.4 – VARIAÇÃO E MUDANÇA DE **SER** E **ESTAR** NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Observando-se a convivência dos verbos **estar** e **ser** ao longo de todo o PM, constata-se primeiramente o emprego deles como formas sinônimas, predominando o verbo **ser** locativo sobre o verbo **estar**, situação que se inverte com o tempo.

Para o exame desse intrincado problema - ou melhor, desses usos em variação - teremos de estudar, de um lado, o conflito entre **esse** e **sedere**, que já vinha do latim, e de outro, o embate entre **ser** e **estar**, iniciado em terras galaico-portuguesas.

III.4.1 - Os verbos latinos *esse* e *sedere*

Esse, forma infinitiva do verbo *sum, fui*, funcionava no latim como um verbo existencial, com o sentido de “ser”, “existir” (36 a-b), como um locativo, com o sentido de “estar num lugar” (36 c-f), a que aparentemente estava ligada sua construção como atributivo, assumindo o sentido de “estar numa situação / num estado” (36 g-h).

(36) O verbo *esse* no Latim

a) <i>qui nisi fuisset, quis nostrum esse potuisset?</i>	“se ele não tivesse existido, quem de nós poderia existir?”
b) <i>flumen est Arar</i>	“há um rio, o Arar”
c) <i>non licet quem quam Romae esse qui...</i>	“ninguém pode ficar em Roma, se...”
d) <i>cum Athenis decem ipsos dies fuisset</i>	“tendo ficado em Atenas por 10 dias”
e) <i>esse cum aliquo</i>	“viver com alguém”
f) <i>esse ab aliquo</i>	“estar do lado de alguém”
g) <i>sic est vulgus</i>	“tal é a natureza da multidão”
h) <i>bene, male est</i>	“está bem, mal”

Por outro lado, *sedere*, forma infinitiva do verbo *sedeo, sedi, sessum*, tinha o sentido principal de “estar sentado” (37 a) e alguns outros sentidos derivados como “ficar por um certo período de tempo” (37 b) e “ficar parado”, quando se refere a coisas (37 c):

(37) O verbo *sedere* no Latim

a) <i>stant, non sedent</i>	“eles estão de pé, não sentados”
b) <i>romanus sedendo vincit</i>	“o romano triunfa permanecendo inativo, parado”
c) <i>sedens humero toga</i>	“a toga repousando sobre o ombro”

Vejamos o que permaneceu destas construções em Português, e o que mudou.

III.4.2 – Os verbos portugueses *ser* e *estar*: pontos de contacto

Num primeiro olhar sobre os usos românicos do verbo *ser*, poderíamos imaginar que se trata de item único, pois várias línguas como o francês (e também o inglês) codificam as noções de “existência” e de “encontrar-se em algum lugar / situação” em um único verbo: *être* e *to be*, respectivamente.

Outras línguas, como o português e o espanhol atuais, possuem entretanto dois verbos para expressar essas mesmas noções: *ser* “existência” e *estar* “encontrar-se em algum lugar / situação”.

Com respeito a *ser*, e atentando para sua morfologia, alguns exemplos do PM parecem apontar para a existência de um só verbo *ser*, visto serem muito semelhantes em seu uso locativo, como demonstram os exemplos recolhidos em (38):

(38)

- a) [XIII: 1298 HGP 208:5] *e a quinta parte de .xvj. peças d’ercade que son y enno couto de Bueu*
- b) [XIII SG 13:6] *Queredes sacar esta espada deste padram? Ca a nom que nenhũum provar de quantos aqui som, ca dizem que a [a]ventura non é sua.*
- c) [XV:1414 HGP 102:14] *et hũa arqua de leuar pan que sé aqui en esta casa*
- d) [XIII CEM 342:9] *Loavan un dia, en Lugo, Elvira / Pérez. [a filha d’] Elvira Padrõa; / todos diziam que era mui bõa / [...] // Ficou já a dona mui ben andante, / ca a loaron quantos ali siian*

Entretanto, o verbo *ser* português não deriva de um mesmo étimo. Pelo menos duas formas verbais latinas confluíram em sua organização morfológica: as formas {ε} e {fu / fo} derivam de *esse* (38 a-b), e as formas alternantes {sa / se / si / so} derivam de *sedere* (38 c-d). Essas duas etimologias estão intimamente relacionadas a ponto de co-ocorrerem, concorrerem, variarem e uma delas desaparecer nas mesmas construções mencionadas acima para o verbo *estar*. Em (38 a e b) temos *ser* derivado de *esse*, enquanto que em (38 c e d) temos *ser* derivado de *sedere*.

Dois questões merecem nossa atenção: (i) há dois tipos de verbo *ser*: *ser*¹ seria do tipo existencial e portanto com o sentido de “existir” e *ser*² seria do tipo locativo com o sentido de “encontrar-se em algum lugar/situação”, como em (38), e (ii) *ser* e *estar*, embora liberem noção de aspecto, organizam estruturas diferentes.

Dar conta das relações entre *ser* e *estar* tem sido um tema permanente na Linguística Portuguesa, dada a singularidade de sobrevivência dessas duas formas no conspecto românico. Não vou tratar desse tema aqui, mas gostaria de comparar as construções locativas e atributivas de ambos, pois em seu processo de gramaticalização *ser* locativo perdeu espaço para *estar*, enquanto que este perdeu terreno para *ser* atributivo.

Ser derivado de *esse* é encontrado em todo o PM, com frequência de uso diversa, predominando os sentidos de “existir” (39 a-d), “estar”, encontrar-se” (39 e-h), “ficar / tornar-se” (39 i-n), “acontecer” (39 o-q), “pertencer” (39 r-u):

(39) *Ser* < *esse*

- a) [XIII CSM1 64:10] *En Armenteira foi un lavrador, / que un cavaleiro, por desamor / mui grande que avi' a seu sennor, / foi polo matar, per nome Mateus*
- b) [XIII SG 17:23] *ca por esta promesa que fezeistes me tolhestes o melhor companheiro [e o] mais leal que nunca foi no mundo*
- c) [XIII SG 27:2] *Ai, disz ella, meu coração m[o] diz que me [mete em] tal pavor e [em] tal coita como nunca foi dona de tal guisa por cavalleiro*
- d) [XIII SG 38:16] *E como eu cuido, vos lhe dar[ed]es cima, ca nunca foi cavalleiro que [a] acabar podesse*
- e) [XIII CR 333:5] *Foi-ss' o meu amigo a cas del-rei, e, amigas, con grand' amor que lh' ey, quand' el veer, iá eu morta serey*
- f) [XIII CEM 415:9] *e quantas cousas eno mundo son a avessas andan*
- g) [XIII CR 285:24] *mays, se masesse con meu amigo, a luz agora seria migo*
- h) [XIII SG 1:3] *El rei que era ende mui ledó*
- i) [XIII CSM1 64:23] *Duas lançadas lle deu un peon, / mas non ll' entraron; e escantaçon / cuidou que era o coteif', enton / más bravo foi que Judas Macabeus*
- j) [XIII SG 24:4] *E tanto que foi manhã, levantou-se o mais cedo que pode, ca muito era em gram cuidado do que avia de fazer*
- k) [XIII SG 2:10] *ca bem sabia que pois se el partia dali que nom tornaria, ca lhe convenria, tanto que fosse cavalleiro, entrar aas venturas do regno de Logres*
- l) [XIII SG 2:19] *Senhor, por Deos, fazedre-vos nosso novel cavalleiro, ca nom querriamos que seja cavalleiro por mão doutro*
- m) [XIII SG 2:24] *Gallaaz, disse Lançarot, queredes vos seer cavalleiro?*
- n) [XIII SG 5:29] *este custume manteve senpre, desque foi rei e manterrei, ment[r]es viver*
- o) [XIII CSM1 168:70] *e disse-lles: Mal quisera falir / en leixar Deus por ome terrêal. / [...] Mais, se Deus quiser, esto non será, / nen fora daqui non me veerá / ja mais null' ome*
- p) [XIII SG 6:12] *E os cavalleiros que i siam, forom a elle para veerem o que era*
- q) [XIII SG 7:3] *e entam disse o scudeiro que ja alla som muitos cavalleiros da vossa conpanha por veerem [a] maravilha. E el rei, tanto que esto ouvio, foi logo para alla com sua conpanha de homeens bõos. E Lançarot, tanto que soube que era, logo foi alla apos elles*
- r) [XIII CSM1 25:56] *e pois lle vru o soon, / começou Deus a loar / e as donas a brasmar / que eram d' ordin d' Onna / dizendo*
- s) [XIII CSM1 104:73] *Falssos, maos e encreus, / de Santa Maria somos, | a de que Deus quis nacer*
- t) [XIII CSM1 129:4] *Quen fiar na Madre do Salvador / non perderá ende quanto seu for*

- u) [XIII CSM1 26:17] *Aquel lais que el cantava | era da Madre de Deus, / estand' ant' a sa omagen, | chorando dos ollos seus*

O sentido original de *sedere*, “estar sentado”, é raramente encontrado em textos do PM; todos os que foram encontrados estão enumerados abaixo:

(40) *Ser* < *sedere* com o sentido de “sentar-se” no PM

- a) [XIII CSM1 221:99] *e disse a Virgen Santa | ao crerigo: 'Seede'/ e aquesta moller bõa | comungad' e as[s]olvede*
- b) [XIII SG 5:12] *E aveeo que entramente andando catando as seedas da tavola redonda, acharom [scrito]: AQUI DEVE SEER FOAM E AQUI FOAM*
- c) [XIII SG 9:13] *E depois filhou-o el-rei pela mão e assentou-o na seeda da Tavola Redonda u o seu nome era scripto e disse-lhe ao seer*
- d) [XIII SG 9:33] *E el rei se foi assentar na sua alta seeda. E depois os conpanheiros da Tavola Redonda foram seer cada ùu em seu lugar, e os outros, que nom eram de tam gram nomeada, seerom cada ùu por u devia.*
- e) [XIII SG 116:13] *Mas pois cavalleiro andante sodes, ora seede e folgade, se vos prouver, ca certas da vossa vinda me praz muito".*
- f) [XIV DSG 47:3] *E pois fezeron sa oraçon e deron muitas graças a Nosso Senhor, severon e contaron muitas bõas cousas d' amor de Deus*
- g) [XIV DSG 125:3] *tornou a alma ao corpo e beceeou e abrio os olhos e alçou a cabela e as costas do chumaço en que jazia e seve no leito*
- h) [XIV DSG 178:21] *Este nunca podia estar nen en seu leito, non se podia levantar nen [0] seer*
- i) [XIV DSG 193:2] *E porque jazia muito espantado e fora de si, aqueles que hi estavam alçaron-no muit' agiã e fezeron-no seer*
- j) [XV FP 54:26] *O uaqueyro, veendo que o caualeyro nom sse queria leuantar, posse-sse outra vez a sseer no campo*
- k) [XV FP 54:28] *e veendo-os ambos sseer, toda a gemte compeçou d'escarneçer.*

“Ficar parado”, ou seja, “estar em algum lugar”, é o sentido mais comum de *ser* < *sedere* no PM, mostrando que ele havia perdido o seu traço [+posição vertical], ficando só com o de [-deslocamento]:

(41) *Ser* < *sedere* com o sentido de “estar em algum lugar”:

- a) [XIII SG 11:27] *a seeda perigosa é comprida, uum cavalleiro see i*
- b) [XIII CR 321:17] *e, sse el falar non poder ante comigo, nunca iá ledó será [...] Que trist' oie que eu seiõ*
- c) [XIII SG 29:8] *se os que aqui seem o soubessem como i eu sei*
- d) [XIII CR 366:5] *Sedia-m' eu na ermida de San Simhon e cercaron-mh as ondas*

- e) [XIII CEM 253:9] *Como lh' outra vez já filhou a cadeira u **siia** o Filh'*
- f) [XIII SG 430:17] *e quando se apartava con sa linhagem u outrem nom **seia**, dizia*
- g) [XIII CEM 342:9] *ca a loaron quantos ali **siiam***
- h) [XIII CEM 156:1] *Un outro dia **seve** Don Foan, a mi comecou gran noj'a crecer de muitas cousas que lh'o'i dizer*
- i) [XIII CEM 156:13] *El **seve** muit' e diss' e parfiou, e a min creceu gran nojo poren*
- j) [XIII CEM 417:4] *se and' ou **sejo**, o cor mostr'antejo, que me faz cuidar*

III.4.3 – *Estar* deslocando *ser* < *sedere* locativo

Tal como aconteceu com o verbo *estar*, no PM, tanto *ser* como *seer* aparecem construídos com a minioração locativa *hi* + *PP*, dando surgimento ao verbo *ser* locativo, que foi sendo substituído pelo verbo *estar* locativo ao longo de todo o PM. A maioria dos exemplos encontrados se apresentam bem alterados, aparecendo somente o clítico *hi*, ou seu PP iniciado pela preposição *em*. A quantidade de exemplos do locativo *hi* com o verbo *seer* é pequena, mas é bem significativa com o verbo *ser*. Vejamos exemplos de cada um deles em separado.

(42) Verbo *seer* + clítico locativo *hi*

- a) [XIII CSM1 178:3] *a un cavaleiro que o[u]ver' a seer ena lide en Sant' Estevan de Gromaz , de que non **pod'** y **seer** polas suas tres missas que oyu*
- b) [XIII CSM1 183:28] *mais ena ygreja mannã **seremos** y*
- c) [XIII CSM1 204:10] *que Santa Maria, que nos ora,/ grande fez na cidade toledã / [...]
Seend' y o Emperador d'España*
- d) [XIII CSM1 284:29] *Hũa viron y **seer**/ e mais bela parecer / das outras*
- e) [XIII SG 4:21] *"Senhos, pois ja cavalleiro é, elle irá mais taste aa corte ca vos nom no cuidades, ca el **sera** i mui cedo".*
- f) [XIII SG 4:23] *"Pois comendo-vos a Deos", disse Lançarot, "ca me quero eu ir aa corte, ca ora de terça hei i de **seer**".*
- g) [XIII SG 5:7] *E sabede que, quantos na corte eram, foram ende mui ledos, ca muito fora a festa maior, e mais pobre [fosse], delles i non **seerem**.*
- h) [XIII SG 6:6] *catavam contra ùas freestas que stavam sobre a ag(u)oa, e virom i **seer** uñ cavaleiro*
- i) [XIII SG 6:11] *E os cavalleiros que i **siam**, foram a elle para veerem o que era*
- j) [XIII SG 11:27] *"Senhora", disse elle, "a seeda perigosa é comprida, ùu cavalleiro **see** i".*
- k) [XIII SG 11:28] *"Senhora", disse elle, "a seeda perigosa é comprida, ùu cavalleiro **see** i". "Si?", disse ella. "Pardés, fremosa aventura i Deos deu, ca de muitos que ja i **seerom** nunca i tal foi que i nom fosse morto.*
- l) [XIII SG 69:29] *"Assi Deos me valha, bem aventurados fostes, ca peça ha que nom ouvi que tres aventuras taes aveessem. É de taes quaes eu ouvi contar. Prouvesse a Deos que*

- aquecesse eu i, quando vos [a] acabassedes!" "Nom sei", disse elle, "se vos **seredes** i, senam doi mais nom quedarei busca-la, se [outra cousa] minha aventura nom tolhe, ataa que eu saiba [a] verdade do que quer significar".
- m) [XIII SG 240:20] E quando i achava o nome que i **seer** devia, sabia bem entom que aquel era vivo quem era senhor daquela seeda
- n) [XIII SG 241:11] E outrosi o [julgarom] todo-los homẽes que i **siam**
- o) [XIII SG 241:31] "Ai, senhor, que pesar tam grande que nom **seedes** i tam são como ja outra vegada suestes, ca todo o reino de Logres en mais [valia]!"
- p) [XIII SG 251:35] e acabo d'ũa peça disse assi, que os mais que i **siam** o ouvirom
- q) [XIII SG 308:21] E sabede que elles verrãm i mui de grado tanto que vosso mandado virem, e fazede-lhes saber que **seredes** i com elles em sua ajuda com quanto poder ouverdes
- r) [XIII SG 308:23] E sabede que elles verrãm i mui de grado tanto que vosso mandado virem, e fazede-lhes saber que seredes i com elles em sua ajuda com quanto poder ouverdes, e poede-lhes dia e sabede que logo i **serãm** com vosco.
- s) [XIII SG 444:26] e pero tam calados siiam que semelhava que nom **siia** i nengũu
- a) [XIII SG 447:27] Mas sen falha na maior seeda da Tavola Redonda que soiam chamar a Seeda Perigosa, nom ouve tam ousado que **ouvesse** i **seer**.
- t) [XIV DSG 195:2] E eu os preguntei ante muitos homens bõos clerigos e leigos que **hi siiam**
- u) [XIV CGE2 81:3] quando foron acerca de Segonça, ãvyarõ suas enculcas com que lhes ãvyarom dizer ao tempo que **hy seriam**
- v) [XV VPA1 92:19] E esta meesma maneira guarda ainda agora a Egreja, ca o clerigo, pero que seja o bispo em no logar ou que nom **seja** i, os que bautizom ongi-los-am com a crisma que consagrou o bispo
- w) [XV VPA1 114:19] meterom-no em Damasco. E **seve** i tres dias que nom vio nem comeo nem beveo
- x) [XV VPA1 164:23] E pero a sa semelhança e a sa figura pusi-a pintada em na minha camara, por tal que **seja** i por renembrança e por mostra da minha obra.
- y) [XV VPA1 298:10] E a cabo de quinze dias chegou aaquel logar u leixara seu filho enforcado. E achou-o ainda i **seer**

(43) Verbo **ser** + clítico locativo **hi**

- a) [XIII:1258 HGP 70:35] Esta ã conta do gáádo e do auer que é da casa de San Cibrão: .ij. uacas con ij fillos e j. jouẽca de .iij. anos e j. boy e mea de .j. jouẽca j. Johã Mourã e ouellas e porcos quantos y **sum**.
- b) [XIII:1299 HGP 214:21] Et estas cousas dou a esse moesteyro so tal condiçõ que uos nẽno abbade nẽno conuẽto que ora y **son** e forẽ daqui en deante nõ vendam nẽ den en aprestamo nẽ [...]
- c) [XIII FCR 29:7] con el faga testigos aos que y **foren** quelle aiuden
- d) [XIII LVL 48:7] A rainha perguntou quem achara na fonte. Ela respondeu que não **era** i ninguem
- e) [XIII SG 13:15] e quando chegou a elles, perguntou se **era** i Lançarot
- f) [XIII SG 16:4] E sabede que, depois que a Tavola Redonda foi começada que nunca todos as[s]i foron asunados, mas aquelle dia sem falha aveo que **forom** i todos; mas depois nunca i er **forom**.

- g) [XIII SG 16:5] *E sabede que, depois que a Tavola Redonda foi começada que nunca todos as[s]i foron asunados, mas aquelle dia sem falha aveo que forom i todos; mas depois nunca i er **forom**.*
- h) [XIII SG 16:27] *Desto foram maravilhados quantos i **eram***
- i) [XIII SG 21:8] *Muito fallarom el rei e a rainha aquella noite com Gallaaz, e os altos homẽes que i **eram** e seu linhagem que o amavam muito.*
- j) [XIII SG 25:2] *Aquelle sem falha non **era** i, ca ja se fora pella manhãa bem armado por atender os outros na furesta de Camalot*
- k) [XIII SG 245:21] *e preguntarom se **era** i Meraugis*
- l) [XIV PP 24:6] *nõ sse deue fazer senõ con grã conselho de todolos homẽs bõõs da terra os mays onrrados e mays sabedores rrazoando ante primeyramẽte muyto os maes que hy acharẽ por que sse deuã a tolher e outrossy os beens que **hy som** e que podẽ seer*
- m) [XIV PP 37:23] *E esto he por que cada hũũ dos apóstolos per ssy disse ssa palaura çerta en como cria e ajuntados todos ã hũũ **he hy** crẽça de Deus conprida*
- n) [XIV LLCP 73:15] *E Paris foi a Grecia e levou XXII naos e duzentos cavaleiros e grandes gentes de pee, e assi veo a Grecia. E entom havia per ventura que era i ajuntada toda a gente da terra a ãa festa que i faziam, e **era** i Elena, a molher de rei Menelaus, [...]*
- o) [XIV CGE2 64:19] *E dizem outrossy que este cantaro foy filhado ãna casa santa de Jherusalem quando **hy era** Nabucadanosor*
- p) [XIV CGE2 72:19] *E delles vãã aa cidade de Caliz e a outros maravylhosos logares que **hy som***
- q) [XIV CGE2 85:27] *A oytava batalha foy cõ Claudyo Marcelo [...] Mas **foy hi** sua hoste e foy hy vençuda a hoste de Anybal*
- r) [XIV CGE2 221:16] *E todollos arcebispos e bispos e todollos outros que **hy foron** asiinaron dos seus nomes o que hi ordenaron*
- s) [XIV DSG 70:8] *Todo este moesteiro con todas aquelas cousas que **hi son***
- t) [XIV DSG 88:10] *assi como ja an aquelas que **hi son***
- u) [XIV DSG 204:2] *Ca, pois todos aqueles que **hi son**, veen Deus per hũa claridade comun*
- v) [XV CDP 170:4] *se os leixar nom quisesse, que mandaria prender em Sevilha todollos mercadores catellaães que **hi eram** e tomar-lhe todos seus bẽes.*
- w) [XV CDP 170:15] *ca el mandou logo prender em Sevilha todollos mercadores catellaães que **hi eram** e escrever-lhe todos seus bẽes;*
- x) [XVCDP 198:1] *e sabendo parte das maaos que **hi eram**, de que ouverom mui grande rreceo, nom as ousarom d'atender no mar*
- y) [XV CDP 256:11] *e mandou-lhe dizer que nom fosse mais adeante mas que estevesse alli ataa que visse seu rrecado. E mandou chamar o iffante dom Fernando seu filho, que nom **era hi***

O redobramento pronominal com o locativo **hi**, como mostrarei no Cap. IV, era um freguês muito frequente do verbo **estar**. O jogo parecia empatado, mas **estar** acabaria predominando sobre **ser** nas construções locativas. É muito provável que a vitória de **estar** locativo sobre **ser** locativo se explique pela expansão dos usos daquele. Afinal, **estar** avançou mais depressa que **ser** em seu processo de auxiliarização, construindo todo um

conjunto de perífrases que muitos autores já consideram como tempos compostos. **Ser** bem que tentou, mas acabou se especializando como verbo existencial, atributivo e auxiliar da voz passiva.

De novo, uma estrutura redobrada afeta a sintaxe da língua, e com isso mantivemos esses dois verbos, cada qual especializado em determinadas construções.

III.4.4 – *Ser* desloca *estar* atributivo.

Vimos em III.2.2 que *estar* se construía com adjetivos e participios. De novo ele se emparelha com *ser*, que navegava nas mesmas águas. Mas olhando os exemplos de *ser* atributivo nota-se uma grande diferença entre ele e o verbo *estar*. O verbo *ser/seer* podia aparecer, no PM, com outro tipo de minioração, que era constituída pelo pronome partitivo redobrado *en/ende* + *PP*. Esse tipo de minioração não ocorreu com o verbo *estar*. Essa minioração partitiva aparecia com o verbo *seer/ser* somente em construções atributivas, já se apresentava bem alterada, aparecendo somente o pronome *en/ende* (44), ou seu *PP* iniciado pela preposição *de* (45-46). Esses dois tipos de construções podem ser vistas nos exemplos abaixo:

(44) Verbo *ser* + partitivo *en/ende*

- a) [XIII SG 1:3] *Vespera de Pinticoste, foi grande gente assunada em Camaalot [...] El rei que **era ende mui ledo**, honrou-os muito e feze-os bem servir*
- b) [XIII SG 59:27] *"Cavalleiro, bem vos aveeo que nom sodes chagado, e **bem me é em**, assi Deos me valha, ca bem cuido que sodes bom cavalleiro.*
- c) [XIII SG 92:6] *"Ora vos nom acoitedes", disse el, "ca se Deos quiser, cedo **ende seredes vingada**, ca nom é este o primeiro torto que el fez*
- d) [XIII SG 96:17] *E depois que as vozes cantarom gram peça tam saborosamente, que Elaim **era ende maravilhado**, em tam parecerom quatro homões em semelhança de angeos*
- e) [XIII SG 141:15] *Aquel pecado te meterá em tam gram coita ou em maior como tu viste a rainha Genevra. Filho, tu es morto e scarnido, e aquel pecado, se o nom leixas, te fará morrer em tam gram desonra, que todo-los de teu linhgem que vivos serám **serám ende desonrados***
- f) [XIII SG 158:24] *Non podedes, disse a dona, ca **siriades en perjurado e desleal***
- g) [XIII SG 167:7] *"E **sodes vos ja em salvo**", disse el, "de oje mais ir-me-ei eu".*
- h) [XIII SG 233:5] *"Ai Ivam, bõo cavaleiro, que dapno de tal homem se perder! E certas, de vossa morte averám gram pesar muitos homões bõos e a Mesa Redonda se deve*

- malamente a queixar, ca os que **som ende bem** podem dizer que som pobres e minguados d' ùu dos melhores cavaleiros do mundo.*
- i) [XIII SG 269:9] "Faze algũu de teos jogos ante este cavaleiro stranho, que pella ventura falará ende em casa de rei Artur quando alá for, ca bem sei que **ende é**".
- j) [XIII SG 397:12] disse Galaaz en seu coraçom que nom podia creer que Palomades tal cavaleiro era que podesse sofrer quanto sofreu que o cavaleiro da torre que fora ja V vezes vençudo e que o viu tornar aa batalha são e folgado asi como da primeira **en era** ja Palomades **tam cançado e tam mal treito** e tanto perdera ja de sangui que maravilha era como nom era ja morto peça avia.
- k) [XIII CEM 451:28] E Don Afonso pois á tal sabor / de fazer bõa casa, começar / a dev' [el] assi; e des i folgar / e jazer quand' e quand', u mester for; / descobri-la e cobri-la poderá / e revolvê-la, ca todo sofrerá / a madeira, e **seerá-lhi en melhor**
- l) [XIII SG 233:5] "Ai Ivam, bõo cavaleiro, que dapno de tal homem se perder! E certas, de vossa morte averám gram pesar muitos homẽes bõos e a Mesa Redonda se deve malamente a queixar, ca os que **som ende bem** podem dizer que som pobres e minguados d' ùu dos melhores cavaleiros do mundo.
- m) [XIII SG 266:25] E depois que lhe quebrou a lança, meteo mão a espada que filhara do padrom e começou a dar mui grandes golpes a todos aquelles que o speravam, e era tam ardido e tam vivo que todos aquelles que o viam **eram ende spantados**, que nom alçava homem de golpe que arma o podesse guarecer que o nom matasse ou tolhesse ou chagasse ou nom metesse em terra do cavalo.
- n) [XIII SG 367:14] que o segurou que nom moriria daquelas chagas mas que **seria en cedo são** con ajuda de Deus.
- o) [XIII SG 461:12] Ai, Lançarot, o melhor omem e o melhor cavaleiro que eu nunca vi [...] Ora prouguesse a Nosso Senhor que tu esta espada ouvesses e soubesse-o eu! Certas, a minha alma **seeria mais viçosa ende** pera sempre!
- p) [XIII SG 475:25] Mas da morte da raã Iseu andava ele mui triste, tam sobeja mente a amava muito. Mas da morte de seu sobrinho nom **era em triste** mas mui ledó.
- q) [XIII CEM 451:28] E Don Afonso pois á tal sabor / de fazer bõa casa, começar / a dev' [el] assi; e des i folgar / e jazer quand' e quand', u mester for; / descobri-la e cobri-la poderá / e revolvê-la, ca todo sofrerá / a madeira, e **seerá-lhi en melhor**
- r) [XIII CA 15:12] Mais vos **en preito sodes én**, / ca me vus non quit' eu por én / de vosso vassalo seer
- s) [XIII CA 725:22] E ides-m' ora defender / que vus non veja, mia senhor; / e se m' og' eu visse morrer, / non me **seria én peor**, / ca mi queredes i tolher / quant' og' eu ei en que viver!
- t) [XIV DSG 36:17] e ainda pera **seer ende mais certo**, preguntô-o e convidô-o pera sa pousada
- u) [XIV DSG 36:17] e ainda pera **seer ende mais certo**, preguntô-o e convidô-o pera sa pousada

(45) Verbo **ser** + adjetivo + PP

- a) [XIII FR 200:17] Nenhãa molher que ouuer marido fora da terra nõ seya ousada de casar cũ outrẽ ata que **seya ben certa de morte de seu marido** e [...]

- b) [XIII CSM1 131:23] *un dia meteu ben mentes | como sa alma cativa/ era chã de pecados | e mui mais morta ca viva*
- c) [XIII CSM1 160:24] *e poren foi compõer/ cinco salmos e juntar,/ por en ssa loor cre[e]er,/ de que era deseioso*
- d) [XIII CSM1 192:177] *mais tardou mui pouco/ que achou o preste, que non era rrouco/ de cantar, pero mui' avia cantado*
- e) [XIII CR 291:10] *fez-mi tal preyto e disse quand' e qual dia, ergo sse fosse mal treyto de morte*
- f) [XIII SG 35:6] *rei da cidade, que avia nome Evalac [e] era entam pagão, os recebeu mui bem. El rei era entam mui triste e mui desconfortado de Tollomer, ùu rei seu vizinho [...] que o guerreava.*
- g) [XIII SG 197:16] *Quando Galvam, que era mui lasso e mui cansado da batalha del-rei*
- h) [XIII CEM 102:2] *Don Foão, que eu sei que á preço de livão, / vedes que fez ena guerra - daquesto soo certão*
- i) *é como Santa Maria tirou un mouro, que era cativo en Consogra, do poder do diaboo [XIII CSM1 LXXXIV:1]*
- j) [XIII SG 97:9] *Sabede que eu som são da chaga que me fez o cavalleiro caçador.*
- k) [XIII SG 50:24] *"Senhor, vos sejades bem vindo, ca por vos som livre de prisam.*
- l) [XIII SG 77:7] *E el rei era sanhudo feramente da morte da sua filha e cuidava que elles a matarom*
- m) [XIII SG 233:6] *"Ai Ivam, bõ cavaleiro, que dapno de tal homem se perder! E certas, de vossa morte averám gram pesar muitos homẽes bõos e a Mesa Redonda se deve malamente a queixar, ca os que som ende bem podem dizer que som pobres e minguados d' ùu dos melhores cavaleiros do mundo*
- n) [XIII SG 250:29] *e Claudim preguntou a Artur o Pequeno: "Sodes certaio do que desejavades?"*
- o) [XIII SG 280:29] *e preguntou-lhe quanto avia que era doente de aquel mal*
- p) [XIII SG 268:26] *E el-rei sia aa mesa e seus ricos homẽes com elle, e eram mui viçosos de comer [...] mais todos aquelles sem falha que no paaço aventureoso comiam eram avondados de quanto aviam mister atanto que orassem em sa vinda.*
- q) [XIII SG 413:30] *"Ora nos vaamos, ca deste somos seguros que nos nom fará desonra."*
- r) [XIV CGE2 41:28] *Pois qual seerya aquelle grande principe ou senhor de grande poder ou muy forte baron que nõ fosse contento de seer senhor de tal terra?*
- s) [XIV CGE2 132:2] *elles embarcados, levantousselhes ally hũa tal tenpestade que foy perduda grande parte da oste. Mas tanto eram louçãos e orgulhosos da boa andança do que cobrarom em Roma que, por esta razom, nõ teverom aquella perda por nada.*
- t) [XV VS1 18:18] *E nunca foy / doente de pee nem de mão; mais ã toda ssa / vyda foy ssao seu corpo*
- u) [XV VS2 (80):9] *mais o sãcto / homẽ Zozimas era mui doente de febre e nõ / pôde ssayr do moesteyro*
- v) [XV VPA1 8:6] *De como Santiago deu são o cavaleiro que era enfermo da boca e do rosto.*
- w) [XV VPA1 147:11] *E contou-lhe Sam Pedro de como era ainda manco de ùu pee. E disse-lhe toda a razom por que era.*

- x) [XV VPA1 211:30] *E nom sabes que, se todalas gentes, depois que houverem ouvido de mi a preegaçom da verdade e creerem, que, se se quiserem meter a ensinar, faram a mi maior honra?, E pela ventuira cuidas que **som** eu cobiçoso do meu louvor?*
- y) [XV CDP 245:21] *e porém buscava outras maneiras de guerra e nom per batalha, ca el-rrei dom Pedro, por muitos que mandara matar, des i pollos do rreino que sabia que **eram** d' el mal-contentes e o desamavom, nom se atreua de poer o campo.*

(46) Verbo **ser** + particípio passado + PP

- a) [XIII:1289 HGP 251:22] [...] e o dito Pedro Heanes fex pregũta a donna Sancha Sterayz [...] que a esto sijha presente, se **era** pagada e entregada daquel pam de susso dito que era treuudado ao dito moesteyro.
- b) [XIII CEM 88:3] e **são** mui maravilhado de ti, por non [ar]rebtareas
- c) [XIII CEM 151:7] E deste câmbio **foi** el enganado: / d' ir dar [un] rocin feit' e corredor / por ùa muacha revelador
- d) [XIII CEM 431:23] Os trobadores e as molheres / de vossos cantares **son** nojados, / a[s] ùa[s] porque eu pouco daria, / pois mi dos outros fossen loados
- e) [XIII CEM 565:2] Dona Maria Negra, ben talhada, / dizem que **sodes** de mi namorada. / Se me ben queredes, / por Deus, amiga, que moit' onr' avedes, / se me ben queredes
- f) [XIII CA 11:5] Quen oge mayor cuita ten / d' amor eno seu coraçom / de quantos d' el cuitados son
- g) [XIII CA 160:2] Quer' eu a Deus rogar de coraçom, / com' ome que é cuitado d' amor
- h) [XIII CA 578:22] Ca se vus eu non viss' enton / quando vos vi, poder(a) enton / seer d' afan guardado; / mais nunc' ar **fui** guardado / de mui gran coita des enton
- i) [XIII CSM1 LXXXII:19] De toda enfermidade | maa e de gran ferida/ pode ben sãar a Virgen, | que de vertud' é comprida
- j) [XIII SG 132:29] E elle assi indo, aque-vos o cavalleiro pagão que tam muito avia que andava depolla besta; e **era** armado de ùas armas todas negras
- k) [XIII SG 138:19] E elle catava o rio e nom ousava i entrar, ca o via cheo de coobras e vermões que nom ha homem que i quisesse beber que logo nom fosse morto, assi **era** [a] agoa enpeçonhutada delles.
- l) [XIII SG 138:25] Em esto stando, via sair ùu homem que trazia ùa mui rica coroa douro em sua cabeça; [...]. Depois via ende sair outro outrosi coroado [...]. E depois vio star o terceiro, e depois o quarto [...] E todos **eram** coroados de coroas douro
- m) [XIII:1269 HGP 46:7] [...] vendemos e firmemête outorgamos quanta herdade auemos e á áuer deuemos en todáa uila de Fondõe [...] por çento e çicoëta soldos moeda d' alfonsíís de que somos bẽ pagados, a qual herdade nos auemos de parte de nossa madre ia dicta [...]
- n) [XIII CEM 169:20] e assi poss' eu aver meu dereito, / pois que d' i for este juiz tolheito / e me deren qual quer outr' oidor
- o) [XIV:1351 HGP 58:6] [...] et vendo, ssegũdo dito he, cõ todas ssuas pertẽças e dereyturas hu quer que uã a mões e a fontes por oytocentas libras pequenas desta moeda que ora corre de Rey dom Afonso, das quaes confesso e outorgo que sóo entrego e bẽ pagado et renũcio a toda excepçõ que nũca ende diga o contrario;
- p) [XIV PP 45:2] E porende rreçerberõ este nome de Deus que **he** comprido de sagrada santidade.

- q) [XIV PP 43:32] *Onde por que os homens **erã** apartados do bê de Deus e dos bêês da Santa Eygreia e se perdẽ per estes VII pecados en que caerõ e caem per sa culpa d' Adam*
- r) [XIV LLCP 247:27] *Ali se renovou a lide muito aficada, assi que as muito alvas lorigas e as ervas do campo **eram** naquel logar coloradas del. Os cristãos eram tam fora de força por o gram trabalho que receberom aquel dia e por o muito sangue que perderom, que os nembros nom podiam reger.*
- s) [XIV DSG 69:15] *E todos aqueles que o seguen devotadamente son juntos con el per devoçon, mais aqueles que en pecado mortal viven **son** partidos de Deus*
- t) [XIV CGE2 301:9] *Ca todos os demais daquelles per que elle fora enlegido **eram** mortos e saidos d' Espanha, ca hũis matara elle e outros morreron de sua morte e outros [...] sayronse fora d' Espanha.*
- u) [XIV CGE2 328:21] *cearon e folgaron toda essa noite, ca **eram** assaz canssados do trabalho das armas.*
- v) [XV LA 15:34] *Mandou Moyses / no Testamento que se algũ **fosse** limpho / da gaffidade que offerecesse dous passaros*
- w) [XV VSI 21:27] *todo / o çilição de que era vestido de suas lagrimas / **era** molhado*
- x) [XV VPA1 115:17] *Aparelhado **som** de te obedecer*
- y) [XV VPA1 123:26] *E el andou bem fazendo e saando todolos que **eram** apremudos do diaboo, ca Deus era com el.*
- z) [XV CDP 120:10] *Este escudeiro se veo a namorar de Catellina Tosse, e mall cuidadosos os perigos que lhe avĩr podiam de tall feito, tam ardentemente se lançou a lhe querer bem que nom podia perder d' ella vista e desejo, assi **era** traspassado do seu amor.*

Estes usos de **ser** atributivo se generalizaram mais do que os de **estar** na mesma construção. E **estar** atributivo recolheu-se a construções específicas, recessivas, cristalizadas, como em “estar em sua revora” (47 a-f), “estar a direito” (47 g-k), “estar em um” (47 l-m), “estar à mercê de” (47 n-r):

(47) **Estar** atributivo em construções cristalizadas

- a) [XIII:1280 HGP 188:5] [...] e a mãda **estey en sua rreuer**.
- b) [XIII:1281 HGP 47:14] [...] e peyte áá uoz do moesteyro de Sobrado .CC.os mor. e a carta **ste ã seu reuor** firme.
- c) [XIII:1262 HGP 41:27] *Si algua da nossa parte ou da extraya contra este testamento que de boamente fizemos fazer ad britamento quiser uí'jnr, peyte áá uoz del Rey e aa uossa .C. morb. e a carta **ste** firme **en sou rouor**.*
- d) [XIII:1281 HGP 47:14] e peyte áá uoz do moesteyro de Sobrado .CC.os mor. e a carta **ste en seu reuor** firme.
- e) [XIV:1329 HGP 52:10][...] et peyte a uos por pea sseys çentos soldos e a carta **esté en reuor**.
- f) [XIII:1257 HGP 69:28] [...] e quantu demãdar peite otro tanto ááquel a que demãdar dõ prelado e áá uoz del rey peite .d. mbr. e la carta **estia en sua reuor**.

- g) [XIII FCR 36:20] *Aldeano que rancura ouer de uizinno de uila, parele fiel quele **ste** logo **a dereyto**.*
- h) [XIII FCR 36:8] *parele fiel con un aldeano [...] e déle con pennos quele **esté a dereyto***
- i) [XIII FCR 36:20] *Aldeano que rancura ouer de uizinno de uila, parele fiel quele **ste** logo **a dereyto***
- j) [XIII FCR 50:2] *Tod omne que firir e non fore ferida mortal, dé fiadores e **esté a dereyto***
- k) [XIII FR 166:1] *E se a entrega <for> d'areyramento e seu sennor ueer ou enuiar seu pessoeyro responder a dereyto ata huu ano, dé boo fiador que **esté a dereyto** e que pague as custas do plazo primeyro a que non ueo e dessy entregenho daquella entrega que lhy fillarõ por penhora e responda logo a dereyto.*
- l) [XIII FR 208:7] *Se **estando** o marido e a molher **em huu** cambyarẽ erdade que fora duu delles cum outrẽ, os frutos daquella herdade que for cambyada ayanos permeos e a herdade seya daquel cuya era <a outra> porque foy feyto o cambyo.*
- m) [XIII FR 208:10] *Outrosy **estando en huu** se uenderen herdade ou conpraren outra, os fruytos della seiã d'ambos cõmunalmente e a herdade seya daquel de cuiã herdade foy feyta a compra.*
- n) [XIII FR 263:2] *E se alguu teuer ou leer liuros contra nosso deffendimẽto assy como é de suso dito, o corpo e o auer **stee a merce** del rey.*
- o) [XIV:1309 TPM 417:12] *por que mando e defendo que nenhuun nom faca mal a esses scollares nem os feira nen os traga mall, ca aquelle que o ffizesse peitar-me-ja os meus encoutos de seis mill soldos e o sseu corpo **staria aa mjnha merce***
- p) [XIII FR 263:2] *E se alguu teuer ou leer liuros contra nosso deffendimento assy como é de suso dito, o corpo e o auer **stee a merce del rey**.*
- q) [XIII FR 298:24] *Nenhuu caualeyro nen outro om nõ seya ousado de arramar del rey nen de sa az e aquel que o fezer **esté a merce** del rey que faça del o que lli prouuer.*
- r) [XIV PP 579:31] *E sse nõ ouuer de que o peite **esté** o corpo **a merce d' el rrey**.*

Tendo-se recolhido a estas expressões automatizadas, *estar* atributivo deixou o campo livre para *ser*.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, expus os fatos relacionados com a gramaticalização do verbo *estar*, servindo aos leitores uma boa dose de exemplos. Ao longo de todo o PM, esse verbo passou por pelo menos três grandes modificações: inicialmente, de intransitivo e temático, foi se tornando um verbo locativo, atributivo ou predicativo, para chegar à categoria de um auxiliar atemático hoje em dia, entrando na composição de uma perífrase aspectual progressiva.

Resta ver como *estar* concorreria para a criação de perífrases progressivas no português, tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

O VERBO *ESTAR* LOCATIVO E A FORMAÇÃO DAS PERÍFRASES DE GERÚNDIO E DE INFINITIVO NO PM

Sumário

IV.1 - O locativo *hi* e o verbo *estar*

IV.2 – As formas nominais de gerúndio e de infinitivo preposicionado

IV.2.1 - Gerúndio e o infinitivo no Latim.

IV.2.2 – O gerúndio no PM.

IV. 2.3 – O infinitivo no PM

IV.3 – O verbo **estar** e as formas de gerúndio e de infinitivo preposicionado no PM

IV.3.1 - **Estar** e o gerúndio no PM

IV.3.2 – **Estar** e o infinitivo preposicionado no PM

IV.4 – Os verbos auxiliares e as formas de gerúndio e de infinitivo preposicionado no PB e no PE do século XX

Conclusão

Tratarei neste capítulo da auxiliarização do verbo *estar*, um novo passo em sua gramaticalização, de que resultou a formação das perífrases de *estar* + gerúndio e infinitivo preposicionado, desenvolvendo os itens indicados no sumário acima. Inicialmente, recapitularei o que veio no Cap. III, sobre *estar*.

IV.1 – O LOCATIVO *HI* E O VERBO *ESTAR*: RELACIONAMENTO

No PM existiu um pequeno conjunto de pronomes fracos redobrados que contribuiu para mudar o perfil de um grande número de verbos da língua portuguesa. Esses pronomes vinham acompanhados de constituintes redobrados, preposicionados ou

não, e juntos constituíam uma minioração. Esses pronomes fracos redobravam os constituintes preposicionados.

Uma dessas miniorações era composta do pronome circunstancial locativo **hi** acompanhado de um PP, o que contitua uma construção de redobramento, e tinha a seguinte estrutura

(1)[SC/PP hi [PP]].....

O verbo *estar* era um verbo pleno, intransitivo, locativo posicional e temático. Tinha o sentido de “de pé”, indicando a posição em que uma pessoa se encontrava, e seu sujeito possuía o traço [+animado]. Apresentava a seguinte estrutura:

(2)[DP Vagr/Vagr DP].....

(3) *Estar* como verbo pleno, intransitivo e temático [= "ficar de pé"]:

- a) [XIII SG 28:12] *Ao serão, quando siiam comendo, aqui vos vem a donzella laida [...]*
*E vio Galuam **star** e foi-se para ante elle e disse-lhe assi* [= "ficar de pé"]
- b) [XIII SG 100:2] *Os touros se partirom dali [...] os que tornarom eram tam magros e tam cansados que nom **podiam estar** se adur nom* [= "não podiam ficar de pé"]
- c) [XIII SG 123:9][...] *e tanto perdera ja do sangue que nom **podia ja estar*** [= "não podia conservar-se de pé"]
- d) [XIII SG 443:19] [...] *e filhou-lhi tam tam gram doo ao coração que nom **pode estar** e caeu em terra com Gaeriet* [= "não pode ficar em pé e caiu"]
- e) [XIII SG 396:25] *foi mal treito, que das chagas que do sangui [que] adur **podia ja estar***

Quando a minioração locativa se adjunge a *estar*, ele já é um verbo inacusativo e sem sujeito:

(4) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [**estar**] [SC/PP hi [PP]]]]]

O locativo *hi* migra para perto de *estar*, tornando-se seu complemento, posicionando-se enclítica ou procliticamente, conforme o tipo oracional em que o verbo está. Seu PP continua em adjunção ao verbo:

(5) [TP T+Agr_i [VP [VP t_i [*estar* hi_j] [SC/PP [e]_j [PP]]]]]

Com o tempo esse clítico se cliticiza ao verbo e depois desaparece. Seu PP, encabeçado pela preposição *em*, se torna complemento de *estar*:

(6) [TP T+Agr_i [VP t_i [*estar* PP]]]

Com o desaparecimento de *hi*, fica facilitada a aproximação de outros locativos como *aqui*, *ali*, *aí*, *acá*, *cá*, *alá*, *lá*, *acó*, *aló*, entre muitos outros, ou seja, *hi* passou a licenciar a aproximação de pronomes circunstanciais afins a ele (*aqui*, *ali* e *aí*), para depois outros tipos de locativos ocuparem também seu lugar. A aproximação de outros locativos ocorria quando o PP estava ausente. Agora *estar* é um verbo com um complemento locativo e aparece com os mais diversos adverbiais locativos, os quais compartilham uma característica: não indicavam movimento e liberavam um aspecto pontual.

O verbo *estar*, quando entra em contato com a minioração *hi* + *PP*, passa por modificações que o faz transformar-se num verbo funcional. Vejamos alguns exemplos, que já foram apresentados no capítulo II e que serão repetidos aqui:

(7) *Estar* como verbo funcional, locativo e atemático

- a) [XIV LLCP 157:38] *E enviou-o el rei dom Afonso pera Nagera e pera Riba d'Evro, que estevesse i e guardasse aquela frontaria, de que se temia dos Mouros. E estando i em Nagera, per mui grandes quenturas que fazia, como faz em Agosto, dava ja o rio vao,*
- b) [XIV CGE2 443:22] *e que estava hy na corte hũũ filho dessa dona Timbor*
- c) [XIV PP 159:22] *deueos o bispo recõciliar aa porta da jgreia estando hy conos clerigos que dito auemos*
- d) [XIV LLCP 174:21] *Este foi o que tirou as armelas da ponte de Cordova a pesar dos Mouror, e trouve-as pera Valedolide, onde era senhor, e pose-as em Santa Maria a Antigua, e hoje em dia estam i.*

- e) [XIV CGE2 112:5] *E Julio Cesar **steve** hy algũus dyas e combateuhos muy ryjamente*
 f) [XIII SG 96:12] *E depos esto acabo de ùu pouco entrou ùu lume tan grande na ousia, como se cem candeas acesas i **stevessem**.*
 g) [XIII CEM 99:50] *e achou Belpelho **estando** en ùa eira.*
 h) [XIII SG 392:16] [...] *foi Palomades cristão [...] E u **estava** na santa agua lhi aveo ùa gram maravilha*
 i) [XIII SG 48:3] *e levou-o a ùa casa de ordem que **stava** em ùa valle.*

O sujeito do verbo **estar** também sofreu modificações quando da passagem de verbo pleno para funcional. Como verbo pleno, **estar** era um verbo *temático* intransitivo, dispondo de um sujeito próprio. O sujeito apresentava os seguintes traços: (i) [+ animado], (ii) [+ estativo sem deslocamento], (iii) [+ locativo posicional, indicando a posição vertical]. Com isso, ele tinha um sentido de "ficar de pé", como em (3).

Como verbo funcional, **estar** era um verbo inacusativo e atemático, não dispondo de sujeito próprio. A minioração locativa possuía um sujeito em adjunção a ela e era esse sujeito que era alçado para a posição de sujeito de **estar**, para receber caso de Agr. Essa alteração levou a uma seleção mais rica do sujeito, que começa a mudar lentamente: (i) num número muito grande de exemplos recolhidos no século XIII, começam a aparecer sujeitos com o traço [- animado], mantido o traço [+verticalidade]. A novidade agora é que os novos sujeitos podiam ser árvores, castelos, montes íngremes, etc., isto é, [-animados], porém [+ verticais]. (ii) Depois, foram admitidos outros tipos de sujeito, até mesmo o sujeito nulo. O sentido do verbo começa a se alterar, visto que seu sujeito não integra mais uma só tipologia.

As alterações sintáticas pelas quais o verbo estar passou podem ser assim captadas:

estar pleno > *estar* funcional

O verbo **estar** não sofreu só alterações sintáticas, mas também apresentou alterações semânticas bem significativas. De um sentido primário como "estar em pé" verticalmente e num ponto só, e sentidos secundários como "ficar parado", "parar", "permanecer", passou a indicar como o sujeito se apresentava: ocupava um dado lugar

físico ou abstrato, se mantinha verticalmente um ponto e não se deslocava. Essa mudança pode ser resumida assim:

"estar em pé" > "estar em um lugar físico" > "estar em um lugar abstrato" = *estado*

O verbo *estar* ocorre também com miniorações contendo adjetivos e participípios, que por sua vez haviam se envolvido com um outro tipo de minioração, a partitiva **em + PP**. O envolvimento dos adjetivos e participípios com essa minioração fez com que eles adquirissem o traço de mudança de estado. Quando *estar* se une a esses adjetivos e participípios, se torna um verbo funcional atributivo. Semanticamente *estar* passa a significar "encontrar-se num dado estado transitoriamente", ou seja, estar passando por um processo interno ao sujeito.

Ao subcategorizar miniorações com gerúndio e infinitivo preposicionado, *estar* dá mais um passo em direção a sua descaracterização como um verbo funcional, passando à categoria de auxiliar. Agora é definitivamente um verbo não-temático pois não possui mais sujeito nem atribui papel theta ao seu complemento. É apenas um suporte de flexão verbal e da noção de aspecto, esvaziando-se seu sentido:

estar pleno > *estar* funcional > *estar* auxiliar

Suas propriedades semânticas também se alteraram bastante:

"estar em um lugar físico" > "estar num estado" > "estar numa situação" > "estar" > Ø

Depois deste resumo das alterações de *estar*, vejamos como se comportavam as formas nominais de gerúndio e infinitivo, para que possamos melhor entender como essas formas se combinaram com *estar*, dando lugar às perífrases.

IV.2 – AS FORMAS NOMINAIS DE GERÚNDIO E INFINITIVO

A sintaxe do gerúndio e do infinitivo compreende basicamente duas estruturas. Na primeira, essas formas nominais funcionam como núcleos de uma predicação primária: gerúndio como ablativo absoluto, infinitivo narrativo. Na segunda, eles funcionam como núcleos de uma predicação secundária.

A seguir, apresentarei brevemente o gerúndio e o infinitivo na gramática do Latim, como uma preparação para o estudo diacrônico das perífrases em que eles entram.

IV.2.1 - Gerúndio e infinitivo no Latim.

No latim, as formas nominais de gerúndio, infinitivo presente, supino e particípio presente pertenciam à série do *infectum*, que indicava uma ação em curso, enquanto o particípio passado integrava a série do *perfectum*, que indicava uma ação acabada. *Infectum* e *perfectum*, além de remeterem à organização morfológica do verbo latino, representavam ainda o Aspecto nessa língua.

O infinitivo presente era um antigo substantivo que possuía as vozes ativa e passiva, e exprimia pura e simplesmente a noção verbal, sem levar em conta nenhuma outra categoria. Essa forma podia ser usada com ou sem preposição, funcionando como complemento do Verbo ou do Nome. Sem preposição, era empregado como complemento de diversos tipos de verbos: (i) auxiliares como *possum*, *uolo*, *scio*, *debeo*; (ii) verbos indicando uma idéia de início (*incipio*, *instituo*, *coepi*, *occipio*, *aggredior*) ou de cessamento (*cesso*, *occupo*, *desino*, *sesisto*, *intermitto*, *grauor*, *omitto*) ou uma ação da memória (*recordor*, *obliviscor*); (iii) verbos que se referem à inteligência ou à vontade: *cupio*, *opto*, *cogito*, *quaero*, *timeo*, *horreo*, *amo*; (iv) verbos de movimento, cujo ponto final era indicado pelo infinitivo, como em: “*Abiit aedem visere*”, “*Ibat videre feras*”, “*Vado piscari*”, “*Venimus adorare eum*”.

O infinitivo preposicionado começa a aparecer, no latim escrito, a partir de Cícero, com preposições como *inter, praeter, contra, de, iuxta e ad*: “*inter optime ualere et grauissime aegrotare nihil (interest)*”. Bourciez (1956: 109-111), que estou acompanhando, explica o surgimento do infinitivo preposicionado como uma sorte de cruzamento sintático entre essa forma e o gerúndio:

*"En latin, l'infinitif était toujours lié directement au verbe, mais certaines formes verbales telles que le gérondif ou le participe en -ndus, restées plus voisines du nom, se construisaient avec des prépositions, et l'on disait p.ex. 'Syriam ad diripiendum tradidisses' (Cic. de domo, 23). C'est entre ces deux usages qu'il s'est créé une sorte de confusion, et que des croisements syntaxiques ont pu se produire. Comme on disait 'aggredior dicere' ou 'aggredior ad dicendum', il en est résulté un troisième type de phrase qui a été * 'aggredior ad dicere', mais dont les exemples sont rares même à l'époque de la décadence ('carnem dare ad manducare', Jo.6,52 Itala; 'ipsum elegit ad offerre sacrificium deo', Sirac. 45, 20 ib.). De même, entre 'cogitat resistere' et 'de resistendo cogitabat' (Caes.BG.2,34), la fusion pouvait en principe s'opérer, et l'on devait aboutir à * 'cogitat de resistere'."*

O gerúndio, era um antigo adjetivo que foi substantivado, dispendo de um sufixo *-end-*, paralelo ao sufixo *-ent-* do particípio presente. Era usado quase que exclusivamente na voz ativa, flexionando-se no caso genitivo (*legendi*), no acusativo preposicionado (*ad legendum*) e no dativo/ablativo (*legendo*). Funcionava como complemento de nome, complemento de adjetivo, e complemento circunstancial nos seguintes casos gramaticais:

(i) acusativo, com preposição (sobretudo *ad*), com a função de adjunto:

(8) Gerúndio no acusativo, preposicionado

<i>Liber ad legendum</i>	"Livro para ler"
<i>Hortor te ad legendum</i>	"exorto-te para que leias"

(ii) genitivo, como complemento de nome ou de adjetivo

(9)

<i>cupiditas legendi</i>	"o desejo de ler"
<i>cupidus legendi</i>	"desejoso de ler"
<i>legendi causa</i>	"por ler"

(iii) ablativo, como complemento de meio, causa ou maneira, usado sem preposição:

(10)

<i>legendo fies doctus</i>	"lendo, você se tornará sábio"
----------------------------	--------------------------------

Como adjunto, é usado com as preposições *in*, *de*, *ex* e *ab*:

(11)

<i>acerbus in puniendo</i>	"duro quando se trata de punir"
<i>deterruit me a scribendo</i>	"desviou-me de escrever"
<i>ex docendo voluptatem capere</i>	"tomar-se do desejo de ensinar"

(iv) dativo:

(12)

<i>solvendo non esse</i>	"não ser para dissolver"
--------------------------	--------------------------

Estas observações, baseadas principalmente nos autores aqui referenciados, mostram que as preposições foram criando já no Latim algumas relações fortes entre o gerúndio e o infinitivo.

No Latim Vulgar, e portanto nas línguas românicas, o gerúndio só se conservou na forma do ablativo, quase substituindo por completo o participípio presente.

Segundo Bourciez,

*"La langue classique avait trois types distincts: cantando, vendendo, dormiendo, que le lat. populaire a gardés, mais en faisant passer le troisième soit à *dormendo (d'après vendendo), soit à *dormindo d'après une proportion -are : -ando :: -ire : x." Bourciez (1956: 81).*

No espanhol ficaram as formas *cantando*, de um lado, e *vendiendo / partiendo*, de outro, havendo uma assimilação da segunda conjugação com a terceira. O português conservou estas conjugações distintas: *vendendo*, *partindo*.

Nessa variedade de Latim, o gerúndio

"tem como função básica exprimir o complemento de meio, de instrumento e de modo, que se mantém nas línguas românicas, e.g., rum. 'se oboseste umblând', "ele cansa-se andando", port. 'estudando, aprende-se', it. 'lavorando sempre, hanno vinto', "trabalhando sempre venceram", etc.": Maurer Jr. (1959:188).

Em decorrência de seu uso adverbial, o gerúndio passa também a ser complemento de tempo, de causa, de condição, de concessão, de conseqüência, ou seja, passa a ser um gerúndio circunstancial: port. "*chovendo, não irei*", esp. "*unos galgos que cazando hallé*", fr. "*restant seulement une maison, y mit feu dedans*", etc. Havia também o gerúndio com valor adjetivo e é provável que desde o latim vulgar ele fosse usado com o complemento direto de verbos de percepção (*videre, audire*), como em português "*vi-o saindo da igreja*".

A. Stimming (1886), apud Patiño Rosselli (1965: 88), mostrou a interrelação sintática entre o gerúndio, o particípio presente e o infinitivo no Latim. Em outro estudo sobre o gerúndio no francês antigo, esse mesmo autor afirma que

“in its nominal functions it resembled the infinitive and had even invaded its domain, whereas in its verbal functions the gerund behaved similarly to the present participle. It also appeared that the old French gerund had kept - and to some extent enlarged - only the active meaning of the Latin gerund, not the passive value, which was taken up by the infinitive with à.”

O mesmo Patiño Rosselli (1965: 260, nota 270) cita o trabalho de A. Lachmund (1879) sobre o francês antigo, variedade em que o *à* antes de infinitivo funcionava freqüentemente como pura marca formal sem conteúdo semântico, muito parecido com *zu* no alemão e *to* no inglês: “Nel quier noier”, “Plus ne quier à demorer”. Segundo Patiño Rosselli, esse autor

“interpreted this phenomenon as an attempt to give a new clear formal expression to the original Indo-European value of the infinitive, which was that of inclination or direction towards, or relation with something. Lachmund's dissertation pointed out also that Old French broadened the original range of usage of the infinitive in Latin to the point of making a plain inflected noun out of it (“Li oïrs molt li plaisoit”), which was combinable with determiners and various prepositions”: Patiño Rosselli (1965:88-89).

Finalmente, H. Soltman (1881), segundo o mesmo autor, p. 89, parte do princípio de que

“Latin verbs governing an infinitive still kept the idea of movement in a time in which the original value of the infinitive - a dative noun indicating the target of a movement - was not felt any more. Then, argued Soltmann

on Lachmund's lines, the analytical tendencies of Romance gave a clear formal manifestation to the relationship between the governing verb and the infinitive by means of the marker à. Thus the basic meaning of this particle before the infinitive was the notion of movement".

Quando representava o modo, ou a maneira, o gerúndio no Francês antigo, como no Latim, podia ser empregado com ou sem a “preposição” *en*: “*morons combatant*”, “*morons en combatant*”. O uso de outras preposições era raro e quando isso acontecia o complemento precedia o gerúndio: “*A la porte gardant*” / *sor non cors defendant* / *par grant trèu rendant*”. Era freqüente que o gerúndio fosse substituído pelo infinitivo: “*sueffrent poine dure en amasseir un pou d'argent*”: Bourciez (1956:376-377).

Esses dados mostram que algumas línguas românicas aprofundaram uma tendência que ascendia ao Latim, e que consistia em estabelecer fortes relações entre as formas nominais do verbo. Agora, é o particípio presente que “entra na roda”, fato que levou Said Ali (1964: 146) a reconhecer que no português o gerúndio “*tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do particípio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo*”. Segundo esse mesmo autor, esses gerúndios podiam ser substituídos por orações adjetivas do tipo “pez que fervia” (13a), “faxas que ardiam” (13a), “almas que padeciam” (13b):

(13)

- a) *Santo Quintino, senador romano, que foy banhado em azeite e pez **fervendo**... que foy atanzado com faxas **ardendo***¹
- b) *"teve por certo que havia alli almas **padecendo** tormentos por ordem da justiça divina"*

Mas devem ser lembrados, também, os usos adverbiais do gerúndio, que continuam os empregos semelhantes do Latim Vulgar. Campos (1980: 47 e ss.) mostra

¹ Exemplos de Padre Manuel Bernardes, Nova Floresta, vol.4:78, vol.2:263; apud Said Ali (1964:354).

que o "gerúndio circunstancial" emprega-se (i) com sujeito próprio (14a), ou (ii) com o mesmo sujeito da oração principal (14b):

(14)

a) *E quando... a mãe chegou... o pobrezinho estirado, rígido, as pálpebras descidas, já estava morto há muito tempo, tendo* **entrançadas** no peito... *as suas mãozinhas arroxeadas e secas.*

b) *os meninos, sentindo* **frio** numa banda, e calor na outra, não podiam dormir, e escutavam as lorotas do pai.

O reconhecimento de que o gerúndio pode ter sujeito próprio é muito importante para este trabalho. A pessoalização das formas nominais – que segundo Maurer (1972) fundamentou o surgimento do infinitivo pessoal em Português – foi portanto mais ampla do que se supunha. Essa propriedade é muito importante se quisermos explicar que as perífrases verbais portuguesas são outra manifestação do redobramento sintático, hipótese central desta tese.

Depois desta breve história do gerúndio, vejamos com mais detalhe a sintaxe do gerúndio em nossa língua. Para esse fim, serão examinadas as seguintes questões:

(1) De acordo com a teoria gramatical gerativista pré-minimalista, os morfemas constituintes das formas verbais desempenham papéis próprios na constituição da estrutura argumental da oração. Assim, o verbo projeta os argumentos internos, enquanto que a flexão seleciona essa projeção e seu Especificador recebe o argumento externo. Qual, portanto, será a atuação desses constituintes na sintaxe do gerúndio e do infinitivo, sabendo-se que essas formas compartilham propriedades verbais e nominais? Para responder a essa questão, vou hipotetizar que o radical do gerúndio e do infinitivo asseguram sua função verbal, enquanto que as terminações {ndo} e {r} asseguram sua função nominal.

(2) Ao selecionar os argumentos internos e externo, o radical verbal licencia o uso do gerúndio e do infinitivo na função de “predicadores primários”. Com isto, podemos

constatar nos dados a ocorrência do gerúndio como um “ablativo absoluto”, termo cunhado pela gramática latina para designar o uso verbal dessa forma, tanto quanto a ocorrência do “infinitivo descritivo”, outra designação tradicional com o mesmo alcance descritivo. Duas questões secundárias decorrem desta colocação: (i) o gerúndio absoluto e o infinitivo descritivo dispõem de estrutura argumental que precisará ser descrita; (ii) ambas as formas podem ser tomadas como complemento de uma preposição, prosseguindo o gerúndio e o infinitivo preposicionados como núcleos de uma predicação primária.

(3) Ao selecionarem os radicais verbais, $\{ndo\}$ e $\{r\}$ licenciam o uso do gerúndio e do infinitivo na função de “predicadores secundários”, como miniorações. Enquanto tais, gerúndio e infinitivo atuam em adjunção seja a um verbo seja a um nome, fazendo ressaltar sua propriedade nominal.

Vejamos essas questões com mais detalhe.

IV.2.2 – O gerúndio no PM.

No PM encontra-se o sufixo gerundial *-ndo* selecionando radicais de verbos inacusativos, intransitivos e transitivos:

(1) O radical de base ergativa é pouco encontrado em textos do séc. XIII (15), e aparentemente nem aparece a partir do século XVI:

(15) Gerúndio com radical de verbos inacusativos

- a) [XIII CA:43] *Nostro Senhor, como jaço coitado,/morrend' assi en/tal poder d' Amor*
- b) [XIII CA:46] *que farei eu, **vivendo** sempr(e) assi?*

(2) O radical de base intransitiva aparece bastante no séc. XIII (16)

(16) Gerúndio com radical de verbos intransitivos

- a) [XIII CA:247] *E prazer non ei se non en chorar!/E **chorando** nunca farei bon son !*

- b) [XIII CEM:355] *E vós mentes non metedes,/se ela filho fazer,/andando, como veedes,/con algum peon qual que*
- c) [XVI GVI:153] *e o Deos dos anjos servido,/ "sanctus", "sanctus", sem cessar/ lhe cantando,/ vereis em palhas nacido,/sem candeia e sem luar,/suspirando*

(3) Finalmente, o radical de base transitiva aparece com frequência no séc. XIII e XVI:

(17)

- a) [XIII CA:33] *E estou end'eu mui peor,/que coid'í a perder o sen/desejando sempr'aquel ben/do mundo mais grave d'aver/*
- b) [XIII CEM:286] *nem quer' ir per outras fronteiras andar,/perdend' o viç'e dando-mi trabalho*
- c) [XVI GV I:137] *vendo-a ca entre nós,/nella se verão os ceos*
- d) [XVI GV V:29] *e vivo mui austinente,/ marteirando a carne e ossos,/como cá meu corpo sente*

O gerúndio, no PM, constituía uma minioração que estava sempre em adjunção a um verbo, e podia se apresentar de três modos: (i) podia ser núcleo dessa sentença (ou seja, um ablativo absoluto), (ii) podia ser um predicativo do sujeito e estar adjunto a um SV na qualidade de um advérbio (não constituía uma perífrase), ou (iii) podia ser um progressivo e fazer parte do VP (ou seja, fazia parte de uma perífrase na qualidade de verbo principal), sendo que quando faz parte do VP há alguns graus de ligação entre o auxiliar e o auxiliado, dependendo do grau de gramaticalização do auxiliar. Aqui só vai me interessar os itens (ii) e (iii).

(1) Gerúndio como predicativo do sujeito.

Esse tipo de gerúndio tem um caráter adverbial em relação ao verbo principal e nunca tinha sujeito próprio. Ele é bastante produtivo no séc. XIII (18). Essa produtividade cai no séc. XVI (19). A perífrase de auxiliar com gerúndio derivou desse gerúndio como predicativo do sujeito estando em adjunção a um verbo. Esse tipo de gerúndio ocupa o mesmo lugar sintático de *hi*, abrindo caminho à formação da perífrase.

(18)

- a) [XIII CR 274:11] *Madre uelida, meu amigo ui; / nō lhi faley e con el me perdi, / e moyr'agora, **querendo**-lhi ben;*
- b) [XIII CA 213:3] *Que muit'á ja que a terra non vi / u est a mui fremosa mia senhor, / de que m'eu trist' e **chorando** parti*
- c) [XIII CEM 14:22] *e irei pela marinha / **vendend'** azeit' e farinha*
- d) [XIII CEM 295:3] *estand' ali ant' a porta del-Rei / **preguntando** por novas da fronteira*

(19)

- a) [XVI GV I:167] *Entrará Branca **fallando** / com Inês; ambas a par / cantando de quando em quando, / e às vezes suspirando entre cantar e cantar*
- b) [XVI GV II:204] *Mas o que deseja / ser bispo, e portanto prega mui modesto, **calando** e **cobrando** o mal manifesto, / não é pregador da santa Igreja, / mas ladrão honesto*

(2) Gerúndio como progressivo.

Esse gerúndio constituía uma perífrase com um verbo auxiliar, compartilhando o sujeito com esse verbo:

(20)

- a) [XIII CA 272:1] *sempr' ando coidando em meu coraçõn / com' eu iria mia senhor veer*
- b) [XVI GV II:218] *ando cuidando naquele coitado / daquele Messias que jaz enterrado*

Há dois fatos interessantes na sintaxe do gerúndio. Um deles é o caso do gerúndio aparecendo com a preposição **em**, e o outro é o gerúndio aparecendo com o advérbio modal **assi**.

Vou me deter um pouco na questão da "preposição" **em**, pois esse item sempre foi apresentado como tal. Os dados não confirmam essa análise, e por isso venho usando "preposição" entre aspas porque tenho dúvidas sobre a sua verdadeira identidade.

Dados muito interessantes observáveis ao longo de todo o PM me levaram a concluir que esse *em* é a sobrevivência do pronome circunstancial locativo *en*, numa construção de redobramento. Desde seu início esse pronome circunstancial tem se

revelado, nas mais diversas construções, com uma tendência para promover seu redobramento a um "status" de constituinte deslocado ou de tópico. É bem acentuada a tendência atual de *em* + *-ndo* ser usado como introdutor de tópico. Vou dar primeiramente uma breve explicação sobre esse pronome e acrescentar alguns exemplos, pois creio que assim fica mais fácil justificar minha afirmação.

O PM, como todas as outras línguas oriundas do latim, contava, entre outros, com dois pronomes locativos que tiveram uma história muito paralela: *hi* e *ende*.

O pronome locativo *ende* e sua forma reduzida *en*, oriundos do Lat. *inde*, apresentava as seguintes características: (i) possuía o traço [+ movimento], marcando o ponto de origem, (ii) seu significado primário, locativo, era “daí” (21 a,b), “desse lugar”, “disso” (21 c,d,e), podendo também ter um sentido partitivo, como o *en* do francês, (iii) podia aparecer sozinho ou vir numa construção de redobro, onde a preposição era um *de* (21 f,g), (iv) se juntou a preposições como *des*, *pro*, *por/per*, por regramaticalização, (v) teve grande uso antes do século XIII e na primeira fase do PM, decaindo seu emprego até não mais ocorrer no século XVI, (vi) sobrevive atualmente na forma preposicionada *porém*, e (vii) foi usado como variante do pronome *hi*, os quais se substituíram em muitas situações, originando construções cruzadas. Exemplos:

(21) Clítico locativo *en/ende*

- a) [XIII CSM2 14:18] [...] e disse-ll': "Eu trago a[s] meezças / con que são de fog' e d' alvaraz. // E leva-t' **en**, ca des oy mais es sãa, / e vai dormir ant' aquel meu altar; /
- b) [XIII CSM2 29:24] Mais a Madre do onrrado / Jeso-Crist'a seu chamado / veõo, e o denodado / demo logo fugiu **en**, / [...] // U ela ressucitado / ouv'o morto e sacado / do rio, que ja buscado / fora daquend'e dalen.
- c) [XIII CSM2 86:19] Dentro ena cova gran gente meteu / e tirou a terr' e a pena fendeu; / e pois lles el dentro viv' apareceu, / tirárono **ende** sen sse deteër. / [...] // E quando o viron, deron **end'** a Deus / graças e loores, chorando dos seus / pellos muito todos, dizendo: "Os teus servos nunca poden mui gran [mal] prender." [...] //
- d) [XIII CSM1 110:17] Quantos aquest' oyron, log' ali veõeron / e aa Virgen santa graças **ende** deron, / e os seus miragres ontr' os outros teveron / por mais goriosos. / [...] //
- e) [XIII CA 272:7] Sempr' ando cuidando em meu coraçõ / com' eu iria mia senhor veer / e en como lh' ousaria dizer / o ben que lh' eu quero; e sei que non / lh' ousarei **end'** eu dizer nulha ren, / mais veê'-la-ei || pouco, e irei én / con mui gran coita no

meu coração, // Tal que, se a vir', quantas cousas son eno / mundo non mi-an de guarecer / de morte, pois lhe non ousar' dizer / o ben que lh' eu quero.

- f) [XIII CSM2 41:30] *Ca un sant' om' y está / que **end'** é Patriarcha / **daquela terra** e á / en pode-la comarca, e consello te dará / bõo, se Deus [me] parca./*
- g) [XIII CSM3 69:16] *Ca assi como lles davan | lançadas pelos costados, / per cada hũa ferida | sayan grandes bocados / daquel cervo que comeran; | e **desto** maravillados / foron **end'** os outros oito | que fezeran mellor sen*

No PM, os pronomes locativos *hi* e *en/ende* começaram a se sobrepor em várias construções e passaram a se substituir em alguns contextos, dando surgimento a construções cruzadas. Vejamos alguns desses contextos: (i) preposições como *des*, dando *des i / des en*, como *per/por*, originando *per i / por i / por ende / por en / per en*; (ii) *V + hi / V + en/ende*:

(22)

- a) [XIII CSM2 81:2] *E logo mandou a saeta fora / tirar do ollo, e en essa ora / guariu de todo logo sen demora, / des que a saeta en foi sayda, // Que da saetada ren non sentia; / des i do ollo atan ben guaria / que ben com' ante vira del viia./*
- b) [XIII CSM2 142:19] *Daquest' avẽo assi, / temp' á, en Gasconna, / que hũa dona ouv' y / de pouca vergonna, / que sol non tãa en ren / d' ir en romaria, / atant' era de mal sen, // A Rocamador, que d' y / mui preto estava. / E poren, com' aprendi, / muito a coytava / hũa ssa moça des en, / dizendo: "Perfia / fillastes que prol non ten;*
- c) [XIII SG 430:31, 431:1] *E Galvam, que era o mais sisudo ca os outros, disse: "Calede-vos, ca nom a mester. Ca se o al rei dissermos, tal guerra poderá **i** nacer por que mais de IX mil homẽs poderiam **i** morrer, e con todo esto nom poderia seer vossa desonra vingada, ca sobeja mente é gram [o] poder e a linhagem de rei Bam, e Deus os [tem] en tal onrra e em tal poder que nom cuida que podessen seer dirribados por homem. E por esto leixemos nos en, ca mui gram mala ventura sobejo poderia **en** nacer.*

Esses exemplos mostram que tanto *hi* como *en/ende* podiam se alternar numa mesma construção. Isso explica o redobramento de *ende* por um PP iniciado por *em* e não por *de*, o que seria o normal, dadas suas propriedades semânticas de base. Exemplos como abaixo mostram o cruzamento de construções:

(23) Gerúndio com "preposição" *em*

- a) [XIII CSM1 8:14] *Porque o a Groriosa / achou muy fort' e sen medo / en loar sa preciosa / virgãid' en Toledo, / deu-lle porend' hũa alva, / que nas sas festas vestisse, / a Virgen santa e salva / e, **en dando**-lla, lle disse: / "Meu Fillo esto ch' envia."*

- b) [XIII CSM1 18:32] *A Emperatriz, que non vos era de coraçon rafez, / com' aquela que tanto mal sofrera e non hũa vez, / tornou, con coita do mar e de fame, negra come pez; / mas **en dormindo** a Madre de Deus direi-vos que lle fez: / tolleu-ll' a fam' e deu-ll' hũa erva de tal prez, / con que podesse os gaffos todos guarecer.*
- c) [XIV DSG 224:22] *E pero arderán por sempre, pera veeren sempre os justos que son en paraíso os góuvios que reciben **en veendo** Deus sempre, e pera veeren as pẽas que os maaos no inferno sempre reciben de que eles escaparon.*
- d) [XIV DSG 51:22-24] *Se aqieste homen santo quisera mais viver con estes monges que aviam costumes mui contrairos aos seus e que se juntaron contra el pera mata-lo, assi en como el era certo **en querendo**- os **correger**, tanto pela ventura * saira de maneira de mansidoen e d' assessegamento, que perdera o deleito e o prazer que soia a aver. **En querendo carregar** estes que correicon avorrecian, leixara e desprecara pela ventura si meesmo e os outros que correger queria non gaanhara.*
- e) [XIV DSG 3:15] *Ca, **en se nembrando** homen * dos feitos e das vertudes que os homens en este mundo o fezeron per ajuda do senhor Jesu Cristo, non se embarga porende o bõõ estudo que soe a aver das boas cousas que soe a cuidar e a fazer.*
- f) [XV CDF 158:34] [...] *o quall aver levou o conde dom Joham Affonso Tello, o quall era o moor privado que entom el-rrei avia, e que **em guisando** el-rrei dom Fernando por mandar esta embaxada, que sse namorou de dona Lionor Tellez, [...]*

As considerações e os exemplos acima mostram que a “preposição” **em** é, na verdade, o primeiro constituinte da construção redobrada do locativo **en** + PP, de que se omitiu o PP, cruzando-se esse locativo com **hi**.

IV.2.3 – O infinitivo no Português

Há mais de um paralelismo que se pode estabelecer entre o gerúndio e o infinitivo, como se viu na literatura citada anteriormente, visto que os dois podem operar como predicadores primário e secundário, com ou sem preposição.

A) Infinitivo funcionando como infinitivo narrativo

Embora não muitos freqüentes, há ocorrências de infinitivo sem ligação sintática com outro verbo, operando como o chamado infinitivo narrativo:

(24) Infinitivo narrativo

- a) [XIII CEM 334:35] *Pois, Lourenço, cala-t' e calar-m'-ei / e toda via tigo mi averrei, / e do meu filha quanto chi m' eu der. // - Joan Garcia, non vos filharei / algo, e mui ben vos citolarei, / e conhosco mui ben |que é| **trobar**.// - A **mofar**, Don Lourenço, [**a**] **chufar**!*
- b) [XVI GV I:149] *E estes ovos chocarão: cada ovo dara hum pato, e cada pato hum tostão, que passará de um milhão e meio **a vender** barato*
- c) [XVI GV I:150] *E s'ela baila na voda,/qu'está ainda por sonhar,/e os patos por nacer,/e o azeite por vender,/e o noivo por achar,/e a Mofina **a bailar***

B) Infinitivo funcionando como adjunto

A forma nominal de infinitivo preposicionado no PM parece ter os mesmo usos que a forma nominal de gerúndio: (i) dispunha de raiz verbal, a que se agregava o sufixo -r, (ii) era portador do aspecto verbal imperfectivo, (iii) funcionava como um "infinitivo preposicionado absoluto" (25), (iv) ocorria como sentença dependente de alguns tipos de VPs (26) e (27), e (v) quanto às preposições, podia aparecer com *a*, ora com *en* (28):

(25) Infinitivo preposicionado como adjunto a um VP qualquer

- a) [XIII CEM 268:14] *mais preguntar-lh' á de que enfermou, / come maestr'; e, se o ben pagou, / non leix' **a guarir**, polo el preguntar*
- b) [XIII CEM 438:20] *e de mais, se cansar ou se caer, / e i alguen chegar polo filhar, / jura que alçará voz **a cantar**, / que non aja quen dulce, mal pecado*

(26) Infinitivo preposicionado com verbos de movimento

- a) [XVI GV II:234] *Assi que **ando a pastorar** / cem mil bandos de veados*
- b) [XVI GV II:236] *Estas sam as alegrias / que meu gado **anda a buscar***
- c) [XVI GV VI:84] *Mil coisas **ando a buscar** /delas não posso achar / porém ando perfiando / por quão bom é perfiar.*
- d) [XVI GV V:236] ***Anda** homem **a gastar** calçado, / e quando cuida que é aviado*

(27) Infinitivo preposicionado com verbos de estado

- a) [XIII CEM 383:20] *Ben t' ajudaran d' Orzelhon / quantos trobadores i **son** / **a escarnir** o infançon, / ca fremosa dona matou*

(28) Infinitivo com preposição *a* (a) e a “preposição” *en* (b)

- a) [XIII CSM1 2:11] *E macar eu estas duas non ey / com' eu querria, pero provarei / a mostrar ende un pouco que sei, / confiand' en Deus, ond' o saber ven, / ca per ele tenno que poderei / mostrar do que quero algũa ren.//*
- b) [XIII CSM1 63:15] *Sennor, que de madre nome me déste, / en toller-mio logo mal me fezeste; / mas polo prazer que do teu ouveste / Fillo, dá-m' este meu que veja riir.*

À semelhança do gerúndio, o infinitivo (preposicionado) pode vir em adjunção a outro verbo, como em (29). Em adjunção ao verbo *estar*, o infinitivo preposicionado deu assim origem à perífrase *estar* + prep + infinitivo:

(29)

- a) [XIII CEM 268:14] *mais preguntar-lh' á de que enfermou, / come maestr'; e, se o ben pagou, / non leix' a guarir, polo el preguntar*
- b) [XIII CEM 438:20] *filhar, / jura que alçará voz a cantar, / que non aja quen dulte, mal pecado e de mais, se cansar ou se caer, / e I alguen chegar polo*
- c) [XIII CEM 383:20] *Ben t' ajudaran d' Orzelhon / quantos trobadores i son / a escarnir o infançon, / ca fremosa dona matou*
- d) [XVI GV I:150] *E s'ela baila na voda, / qu'está ainda por sonhar, / e os patos por nacer, / e o azeite por vender, / e o noivo por achar, / e a Mofina a bailar*

Vê-se nesses exemplos que *a* + infinitivo tem a mesma sintaxe e a mesma interpretação semântica do gerúndio, o que abriu caminho à participação de ambas essas formas nominais na organização da perífrase com *estar*.

IV.3 – O VERBO *ESTAR* E A FORMAS DE GERÚNDIO E DE INFINITIVO PREPOSICIONADO NO PM

Uma observação de caráter geral. Tem sido uma afirmação comum que a perífrase de gerúndio é mais antiga que a de infinitivo. Nossos dados não comprovaram tal afirmação, pois ambas coexistem desde logo. O que as distingue é uma questão de frequência: sem dúvida, a perífrase de gerúndio é mais frequente que a de infinitivo, situação que viria a modificar-se em Portugal. A preferência do PB por *estar* + gerúndio, e a do PE por *estar* + infinitivo preposicionado pode ser explicada por uma afirmação de Kato (2003), segundo a qual formas no “núcleo” da gramática podem estar em variação

com formas em sua “periferia marcada”. No caso de nossas perífrases, constatei uma mudança de posição a esse respeito: a perífrase de infinitivo, periférica nos primeiros séculos da língua, tornou-se central em Portugal, mantendo-se no Brasil a centralidade da perífrase de gerúndio. Esta seria, portanto, uma prova adicional da ancianidade do PB, fato bem referido na literatura, que estudei em Moraes de Castilho (1999, publicado em 2001). Afirmo aí que a base do PB é o português quatrocentista, que passava nessa época por várias mudanças. Essa posição se alinha com Naro/Scherre (1993/), que defendem a mudança natural do PB, com exclusão da influência de fatores externos.

Como já foi dito em outras partes desta tese, o clítico locativo **hi** redobrado, funcionando como uma minioração, ao construir-se com *estar* abriu caminho para que outras formas pudessem figurar na mesma função com esse verbo. O gerúndio e o infinitivo preposicionado, também constituindo miniorações, foram algumas dessas formas favorecidas por esse tipo de aproximação ocorrida entre o clítico e o verbo *estar*. Ocorreram assim dois fenômenos interconectados: *estar* acrescentou um novo passo em seu processo de gramaticalização, transformando-se em auxiliar, e ao construir-se com o gerúndio e o infinitivo preposicionado deu surgimento a uma nova forma verbal, as perífrases de gerúndio e de infinitivo.

Na demonstração deste item, acolherei a postulação de Kayne (1999), segundo a qual o verbo *to have* possessivo é o output de *to be* com uma preposição abstrata. Aqui, proponho que *ser* com um locativo abstrato tem como output os verbos *estar*, *ser* e *jazer* nas construções com gerúndio do PM. *Ser* + operador locativo tem como output *estar* quando o verbo no gerúndio é transitivo ou reflexivo. *Ser* com operador locativo tem como output *ser* quando o verbo no gerúndio é inacusativo ou intransitivo, atribuindo ao sujeito o traço de posição sentada. *Ser* com operador locativo tem como output *jazer* quando o verbo no gerúndio é intransitiva ou ergativa, atribuindo ao sujeito a posição horizontal.

IV.3.1 - *Estar* e o gerúndio

Partindo da hipótese de que o gerúndio, uma minioração, se agregou ao verbo *estar* devido ao desaparecimento do locativo **hi**, também uma minioração, podemos identificar os passos em direção à integração de *estar* e gerúndio como uma perífrase. Esses passos levam em conta o gerúndio de base verbal transitiva, pois os gerúndios de base verbal ergativa ou intransitiva quase não foram encontrados com *estar*. Esses gerúndios são mais frequentes com o verbo *ser*.

- A) O verbo *estar*, um verbo funcional, aparece com um complemento locativo, e muitas vezes com um sujeito explícito. O gerúndio, uma minioração, está em adjunção a *estar*, mais precisamente à sua direita.
- B) O verbo *estar* perde seu locativo e o sujeito, tornando-se um verbo inacusativo e auxiliar.
- C) O complemento do gerúndio, quando clítico, pode se cliticizar a *estar* ou se antepor a ele.
- D) O verbo *estar*, passa a ser um auxiliar, ou seja, passa a ser somente um suporte de tempo, e o gerúndio é reanalisado como verbo principal.

Vejamos esses passos em detalhe.

A) *Estar* é um verbo funcional, com um complemento locativo que está localizado sempre à sua direita. O sujeito, quando expresso, vem quase sempre antes de *estar*. O gerúndio aparece adjunto a esse verbo. O verbo *estar* é quase sempre acompanhado de um advérbio/adverbial de tempo, que está em adjunção a esse verbo.

O complemento locativo foi inicialmente o clítico locativo **hi**, que fazia parte de uma minioração, e isso predispôs o verbo a aceitar outros tipos de miniorações, daí a sua futura integração com *-ndo*. O clítico locativo foi desaparecendo ao longo do PM, mas ainda foram encontrados exemplos que confirmam essa hipótese:

(30) **Estar** com complemento locativo **hi**, aparecendo depois dele

- a) [XIV CGE2 408:16] *ẽvioulhes dizer que lhe nõ entrassen ẽ sua terra e que lhe nõ fizessem hi dampno nem hũũ. Mas os das naves nõ leixarom entõ d' **estar** hy, **atendendo** outras naves que lhes avyam de vïr ẽ o mais gẽtes e mayor ajuda*
- b) [XIV CGE2 34:14] *despois, elle con sua molher **esteveron** hy hũũ tempo **adereçando** o regimẽto do reyno e poboando a terra*

Depois do desaparecimento do locativo **hi**, o seu redobro se tornou complemento de **estar**:

(31) **Estar** tendo com complemento locativo um PP, encabeçado pela preposição **em**

- a) [XV VPA1 61:21] *E nós ambos irmãos **estevemos** em Arimatia **atendendo** aquesta hora que nos disse Nostro Senhor Jesu Cristo*
- b) [XV VPA1 147:28] *Mais aqui vos leixaremos de falar dos que **estavam** em Cesarea aquel dia **atendendo** o prazo em que haviam a desputar em outro dia*
- c) [XIV DSG 20:37] *e naquela hora acaeceu que el **estava** na eigreja **acendendo** as lampadas sobre hũũs degraaos de madeiro*
- d) [XIV DSG 62:22] *E o servo de Deus **estando** en sa cela **fazendo** sa oraçom, vëo o enmiigo antigo a el*
- e) [XIII SG 442:31] *E **estando** na rua **preguntando** disserom-lhi*
- f) [XIV CGE2 353:2] *E espreytouho quando **estava** na mizquita **fazendo** suas orações*
- g) [XIV CGE2 448:7] *E aquelle Mafomede, rey de Cordova, **estando** entom em sua mizquita, **fazendo** oraçom, cayu hũũ corisco preto delle que matou dous mouros*
- h) [XIV CGE2 147:20] *tu **estas** em Tollosa **fazendo** cõselho ẽ que maneyra moveras contra my arroydo*
- i) [XIII CSM1 51:60] *E u el **estava** en aqueste presit' atal, **mostrand'** a Santa Maria ssa coit' e seu mal*
- j) [XV VS 40:42] *Este valle tam fundo he dos sobrevossos e aqueste mõte tam fedorẽto e de tantas penas he dos que **estam** nas carreiras **esperando** por mal fazer.*
- k) [XV VS (75):14] *E eu fui-me mui toste ao mar e vy emtom dez homẽes mançebos **estar** na rribeira do mar **jogando** e **ffazendo** cousas de vaidade de mãçebia*
- l) [XIV LLCP 138:29] *Este dom Diego Lopez era mui boo monteiro, e **estando** ãu dia em sa armada **atendendo** quando verria o porco, ouvio cantar a muita alta voz ãa molher em cima de ãa pena.*

Outros PPs, encabeçados por outras preposições, também começaram a aparecer com **estar**:

(32) **Estar** com complemento locativo PP, encabeçado por outras preposições

- a) [XIV PP 269:1] *E estes **stauã** aa porta do templo **guardando** que nõ entrasse hi nem hũũ que nõ fosse linpo e aposto.*

- b) [XIV DSG 88:17] *Naquela noite, jazendo ja dormindo os frades, San Beento levantou-se pera sa oraçon mais cedo que soia e, **estando a hũa fêestra rogando** Nosso Senhor e louvando-o mui de coraçõ, viu hũa luz vïr muit' agiã do ceo alumeando aquela noite que era muito escura.*
- c) [XIII SG 1:11] *"veede-lo, **sta a aquella freesta falando** com dom Galuam"*
- d) [XV VS 36:15] *Oo luz viva non mortal verdadeyramente alomeante todalas cousas saa e alomea este cego que **sta a par do camynho chamando** e dizendo: - Filho de David ave mercee de mÿ.*
- e) [XV VS (82):20] *e teve mentes e vyo hũu grande leom **estar aos pees da sãcta molher beygando-lhe** as peegadas*
- f) [XV VPA1 239:17] *em essa meesma hora que nós **estavamos ante Simom ouvindo** como dizia que queria fugir*
- g) [XIII SG 403:20] *Pois os cavaleiros **esteverom gram peça sobo lo lago veendo** aquelas maravilhas e a besta nom pareceu*
- h) [XIV CGE2 120:31] ***estando ãtre seus amores, cuydando** que se avyã de tornar todos hũũs [...] começarõnos os de Petreo assy a feryr e a matar*

Pode-se encontrar também pronomes circunstanciais de lugar entre *estar* e o gerúndio:

(33) *Estar* com pronome circunstancial como complemento locativo

- a) [XV VPA1 173:27] *E cada ãu deles **estavam ali catando-as e maravilhando-se** muito delas*
- b) [XV VPA1 212:19] *e que os que **estam aqui escuitando** ouçam os escarnimentos do seu erro*
- c) [XIII CEM 295:3] ***estand' ali ant' a porta del-Rei preguntando** por novas da fronteira*
- d) [XIII SG 307:3] *Tee ora de terça **esteverom ali catando** aquellas maravilhas*

B) O verbo *estar* perde seu locativo, tornando-se um verbo inacusativo. Entre *estar* e o gerúndio podem aparecer (i) adverbiais de tempo, (ii) o complemento de gerúndio, ou (iii) um NP

(34) Entre *estar* e o gerúndio aparecem adverbiais de tempo e o advérbio de modo *assi*

- a) [XIV LLCPC 395:4] *[...], e haviam-lhi enveja; e, **estando na paaço, houverom** palavras com este dom Vaasco, dizendo-lhe que era manzelado, porque fora feito em tempo de dom Gonçalo Rodriguiz. E el houve desto gram vergonha, de muitas gentes que i **estavam, e esteve ãa gram peça pensando** nas palavras, e olheou como eram muito aviladas.*
- b) [XIII SG 255:29] *E pois **steve gram peça fazendo** sa oraçom*

- c) [XIV CGE2 288:9] **Estando** hũũ dia fallando cõ o duque Faxilla, ferio con hũũ paaõ ãna cabeça
- d) [XV VS (69):26] E **estavam** per toda a noyte obrando per ssuas maaõs e cantãdo psalmos e louvores a Deos
- e) [XIV CGE2 130:20] **estandoos** assy catando e a grande fremosura delles, disselhe aquella virgem que aquelles vasos eram do santuario de Sã Pedro apostollo
- f) [XV VPA1 124:9] E Sam Pedro, que **estava** ainda falando aquestas palavras
- g) [XIV CGE2 36:34] Elles **estando** assy fallando, chegou o dragon
- h) [XIV CGE2 249:8] Oo Paulo! E que **estas** assy fazendo, ou onde son os teus conselhos que te trouxeron ã aver tan grande quebranto e escarnimẽto como este em que estas
- i) [XV VS (76):16] E **estando** assy pensando emtendy donde me aconteçia tal cousa
- j) [XV VPA1 313:8] E el que o **estava** assi firindo, o lavrador disse
- k) [XV VS 38:31] E **estando** ella asi tremẽdo e chorãdo nẽbrãdo-se dos males que fezera vio vïir gram cõpanha de dyabóos

(35) Complemento de **-ndo**

- a) [XIII SG 180:6] E el **estando** en esto falando, aque-vos vem de contra o ceo ù tam gram sãõ
- b) [XIII SG 379:12] En quanto **estavam** en esto falando, aque vos vem ùia donzela que chegou a eles
- c) [XIII CR 290:1] Hu **estaua** commigo falando, dixi-lh' eu

(36) Entre **estar** e o gerúndio aparece um NP

- a) [XIV DSG 205:11] E **estando** os frades cantando ante ele e **dando** graças a Deus alçou ele muit' agiãa a voz e braadou
- b) [XIII SG 310:27] Ao quarto dia, a ora de prima, u **estava** el-rei ouvindo sa missa, veerom a el doos cavaleiros armados

C) O complemento e o sujeito do gerúndio, quando clíticos, podem se cliticizar a estar ou se antepor a ele:

(37)

- a) [XIII SG 371:27] e foi-se asi a rei Artur e **este[ve-o]** **catando**
- b) [XIV CGE2 21:24] quando Julyo Cesar vyo aquella ymagẽ, **stevea** **esguardando** hũa grande peça
- c) [XVI GV II:67] Pois **estou-vos** **alegando** / o porque m' haveis de levar.

D) O verbo *estar* passa a ser um auxiliar, ou seja, passa a ser somente um suporte de tempo, e o gerúndio é reanalisado como verbo principal.

(38)

- a) [XIII CR 294:10] *E a pastor parecia muy ben e choraua e **estaua cantando***
- b) [XIII CA 279:20] *que lh' ousaria eu algũa ren dizer do ben que lh' eu quer' e **estou atendend'** aquel temp' e non chegou!*
- c) [XIII CEM 455:12] *mais, u **estava coidando** en al, deu-mi un gran peid' e foi-lhi depois mal*
- d) [XIII CSM1 22:59] *"Di-me que fazes, meu fillo, ou que **estás atendendo**, que non vões a ta madre*
- e) [XIII CSM1 56:47] *e viu enton **estar fazendo** os bischocos e obrar na touca a perfia*
- f) [XIII CSM1 60:9] *Ca tu noit' e dia sempr' **estás rogando** teu Fill', ai Maria*
- g) [XIII CSM1 60:20] *E ar todavia sempr' **estás lidando** por nos a perfia o dem' arr[anc]ando*
- h) [XIII CSM1 217:26] *Porend' un dia o espreytou aly u **est[ava pint]ando**, com' aprendi, a omagen da Virgen*
- i) [XIV DSG 59:21] *el **estando fazendo** gram festa polo mal que fezera a San Beento, caeu o sobrado en que esta*
- j) [XIV DSG 82:5] *E o spiritu mao achou huum monge velho **estar tirando** sa agua e entrou logo en el*
- k) [XIV DSG 219:17] *achou aquel don Pasqual que era morto **estar servindo** naqueles banhos per mui grandes caenturas e pois o vio, ficou muito espantado*
- l) [XIV LLCP 120:23] *O conde com Froiaz Vermuiz chegou-se acerca do arraial e ordenou suas azes e **esteve atendendo** se iria el rei dom Afonso a lidar com ele.*
- m) [XIII SG 138:19] *E elle **stava catando** o rio e sinava-se da maravilha que via*
- n) [XIII SG 197:5] *E o seu cavallo que **estava folgando** [...] começou a rinchar tam fortemente*
- o) [XIII SG 477:29] *e ando[u] a redor catando os IIII ermitães u **estavam fazendo** sa lidice pelo ospede que chegara.*
- p) [XIV CGE2 92:19] *E entõ sayron os da frota que o **estavã atendendo** e entraron na cidade per força e matarõ e cativarom quantos quiseron*
- q) [XIV CGE2 120:22] *Entõ começaram a feryr nos da outra parte que **stavã sperando** que se tornassem pera Julyo Cesar*
- r) [XIV CGE2 400:14] *El rey dom Ramiro, quãdo ouve novas desto em Castella onde era, que **estava fazendo** suas vodas e seu casamento, leixou os outros feitos todos e tornousse pera Leom o mais apressa que pode*
- s) [XV VS 19:7] *e disse-me: -Que **estás coidando**?*
- t) [XV VS 19:8] *O que tu **estás coidando**? Vem ã pos mÿ e sigui-me e eu te mostrarey teu padre e tua madre.*
- u) [XV VS 41:35] *E entom virõ vïir outra alma pella ponte e **estava chorando** carregada de hũu feixe de trigo*

IV.3.2 – *Estar* e o infinitivo preposicionado no PM

Quando se procura o verbo estar acompanhado de infinitivo preposicionado no PM, não se acha praticamente nada, tendo sido encontrados somente três exemplos, nos quais o infinitivo preposicionado tem raiz verbal transitiva e a perífrase já está consituída:

(39)

- a) [XIII CEM 108:20] *Pero se ten por fremosa mais que s' ela, por Deus, pode, pola Virgen gloriosa, un ome que fede a bode e cedo seja na forca, **estand' a cerrar-lhe a boca**, chamou-lhe Dona Gondrode*
- b) [XIII SG 81:31] *Quando se ella assi vio cercada, **steve a fazer** sembrante que nom queria mover.*
- c) [XIII SG 242:12] *quando aquelles que **stavam a ouvir** este conto entenderom que aquel era Erec*

IV.4 – OS VERBOS AUXILIARES E AS FORMAS DE GERÚNDIO E DE INFINITIVO PREPOSICIONADO NO PB E NO PE DO SÉCULO XX

Alguns gramáticos, como Cunha / Cintra (1985), fazem referências à diversidade de tratamento no Brasil e em Portugal das perífrases aqui examinadas. Eles afirmam que a de gerúndio é usada preferencialmente no Brasil, nos dialetos centro-meridionais de Portugal, nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa, e a segunda, é predominante no português padrão e nos dialetos setentrionais de Portugal. Para examinar essas afirmações, busquei exemplos em corpora do português contemporâneo falado em Portugal e no Brasil que mostram esse duplo uso:

(40) Dados do PE

- a) [XX PF 757:15] *quando o mar tava aqui vinha por detrás e era traiçoeiro a senhora **tá percebendo***
- b) [XX PF 184:29] *enquanto esse rancho **tá cantando** aquelas quadras todas*
- c) [XX PF 426:32] *a polícia embirra conosco e autuam-nos se for compras para fazer negócio **tá a perceber***
- d) [XX PF 564:45] *a cobra pode atacar o homem quando **está a dormir***

e) [XX PF 67:54] *ali há outros que **estão a dançar***

Os exemplos acima mostram a concorrência entre essas duas formas mesmo no PE, sendo que o estar + infinitivo venceu essa concorrência, dada a escassez das formas de estar + gerúndio.

Comparando esses dados com o que ocorre na modalidade falada do PB, nota-se uma esperada concentração nas perífrases de estar + gerúndio:

(41)

- a) [XX SP EF 153:218] *a figura mais importante é Ademar Gonzaga... **que está montando um estúdio***
 b) [XX SP D2 98:1599] *é assim que os táxis **estão fazendo***

Fica evidente pelos exemplos acima dados, que o problema principal é essa diversidade de uso: estar + gerúndio no PB e estar + infinitivo preposicionado no PP.

Para deixar bem claro qual é a importância da perífrase de estar + gerúndio e estar + infinitivo preposicionado é necessário se fazer uma comparação com outros verbos auxiliares que aparecem com essas mesmas formas nominais. Essa comparação será feita através de tabelas.

Para finalizar, estabelecerei algumas relações numéricas entre as duas perífrases aqui analisadas.

Construí três tabelas comparativas para ver como estava o comportamento dessas duas perífrases mencionadas, tanto no PB como no PE: (i) a tabela 10, mostrando o comportamento da perífrase de gerúndio no PB e no PE, (ii) a tabela 11, mostrando como estão distribuídas as perífrases de gerúndio e de infinitivo preposicionado no PE, e (iii) a tabela 12, mostrando o comportamento da perífrase de gerúndio no PB e o comportamento da perífrase de infinitivo preposicionado no PE.

Tabela 10- Perífrases de gerúndio no PE e no PB

	Português Europeu		Português do Brasil		Total	
	ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%
Estar	5/285	2	280/285	98	285/464	61
Ficar	3/18	17	15/18	83	18/464	4
Viver	-	-	3/3	100	3/464	0.7
Acabar	-	-	13/13	100	13/464	3
Ir	64/115	56	51/115	44	115/464	25
Vir	2/10	20	8/10	80	10/464	2
Andar	-	-	1/1	100	1/464	0.2
Continuar	1/17	6	16/17	94	17/464	3.7
Levar	-	-	1/1	100	1/464	0.2
Passar	-	-	1/1	100	1/464	0.2
Total	75/464	16	389/464	84	464/464	100

A Tabela 10 mostra que dos dez auxiliares selecionados, somente 5 se constroem com gerúndio no PE: estar, ficar, ir, vir e continuar, mas no PB todos os verbos auxiliares ocorrem com gerúndio. Comparando cada verbo no PE e no PB temos o seguinte: (i) praticamente não existe mais a perífrase de estar com gerúndio no PE, apenas 2%; (ii) no PB ela é categórica; (iii) ir + gerúndio tem uma distribuição equilibrada tanto no PB como no PE; (iv) ficar e vir + gerúndio ocorrem com $\pm 20\%$ no PE e 80% no PB. Olhando o total das ocorrências de auxiliares com gerúndio, conclui-se que esse tipo de perífrase está desaparecendo no PE (16%) mas continua bem viva no PB (84%).

Tabela 11 - Perífrases de gerúndio e infinitivo preposicionado no PE

	Locuções de gerúndio		Locuções de infinitivo		Total	
	Ocor.	%	ocor.	%	ocor.	%
Estar	5/197	3	192/197	97	197/333	59
Ficar	3/14	21	11/14	79	14/333	4
Ir	64/78	82	14/78	18	78/333	23
Vir	2/9	22	7/9	78	9/333	3
Andar	-	-	23/23	100	23/333	7
Continuar	1/11	9	10/11	91	11/333	3.5
Passar	-	-	1/1	100	1/333	0.5
Total	75/333	22	258/333	78	333/333	100

A Tabela 11 mostra que no PE preponderam as perífrases com infinitivo preposicionado e o verbo estar detém o maior número de ocorrências (97%), sendo seguido por ficar (79%) e vir (78%). O verbo andar é categórico com esse tipo de forma nominal. Olhando o total das ocorrências de auxiliares com gerúndio e com infinitivo preposicionado no PE, conclui-se que as perífrases com gerúndio estão, de um modo geral, desaparecendo (22%) e as com infinitivo preposicionado estão em franco progresso (78%).

Tabela 12 - Perífrases de gerúndio no PB e infinitivo preposicionado no PE

	Loc. de gerúndio (PB)		Loc. de infinitivo (PE)		Total	
	Ocor.	%	Ocor.	%	ocor.	%
Estar	280/472	59	192/472	41	472/647	73
Ficar	15/26	57	11/26	43	26/647	4
Viver	3/3	100	-	-	3/647	0.5
Acabar	13/13	100	-	-	13/647	2
Ir	51/65	78	14/65	22	65/647	10
Vir	8/15	53	7/15	47	15/647	2.5
Andar	1/24	4	23/24	96	24/647	3.5
Continuar	16/26	61	10/26	39	26/647	4
Passar	½	50	½	50	2/647	0.3
Levar	1/1	100	-	-	1/647	0.2
Total	389/647	60	258/647	40	647/647	100

Finalmente, na Tabela 12 comparo a seleção pelos mesmos auxiliares do gerúndio no PB e do infinitivo no PE. Pondo as coisas nesses termos, vê-se que desenho que daí resulta é mais matizado, ora oferecendo uma situação de equilíbrio (como em *estar*, *ficar*, *vir*, *passar*), ora uma situação de fortes distinções (como em *viver*, *acabar*, *levar* no PB, e *andar* no PE). Essas situações apontam para diferentes ritmos no processo de auxiliarização desses verbos.

CONCLUSÃO

Mostrei neste capítulo que o "complemento" locativo que tinha passado a acompanhar *estar* assumiu o caráter de uma minioração locativa. Essa minioração é composta do pronome circunstancial locativo *hi* acompanhado de um PP, o que constitui uma construção de redobramento, ligada ao verbo por adjunção. O locativo *hi* migra para

perto de *estar*, tornando-se um complemento e se posiciona de modo enclítico ou proclítico a ele, conforme o tipo oracional em que o verbo está.

O grande papel do locativo foi, justamente, licenciar a sintaxe de *estar* com outras miniorações. Nesta altura, a mudança gramatical de *estar*, e o redobrimento de *hi* se cruzam com a do gerúndio e do infinitivo.

A sintaxe dessas formas nominais do verbo é então examinada com cuidado, documentando-se amplamente seu comportamento no latim e no PM. Ambas compreendiam basicamente duas estruturas, sendo uma como núcleos de uma predicação primária (gerúndio como ablativo absoluto, infinitivo narrativo) e outra como núcleos de uma predicação secundária (gerúndio e infinitivo na minioração), caso em que funcionavam em adjunção a um verbo mais alto.

Foi portanto a gramaticalização de *estar*, o uso de *hi*, do gerúndio e do infinitivo como miniorações que motivou o surgimento das perífrases de *estar* + gerúndio / infinitivo. Na continuação da tese, evidencio a importância de *estar* no conjunto das perífrases assim formadas, e demonstro que essas perífrases ainda não concluíram seu percurso de consolidação, visto que ainda se admitem constituintes entre o verbo auxiliar e o auxiliado.

Finalmente, a preferência européia por *estar* + infinitivo, e a preferência brasileira por *estar* + gerúndio, comprovada quantitativamente em meus dados, é explicada pela hipótese de Kato (2003), segundo a qual formas no “núcleo” da gramática podem estar em variação com formas em sua “periferia marcada”. No caso de nossas perífrases, constatei uma mudança de posição a esse respeito: a perífrase de infinitivo, periférica nos primeiros séculos da língua, tornou-se central em Portugal, mantendo-se no Brasil a centralidade da perífrase de gerúndio.

CAPÍTULO V

TEORIZANDO SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS

Sumário

V.0 - Introdução

V.1 – Os parâmetros da polissíntese e da configuracionalidade

V.1.1 - O Latim como língua de transição entre os parâmetros da polissíntese e da configuracionalidade

V.1.2 - O Português Medieval e o parâmetro da configuracionalidade

V.2 - O parâmetro da configuracionalidade, o redobramento pronominal, a minioração locativa hi e o verbo estar

V.2.1 – O redobramento pronominal e a minioração locativa hi

V.2.2 – A minioração locativa com hi redobrado e o verbo estar

V.2.3 – O verbo estar e as formas nominais de gerúndio e de infinitivo preposicionado

V.3 – O parâmetro da configuracionalidade e os operadores locativo e partitivo

V.O - INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é teorizar sobre os fenômenos examinados nos capítulos anteriores, e ao mesmo tempo revisitar os aspectos teóricos mencionados no Cap. I. Entendo este Cap. V como um prefácio para outras tantas revisitas.

Para isso, vou mostrar que os fatos encontrados no PM oferecem evidências que apontam para uma mudança paramétrica ao nível do Princípio de Projeção. Explicitando melhor, o Indoeuropeu (IE) e as suas línguas derivadas, incluindo o Latim Arcaico (LA), podem ser considerados como pertencentes ao grupo das línguas de parâmetro não-configuracional ou polissintético. No LA já são evidentes as primeiras alterações em direção a um novo parâmetro, o de se tornar uma língua configuracional e, ao mesmo tempo, analítica. O Latim Clássico (LC) e o Latim Vulgar (LV), mesmo convivendo

sincronicamente, continuam essa mudança em ritmos próprios, menos evidente no primeiro e mais clara no segundo. Assim, a variedade culta do Latim, mais sintética e de ordem mais livre, convivia com a variedade popular, mais analítica e de ordem progressivamente mais fixa, aprofundando as características do LA, de que o LV era uma continuação direta. Pode-se afirmar desse ponto de vista que a língua latina foi uma língua em transição. Essa grande alteração em direção a um novo parâmetro se prolongou por todas as línguas românicas e ainda não está concluída de todo. No item V.1, faço considerações mais minuciosas sobre essa grande mudança.

Com essa lenta mudança de parâmetro, a grande maioria dos verbos latinos sofrem profundas alterações sintáticas e é nesse contexto que se situa o verbo *estar*, pois passa de verbo intransitivo a verbo “quase-transitivo”, com um constituinte locativo como seu complemento. Nos itens V.2-5, argumento que (i) o verbo pleno *estar* (e também *sedere* e *iacere*) e o auxiliar *estar* (*sedereliacere*) são um mesmo verbo, possuindo portanto estruturas semelhantes; (ii) *sedereliacere/stare* são idênticos a *esse*, nas estruturas locativas, havendo apenas a incorporação de um operador locativo abstrato nos primeiros; (iii) *sedere* substitui *esse* nesse contexto locativo; (iv) *stare* substitui *sedereliacere* e *esse* nos mesmos contextos locativos. Esse operador locativo abstrato comporta o traço [+ aspecto pontual] e se manifesta como *y* no francês antigo e moderno, *ci* no italiano moderno, *hi* no espanhol e português antigos, *there* no inglês, etc.

V.1 – OS PARÂMETRO DA POLISSÍNTESE E DA CONFIGURACIONALIDADE

Dentre os vários parâmetros propostos pela Gramática Gerativa, o da configuracionalidade / não-configuracionalidade das línguas foi um dos primeiros e com ele se procurou dar conta de fatos encontrados em algumas línguas como o Warlpiri (língua aborígine da Austrália), o Japonês e o Húngaro. Essas línguas foram consideradas não-configuracionais e apresentavam as seguintes características (Raposo, 1992:235; Damaso Vieira, 1993:8; Kato, 2002:326; Sandalo, 2002:29-38):

- i. Ordem livre de argumentos
- ii. Estrutura sintagmática "lisa", ou seja, com somente um nível hierárquico
- iii. Ausência da categoria VP¹
- iv. Existência de constituintes descontínuos, ou recursivos
- v. Ausência de regras de movimento, ocasionando ordem fixa do auxiliar ou do verbo
- vi. Utilização de pronomes nulos, ou anáforas zero
- vii. Sistema casual rico

As línguas não-configuracionais apresentam fatos relacionados à ausência de uma configuração sintática e conseqüente presença da ordem livre dos constituintes, se opondo às línguas configuracionais que dispõem seus constituintes numa ordem fixa. Pensava-se que essa variação fosse devida a uma variação no nível da estrutura-P.

Hale, em 1983, observou que o Warlpiri não obedece ao esquema universal da X-barra proposto por Chomsky, pois apresenta uma estrutura muito sintética e sem hierarquia entre os constituintes. Propôs então, a existência de dois tipos universais de esquemas sintáticos:

- i)* o esquema X-barra, para as línguas configuracionais (Inglês, Português, etc), que contêm as duas regras universais como em (1),
- ii)* o esquema W*, para as línguas não-configuracionais, que possui somente uma regra como em (2):

(1)

- a)*
- | | | |
|----|--------|------------|
| X" | -----> | Spec X' |
| X' | -----> | X (Compl)* |

Estudos posteriores mostraram que *"a variação tipológica entre línguas configuracionais e não-configuracionais não mais depende da parametrização do sistema de regras sintagmáticas, mas da parametrização do Princípio de Projeção (PPr) que restringe a forma da estrutura-P"* (apud Damaso Vieira, 1993:11) Constatou-se que o parâmetro da configuracionalidade comporta dois tipos de variação na estrutura-P:

- (i) um deles está relacionado com a projeção estrutural dos argumentos verbais,
- (ii) o outro se refere ao tipo de categoria projetada como argumento.

Para o item (ii) acima, Jelinek (1985) propôs o parâmetro da Projeção (sic), segundo o qual os argumentos verbais, nesse tipo de língua, podem se concretizar na sintaxe do seguinte modo: (i) ou por meio de NPs, foneticamente realizados ou não, (ii) ou por meio de pronomes clíticos / afixos, acoplados à morfologia verbal. No primeiro caso temos as línguas de argumento lexical (Japonês, Inglês, etc.), e no segundo, as línguas de argumento pronominal (Warlpiri, Navajo, Ojibwa, etc.), sendo que nessas últimas os NPs são vistos como tendo o estatuto de adjunto.

Segundo Jelinek, nas línguas de argumento pronominal os afixos e clíticos preenchem todas as posições projetadas pelo verbo que fica então saturado, e também recebem papel- θ e caso. Assim, o verbo não pode reger nenhuma posição externa a ele e os NPs, que são adjuntos, podem aparecer livremente em qualquer posição, podem ser recursivos ou podem ser omitidos:

"constituiriam, assim, casos extremos de uso de deslocamento com clítico ou de redobramento de clítico, que em línguas como o espanhol constituem opções para a posição de sintagmas plenos. Imagine-se uma língua em que os sintagmas nominais só podem ocupar posições à margem como nos exemplos de deslocamento de clítico e redobramento de clítico do espanhol" (Kato 2002:326):

(4)

- a) *A Maria le regaló su abuelo un caballo de pura raza.*
 b) *Lo vi a Juan*

Para Jelinek as línguas de argumento pronominal possuem as seguintes características:

- (i) ausência de regras de movimento sintático, e como consequência não se tem a distinção sintática entre posições A e A-barra pois os NPs são gerados em posição de adjunto, não existem estruturas passivas, nem alçamento de sujeito, nem construções relativas e interrogativas derivadas;
- (ii) ausência de miniorações e orações-complemento regidas, porque estão em posição de adjunção; afixos e clíticos são regidos pelo verbo e através da coindexação com eles é que são licenciadas tanto as miniorações como as orações-complemento;
- (iii) ausência de categorias vazias, pois os argumentos estão expressos na morfologia verbal.

Baker (1995) propôs o parâmetro da Polissíntese para aquelas línguas que Jelinek chamou de línguas de argumento pronominal. Concorde com parte desse parâmetro, ou seja, admite a existência de línguas com NP sem função argumental, mas discorda de que os elementos pronominais sejam argumentais, pois para ele os argumentos reais do verbo são representados por categorias vazias como *pro*, variáveis de sintagmas-*qu* e vestígios de incorporação nominal.

Em suma, o parâmetro da configuracionalidade / não-configuracionalidade de uma língua está ligado ao Princípio de Projeção da categoria VP, ou mais precisamente, ao tipo de categoria que preenche os lugares dos complementos projetados pelo verbo. Quando essas categorias são afixos ou clíticos, são eles os argumentos reais do verbo e os NPs/PPs estão em posição de adjunção, podendo se localizar em qualquer lugar da

sentença. Essas línguas apresentam padrões sintéticos em quase todos os níveis morfossintáticos, e por isso são chamadas de polissintéticas.

Como foi dito no início deste capítulo, a língua latina, originária do IE, era uma língua não-configuracional ou polissintética em seus primórdios, mas apresentando indícios adiantados de mudança.

Admitindo-se a proposta de Jelinek, pode-se dizer que o PM também era uma língua de argumento pronominal, pois os complementos verbais se realizavam por meio de clíticos pronominais que se colocavam à volta do verbo, mas os NPs / PPs que acompanhavam esses clíticos não eram argumentais e apareciam numa posição de adjunção ao verbo. Esses clíticos pronominais e seus NPs / PPs constituíam miniorações que estavam adjuntas ao verbo.

A parte da proposta de Baker sobre os argumentos reais do verbo como sendo as categorias vazias como pro, variáveis de sintagmas-qu e vestígios de incorporação nominal, também pode ser considerada quando se observa o Português do ponto de vista diacrônico: primitivamente ele era composto somente de um verbo mais sua flexão de sujeito e a saturação de seus complementos era feita por categorias vazias ou pro, e adjungidas ao verbo havia miniorações que determinavam ou especificavam seu sentido. Num segundo momento, essas categorias vazias passam a ser preenchidas por clíticos ou partículas e os NPs têm o papel de adjunto a um dado verbo. Num terceiro momento, tem-se a incorporação do clítico ou da partícula ao verbo e o NP / PP que estavam adjuntos ao verbo passam a ser visto como seu argumento.

Para se entender a grande mudança que ocorreu desde o Latim até o PM, é interessante salientar certos aspectos da língua latina, nos quais se encontram evidências de mudança no valor do parâmetro. Vejamos.

V.1.1 - O Latim como língua de transição entre os parâmetros da polissíntese e da configuracionalidade

Quando se observa as características consideradas mais importantes de uma língua não-configuracional, como aquelas mencionadas atrás, e se entra em contato com descrições tradicionais do LC, fica claro que essa língua apresentava várias características próprias de uma língua do tipo não-configuracional ou polissintética. Há escassas informações sobre o LA e o LV. É provável que eles também apresentassem traços de uma língua do tipo polissintético.²

O LC é o LA mais elaborado e congelado no tempo. Ernout-Thomas (1953) relacionam um conjunto muito interessante de características sintáticas dessa variedade, que mostram que ela apresentava uma situação mista, exemplificando tanto o parâmetro da configuracionalidade quanto o da não-configuracionalidade. Sendo esta variedade mais conhecida que o LA e LV, deixarei de enumerar suas características, concentrando-me naquelas de interesse para esta tese: tendo-se incrementado a passagem de verbos intransitivos a transitivos, incrementou-se igualmente a ocorrência de dois argumentos oracionais.

O LA e o LV, que derivou do primeiro, seguiram de perto o IE, língua polissintética ou não-configuracional, nas seguintes características:

- (i) sistema morfológico rico, criando a oportunidade de existência de constituintes descontínuos ou recursivos,
- (ii) ausência da categoria VP, o que torna a estrutura sintagmática "lisa",
- (iii) ordem relativamente livre dos argumentos

² Consultei trabalhos sérios, que apresentam descrições tradicionais e muito detalhadas da língua latina, com o propósito de buscar evidências da grande mudança que estava se desencadeando nessa língua. Os textos nos quais vou me basear são Ernout e Thomas (1953), Greiner e Billoret (1952), Bourciez (1956), Faria (1958), Maurer Jr. (1959) e Lehmann (1974). Vários termos importantes utilizados nesses livros foram redenominados, como por exemplo: aposição será entendida como adjunção, complementação é a gramaticalização de um termo adjunto, partículas reforçadoras ou reforçativas, pronome intensivo acompanhando pronomes serão vistos como redobramento, e assim por diante.

O sistema morfológico do LA era muito rico tanto na flexão nominal como na verbal. O que me interessa aqui é a flexão nominal de caso, pois ela sofreu grandes alterações e pode ter sido o gatilho disparador da grande mudança paramétrica.

O sistema casual do LA comportava seis casos: nominativo, vocativo, genitivo, acusativo, dativo e ablativo, dois casos a menos que os do IE, que também possuía o instrumental e o locativo. O caso ablativo se tornou um caso sincrético, pois representava o antigo ablativo propriamente dito, o instrumental e o locativo. O caso locativo (com o sufixo *-i*) ainda existia no LA mas foi logo incorporado ao caso ablativo, e o caso instrumental estava já integrado no caso ablativo, não tendo existido nessa língua. Nota-se que a língua latina já apresentava a tendência à redução dos casos (Faria, 1958:62), pois o nominativo e o vocativo também estavam se confundindo, ficando somente o primeiro. Há autores que mencionam que o latim dessa época não teria mais que quatro casos: nominativo, genitivo, acusativo e dativo. A restrição de casos aumenta mais ainda no LV, restando apenas dois: o nominativo nas línguas românicas do ramo oriental, e o acusativo das línguas românicas do ramo ocidental.

As flexões de caso apresentavam vários problemas de identificação pois a acentuação das palavras no LA havia se modificado bastante em relação à do IE. Essa mudança de acentuação foi o resultado de uma profunda alteração fonológica do IE. Essa família lingüística apresentava um sistema vocálico tonal, um sistema de quantidade (vogais e consoantes longas e breves) e um incipiente sistema de qualidade (vogais tônicas e átonas). O LA perdeu todo o sistema tonal, conservou mais ou menos traços do sistema de quantidade e desenvolveu o sistema vocálico de qualidade, isto é, desenvolveu um sistema baseado na intensidade. Essa mudança no sistema de acentuação fez com que vogais e consoantes em posição final sofressem grandes alterações ou desaparecessem, o que resultou em quase nenhuma diferenciação entre os casos, ocorrendo grande confusão em seu emprego.

Encontra-se também nesse período o começo do emprego de preposições + NP, sintaxe que viria a substituir o caso flexional. O novo sistema parece ter sido iniciado pelo conjunto dos casos instrumental / locativo / ablativo acompanhado de preposições como **cum** e **in**. No LV só vai ser mantido o sistema de preposições representando os casos.

O verbo latino apresentava uma forma sintética e continha a especificação de um sujeito pronominal, que não precisava ser representado foneticamente. Isto indica que essa língua era uma língua pro-drop, propriedade comum que ocorre nas línguas que dispõem de uma concordância verbal muito rica. O lugar onde aparece um sujeito lexicalizado em línguas de sujeito não-nulo é preenchido por uma categoria vazia. Quando aparece um pronome lexicalizado em línguas pro-drop, este é um pronome forte, externo à sentença que, com a concordância verbal, passa a constituir um caso de redobramento (Kato, 1999). O mesmo fato ocorreu e ocorre em línguas pro-drop de origem latina, inclusive no PE, sendo que o italiano, no ramo românico, parece ser a língua pro-drop por excelência. No latim o sujeito externo só era expresso quando se requeria uma interpretação semântica de /ênfase/, figurando nesses casos no caso nominativo “default”, morfologicamente zero, podendo-se afirmar que o sujeito em Latim vinha em adjunção à sentença, não sendo ainda um argumento.

Nas línguas românicas que perderam o parâmetro pro-drop, como o francês e o PB, aparece um paradigma de pronomes fracos, ingressando na fronteira sentencial. Os pronomes fracos, homófonos aos fortes, aparecem duplicando os pronomes fortes que já existiam e continuam a existir, fato que foi analisado pormenorizadamente em Kato (1999, 2002). Começam assim a aparecer casos de duplo sujeito (“*Eu, eu vi*”; “*Você, cê paga*”), uma evidência de redobramento.

O verbo, primitivamente intransitivo, podia vir acompanhado de NPs e PPs em posição de adjunção. Por exemplo, os NPs no caso acusativo eram empregados independentemente do verbo e serviam para especificar, para restringir seu sentido, e também ocupavam uma posição de adjunção (Faria 1958:60). Como vestígios dessa fase podem ser citados (i) o emprego de acusativo com verbo intransitivo, (ii) o emprego dos

casos nominativo, acusativo e ablativo absolutos, e (iii) o emprego de dois casos para um mesmo verbo (ou dois acusativos, ou dois dativos, ou um acusativo e um dativo, etc.). Em conclusão, pode-se dizer que o verbo não tinha o estatuto de uma categoria VP, sua estrutura sintagmática se apresentava "lisa", sem hierarquia, como em (2a).

Nesse mesmo período ocorre a transitivização de grande quantidade de verbos intransitivos, que ou passam a selecionar o caso acusativo ou se tornam reflexivos. O verbo passa a selecionar argumentos, marcados inicialmente por flexão sufixal, substituída paulatinamente pela marcação preposicional. Focalizando essa propriedade, Ernout-Thomas dizem que advérbios autônomos e preposições construía-se juntamente com determinados casos, em geral o acusativo e o ablativo, que eram igualmente selecionados por verbos. Pode-se supor, portanto, que havia no Latim uma variação sintática do tipo

(5)

- a) *eum fero* [o verbo *ferre* seleciona acusativo]
- b) *ad eum* [a preposição *ad* seleciona acusativo]

Uma solução para essa variação foi que as preposições se moveram para antes do verbo, transformando-se em prefixos, e o verbo passou então, a selecionar seu argumento por meio da Preposição. Retomando os exemplos acima, isso daria origem a

(6)

- a) *adfero eum*
- b) *adfero ad eum*

As orações em (6) exemplificam um caso de outra fonte do redobramento sintático, pois tanto o verbo quanto a preposição-prefixo estão selecionando o mesmo caso acusativo.

Essa mesma estratégia foi aplicada a verbos como *sedere*, *iacere*, *stare* os quais, de intransitivos, construídos com um único NP sujeito, passaram a transitivos oblíquos, selecionando um complemento locativo expresso por um clítico. Esse clítico, por sua vez,

de acordo com a tendência mencionada acima, duplicou-se num PP, e por isso se pode dizer que também aqui as mudanças sintáticas do Latim criaram as condições para o surgimento do redobramento sintático, ainda que por uma via indireta.

Os pronomes no Latim dividiam-se em dois grandes grupos: (i) o grupo dos pessoais, reflexivos e possessivos, e (ii) e o grupo dos demonstrativos ³, relativos, interrogativos e indefinidos. Os dados latinos indicam que esses pronomes apontam para uma tendência muito forte de utilização do redobramento. Outros dados que serão mostrados mais abaixo atestam que um outro tipo de redobramento já havia sido usado anteriormente como uma espécie de reforço, sobretudo em pronomes.

Assim, os pronomes pessoais eram usado com ou sem reforço; neste caso, eles eram reforçados sufixalmente por partículas invariáveis como (i) *-mēt*, em *memet*, *semet*, *vosmet*, como em *Quis te uerberauit? - Egomet memet* "Quem te bateu? - Eu mesmo, em mim mesmo", (ii) *-tē*, em *tūtē*, (iii) *-pse*, *-pte*, em *suapte manu* "de sua própria mão".

O pronome reflexivo *se* podia ser reforçado por redobramento: *sese*, em *sese diutius non posse* "não se poderem suster por mais tempo", *aeternas opes esse Romanorum nisi inter semet ipsi seditionibus saeuiant* "eterno seria o poder dos romanos se eles não se dilacerassem a si mesmos pelas sedições".

Em seu conjunto, esses dados atestam a forte presença do processo de redobramento no Latim.

³ Os pronomes demonstrativos tinham uma composição mais complicada que a dos pessoais: (i) *hic haec hoc* "este esta isto", eram pronomes da primeira pessoa, formados por um tema de origem desconhecida *ho*, para o masculino e neutro, e *ha-*, para o feminino, mais uma partícula enclítica demonstrativa *-ce* que se reduz a *-c*, sendo que sua forma plena podia aparecer no LA, como em *hosce ego non tam milites acris... arbitror* "a estes eu não julgo tanto como soldados ardorosos"; *-c* podia também ser acrescentada a formas terminadas em *-s*: *hujusce hosce hasce hisce*; essa partícula se muda em *-ci* antes da partícula interrogativa *-ne*: *hicine huncine hocine?* (ii) *iste ista istud* "esse essa isso" são pronomes da segunda pessoa e são formados de uma partícula *is-* mais o antigo demonstrativo *-to*, podendo ser reforçados por *-ce*, reduzido a *-c*: *istic istaec istuc*. (iii) *ille illa illud* "aquele aquela aquilo" são da terceira pessoa e parecem ter se originado de um antigo demonstrativo *olle*, e podiam ser reforçados por *-ce*, reduzido a *-c*: *illic illaec illuc*.

Ainda em relação ao verbo, ele tinha no IE a voz ativa e a média, mas não a passiva. No LA a voz média se perde quase que totalmente e é criada a voz passiva, que recebe uma representação gramatical analítica, via criação de perífrases.

A ordem dos constituintes na sentença era livre e as sentenças apenas se justapunham umas em seguida das outras sem conexão alguma entre elas. E sobre isso Faria (1958:296) diz que a palavra tinha na fase anterior à língua latina um caráter autônomo:

"e o princípio geral que presidiu à formação da frase indo-européia foi o da simples aposição de vocábulos, guardando cada um a sua independência e autonomia". Nesse período, "predominou o denominado processo da parataxe em oposição ao da hipotaxe, não obstante este último ter vindo a se desenvolver grandemente mais tarde, em algumas línguas indo-européias, inclusive o Latim"⁴.

Ernout-Thomas postulam que a ligação sintática entre orações foi feita inicialmente por uma espécie de correlação, em que aparecia na primeira oração um elemento gramatical ligado a outro elemento que ocorria obrigatoriamente na segunda oração. As estratégias de relativização estão diretamente ligadas ao requisito de maior determinação do NP argumental. Essa oração foi formada por um demonstrativo neutro que aparece na oração em que ocorre o NP, a que se segue a relativa encaixada nesse NP:

(7) *unum illud est admiratione dignum quod captiuos retinendos censuit*
 “isto tudo é digno de admiração aquele que quis que os cativos permanecessem”

Com as diversas descrições feitas acima sobre o LA, pode-se dizer que ele foi, inicialmente uma língua polissintética, como a sua língua de origem - o IE -, mas muito cedo começou a dar os primeiros passos em direção a uma profunda mudança. Pode-se

⁴ O termo “parataxis” corresponde *grosso modo* ao que vimos considerando estrutura não-configuracional.

dizer que ele se apresentava mais como uma língua não-configuracional do que configuracional.

Já o LV parece ter ficado a meio caminho entre os dois parâmetros, apresentando uma propriedade tipicamente configuracional, que é a Restrição ao movimento longo de constituintes.

O redobramento sintático examinado ao longo desta tese está associado à propriedade de restrição ao movimento longo de constituintes - uma propriedade típica das línguas configuracionais. Encontrei esse processo em várias fases do Português, ainda forte do PE e mais atenuado no PB, presente de todo modo em diversas línguas românicas, desde a época medieval até os dias de hoje.

Lembrando as hipóteses de Theodoro Henrique Maurer Jr. sobre o Latim Vulgar, me perguntei se o romeno também disporia de estruturas redobradas, fato que pude confirmar na literatura. Esse fato é importante, pois o romeno foi a única língua românica que permaneceu isolada do resto da România, escapando das influências de relatinização ocasionadas pela influência do francês medieval, do latim eclesiástico, que é uma continuação do LC, e da Renascença Carolíngia. Com isso, o romeno seguiu uma diferenciação própria, e seus fatos são muito provavelmente fatos do Latim Vulgar.

No Cap. III de sua *Gramática do Latim Vulgar*, Maurer Jr. (1959: 169 e ss.) aponta para três características do LV em comparação ao Latim Clássico (LC):

(1) *"A língua vulgar é analítica na construção da sentença, exprimindo categorias e relações cada vez mais por meio de preposições em lugar de casos, por meio de verbos auxiliares em lugar de formas sintéticas da conjugação, por meio de advérbios (e.g. magis alta) em lugar de sufixos, e assim por diante"* (pag. 191).

(2) *"A frase popular caracteriza-se por ser mais determinada e concreta"* (pág. 192). Esse traço se deve à gramaticalização do Artigo, e ao maior uso dos Pronomes

Possessivos e Demonstrativos, etc. Em termos gerativistas, surge uma nova categoria funcional, o DP, irrelevante na variedade culta do latim.

(3) *"A disposição das palavras se simplifica e se fixa, em oposição ao latim literário, no qual a ordem admite grande liberdade, sujeitando-se antes às preocupações do estilo do que às exigências da gramática"* (pág. 192). O que Maurer Jr. explica por uma exigência discursiva, vale dizer, do estilo, era na verdade uma forte alteração da gramática, tornando-se o LV (e por via de consequência as línguas românicas) mais configuracional que em seu estágio anterior.

Embora o autor, páginas adiante, relativize essa observação, na verdade um grande salto tinha sido dado, pois o LV tinha sofrido uma mudança paramétrica, de língua polissintética para língua configuracional.

V.1.2 - O Português Medieval e o parâmetro da configuracionalidade

Continuador cronológico do LV, uma vez ultrapassada a fase Romance, como se comportaria o PM no quadro do parâmetro que estou focalizando?

Levando-se em conta as propostas de Baker (1995) e de Jelinek (1985), pode-se definir o PM como uma língua polissintética na fase mais antiga e configuracional numa fase posterior, mas essas propostas não explicam tudo. Há a possibilidade de se construir um elo entre as duas e assim se pode explicar melhor a mudança de parâmetro que estava ocorrendo no PM.

A proposta de Baker (1995) caracterizaria a fase mais antiga do PM, na qual os argumentos reais dos verbos eram constituídos por categorias vazias. Nesse período o PM seguia um parâmetro de língua polissintética, assim seu sujeito⁵ estava expresso na flexão verbal e um **pro** ocupava a posição de objeto⁶:

⁵ Estou seguindo a concepção de Kato (1999, 2002) para sujeito: a categoria *pro* não é aplicada para o sujeito. O sujeito é próprio morfema de concordância Agr que recebe papel temático e caso ao se afixar a T.

(8) [TP T+Agr_i [VP t_i [V pro]]]

A proposta de Jelinek (1985) caracterizaria uma fase bem mais recente do PM, no qual os argumentos reais do verbo podiam se concretizar na sintaxe por meio de pronomes clíticos acoplados à morfologia verbal, sendo que seus NPs tinham o estatuto de adjunto:

(9) [TP T+Agr_i [VP t_i [VP V-cl_i] [DP NP_i]]].....

Essas duas propostas não dão conta de casos como (i) o clítico vindo acompanhado de um NP/PP, num caso de redobramento, e (ii) o NP/PP podendo aparecer como complemento do verbo quando o clítico desaparece. Além disso, fica a pergunta: como os clíticos ocuparam o lugar das categorias vazias?

Minha proposta é a seguinte para os verbos no PM:

- i. Primitivamente os verbos tinham seus argumentos saturados por categorias vazias (como proposto por Baker), mas adjungidos a esses verbos havia miniorações (SC nas representações que se seguem) que especificavam o conteúdo de uma dada categoria vazia:

(10) [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP V pro_j] [sc DP_j]]].....

Os únicos exemplos encontrados de minioração em adjunção são com o clítico locativo *hi* redobrado, que aparece à direita do verbo.

⁶ Estou deixando de lado a representação de T (ense).

- ii. As miniorações, hoje analisadas como DPs complexos⁷, eram compostas de um clítico mais um NP, sendo que o clítico reduplicava o NP que o acompanhava; comumente se adjungiam à direita do verbo:

(11)[_{SC/DP} clítico [NP]].....

- iii. O clítico se movimentava para perto do verbo, preenchendo a categoria vazia que funcionava como seu argumento, e passando a se tornar argumento desse mesmo verbo. Esse clítico deixava uma categoria vazia na minioração e seu NP continuava a ser um adjunto do verbo, como mostra (12). Esse NP, sem vínculo algum com o verbo, podia se movimentar pela sentença, ocupando mais comumente a esquerda da sentença, como em (14):

(12) [TP T+ Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [_{SC/DP} [e]_j NP]]]].....

Os exemplos encontrados são de clítico acusativo e dativo redobrados:

(13) clítico acusativo (a-b), clítico dativo (c-d)

- a) [XIII FCR 46:13] *si non dere salua fe, prendalo o quereloso sin calonna*
 b) [XIII SG 325:8] *e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-no a el de muitas chagas*
 c) [XIII CEM 247:1] *Quite-mi a mi meu senhor / e dé-mi un bon fiador / por mia soldade*
 d) [XIV DSG 175:7] *E pois se ende ela partio, creceu-lhi a ele mais a vertude do corpo e começou a braadar con grande lediça e dizer [...]*

O NP adjunto pode se deslocar para a esquerda da sentença:

(14) [_{DP} NP_k] [TP T+ Agr_i [VP [VP t_i [V cl_j] [_{SC/DP} [e]_j [e]_k]]]].....

(15) deslocamento de NP/PP redobrado por um clítico acusativo (a-b), deslocamento de PP redobrado por um clítico dativo (c-d)

⁷ A idéia de que é um DP está em Kayne (2002), mas para ele o NP redobrado aparece como Especificador e não como complemento. No trabalho de Kato (1998) essa relação vem representada como uma minioração e aqui vamos continuar a assim designar essa estrutura que dá origem ao redobro.

- a) [XIII SG 48:6] *E a donzela leixarom-na, ca a nom poderom levar*
- b) [XV LLCP 296:12] *E al rei conselharom-no os seus que nom estevesse i, mais que se fosse a Gaia [...]*
- c) [XIII:1254 IDD 15:8] *E da a el Rey de foro cada ano tres liuras de cera e **ao moordomo da terra dalhi** por renda e por portagẽ hua meya liura de cera [...]*
- d) [XIV DSG 145:34] *E a eles **semelhoulhes** que se se calassen da verdade que defendian que consenterian aa heresia d'Arrio que o rei dos vandalos e os seus tiinham.*

iv. O clítico se cliticizava ao verbo e desaparecia, permitindo que seu NP se tornasse argumento do verbo, como em (16):

(16) [TP T+Agr_i [VP t_i [V NP]]].....

Assim, um verbo como *estar* passa a contar com argumentos de vários tipos: PPs locativos, advérbios locativos, adjetivos e advérbios modais (situações que se encontram descritas no capítulo III), formas não-finitas como particípio, gerúndio e infinitivo, alguns tipos de nomes (situações que se encontram descritas no capítulo IV).

V.2 – O PARÂMETRO DA CONFIGURACIONALIDADE, O REDOBRAMENTO PRONOMINAL, A MINIORAÇÃO LOCATIVA *HI* E O VERBO *ESTAR*

Como foi visto mais acima, o PM foi, nos seus primórdios, uma língua polissintética, oscilando para analítica. Em relação aos verbos, eles tinham seus argumentos saturados por categorias vazias, cujo conteúdo era especificado por miniorações que se adjungiam a eles.

As miniorações eram compostas de um pronome fraco e um constituinte preposicionado, sendo que o fraco reduplicava o forte. O primeiro passo dado pelos verbos em direção a uma mudança no valor do parâmetro foi quando os pronomes fracos, ou clíticos, existentes nas miniorações adjungidas a esses mesmos verbos, passaram a complemento deles. O segundo passo foi dado quando os clíticos desapareceram e seus

redobros, os PPs, passaram a complemento dos verbos. O PM passou de língua polissintética para analítica ou configuracional.

A minioração locativa com *hi* redobrado foi uma das que contribuiu para a mudança tipológica de um conjunto muito grande de verbos. Vejamos como isso aconteceu.

V.2.1 – O redobramento pronominal e a minioração locativa *hi*

Acompanhando a proposta de Stowell (1995), a estrutura da minioração locativa *hi* era

(17)[_{PP} *hi* [em NP]]].....

(18) Exemplos

- a) *Maria sia hi em casa*
- b) *João jazia hi no chão*

Hi era um clítico que fazia parte de uma minioração do tipo prepositivo, possuía sujeito em adjunção, integrava uma estrutura de redobro, constituindo uma predicação secundária, e assim podia se ligar a um verbo na qualidade de adjunto. Juntando a estrutura em (10) com a em (17), temos (18), com exemplos em (19)

(18) [_{TP} T+ Agr_i [_{VP} t_i [_{VP} V] [_{PP} *hi* [em NP]]]]].....

(19) Exemplos

- a) [XIII:1298 HGP 208:5] e a quinta parte de .xvj. peças d'erdade que son y enno couto de Bueu
- b) [XIII SG 351:15] Entom foram alá e acharom i en ùu paço bem CCC donzelas que jaziam esmorcidas com pavor do forte tempo que fezera.
- c) [XIII LVL 49:28] E então o filho que andava i na nave ouvio aquela palavra que sa madre dissera
- d) [XIV CGE2 195:20] Teodemyro, rey dos Suevos, morreo logo hy em Sevyilha.

- e) [XIV CGE2 443:25] *E Bernaldo, quando o ouvyo, pesoulhe muyto de coraçon e desafiouho porende logo **hi ante el rey***
- f) [XIV CGE2 446:21] *mãdou Mafomede [...] fazer naves **hy em essa cidade e em Sevilha e ennos outros logares que soube que avya avondo de madeira***
- g) [XIV PP 318:14] *Mvdarsse querêdo algũũ clerigo da ssa jgreia pera fazer uida enoutra que fosse de rreligiõ, bem o pode fazer, pero primeyramête o pode demãdar a seu bispo que lho outorque ou a outro prelado meor se o ouuer **hy ã aquel logar**.*
- h) [XIV PP 523:15] *E ssenõ que a<s> ffirmẽ con testemũho dos melhores que acharẽ **hy nas cabanas**.*

Como foi visto no capítulo II, a estrutura que o clítico apresenta em (17) foi chamada de Estrutura Original (EO) e representa a ordem primitiva da minioração enquanto adjunta a um verbo. As mudanças pelas quais a EO passou acarretaram a mudança tipológica dos verbos. Essas mudanças foram quatro e originaram quatro estruturas diferentes: estrutura deslocada, descontínua, elíptica e simplificada.

A primeira mudança ocorrida na EO originou a **estrutura deslocada** (EDesl.) e surgiu quando o pronome fraco se cliticizou ao verbo e seu PP se deslocou para a esquerda da sentença. O clítico podia se posicionar à direita do verbo (20, 21) ou à esquerda (22, 23). Da estrutura em (18) temos (20) e (22), com exemplos em (21) e (23), respectivamente:

(18) ... [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP V] [PP hi [em NP]]]]]...

(20) [PP em NP]_k [TP T+Agr_i [VP t_i [VP V cl_j] [PP [e]_j [e]_k]]]]...

(21)

a) [XIII CSM1 183:28] [...] *mais **ena ygreja mannãa seremos y***

b) [XIII SG 349:26] *Mas quando tu fores livre, destrue este castelo e quantos i son fora as donzelas que **en presom jazem i***

(22) [PP em NP]_k [TP T+Agr_i [VP t_i [VP cl_j V] [PP [e]_j [e]_k]]]]...

(23)

a) [XIII CSM1 208:4] ***Eno nome de Maria / çinque letras, no-mais, y á***

- b) [XIV:1385 HGP 61:27] *Eu Pedro Fernandez, [...] polo dito Vasco Gomez **en esta carta que o dito Hohan Peres escripuyo en meu lugar e per meu mādado** este meu signal y figy en testemuyo de uerdade*
- c) [XIII:1296 HGP 206:14] *Eu Vidal Domĩguiz [...] vy una carta feyta per Martĩ Peris [...] que m~j mostrou Esteuãĩ Nunez [...] e a rogo del **éeste treslado** meu sinal y pugi*
- d) [XIV:1301 HGP 219:29] ***en esta carta que Johã Tome fez de meu mādado** meu sinal y pono que tal est*

A segunda mudança na EO deu surgimento à **estrutura descontínua** (Edes) e se deveu ao movimento do clítico para antes (24, 25) ou depois do verbo (26, 27), sendo que seu PP não se deslocou e surgiram itens lexicais entre os dois pronomes:

(18) ... [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP V] [PP hi [em NP]]]]]...

(24) [TP T+Agr_i [VP t_i [VP V cl_j] [PP [e]_j [em NP]]]]] ...

(25)

- a) [XIII SG 423:18] *E cavalgarom muitas jornadas ata que chegarom aa riba do mar e acharom **i** a mui fremosa nave **na riba** que Salamom e sa molher fezeram*
- b) [XIV PP 445:19] *Uagando algũa eygreia per algũa rrazõ en que ouuesse algũũ deryto de padroado nõ deue o bisp<o> nõ outro prelado poer **hy** clerigo **enela** ameos de o apresentarẽ os padres.*

(26) [TP T+Agr_i [VP t_i [VP cl_j V] [PP [e]_j [em NP]]]]] ...

(27)

- a) [XIII CSM1 278:21] *Demais un rico pano y deu / **na iegreja***
- a) [XIII SG 403:12] *Mas a besta, quando se sentiu ferida, meteu-se so a agua e começou logo a fazer ãa tam gram tempestade polo lago que semelhava que todo-los diaboos do inferno **i** era[m] **no lago***
- b) [XIII SG 422:30] *E os filhos del-rei que **i** jaziam **no paaço** chegarom i primeiro e acharom sa madre cabo del-rei dormindo e o coitelo sobre ela*

A terceira mudança da EO motivou o aparecimento da **estrutura elíptica**, pois ocorreu a elipse do pronome fraco e o seu PP foi reanalisado como argumento do verbo:

(18) ... [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP V] [PP hi [em NP]]]]]...

(28) [TP T+Agr_i [VP t_i V em NP]]]

(29)

- a) [XIII SG 1:7] *foi grande gente asunada em Camaalot [...] aveeo que ùa donzella chegou i [...] e entrou no paaço a pee como mandadeira*
- b) [XIII SG 16:12] *E quantos no paaço siam, [...] e maravilharom-se ende muito desto que aveo, e nom ouve i tal que podesse fallar por ùa gram peça, ante siam calados e catavam-se ùus aos outros*
- c) [XIII SG 39:25] *E elles vierom e virom o corpo jazer no muimento e disserom: "Senhor, assaz avedes i feito e nom convem que mais i façades, ca este corpo nom será daqui movido [...]. "Si será" disse ùu homem velho que i stava*
- d) [XIII SG 82:23] *E era tarde tanto que nos anouteceo na furesta, e ouvemos i a ficar. E pousamos em ùa choça que i achamos*

Da quarta mudança ocorrida na EO (18) surgiu a **estrutura simplificada**, ou seja, houve a simplificação do redobramento com o locativo *hi* se tornando uma flexão de locativo do verbo:

(18) ... [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP V] [PP hi [em NP]]]]]...

(30) [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP hi-V-hi]

(31)

- a) [XIII:1283 HGP 77:24] *damos e outorgamos a uos Johã Dominguez e a uossa moler Sancha Rodriguez [...] a meadade do foro e da erdade de Camseyda [...] e que dedes ende ã cada un ano áo moesteyro de Chouzã per seu maordomo meadade de uino no lagar [...] e de todas outras cousas que y lauorardes e chamtardes dardes inde meo saluo ã de que nõ dedes nũca do nabal que y lauorardes*
- b) [XIII:1283 HGP 78:15] *e escriuij esta carta per mandado das partes e puye y meu sinal ã testemuyo de uerdade*
- c) [XIII:1286 HGP 79:7] *damos a uos Salvador Eanes e a uossa moler Mayor Paes [...] a nossa herdade de Souto Yoado cõ todas suas pertéénzas [...] e que nos diades cada un ano por cad' al dessas herdades .XXX. e iij soldos e iij. soldos e .viiij. dineyros por crianzas dos gáádos que y criardes*
- d) [XIII:1292 HGP 141:29] *os herdamẽtos todos que nos abemos de la Batoqua de Mouraços atee o termino de Portugal tan ben esstes que nos uos desstes como os outros que nos y abemos*

V.2.2 – A minioração locativa com *hi* redobrado e o verbo *estar*

O verbo *estar*, juntamente com *sedere* e *iacere*, formava um pequeno grupo de verbos temáticos com as seguintes características, já mencionadas no Cap. I: (i) eram verbos plenos e intransitivos, (ii) eram estativos, possuindo o traço [-deslocamento], (iii) eram locativos posicionais, privilegiando a posição vertical ou horizontal: "estar em pé", "estar sentado" e "estar deitado", respectivamente, ou seja, continham os traços de [+verticalidade] e [+horizontalidade], (iv) exprimiam o aspecto pontual, e (v) possuíam um sujeito com o traço [+animado]. Esta estrutura está representada em (32), com exemplos em (33)

(32) [TP T+ Agr_i [VP t_i [estar]].....

(33)

- a) [XIII SG 100:2] *Os touros se partirom dali [...] os que tornarom eram tam magros e tam cansados que nom **podiam estar** se adur nom* [= "não podiam ficar de pé"]
 b) [XIII SG 443:19] [...] *e filhou-lhi tam tam gram doo ao coraçom que nom **pode estar** e caeu em terra com Gaeriet* [= "não pode ficar em pé e caiu"]

Estar intransitivo podia tomar, opcionalmente, um DP locativo como adjunto. Esse DP era uma minioração composta do pronome circunstancial locativo *hi* acompanhado de um sintagma preposicionado iniciado pela preposição *em*, o que constituía uma construção de redobramento:

(34)

- a) Maria **está hi na mesa** "Maria está em pé aí na mesa"

(35) [TP T+ Agr_i [VP t_i [VP estar] [PP hi [em NP]]]].....

O verbo latino *esse* (> port. *ser*) era inacusativo e possuía um complemento locativo com o estatuto de um PP, que continha a minioração locativa com *hi* redobrado:

(36)

Maria é hi em casa(37) [TP T+ Agr_i [VP t_i [esse > ser] [PP hi [em NP]]]].....

O fato de *estar* apresentar um DP locativo em adjunção aproxima sua estrutura à do verbo *esse > ser* em contextos com locativos. Aquele DP adjunto sofre uma reanálise passando a ser interpretado como complemento do verbo *estar*, que muda de tipo sintático, passando de intransitivo a “quase transitivo” e depois a inacusativo.

Os primeiros passos para que essa mudança se iniciasse foram dados não propriamente por *estar*, mas por seu milenar irmão e companheiro - o verbo *seer* "estar sentado", e isso teria ocorrido ainda no latim. Ela se iniciou porque as estruturas superficiais dos dois verbos tinham alguns pontos em comum, mas o mesmo não ocorria na estrutura temática. É possível propor etapas para essa aproximação, pois ela não deve ter ocorrido de uma só vez: (i) num primeiro momento havia dois verbos: *sedere* (intransitivo) e *esse* (inacusativo existencial) com suas estruturas sintáticas individuais; (ii) num segundo momento, essas duas estruturas começam a ser vistas como parecidas, [NP VAgr.] ou [VAgr. NP] para *sedere*, e [VAgr. NP] ou [NP VAgr.] para *esse*, o que leva a considerar esses verbos como iguais, ocorrendo então, uma reanálise de *sedere*, que passa de intransitivo para inacusativo; (iii) o verbo *esse*, como existencial, era portador de um "complemento locativo", e os verbos intransitivos em geral estavam passando por uma fase de transitivização, e em consequência disso os verbos *sedere/stare/iacere* também passam a admitir um "complemento", de caráter locativo. O verbo *stare* apenas acompanhou a transformação iniciada por *sedere*, tal como *iacere* fez, mas sua mudança iria mais longe e ele permaneceria, enquanto os outros dois desapareceriam.

O verbo *estar*, depois que foi reanalisado como inacusativo, passou a ser um verbo funcional e atemático. E como tal ele toma três direções, já no PM: (i) locativo, (ii) atributivo, (iii) modal.

Como verbo locativo *estar* vai primariamente aparecer com a minioração locativa contendo o clítico *hi* redobrado em todos os cinco tipos de estruturas em que *hi* redobrado ocorreu.

(38) ***Estar*** + *hi* PP na estrutura original

- a) [XIV LLCP 157:38] *E enviou-o el rei dom Afonso pera Nagera e pera Riba d'Evro, que estevesse i e guardasse aquela frontaria, de que se temia dos Mouros. E estando i em Nagera, per mui grandes quenturas que fazia, como faz em Agosto, dava ja o rio vao,*
- b) [XIV CGE2 443:22] *e que estava hy na corte hũũ filho dessa dona Timbor*
- c) [XIV LLCP 241:18] *E o ifante dom Pedro esteve i acerca da vila XVI dias, com gram poder de fidalgos portugueses e de Galiza; [...]*
- d) [XV VPA1 198:15] *Mais os sergentes, que estavam i a derredor, disserom*
- e) [XIV PP 159:22] *deueos o bispo recõiliar aa porta da jgreia estando hy conos clerigos que dito auemos*
- f) [XV VPA1 114:16] *Mais os homens que o acompanhavam estavam i com el mui spantados*
- g) [XV VPA1 124:11] *E maravilharom-se aqueles fiees da circuncisom que estavam i com Sam Pedro*
- h) [XV VPA1 152:12] *E Sam Pedro parou logo mentes contra os discipulos que estavam i com el*

(39) ***Estar*** + *hi* PP na estrutura deslocada

- a) [XIII SG 268:13] *e sabede que aquelles tres dias andou Tristam mui coitado, ca andava chagado tam mal [...]. Mais ao quarto dia sem falha ficou em ùa abadia mui sem seu grado [...]. Galaaz esteve com el i II dias*
- b) [XV:1448, HGP 260:3] *Saibham quantos este estormento de prazo virem que no ano [...] no moosteiro de Sam Saluador de Uairam da ordem de Ssam Beento, setuado no julgado da Maya, termo e bispado da mujto nobre e ssenpre leall cidade do Porto, estando hy ha senhora Janebra de Ssaa, dona abadessa do dito mosteiro, e a honrada Lí'janor Díiaz, proressa, e as outras donas do dito moosteiro, chamadas ao diante declaradas em pressença do m~j, tabaliam, e das testemunhas adiante excriptas, a dita senhora dona abadessa, por acordo e outorga da dita prioressa e donnas, emprazou e fez prazo a Lourenço Afonssso [...]*
- c) [XV:1454 HGP 262:27] *Saibham quantos este estormento virem que [...] na clasta de Sam Salluador de Uayram da hordem de Sam Beento, ssetuado no jullgado da Maia, termo da ssempre leall cidade do Porto, estando hij em cabijdo a honrada e*

rreligiosa senhora Jenebra de Saa, dona abadesa do dicto moesteiro e as outras honradas freiras donas Lianor Domingujz, prioresa, Lianor do Rego e Viollante Rodriguiz e Margarida de Saa e Isabell Ferreira, freiras do dicto moesteiro, chamadas para o que sse ao adiante segue per soom de canpaa tangida segundo seu custume, emprazou e per prazo deu a Joham Domingujz [...]

- d) [XV:1484 HGP 267:4] [...] no paaço do mosteyro de Sam Saluador de Bayram da hordem de Sam Bento que he no julgado de Maya, termo da çidade do Porto, estando hy a senhor donna Lí'janor do Rego, abadesa do dito mosteyro, e Bí'jolante do Rego, prioresa, e Lí'janor Cardoso e Isabell Aranha e Brijatijz do Rego e Lyanor Çaquota e Isabell d'Azevedo, a dita senhor donna abadesa e priosera e donnas e conbento do dito mosteyro per sã de canpãa tangijda como he de seu custume, êprazarã e per prazo derã a Afomso Alvarez [...]

(40) **Estar + hi** PP na estrutura descontínua

- a) [XIII FCR 74:1] E qui hy estouer sobre seu coto, peyte
- b) [XIV PP 405:11] E nõ **deuẽ hy a estar** cõ os clerigos homẽs leigos eno coro quando dizem as oras moormẽte aa missa
- c) [XIV LLCP 209:36] E el rei Ramiro lhe pedio que fezesse i estar a rainha e as donas e donzelas e todos seus filhos e sus parentes e cidadãos naquel curral.
- d) [XIV CGE2 436:9] **estando hy** Bernaldo em Saldonha, correo terra de Leon e guerreava muy de ryjo quanto mais podya a el rey dom Afonso
- e) [XIV PP 158:22] E deuẽ hy estar cõ elles sseus archiprestes e sseus clerigos
- f) [XIV DSG2 62:33] e caeu sobr' ãu menõho monge filho dũ homen nobre que hi estava con os outros monges seus companheiros
- g) [XIV CGE2 244:24] En aquella cidade de Nemẽs estava Paulo [...] E os que hy estavã con Paulo
- h) [XIV LLCP 296:26] E el enviou aló, que lhi enviassem daquel vinho. Aqueles homees bõos que i estavam com o poder d'el rei, disserom que lho nom enviariam, mais que, se el i quisesse vïr, que o partiriam com el aos ferros das lanças.
- i) [XV VPA1 40:11] Mas pero conhociam-nos que andavam com Jesu Cristo e viam i estar com eles aquel homem que eles saaram
- j) [XV VPA1 244:31] ãu daqueles que andavam com el, e clerigos de missa dos outros que i estavam com el
- k) [XV VPA1 141:28] e das maravilhas que el contava dava muitas testemunhas daqueles do poboo que i estavam a redor

Alterações da minioração **hi** + PP levaram **estar** a apresentar dois tipos de locativos, agora reanalisados como seus complementos: o clítico **hi** (a estrutura simplificada), de um lado, e o sintagma preposicionado **em NP** (a estrutura elíptica), de outro, já exemplificados nos capítulos anteriores.

O locativo *hi* migra para perto de *estar*, passando a se tornar um complemento dele e se posiciona de modo enclítico ou proclítico a ele, conforme o tipo oracional em que o verbo está. Sua parte redobrada, o PP, ficava posicionado sempre depois do verbo mas podia, de vez em quando, se deslocar para o começo da sentença, tinha um caráter de adjunção ao verbo, apesar de manter a ligação com o locativo. Quando esse *hi* vai se tornando um clítico do verbo, parece que há uma espécie de rompimento da estrutura redobrada, pois ora aparecia *hi*, ora PP, sendo muito raro que os dois venham juntos. Esse locativo *hi* começa, ao longo do tempo, a variar até desaparecer, ficando só seu redobramento PP, que é reanalisado como complemento do verbo⁸. A aproximação de outros locativos ocorria quando o PP estava ausente. Agora *estar* é um verbo com um complemento locativo e aparece com os mais diversos adverbiais locativos, todos com uma característica: não indicavam movimento e possuíam um aspecto pontual.

Vejamos agora o que teria acontecido com o sujeito de *estar*. Como verbo pleno, *estar* era um verbo *temático* intransitivo, dispondo de um sujeito próprio. O sujeito apresentava os seguintes traços: (i) [+ animado], (ii) [+ estativo sem deslocamento], (iii) [+ locativo posicional, indicando a posição vertical]. Com isso, ele tinha um sentido de "ficar de pé", podendo ter outros sentidos decorrentes do primeiro, tais como "ficar parado", "parar". A mudança se dá quando os novos sujeitos mantêm quase todos esses traços, menos o de animacidade.

estar intransitivo > *estar* "quase-transitivo" > *estar* locativo

Esse modo de apresentação não implica em que uma etapa do verbo derive da outra, pois todas elas podiam ocorrer ao mesmo tempo ou não; é apenas uma forma de representação.

⁸ Com o desaparecimento de *hi*, fica facilitada a aproximação de outros locativos como *aqui*, *ali*, *aí*, *acá*, *cá*, *alá*, *lá*, *acó*, *aló*, entre muitos outros, ou seja, *hi* passou a licenciar a aproximação de pronomes circunstanciais afins a ele (*aqui*, *ali* e *aí*), para depois outros tipos de locativos ocuparem também seu lugar.

Estar passou a subcategorizar também outro tipo de minioração, encabeçada agora pelo advérbio modal *assi* que vinha acompanhado de seu redobramento PP. Esse advérbio teve uma origem bem curiosa: (i) se originou da construção latina *ad + sic*; (ii) *sic* contém em si o sufixo *i*, característico do antigo caso locativo indo-europeu, que no latim foi assimilado ao caso ablativo; isto quer dizer que *estar* modal guarda relações com *estar* locativo; (iii) a partícula final *-ce/-c* é um antigo demonstrativo que tinha o papel de reforçar essa forma latina.

Esse advérbio passou pelas mesmas fases que seu aparentado *hi*: (i) começou a vir antes ou depois do verbo com seu PP num caso de redobramento, (ii) se separou do seu PP e passou a aparecer sozinho, (iii) se elidia. *Assi* passou igualmente a licenciar o aparecimento de miniorações contendo adjetivos e advérbios modais. Agora *estar* é um verbo predicativo:

estar "quase-transitivo" > *estar* locativo > *estar* predicativo

O verbo continua a mudar semanticamente, significando "estar ou encontrar-se num dado estado transitoriamente", ou seja, "estar passando por um processo interno ao sujeito" > "estar ou encontrar-se numa dada situação transitoriamente", ou seja, estar passando por uma situação que é externa ao sujeito mas que o afeta diretamente:

"estar num dado estado" > "estar numa dada situação"

Ao subcategorizar miniorações com gerúndio e infinitivo preposicionado, *estar* dá mais um passo em direção a sua descaracterização como um verbo predicativo, passando à categoria de auxiliar. Agora é definitivamente um verbo não-temático pois não possui mais sujeito nem atribui papel theta ao seu complemento. É apenas um suporte de flexão verbal, aproximando-se das formas nominais em *-ndo* e em *a -r*, até constituir com elas as perífrases de *estar + -ndo* e *a -r*:

estar "quase-transitivo" > *estar* locativo > *estar* predicativo > *estar* auxiliar

Seu lado semântico também se descaracteriza bastante:

"estar em um lugar físico" > "estar num estado" > "estar numa situação" > "estar" > ∅

As miniorações que assinalaram a mudança de verbo intransitivo para "quase-transitivo" tiveram outro efeito na história do verbo *estar*. Estou hipotetizando que essas miniorações permitiram que outras miniorações, tais como a de infinitivo preposicionado e a de gerúndio, passem a ser vistas como complementos desse mesmo verbo, o que restabelece a aparente "quase-transitividade" de *estar*, dando assim um passo decisivo para sua gramaticalização como verbo auxiliar, e conseqüentemente para a formação das perífrases.

As formas nominais de gerúndio e infinitivo preposicionado sofreram grandes alterações desde o Latim até o PM, já examinadas anteriormente. Essas alterações criaram as condições para sua aproximação com *estar*, resultando a formação de um conjunto de auxiliares aspectuais no PB, de que trata o item seguinte.

V.2.3 – O verbo *estar* e as formas nominais de gerúndio e de infinitivo preposicionado

Salvi (1987) menciona que

"nas línguas românicas atuais não são visíveis as relações que existem entre a forma verbal plena de habere, como indicador de posse, e a forma de auxiliar avere. Parecem ser dois verbos totalmente diferentes um de outro, mas quando se tem uma visão diacrônica do problema pode-se enxergar a conexão entre as duas formas, e é o latim que fornece essas evidências".

Kayne (1993), compartilhando da mesma idéia de Salvi, propõe uma teoria sobre a auxiliaridade, baseada em dois pontos: (i) o verbo pleno do inglês *have* e o auxiliar *have* são um mesmo verbo, possuindo portanto estruturas semelhantes (idéia

desenvolvida por Benveniste), e (ii) *have* é idêntico a *be*, nas estruturas de posse, havendo apenas a incorporação de uma preposição abstrata no primeiro.

Baseando-me nas idéias de Salvi e Kayne para tentar explicar a mudança do verbo *estar*, e levando em conta as formas verbais latinas *esse* e *sedere / stare / iacere*⁹, relembro que estes verbos eram intransitivos e locativos posicionais. *Sedere* iniciou a mudança desses verbos, seguido por *stare* e depois pelo *iacere*. *Esse* era um verbo inacusativo usado como existencial e locativo. Entre todos esses verbos houve, ainda no latim, uma troca de traços que culminou com a substituição de uns pelos outros.

Passemos agora à minha proposta, que fica assim: (i) o verbo pleno *estar* (*/sedere/iacere*) e o auxiliar *estar* (*/ sedere / iacere*) são um mesmo verbo, possuindo portanto estruturas semelhantes; (ii) *sedere / iacere / stare* são idênticos a *esse*, nas estruturas locativas, havendo a incorporação de um operador locativo abstrato nos primeiros; (iii) *sedere* substitui *esse* nesse contexto locativo; (iv) *stare* substitui *sedere / iacere* e *esse* nos mesmos contextos locativos. O operador locativo abstrato comporta o traço [+ aspecto pontual] e se manifesta, como indiquei anteriormente, como *y* no francês antigo e moderno, *ci* no italiano moderno, *hi* no espanhol e português antigos.

Fui levada a propor esse operador abstrato por ter notado a atuação de outro operador, agora de quantificação. O caso é que, juntamente com *hi* + *PP*, *estar* também se constrói com *ende* + *PP*. Esses *ende* mostrava usos como um partitivo, vale dizer, como um operador de quantificação, examinado num dos Anexos a esta tese.

V.3 – O PARÂMETRO DA CONFIGURACIONALIDADE E OS OPERADORES LOCATIVO E PARTITIVO

⁹ Essas observações valem, em princípio, só para as línguas românicas ibéricas e para os dialetos meridionais italianos, pois elas se utilizam das formas oriundas de *estar* e *esse*. O francês só tem a forma originária de *essere* >estre>être (apesar da forma infinitiva do verbo *sum* ser *esse*, houve, em algumas línguas românicas o acréscimo da terminação de infinitivo *-re* à forma que já possuía esse sufixo, pois a forma original era **esre*, que passou a *esse* por assimilação, apesar de ter havido uma tentativa de utilização de *estar*, que foi logo abandonada. O italiano standard e os dialetos setentrionais usam as formas *essere* e *estar*, sendo que a última só em alguns contextos.

Resumindo tudo:

- a) *estar* apareceria em estruturas de *hi* com redobro [*hi PP*], que poderiam ter opcionalmente adjuntos gerundiais ou infinitivos encabeçados ou não pelo advérbio de modo *assi*:

[...*i estar* ...] PP ((*assi*) VP)

- b) o clítico locativo passa a aparecer opcionalmente, apresentando variação:

[... (*i*) *estar* ...] PP ((*assi*) VP)

- c) com o desaparecimento do clítico, se o VP for retido e o PP estiver ausente, esse VP, encabeçado agora por um *assi* em variação, é reanalisado como c-selecionado por *estar*:

[... *estar (assi)* VP ...] (PP)

As etapas (ou passos, no sentido de Roberts) pelos quais esse verbo passou chegaram ao ponto de ser reanalisado como um auxiliar, que não possui sujeito próprio e nem atribui papel theta. Essa reanálise parece estar sofrendo novas alterações, pois o verbo está se tornando um prefixo nos tempos atuais.

Espero com isto ter respondido às questões que foram levantadas no Cap. I. O quesito b) também fica em parte respondido pelo que se mencionou mais acima: (i) a mudança de *estar* não foi um fato singular, pois o Latim estava passando por grandes alterações tipológicas, tipo de revolução lingüística que afeta todos os níveis da língua; (ii) a alteração deixa evidenciar processos muito mais amplos (como redobrimento, adjunção / complementação) que não abarcam somente uma língua, mas atingem grupos de línguas provocando mudanças tipológicas de grande monta. Esses ímpetus de mudanças estão ainda muito fortes, apesar de se ter passado mais de 2.700 anos, para ficar apenas no período latino e neolatino. É assustador, maravilhoso e apaixonante, não? Mais do que nunca a língua portuguesa está viva e tentando chegar ao destino traçado pelo seu longínquo avô, o

Latim Arcaico, e talvez por seu bisavô, o Indoeuropeu. Nesta genealogia, reservei o lugar de pai ao Latim Vulgar, com seu DNA e suas mitocôndrias...

O PB dá continuação ao PM, definida como uma língua polissintética na fase mais antiga e configuracional numa fase posterior, aprofundando tendências de mudança paramétrica herdadas do Latim Vulgar e concorrendo para que as mudanças operem como um pêndulo: do sintético para o analítico, para o sintético para o analítico etc. Pode-se pensar o mesmo a respeito da configuracionalidade.

CONCLUSÕES

Na Introdução desta tese, apresentei seus objetivos, centrados em três problemas da sintaxe do PM: a gramaticalização de *estar*, o redobramento dos clíticos pronominais e a importância do locativo na formação das perífrases de gerúndio e infinitivo.

Dispus no Cap. I os principais conceitos sobre que ergui esta tese, que integra um programa articulado de pesquisas sobre a história do PB, desencadeadas por Mary Kato e Fernando Tarallo no final dos anos 80. Nesta nova contribuição a esse grande tema, expus os conceitos com que operei (a gramaticalização, a minioração, o redobramento de pronomes fortes e pronomes fracos), os problemas sobre que me concentrei, e a metodologia adotada neste trabalho.

No Cap. II, estudei o redobramento pronominal no Português e nas línguas românicas, com particular atenção ao clítico locativo *hi* redobrado.

Os clíticos locativos desempenharam um papel crucial na gramaticalização de *estar*, o que foi verificado no Cap. III. Observei aí o comportamento dos clíticos pessoais redobrados, mais recentes e com uma documentação muito mais rica, transferindo para os locativos o que assim pude aprender. Os locativos são mais remotos e raros, prejudicando uma observação mais direta, e isso justifica a estratégia desenvolvida. Pude então estudar como a coisa funciona quando um PP é reduplicado por um clítico locativo.

No Cap. IV, relacionei o locativo **hi** com a gramaticalização do verbo *estar*, objetivando entender melhor a formação das perífrases de gerúndio e de infinitivo. Mostrei que o "complemento" locativo que tinha passado a acompanhar *estar* tinha o caráter de uma minioração locativa. Essa minioração é composta do pronome circunstancial locativo *hi* acompanhado de um PP, o que constitui uma construção de redobramento, ligada ao verbo por adjunção. O locativo *hi* migra para perto de *estar*, tornando-se um complemento e se posiciona de modo enclítico ou proclítico a ele, conforme o tipo oracional em que o verbo está. O grande papel do locativo foi, justamente, licenciar a sintaxe de *estar* com outras miniorações. Nesta altura, a

mudança gramatical de *estar* e o redobramento de *hi* se cruzam com a mudança do gerúndio e do infinitivo. A sintaxe dessas formas nominais do verbo é então examinada com cuidado, documentando-se amplamente seu comportamento no latim e no PM. Ambas compreendiam basicamente duas estruturas, sendo uma como núcleos de uma predicação primária (gerúndio como ablativo absoluto, infinitivo narrativo) e outra como núcleos de uma predicação secundária (gerúndio e infinitivo na minioração), caso em que funcionavam em adjunção a um verbo mais alto. Foi portanto a gramaticalização de *estar*, o uso de *hi*, do gerúndio e do infinitivo como miniorações que motivou o surgimento das perífrases de *estar* + gerúndio / infinitivo. Na continuação do capítulo, evidencio a importância de *estar* no conjunto das perífrases assim formadas, as quais prosseguem em seu percurso de consolidação, visto que ainda se admitem constituintes entre o verbo auxiliar e o auxiliado. Finalmente, a preferência européia por *estar* + infinitivo, e a preferência brasileira por *estar* + gerúndio, comprovada quantitativamente em meus dados, é explicada pela hipótese de Kato (2003), segundo a qual formas no “núcleo” da gramática podem estar em variação com formas em sua “periferia marcada”. No caso de nossas perífrases, constatei uma mudança de posição a esse respeito: a perífrase de infinitivo, periférica nos primeiros séculos da língua, tornou-se central em Portugal, mantendo-se no Brasil a centralidade da perífrase de gerúndio. Um novo passo parece que está sendo dado, a saber, a transformação desse verbo num prefixo marcador de aspecto (*tafalanu*, *tafaladu*), questão que não abordei aqui.

Finalmente, no Cap. V apresentei uma primeira mirada teórica sobre as mudanças ocorridas, situando-as no quadro do parâmetro da configuracionalidade.

Ao terminar meu trabalho, tenho a mais perfeita convicção de que toquei num ponto central para a compreensão da sintaxe portuguesa. O estudo do redobramento, aqui restrito a uma só categoria lexical, configura na verdade um vasto programa de pesquisas. Sinto-me agora preparada para dar continuidade às pesquisas sobre o PM, cujo interesse para o entendimento do PB não é necessário ressaltar. Repercuto, assim os esforços de tantos lingüistas brasileiros e portugueses, tentando agregar um elo a essa corrente – para valer-me de uma imagem cara à minha Orientadora.

Cheguei igualmente a outra conclusão, em matéria não prevista entre os objetivos da tese. Mesmo assim, não resisti à possibilidade de incluir esta questão nestas conclusões.

Depois de ler uma grande parte dos textos portugueses medievais, observei que era possível, levando-se em conta fatos sintáticos, estabelecer uma divisão interessante dessa época da língua portuguesa.

As duas grandes divisões, já estabelecidas historicamente, poderiam ser mantidas, com algum refinamento se prestarmos atenção às estruturas sintáticas - nunca é demais insistir neste ponto. Como se sabe, a literatura específica propõe como critérios para o reconhecimento das fases do PM seja a história do povo português, seja a história dos movimentos literários, seja, finalmente, peculiaridades morfofonológicas, contrastando-se neste caso o Português com o Castelhana.

Tomando a sintaxe como critério para a divisão das etapas do PM, pode-se dizer que esse período encerra duas fases bem definidas: a primeira fase do PM, que vai de 1214 a ± 1420, e a segunda que vai de 1420 até ± 1540.

A primeira fase tem como característica principal a ocorrência de movimento largo dos constituintes, o que é muito evidente nas poesias do século XIII. Essa fase será dividida em três sub-fases: (i) 1ª etapa, abrangendo os primórdios do português até o começo do século XIII, (ii) 2ª etapa, abrangendo o século XIII, e (iii) 3ª etapa, encampanando o século XIV.

A segunda fase do PM teria como característica principal a apresentação de estruturas sintáticas bem mais nítidas e estáveis, e como conseqüências disso, os textos demonstram uma tentativa de normatização da língua portuguesa. Essa segunda fase, também comportaria pelo menos duas subdivisões: (i) 1ª etapa, indo até meados do século XV, e (ii) 2ª etapa, abrangendo dos meados do século XV até os meados do século XVI, quando surgem as primeiras gramáticas da língua portuguesa. Isso só foi possível por que a sintaxe portuguesa ingressava num patamar de maior estabilidade, se a compararmos aos séculos passados.

Fixando a atenção apenas na primeira fase do PM, considero como suas características sintáticas os seguintes fatos:

Primeira etapa (primórdios do português até o começo do século XII): tem como característica principal reunir processos em vias de desaparecer e processos que estavam começando a aparecer.

(1) Processos em vias de desaparecimento:

(i) Redobramento de pronomes, representados pelos locativos *hi* e *en / ende*, pelo pronome possessivo, pelo pronome demonstrativo neutro *o*, etc.

(ii) Recursividade de complementizadores (*que...que; se...se*, etc.) e de preposições (*de...de*, etc.).

(iii) Uso da dupla negação.

(iv) Gramaticalização de *qual NP quer* com o deslocamento do NP, dando *qualquer*.

(v) Pronome relativo ainda como adjunto a uma sentença, portanto separado de seu antecedente.

(vi) Sentenças que se tornaram completivas, e que eram antes anunciadas pelos clíticos *en* e *o*, pelo advérbio *assi*, pelos pronomes (*a)tal* e *esto*, entre outros.

(iv) Gramaticalização de verbos plenos, que foram perdendo sua sintaxe enquanto tais, como os verbos *ser* (<lat. *esse*), *ser* (<lat. *sedere*), *estar* (>lat. *stare*), *jazer* (>lat. *iacere*), etc.; esses verbos adquiriram outros usos, que os impulsionaram para outras fases em sua mudança.

(v) No campo das conjunções, algumas como *jamais*, *senão* já se encontravam consolidadas.

(2) Processos que estavam começando a surgir:

(i) NPs e PPs oriundos de redobramento pronominal estavam sofrendo deslocamentos e topicalizações para uma posição fora da sentença.

(ii) No campo das conjunções, alguns advérbios, antecidos de preposição, começavam a dar os primeiros passos em direção à mudança de categoria: *por en* "porisso" > *porém* "mas", *ende...de ...que* > *de que*, originando o dequeísmo atual, *de*

pois > *depois*, *entre tanto* > *entretanto*, *ende tanto* > *entanto*, *ende quanto* > *enquanto*, etc.

(iii) No campo das orações, o que hoje em dia é considerado subordinação, era naquela época correlação, podendo aparecer em qualquer ordem: *por que...porem* / *porello* / *porisso*, *tal...qual*, *tanto...(de)quanto*, *(de)todo...todo*, *assi...como*, *mais...pero* / *porém*, etc.

Segunda etapa (abrangendo o século XIII) tem como característica principal o desenvolvimento de certas estruturas sintáticas que já se anunciavam no século anterior:

(i) Primeiros indícios do processo de dequeísmo, surgindo nas orações relativas

Terceira etapa (abrangendo o século XIV) se caracteriza principalmente pela normatização da escrita, o que ocasionou a perda de um grande conjunto de fatos que mostravam que uma mudança não tem somente um caminho, mas apresenta várias opções, então uma mudança é resultado da escolha de um dado fato, e mostrava também que uma mudança não tem nada de linear.

Ao levar em conta as estruturas sintáticas, essa periodização poderá proporcionar uma datação mais precisa de muitos textos. Por exemplo, temos *A Demanda do Santo Graal*, que é uma cópia do século XV baseada num manuscrito do século XIII. Isso constitui um problema, pois não se sabe até que ponto o copista quatrocentista interferiu no texto antigo, na tentativa de adaptá-lo a uma língua mais moderna e portanto, mais compreensível para sua época. Mas se esse livro for examinado do ponto de vista sintático, muitos fatos ali encontrados o datariam como sendo do século XIII. Foi o que eu fiz e por isso os exemplos ali colhidos sempre serão considerados nessa data.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO X, o sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959.
- AFONSO X, o sábio. *Primeira Partida*. Edição de José de Azevedo Ferreira. Braga: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.
- A Demanda do Santo Graal*. Edição de Joseph-Marie Piel, concluída por Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Edição de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959.
- ALONSO, Martín (1964). *Evolución Sintáctica del Español. Sintaxis histórica del Español desde el Iberorromano hasta nuestros días*. Madrid: Aguilar.
- BACELAR DO NASCIMENTO, Maria Fernanda et alii (Orgs.1987). *Português Fundamental*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, vol.II, tomo 1.
- BADIA MARGARIT, A. (1947). *Los Complementos Pronominalo-Adverbiales Derivados de ibi e inde en la Peninsula Iberica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. [Revista de Filología Española - anejo XXXVIII].
- BARROS, João (1540/1971). *Gramática da Língua Portuguesa*, 4a. ed. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BATLLORI, M. (1992). Preliminary remarks on Old Spanish auxiliaries: *haber, ser* and *estar*. Em: *Catalan Working Papers in Linguistics 1992*: 87-112.
- BENVENISTE, Émile (1991). *Problemas de Lingüística Geral*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3a. edição.
- BORER, H. (1984). *Parametric Syntax*. Dordrecht: Foris Publications.
- BORGES NETO, José / FOLTRAN, M. J. (2001). *Construções com gerúndio*, inédito.
- BLATT, Franz (1952). *Précis de syntaxe latine*. Lyon: Édition I.A.C.
- BOURCIEZ, Édouard (1956). *Éléments de linguistique romane*. Paris: Librairie C.Klincksieck, 4ème. édition.
- BRAGA, Maria Luiza (1986). *Construções de tópico do discurso*. Em: Naro (Org. 1986, pp. 393-446).

- BRIHUEGA, Bernardo de. *Vidas e Paixões dos Apostolos*. Edição crítica e estudo por Isabel Vilares Cepeda. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 2 volumes, 1982-1989.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattos (1956 / 1964). *Dicionário de Fatos Gramaticais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Re-editado com o título de *Dicionário de Filologia e Gramática*, 2a. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1972). *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CAMPOS, Odette G. L. A. Souza (1980). *O Gerúndio no Português*. Rio de Janeiro: Presença / Instituto Nacional do Livro.
- Cancioneiro da Ajuda*. Edição de Carolina Michaelis de Vasconcelos. Halle: Max Niemeyer, 1904.
- Cantigas d'escarnho e de mal dizer*. Edição de M. Rodrigues Lapa. Coimbra: Editorial Galaxia, 1965.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Org. 1990). *Gramática do Português Falado*, vol. I. Campinas: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo / Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Org. 1993). *Gramática do Português Falado*, vol. III. Campinas: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo / Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CINQUE, Guglielmo (1990). *Types of A-Dependencies*. Cambridge: The MIT Press, 2nd. edition.
- Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1954, volume II.
- CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, Luiz Felipe (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CYRINO, Sônia / DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia / KATO, Mary (2000). Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. Em: M. A. Kato and E. V. Negrão (Eds. 1000): *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt / Madrid: Vervuert / Iberoamericana, pp. 55-74.
- DAMASO VIEIRA, Márcia M. (1993). *O Fenômeno da não-configuracionalidade na Língua Asurini do Trocará: um problema derivado da projeção dos*

argumentos verbais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado.

- DECAT, Maria Beatriz M. (1989). Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In F. Tarallo (Org. 1989, pp. 113-139).
- DE LEMOS, Cláudia T. G. (1987): *Ser and estar in Brazilian Portuguese*. Tübingen: Gunter Narr.
- DURANTI, Alessandro / OCHS, Elinor (1979). 'La pipa la fumi ?' Uno studio sulla dislocazione a sinistre nelle conversazioni. *Studi di grammatica italiana* 8: 269-302.
- ERNOUT, Alfred (1953). *Morphologie historique du Latin*. Paris: Klincksieck, 3ème. éd.
- ERNOUT, Alfred et THOMAS, François (1953). *Syntaxe Latine*, 2ème édition. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- FARIA, Ernesto (1958). *Gramática da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- FRANCHI, Carlos / ILARI, Rodolfo (1986). Clíticos nominativos e inversão do sujeito em bielês. *D.E.L.T.A.*, vol. 2 (1): 77-103.
- FERNÃO LOPES. *Cronica de Dom Pedro*, edição de Giuliano Macchi. Roma: Edizione Dell'Ateneo, 1966.
- GAZDARU, Demetrio (1950). *Hic, ibi, inde* en las lenguas románicas. *Filología* [Universidad de Buenos Aires], año II, núm. 1: 29-44.
- GREINER, E. / BILLORET, R. (1952). *Grammaire du latin*. Paris: Hachette.
- GUÉRON, J. / HOEKSTRA, T. (1988). *The temporal interpretation of predication*. Université Paris X & Leiden University, inédito.
- HOPPER, Paul J. and TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993 / 2003). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, second ed.
- ILARI, Rodolfo / FRANCHI, Carlos (1985). Nominative Clitics in Biellese - Morphological and Distributional Survey. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* no. 8: 135-149.
- ILARI, Rodolfo et alii (1989/1990). Considerações sobre a posição dos advérbios. Em: A.T. de Castilho (Org. 1990, pp. 63-142).
- ILARI, Rodolfo (Org. 1992). *Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

- JAEGGLI, Oswald (1982). *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris Publications.
- JAEGGLI, Oswald (1986). Three issues in the theory of clitics: case, doubled NPs, and extraction. *Syntax and Semantics*, vol. 19:15-42.
- KATO, Mary (1989). Miniorações em português. Comunicação apresentada ao III Encontro da ANPOLL, São Paulo, inédito.
- KATO, Mary (1993). The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. Em: W. J. Ashby / M. Mithun / G. Perissinoto / E. Raposo (eds. 1993). *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 225-235 [Current Issues in Linguistic Theory Series].
- KATO, Mary (1998). Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese, inédito.
- KATO, Mary (1998). Formas de Funcionalismo na Sintaxe. *D.E.L.T.A.*, 14 (número especial): 133-152.
- KATO, Mary (1999). Strong pronouns and weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS* 11 (1): 1-37.
- KATO, Mary (2000). Tópicos como alçamento de predicados secundários. Florianópolis: GT de Teoria Gramatical / ANPOLL, inédito.
- KATO, Mary (2000). The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. Em: M. S. Kato / E. V. Negrão (eds. 2000). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt am Main: Vervuert, pp.223-258.
- KATO, Mary (2001). Strong and weak pronominals in the history of Brazilian Portuguese grammar. Em: *Proceedings of the Colloquium on Structure, Acquisition and Change of Grammars: phonological and syntactic aspects*. Vol II: 26-37.
- KATO, Mary (2002). Pronomes fortes e fracos na gramática do Português Brasileiro. *Revista Portuguesa de Filologia*, XXIV:101-122.
- KATO, Mary (2002). A evolução da noção de parâmetros. *D.E.L.T.A.* 18 (2): 309-338.
- KAYNE, R. S. (1981). On certain differences between French and English. *Linguistic Inquiry* 12 (3): 349-371.
- KAYNE, R. S. (1987). Facets of Romance past participle agreement. Cambridge: M.I.T., inédito.
- KAYNE, R. S. (1993). Toward a modular theory of auxiliary selection. *Studia Linguistica* 47 (1): 3-31

- KAYNE, R. S. (2002). Pronouns and their Antecedents. In Epstein and D. Seeley (eds.). *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Blackwell, Malden, Mass., 133-166.
- KOOPMAN, H and SPORTICHE, D. (1991). The position of subjects. *Lingua* 85: 211-258.
- KRATZER, A. (1989). *Stage-Level and Individual-Level Predicates*. Amherst: University of Massachusetts, ms.
- LEHMAN, Winfred (1974). *Proto-Indo-European Syntax*. Austin and London: University of Texas Press.
- LIGHFOOT, David (1979). *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIGHFOOT, David (1999). *The Development of Language. Acquisition, change and evolution*. Malden: Blackwell Publishers.
- Livros Velhos de Linhagens*. Edição de Joseph Piel de José Mattoso. Lisboa: Portugaliae Monumenta Historica, vol. I, 1980.
- Livro das Aves*. N. Rossi / J.A. Mota / R. V. Mattos / V.L. Sampaio (Editores). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.
- Livro de Esopo*. Fabulário Português Medieval. Edição de José Leite de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1992.
- LOBATO, Maria Lúcia (1975). Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. In: *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, pp. 27-91.
- LYONS, John (1967). A note on possessive, existential and locative sentences. *Foundations of Language*, 3: 390-396.
- LYONS, John (1977). *Semantics*. London: Cambridge University Press, 2 volumes.
- LYONS, John (1979). *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na História do Português*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em Lingüística Portuguesa apresentada à Universidade de Lisboa.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*, vol II. São Paulo: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Lingüística e Línguas Orientais da FFLCU-USP, inédito.

- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1994). Para uma caracterização do período arcaico do português. *D.E.L.T.A.*, vol.10: 247-276
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org. 2001). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas / Fapesp, vol. II, 2 tomos.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique (1959). *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MAURER Jr., Theodoro Henrique (1962). *O Problema do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MAURER Jr. Theodoro Henrique (1972). *O Infinitivo em Português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MEILLET, Antoine (1958). *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (1999 / 2001). Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Em: R. V. Mattos e Silva (Org. 2001, tomo 1, pp. 57-90).
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2004). Primeiras idéias sobre o dequeísmo. Em: Tânia Lobo (Org., em andamento). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. VI [www.fflch.usp.br/dlcv/lport].
- NARO, Anthony Julius (Org. 1986). *Projetos Subsídios Sociolinguísticos do Censo à Educação*. Relatório final à Finep. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 3 vols., parcialmente publicado
- NARO, Anthony Julius / SCHERRE, Marta M. P. (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.* 9: 437-454.
- NUNES, José Joaquim (1953). *Crestomatia Arcaica*, 4a. edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- OITICICA, José (1955) *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Simões.
- OLIVEIRA, Fernão D' (1536 / 1954). A "*Grammatica*" de Fernão D'Oliveira. Texto reproduzido da 1a. ed. por Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro: s/ed., 1954.
- OMENA, Nellyze P. de (1978). *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: formas variantes na função acusativa*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, Diss. de Mestrado, inédito.

- OUHALLA, J. (1991). *Functional Categories and Parametric Variation*. London: Routledge.
- PATIÑO ROSSELLI, Carlos (1965). *The Development of Studies in Romance Syntax*. Michigan: The University of Michigan, PhD Thesis.
- PONTES, Eunice (1975). Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. Em: *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, pp. 27-91.
- PONTES, Eunice (1978). *O Verbo Português*. Petrópolis: Vozes.
- PONTES, Eunice (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- RAPOSO, Eduardo P. (1989). Prepositional infinitival constructions in European Portuguese. Em: O. Jaeggli / K. Safir (eds. 1989). *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, pp. 277-305.
- RAPOSO, Eduardo P. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- RENZI, Lorenzo e SALVI, Giampaolo (a cura di 1991). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 2 volumes.
- RIBEIRO, Ilza (1993). A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. Em: I. Roberts / M. A. Kato (Orgs.1993, págs. 343-386).
- ROBERTS, Ian G. (1985). Agreement parameters and the development of English modal auxiliaries. *Natural Language and Linguistic Theory*, 3:21-58.
- ROBERTS, Ian G. (1990). *Verb and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Foris.
- ROBERTS, Ian G. (1992). A formal account of grammaticalization in the history of romance futures. University of Wales, ms.
- ROBERTS, Ian G. (1993). *Verb and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Foris.
- ROBERTS, Ian / KATO, Mary Aizawa (Orgs. 1993). *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SAID ALI IDA, Manuel (1964 / 1988 / 2002). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, ed. revista por Mário E. Viaro.
- SAID ALI IDA, Manuel (1964 / 1980). *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 2^a. ed.
- SALVI, Giampaolo (1980). Gli ausiliari 'essere' e 'avere' in italiano. *Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae* tomus 30 (1-2): 137-162.

- SALVI, Giampaolo (1987). Syntactic restructuring in the evolution of Romance auxiliaries. Em: M. Harris / P. Ramat (eds. 1987). Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 225-236.
- SALVI, Giampaolo (1990). La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica. *Medioevo Romanzo*, vol. XV, n 2:177-210.
- SALVI, Giampaolo (1993). Difesa e illustrazione della legge di Wackernagel applicata alle lingue romanze antiche: la posizione delle forme pronominali clitiche. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 24: 111-130.
- SANDALO, Filomena (2002). A violação da condição C em Kadiwéu. *D.E.L.T.A* 18 (1): 25-66.
- SANDFELD, Kr. (1965). *Syntaxe du français contemporain*, vol. I, Les pronoms. Paris: Librairie Honoré Champion.
- SCHMITT, C. (1992). Aspectual selection and composition: the case of *ser* and *estar*, inédito.
- SILVA DIAS, Augusto Epiphanyo (1881/1918/1954). *Syntaxe Historica Portugueza*, 3a. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- SOARES BARBOSA, Jeronymo (1822/1881). *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, 7a. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.
- STOWEL, Timothy (1985). Small clauses restructuring. Em: R. Freidin (ed. 1985). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- SUÑER, Margarita (1988). The role of agreement in clitic-doubled constructions. *Natural Language and Linguistic Theory*, 6:391-434.
- TARALLO, Fernando (1983). *Relativization Strategies in Portuguese*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Ph.D. Thesis, inédito.
- TARALLO, Fernando (Org. 1989). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes.
- TARALLO, Fernando, KATO, Mary et alii (1990). Preenchedores em fronteiras de constituintes. In Rodolfo Ilari Org. (1992, pp. 315-356).
- TRAUGOTT, Elizabeth C. and HEINE, Bernd (Eds. 1991). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2 vols.
- Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense*. Edição de Ivo de Castro. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos - Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.